

ALLAN KARDEC

O CÉU E O INFERNO
OU
A JUSTIÇA DIVINA
SEGUNDO O ESPIRITISMO

CONTENDO EXAME COMPARATIVO DAS DOCTRINAS
SOBRE A PASSAGEM DA VIDA CORPORAL PARA A VIDA ESPIRITUAL,
AS PENAS E AS RECOMPENSAS FUTURAS,
OS ANJOS E OS DEMÔNIOS, AS PENAS ETERNAS ETC.,
SEGUIDO DE NUMEROSOS EXEMPLOS SOBRE A SITUAÇÃO REAL DA ALMA
DURANTE E DEPOIS DA MORTE.

Je jure par moi-même,
dit le Seigneur-Dieu, que je
ne veux point la mort de
l'impie, mais que je veux
que l'impie se convertisse,
qu'il quitte sa mauvaise
voie e qu'il vive. (EZECHEL,
ch. XXXIII, v. 11.)

Eu juro por mim
mesmo, diz o Senhor Deus,
que eu não desejo
absolutamente a morte do
ímpio, mas que eu desejo
que o ímpio se converta,
que deixe seu mau
caminho e que viva.
(EZEQUIEL, cap. XXXIII, v. 11.)

Tradução de

WLADIMIR OLIVIER

PRIMEIRA PARTE

DOCTRINA

CAPÍTULO PRIMEIRO

O FUTURO E O NADA

1. — Nós vivemos, nós pensamos, nós agimos: eis o que é positivo; nós morremos, isto não é menos certo. Mas, deixando a Terra, para onde vamos? Em que nos transformamos? Estaremos melhor ou pior? Seremos ou não seremos? *Ser ou não ser*: tal é a alternativa; é para sempre ou para nunca mais; é tudo ou nada: ou nós viveremos eternamente, ou tudo estará acabado em definitivo. Sobre isso é muito importante pensar.

Todo homem carrega a necessidade de viver, de gozar, de amar, de ser feliz. Diga a quem sabe que vai morrer que irá viver novamente, que sua hora foi adiada; diga-lhe sobretudo que será mais feliz como jamais, e seu coração vai bater de alegria. Contudo, de que serviriam tais anseios de felicidade, se um sopro pode fazê-los desaparecer?

Existe qualquer coisa que cause maior desespero do que o pensamento de absoluta destruição? Afetos sagrados, inteligência, progresso, sabedoria laboriosamente adquirida, tudo estaria esfacelado, tudo estaria perdido! Que restaria da necessidade de se aplicar para vir a ser melhor, de se tolher para refrear as paixões, de se exaurir para ilustrar o espírito, se não se vai colher nenhum fruto, com o pensamento de que amanhã talvez essas coisas não nos servirão para nada? Se assim fosse, a sorte do homem seria cem vezes pior do que a do bruto, porque o bruto vive por inteiro no presente, a satisfazer seus apetites materiais, sem aspiração futura. Uma secreta intuição diz que isso não é possível.

2. — A crença no nada força o homem a concentrar seus pensamentos na vida presente; não há, com efeito, nenhuma lógica em se preocupar com um porvir com que não se conta. A preocupação exclusiva com o presente conduz a pessoa naturalmente a

cuidar de si mesma antes de tudo; é esse, portanto, o mais poderoso estímulo ao egoísmo; e o incrédulo é coerente consigo mesmo quando chega à seguinte conclusão: Vamos divertir-nos enquanto aqui estamos, vamos divertir-nos o mais possível, porquanto depois de nós tudo acaba; vamos divertir-nos já, pois não sabemos o quanto isto durará. E também a esta outra, muitíssimo mais grave para a sociedade: Vamos divertir-nos apesar de tudo; cada um por si; a felicidade, aqui, é do mais esperto.

Se o respeito humano segura alguns, qual freio podem ter os que nada temem? Eles se convencem de que a lei humana só protege os boçais; é por isso que aplicam sua argúcia às maneiras de se esquivarem dela. Se existe uma doutrina *daninha* e *antisocial*, certamente é esta do *aniquilamento*, porque rompe os verdadeiros liames da solidariedade e da fraternidade, fundamentos das relações sociais.

3. — Suponhamos que, por uma circunstância qualquer, um povo inteiro adquire a certeza de que, dentro de oito dias, de um mês, de um ano que seja, será aniquilado, de que nenhum indivíduo sobreviva, de que não restará traço algum dele mesmo após a morte; que se fará durante esse tempo? Trabalharão para seu melhoramento, para sua instrução? Esforçar-se-ão para viver? Respeitarão os direitos, os bens, a vida de seus semelhantes? Submeter-se-ão às leis, à autoridade, qualquer que seja, ainda que a mais legítima: a autoridade paterna? Terão um dever qualquer? Com certeza não. Muito bem! O que não acontece com a massa, a doutrina do aniquilamento realiza a cada dia em particular. Se as consequências não são tão desastrosas como poderiam ser, é principalmente porque a maioria dos incrédulos possui mais fanfarronice do que verdadeira incredulidade, mais dúvida do que convicção e mais medo do nada do que desejam demonstrar; a fama de espírito denodado incha seu amor-próprio; em segundo lugar porque os incrédulos absolutos estão em uma ínfima minoria; sofrem, a seu malgrado, a preponderância da opinião contrária e são reprimidos por uma força material; caso a incredulidade absoluta se torne um dia a opinião da maioria, a sociedade se dissolverá. É a isto que conduz a doutrina do aniquilamento.¹

Quaisquer que sejam as consequências, se o aniquilamento é uma verdade, é preciso aceitá-lo, e não seriam nem os sistemas contrários, nem o pensamento do mal daí resultante, que poderiam fazer com que ela desaparecesse. Ora, não se pode esconder que o ceticismo, a dúvida, a indiferença progridem a cada dia, apesar dos esforços da religião; isto é positivo. Se a religião é impotente contra a incredulidade, é que lhe falta algo para enfrentá-la, de sorte que, se permanecer paralisada, em um determinado tempo será infalivelmente superada. O que lhe falta neste século positivista, onde se deseja compreender antes de se acreditar, é a sanção de suas doutrinas pelos fatos positivos; e

¹ Um rapazinho de dezoito anos sofria uma doença do coração declarada incurável. A ciência havia dito: Ele pode morrer dentro de oito dias ou de dois anos, mas disso não vai passar. O moço sabia disso; bem depressa abandonou os estudos e se deu aos excessos de todo tipo. Quando lhe demonstravam o quanto uma vida desordenada era perigosa para seu estado, respondia: “Que me importa, já que tenho só dois anos de vida?! Para que me serviria cansar a cabeça?! Eu estou por pouco e quero me divertir até o fim.” Eis a consequência lógica do niilismo.

Se esse jovem fosse espírita, teria dito: “A morte apenas destruirá meu corpo, que deixarei como uma roupa usada; todavia meu Espírito viverá para sempre. Eu serei, em minha vida futura, aquilo que terei feito de mim nesta daqui; nada do que eu possa adquirir quanto às qualidades morais e intelectuais será perdido, pois será outro tanto de lucro para meu adiantamento; toda imperfeição de que me despoje é um passo a mais para a felicidade; minha ventura ou minha desgraça futura dependem da utilidade ou da inutilidade de minha existência atual. É, portanto, de meu interesse aproveitar o pouco tempo que me resta e evitar tudo o que possa diminuir minhas forças.” Qual dessas duas doutrinas é preferível?

também a concordância de certas doutrinas com os dados positivos da ciência. Se se diz branco e se os fatos dizem preto, é preciso optar entre a evidência e a fé cega.

4. — É neste estado de coisas que o Espiritismo vem opor um dique à propagação da incredulidade, não somente através do racionalismo, não somente pela perspectiva dos perigos que ela traz, mas através dos fatos materiais, tocando a mão e a vista, na alma e na vida futura.

Cada qual é livre sem dúvida, em sua fé, de crer em qualquer coisa ou de não crer em nada; mas os que procuram fazer prevalecer no espírito das massas, da juventude principalmente, a negação do futuro, apoiando-se na autoridade de seu saber e na ascendência de sua posição, semeiam na sociedade os germes da perturbação e da dissolução, incorrendo em grande responsabilidade.

5. — Existe uma outra doutrina que se nega a ser materialista, porquanto admite a existência de um princípio inteligente além da matéria: é aquela da *absorção no Todo Universal*. De acordo com tal doutrina, cada indivíduo assimila, quando de seu nascimento, uma parcela desse princípio que constitui sua alma e que lhe dá a vida, a inteligência e o sentimento. Com a morte, essa alma retorna ao plasma comum e se perde no infinito como uma gota d'água no oceano.

Essa doutrina é sem dúvida um passo adiante sobre o materialismo puro, pois admite algo, enquanto a outra nada admite, contudo, suas consequências são exatamente as mesmas. Que seja o homem imerso no nada ou no reservatório comum, é o mesmo para ele; se, no primeiro caso, ele é aniquilado, no segundo, perde sua individualidade; é, portanto, como se não existisse; as relações sociais nem por isso deixam de ser rompidas. O essencial para ele é a conservação do *eu*; sem isso, que lhe importa de ser ou de não ser! O futuro para ele é sempre nulo, e a vida presente, a única coisa que lhe interessa e que o preocupa. Do ponto de vista de suas consequências morais, esta doutrina é tão daninha, tão desesperadora, tão excitante do egoísmo quanto o materialismo propriamente dito.

6. — Pode-se, também, infringir-lhe a seguinte objeção: todas as gotas d'água contidas no oceano se parecem e possuem idênticas propriedades, como as partes de um mesmo todo; por que as almas, se estão contidas no grande oceano da inteligência universal, se parecem tão pouco? Por que a genialidade ao lado da estupidez? As mais sublimes virtudes, ao lado dos vícios mais ignóbeis? A bondade, a doçura, a mansuetude, ao lado da maldade, da crueldade, da barbárie? Como as partes de um todo homogêneo podem ser tão diferentes umas das outras? Dir-se-á que é a educação que as modifica? Então de onde provêm as qualidades inatas, as inteligências precoces, os instintos bons e maus, independentes de toda educação e frequentemente tão pouco em harmonia com os meios onde se desenvolvem?

A educação, sem dúvida alguma, modifica as qualidades intelectuais e morais da alma; mas aqui se apresenta outra dificuldade. Quem dá à alma a educação que a fará progredir? Outras almas que, por sua origem comum, não devem ser mais adiantadas. Por outro lado, a alma retornando ao Todo Universal donde proveio, após progredir durante a vida, leva para lá um elemento de maior perfeição; donde se conclui que esse todo deve, através do tempo, ficar profundamente modificado e melhorado. Como se explica que dele saiam sem cessar almas ignorantes e perversas?

7. — Para essa doutrina, a fonte universal da inteligência que fornece as almas humanas é independente da Divindade; não se trata precisamente de *panteísmo*. O *panteísmo* propriamente dito dela difere por considerar o princípio universal da vida e da inteligência como constituindo a Divindade. Deus é a uma vez espírito e matéria; todos os seres, todos os corpos da natureza compõem a Divindade, da qual eles são as moléculas e os elementos constituintes; Deus é o conjunto de todas as inteligências reunidas; cada indivíduo, sendo uma parte do todo, é ele mesmo Deus; nenhum ser superior e independente comanda o conjunto; o universo é uma imensa república sem chefe, ou melhor, onde cada um é chefe com poder absoluto.

8. — A tal sistema se podem opor numerosas objeções, cujas principais são: a Divindade, não podendo ser concebida sem o infinito das perfeições, pergunta-se como um todo perfeito pode ser formado de partes tão imperfeitas e com necessidade de progredir. Cada parte, estando submetida à lei do progresso, resulta em que Deus, ele mesmo, deve progredir; se progride sem cessar, deve ter sido, na origem dos tempos, muito imperfeito. Como um ser imperfeito, constituído de vontades e de ideias tão díspares, pôde conceber leis tão harmoniosas, tão admiráveis quanto à unidade, à sabedoria e a previdência, que regem o universo? Se todas as almas são porções da Divindade, todas concorreram para as leis da natureza; como é que elas murmuram sem cessar contra essas leis, sua própria obra? *Uma teoria somente pode ser aceita como verdadeira com a condição de satisfazer a razão e de prestar conta de todos os fatos que abrange; se um só fato lhe dá um desmentido, é porque ela não adentra a verdade absoluta.*

9. — Do ponto de vista moral, as consequências são do mesmo modo ilógicas. Também há para as almas, como no sistema anterior, a absorção em um todo e a perda da individualidade. Se se admite, segundo a opinião de alguns panteístas, que elas conservam sua individualidade, Deus não tem mais uma vontade única; é um composto de miríades de vontades divergentes. Além disso, sendo cada alma parte integrante da Divindade, nenhuma é dominada por um poder superior; ela não assume, por via de consequência, nenhuma responsabilidade por seus atos bons ou maus; não tem interesse algum em praticar o bem e pode realizar o mal impunemente, pois é regente soberana.

10. — Além desses sistemas não satisfazerem nem a razão nem as aspirações do homem, eles se chocam, como se vê, contra dificuldades intransponíveis, pois são impotentes para resolverem todas as questões de fato que levantam. *O homem tem, portanto, três opções: o nada, a absorção ou a individualidade da alma antes e após a morte.* É a esta última crença que nos impele irresistivelmente a lógica; ela é que também tem estabelecido a base de todas as religiões desde que o mundo existe.

Se a lógica nos conduz à individualidade da alma, ela nos indica também esta outra consequência, ou seja, que a sorte de cada alma deve depender de suas qualidades pessoais, pois seria irracional admitir que a alma atrasada do selvagem e a do homem perverso estivessem ao mesmo nível que a do sábio e do homem de bem. Segundo a justiça, as almas devem ter a responsabilidade de seus atos; mas para que sejam responsáveis, é preciso que sejam livres para escolher entre o bem e o mal; sem livre-arbítrio, o que existe é a fatalidade, e com a fatalidade, não se poderia ter responsabilidade.

11. — Todas as religiões admitiram igualmente o princípio da sorte feliz ou infeliz das almas depois da morte, quer dizer, das penas e dos gozos futuros, que se resumem na doutrina do céu e do inferno, que se encontra em todo lugar. No que diferem essencialmente é sobre a natureza dessas penas e desses gozos e, *sobretudo*, quanto às condições que podem merecer umas e outros. Daí os pontos de fé contraditórios que originaram os diferentes cultos e os deveres particulares impostos por eles para honrar a Deus e, por tal meio, ganhar o céu e evitar o inferno.

12. — Todas as religiões por força, em sua origem, estiveram em relação com o grau de adiantamento moral e intelectual dos homens; estes, bastante materiais ainda para compreender o mérito das coisas puramente espirituais, fizeram consistir a maioria dos deveres religiosos no cumprimento de fórmulas exteriores. Durante um tempo, essas fórmulas satisfizeram-lhe a razão; mais tarde, fazendo-se a luz em seus espíritos, vêm a sentir o vazio que essas fórmulas deixam atrás de si e, se a religião não o preenche mais, eles abandonam a religião e se tornam filósofos.

13. — *Se a religião, apropriada, a princípio, aos conhecimentos limitados dos homens, houvesse sempre seguido o movimento progressivo do espírito humano, nunca haveria incrédulos, porquanto é próprio da natureza do homem precisar crer, e ele crerá se lhe for dado um alimento espiritual em harmonia com suas necessidades intelectuais.* Ele quer saber de onde vem e para onde vai; se lhe for mostrado um fim que não responde nem às suas aspirações nem à ideia que faz de Deus, nem aos pontos positivos que lhe fornece a ciência; se novamente lhe forem impostas, para atendê-lo, condições cuja utilidade sua razão não demonstra, ele se opõe a tudo; o materialismo e o panteísmo ainda lhe parecem mais racionais, porque neles se discute e se raciocina; raciocina-se em falso, é verdade, mas ele prefere raciocinar em falso a não raciocinar jamais.

Mas se lhe for apresentado um futuro em condições lógicas, digno em todos os aspectos da grandeza, da justiça e da infinita bondade de Deus, ele abandonará o materialismo e o panteísmo, cujo vazio sente em seu foro íntimo, os quais havia aceitado por falta do melhor. O Espiritismo comporta o melhor; eis porque é acolhido ansiosamente por todos quantos são atormentados pela incerteza dolorosa da dúvida, os quais não encontram nem nas crenças nem nas filosofias vulgares o que procuram; tem ele a seu favor a lógica do raciocínio e a sanção dos fatos; é por isso que o têm inutilmente combatido.

14. — O homem tem instintivamente a crença no futuro; mas não tendo até agora nenhuma base certa para defini-la, sua imaginação idealizou os sistemas que trouxeram a diversidade das crenças. Não sendo a doutrina espírita sobre o futuro uma obra da imaginação mais ou menos engenhosamente concebida, mas o resultado da observação dos fatos materiais que se desenrolam hoje sob nossos olhos, conciliará, como já o está fazendo atualmente, as opiniões divergentes ou flutuantes, e trará, a pouco e pouco, pela força das coisas, a unidade da crença a respeito desse ponto, crença que não será mais baseada em uma hipótese, mas em uma certeza. A unificação relativa à sorte futura das almas será o primeiro ponto de aproximação entre os diferentes cultos, um passo imenso para a tolerância religiosa, de início, e mais tarde para a fusão.

CAPÍTULO II

RECEIO DA MORTE

Causas do receio da morte. — Porque os espíritas não receiam a morte.

CAUSAS DO RECEIO DA MORTE

1. — O homem, em qualquer grau da escala em que se encontre, passado o estado de selvageria, tem o pressentimento inato do futuro; sua intuição lhe diz que a morte não é a última prerrogativa da existência, e que aqueles que pranteamos não se perderam sem volta. A crença no futuro é intuitiva e infinitamente mais geral do que a do nada. Como entender, pois, que, entre os que creem na imortalidade da alma, se encontre ainda tanto agarramento às coisas da terra e um tão grande receio da morte?

2. — O receio da morte é um efeito da sabedoria da Providência e uma consequência do instinto de conservação comum a todos os seres vivos. É necessário enquanto o homem não esteja suficientemente esclarecido sobre as condições da vida futura, como um contrapeso à atração que, sem esse freio, o levaria a deixar prematuramente a vida terrena e a negligenciar o trabalho da hora, que deve servir a seu próprio adiantamento.

É por isso que, para os povos primitivos, o futuro não passa de uma vaga intuição, mais tarde uma simples esperança, mais tarde enfim uma certeza, mas ainda assim contrabalançada por um secreto agarramento à vida corpórea.

3. — À medida que o homem compreende melhor a vida futura, o receio da morte diminui; mas, ao mesmo tempo, compreendendo melhor sua missão na Terra, aguarda seu fim com mais calma, mais resignação e sem medo. A certeza da vida futura lhe dá um outro curso às ideias e outro objetivo aos trabalhos; antes de adquirir essa certeza, trabalha apenas para a vida atual; com essa certeza, trabalha com vista ao futuro sem negligenciar o presente, pois sabe que seu futuro depende da direção mais ou menos boa que dá ao presente. A certeza de reencontrar seus amigos depois da morte, de continuar as relações que teve na Terra, de não perder o fruto de nenhum trabalho, de crescer sem cessar em inteligência e perfeição, lhe dá a paciência de aguardar e a coragem de suportar as fadigas transitórias da vida terrestre. A solidariedade que vê estabelecer-se entre os mortos e os

vivos o faz compreender a que deve existir entre os vivos; a fraternidade desde logo apresenta sua razão de existir e a caridade, um objetivo no presente e no futuro.

4. — Para livrar-se dos receios da morte, é preciso poder encará-la em seu verdadeiro ponto de vista, quer dizer, haver penetrado pelo pensamento no mundo espiritual e ter feito dele uma ideia tão exata quanto possível, o que denota no Espírito encarnado um certo desenvolvimento e uma certa aptidão para se libertar da matéria. Para os que não estão suficientemente adiantados, a vida material ainda se sobrepõe à vida espiritual.

Apegando-se ao exterior, o homem só vê a vida do corpo, quando a vida real é a da alma; estando o corpo privado da vida, a seus olhos tudo está perdido, e ele se desespera. Se, em lugar de concentrar o pensamento sobre a veste externa, ele o dirige sobre a fonte mesma da vida: sobre a alma, que é o ser real que sobrevive a tudo, afligir-se-á menos com o corpo, fonte de tantas misérias e dores; contudo, para isso, precisa de uma força que o Espírito só adquire com a maturidade.

O receio da morte se prende, portanto, à insuficiência das noções sobre a vida futura; mas denota a necessidade de viver e o temor que a destruição seja o fim de tudo; é ele também provocado pelo secreto desejo da sobrevivência da alma, ainda encoberto pela incerteza.

O receio enfraquece à medida que a certeza se forma; desaparece quando a certeza se completa.

Eis o lado providencial da questão. Seria sensato não confundir o homem cuja razão não está ainda bastante forte para suportar a perspectiva muito positiva e muito sedutora de um futuro que lhe pudesse fazer negligenciar o presente necessário a seu adiantamento material e intelectual.

5. — Este estado de coisas é mantido e prolongado por causas puramente humanas que desaparecerão com o progresso. A primeira é o aspecto sob que se apresenta a vida futura, aspecto que poderia bastar às inteligências pouco avançadas, mas que não bastaria às exigências da razão dos homens que reflexionam. Desde logo, dizem consigo mesmos, quando alguém nos apresenta como verdades absolutas os princípios desmentidos pela lógica e pelos dados positivos da Ciência, é que não são verdades. Daí, para alguns, a incredulidade; para um grande número, uma crença misturada de dúvida. A vida futura é para eles uma ideia vaga, uma probabilidade antes que uma certeza absoluta; creem nela, desejariam que existisse, e, não obstante, dizem de si para si: E se entretanto não existir! O presente é positivo; ocupemo-nos dele primeiro; o futuro virá em superposição.

E depois, dizem ainda mais, o que é, por definição, a alma? Um ponto, um átomo, uma faísca, uma chama? Como a gente a sente? Como a vê? Como se apercebe dela? A alma não lhes é de modo algum uma realidade efetiva: é uma abstração. Os entes que lhes são caros, reduzidos ao estado de átomos em seu pensamento, estão por assim dizer perdidos para eles, e não têm mais a seus olhos as qualidades que se lhes fizeram amar; não compreendem nem o amor de uma faísca nem o que se pode ter a ela; e eles mesmos ficam pessimamente satisfeitos de serem transformados em mônadas. Daí o retrocesso ao positivismo da vida terrestre, que possui algo de mais substancial. O número dos que são dominados por esses pensamentos é considerável.

6. — Uma outra razão que prende às coisas da Terra aqueles mesmos que creem o mais firmemente na vida futura reside na impressão que conservam do ensino que lhes é dado desde a infância.

O quadro que disso faz a religião não é, precisamos convir, nem muito sedutor, nem muito consolador. De um lado, aí se veem as contorções dos danados que expiam nas torturas e nas chamas sem fim seus erros de um momento; porque os séculos sucedem aos séculos sem esperança de suavização nem de piedade; e, o que é mais impiedoso ainda, porque o arrepender-se não se dá sem eficácia. Do outro, as almas debilitadas e miseráveis do purgatório esperam sua libertação da boa vontade dos vivos que rezarão ou farão rezar por elas, e não de seus próprios esforços para progredir. Estas duas categorias compõem a maioria imensa da população do outro mundo. Acima paira a muito reduzida dos eleitos, gozando, durante a eternidade, de uma beatitude contemplativa. Essa eterna inutilidade, preferível sem dúvida ao nada, não é nada menos do que uma fastidiosa monotonia. Assim se vê nas pinturas que retratam os bem-aventurados, figuras angélicas, mas que respiram antes o tédio do que a verdadeira felicidade.

Este estado não satisfaz nem as aspirações nem a ideia instintiva de progresso, que parece ser a única compatível com a felicidade absoluta. Custa conceber que o selvagem ignorante, de senso moral obtuso, tão só porque recebeu o batismo, esteja ao mesmo nível de quem alcançou o mais alto grau de ciência e da moralidade provada, após longos anos de trabalho. É ainda menos concebível que a criança morta em tenra idade, antes de ter consciência de si mesma e de seus atos, goze dos mesmos privilégios, só pelo fato de uma cerimônia, na qual sua vontade não teve nenhuma parte. Tais pensamentos não deixam de abalar os mais fervorosos, por pouco que reflexionem.

7. — Como do trabalho progressivo que se cumpre na Terra não depende em nada a felicidade futura, a facilidade com a qual as pessoas creem adquirir essa felicidade por meio de algumas práticas exteriores, e a possibilidade mesma de a comprar pela valia do dinheiro, sem reforma séria do caráter e dos hábitos, atribuem aos gozos do mundo inteiro valor. Mais de um crente diz a si mesmo em seu foro íntimo que, estando o futuro assegurado pelo cumprimento de certas fórmulas, ou por doações póstumas, que não o privam de nada, seria supérfluo impor-se sacrifícios ou qualquer aborrecimento por outrem, desde que se pode efetivar a salvação trabalhando cada um para si.

Seguramente, tal não é o pensamento de todos, pois há grandes e belas exceções; mas não se poderia fingir que esse não é o da maioria, sobretudo das massas pouco esclarecidas, e que a ideia que as pessoas fazem das condições para serem felizes no outro mundo provocam o apego aos bens deste e, conseqüentemente, o egoísmo.

8. — Acrescentemos a isto que tudo, nos usos, concorre para fazer deplorar a falta da vida terrestre e temer a passagem da Terra ao céu. A morte está rodeada de cerimônias lúgubres, que aterrorizam mais do que promovem a esperança. Quando se representa a morte, é sempre sob um aspecto repugnante e jamais como sono de transição; todos os seus signos lembram a destruição do corpo, mostrando-o hediondo e descarnado; nenhum simboliza a alma libertando-se radiosa dos liames terrestres. A partida para esse mundo mais feliz é acompanhada pelas lamentações dos vivos, como se acontecesse a maior infelicidade aos que partem; dizem-lhes um eterno adeus, como se não devessem jamais revê-los; o que deplora por eles é a falta das alegrias daqui, como se lá não fossem nunca

encontrar maiores. Que desgraça, dizem, morrer quando se é jovem, rico e feliz, e quando se está diante de um brilhante futuro! A ideia de uma situação mais feliz aflora mal e mal o pensamento, porque ali não tem raízes. Tudo concorre, então, para inspirar o sobressalto da morte, em vez de fazer nascer a esperança. O homem precisará de muito tempo, sem dúvida, para se desfazer desses preconceitos, mas a isto chegará à medida que sua fé se firme, que faça uma ideia mais sadia da vida espiritual.

9. — A crença vulgar coloca, além disso, as almas em regiões apenas acessíveis ao raciocínio, onde se tornam de alguma sorte estranhas aos vivos; a Igreja mesma põe entre elas e estes últimos uma barreira intransponível: ela declara que toda relação está cortada, toda comunicação, impossível. Se estão no inferno, toda esperança de as rever está perdida para sempre, a menos que para lá se vá a gente mesma; se estão entre os eleitos, estão inteiramente absortas em sua beatitude contemplativa. Tudo isso põe entre os mortos e os vivos uma tal distância que se considera a separação como eterna; é por isso que se prefere novamente ter perto de si, sofrendo na Terra, os seres que se amam, a vê-los partir, mesmo para o céu. Depois, a alma que está no céu está realmente feliz ao ver, por exemplo, *seu filho, seu pai, sua mãe ou seus amigos* arderem eternamente?

PORQUE OS ESPÍRITAS NÃO RECEIAM A MORTE

10. — A doutrina espírita muda inteiramente a maneira de encarar o futuro. A vida futura não é mais uma hipótese, mas uma realidade; o estado das almas depois da morte não é mais um sistema, mas um resultado da observação. O véu foi levantado; o mundo espiritual nos aparece em toda a sua realidade prática; não foram os homens que o descobriram pelo esforço de uma concepção engenhosa, são os próprios habitantes desse mundo que nos vêm descrever sua situação; vemo-los aí em todos os graus da escala espiritual, em todas as fases da felicidade e da desgraça; assistimos a todas as peripécias da vida de além-túmulo. Aí está, para os espíritas, a causa da calma com que encaram a morte; daí a serenidade de seus últimos instantes na Terra. O que os conforta não é mais somente a esperança, é a certeza; sabem que a vida futura não é mais do que a continuação da vida presente em melhores condições, e por ela esperam com a mesma confiança com que esperam o nascer do sol após uma noite de tempestade. Os motivos dessa confiança estão nos fatos de que são testemunhas e na concordância desses fatos com a lógica, a justiça e a bondade de Deus, e as aspirações íntimas do homem.

Para os espíritas, a alma não é mais uma abstração; ela tem um corpo etéreo que faz dela um ser definido, que o pensamento abrange e concebe; isto já representa muito para fixar as ideias sobre sua individualidade, suas aptidões e suas percepções. A recordação dos que nos são caros repousa sobre alguma coisa real. Não são representados mais como chamas fugidias, que não dizem nada ao pensamento, mas sob uma forma concreta, que a nós os mostra como seres viventes. Além disso, em vez de estarem perdidos nas profundezas do espaço, estão ao redor de nós; o mundo corporal e o mundo espiritual estão em perpétuas relações, e se assistem mutuamente. Não se permitindo mais a dúvida sobre o futuro, o receio da morte não tem mais razão de ser; a gente a vê chegar

com sangue-frio, como uma libertação, como a porta para a vida e não como aquela para o nada.

CAPÍTULO III

O CÉU

1. — A palavra *céu* se refere, em geral, ao espaço indefinido que envolve a Terra e, mais particularmente, à parte que está acima de nosso horizonte; vem do latim *cælum*, formada do grego *coîlos* [koi/îloj], cavo, côncavo, porque o céu se revela aos olhos como uma imensa concavidade. Os Antigos criam na existência de muitos céus superpostos, compostos de matéria sólida e transparente, formando esferas concêntricas das quais a Terra era o centro. Tais esferas, girando em torno da Terra, arrastavam consigo os astros que se encontravam em seu circuito.

Essa ideia, que se prendia à insuficiência dos conhecimentos astronômicos, foi a de todas as teogonias, que dispuseram nos céus, assim escalonados, os diversos degraus da bem-aventurança: o último era a morada da suprema felicidade. Segundo a opinião mais comum, havia sete; daí a expressão: *Estar no sétimo céu*, para exprimir uma perfeita felicidade. Os muçulmanos admitem nove, em cada um dos quais se aumenta a felicidade dos crentes. O astrônomo Ptolomeu² contava onze, o último dos quais era chamado de Empíreo³, por causa da fulgurante luminosidade que nele reina. É ainda hoje o nome poético dado ao lugar da glória eterna. A teologia cristã reconhece três céus: o primeiro é o da região do ar e das nuvens; o segundo, o espaço onde se movimentam os astros, e o terceiro, mais além da região dos astros, é o domicílio do Altíssimo, a morada dos eleitos que contemplam Deus face a face. É a partir desta crença que se diz que São Paulo foi elevado ao terceiro céu.

2. — As diferentes doutrinas concernentes à morada dos bem-aventurados repousam todas no duplo erro de que a Terra é o centro do universo e a região dos astros é delimitada. É para além desse limite imaginário que todas têm colocado a morada afortunada e o domicílio do Todo-Poderoso. Singular anomalia que coloca o autor de todas as coisas, aquele que as governa a todas, nos confins da criação, em lugar do centro, donde a irradiação de seu pensamento poderia estender-se a tudo!

3. — A Ciência, com a inexorável lógica dos fatos e da observação, levou sua tocha até às profundezas do espaço e mostrou o nada de todas aquelas teorias. A Terra não é mais o fulcro do universo, mas um dos menores astros rolando na imensidade; o próprio Sol não é mais do que o centro de um turbilhão planetário; as estrelas são inumeráveis sóis, em torno dos quais circulam mundos inumeráveis, separados por distâncias apenas acessíveis ao pensamento, conquanto nos parecem tocar-se. Neste conjunto, regido por leis eternas nas quais se revelam a sabedoria e onipotência do Criador, a Terra somente

² Ptolomeu viveu em Alexandria, Egito, no segundo século da era cristã.

³ Do grego, *pyr* [pu/r], fogo.

aparece como um ponto imperceptível e um dos menos favoráveis à habitabilidade. Daí, a gente pergunta por que Deus faria dela a única sede da morada da vida e por que aí teria relegado suas criaturas de predileção. Tudo, ao contrário, anuncia que a vida está por toda parte, que a humanidade é infinita como o universo. Revelando-nos a Ciência mundos semelhantes à Terra, Deus não podia tê-los criado sem objetivo; ele por certo os povoou de seres capazes de os governar.

4. — As ideias do homem existem em razão daquilo que ele sabe; como todas as descobertas importantes, a da constituição dos mundos deveria imprimir a elas um outro curso. Sob o império desses novos conhecimentos, as crenças deveriam modificar-se; o céu foi deslocado; a região das estrelas, em sendo sem limites, não lhe pode mais servir. Onde está ele? Diante desta questão todas as religiões permanecem mudas.

O Espiritismo vem resolvê-la demonstrando o verdadeiro destino do homem. A natureza deste último e os atributos de Deus, em servindo de ponto de partida, chega-se à conclusão; quer dizer que, partindo-se do conhecido, chega-se ao desconhecido por uma dedução lógica, sem falar das observações diretas que permite fazer o Espiritismo.

5. — O homem é composto de corpo e Espírito: o Espírito é o ser principal, o ser da razão, o ser inteligente; o corpo é o invólucro material que reveste temporariamente o Espírito, para cumprimento de sua missão sobre a Terra e execução do trabalho necessário a seu adiantamento. O corpo, usado, destrói-se, e o Espírito sobrevive à sua destruição. Sem o Espírito, o corpo é tão só matéria inerte, como um instrumento privado do braço que o faz agir; sem o corpo, o Espírito é tudo: a vida, a inteligência. Em deixando o corpo, volta ao mundo espiritual, donde saiu para se encarnar.

Existe, portanto, o *mundo corporal*, composto dos Espíritos encarnados; e o *mundo espiritual*, formado dos Espíritos desencarnados. Os seres do mundo corporal, em razão mesmo de seu envoltório material, estão presos à Terra ou a um globo qualquer; o mundo espiritual está em toda parte, em redor de nós e no espaço; nenhum limite lhe está assinalado. Em razão da natureza fluídica de seu envoltório, os seres que o compõem, em lugar de se arrastarem penosamente sobre o solo, vencem as distâncias com a rapidez do pensamento. A morte do corpo é a ruptura dos liames que os retinham cativos.

6. — Os Espíritos são criados simples e ignorantes, mas com a aptidão para tudo aprender e para progredir, em virtude de seu livre-arbítrio. Pelo progresso, adquirem novos conhecimentos, novas faculdades, novas percepções e, por consequência, novos gozos desconhecidos dos Espíritos inferiores; eles veem, ouvem, sentem e compreendem o que os Espíritos atrasados não podem nem ver, nem ouvir, nem sentir, nem compreender. *A felicidade está na razão do progresso completado; de sorte que, de dois Espíritos, um pode não ser tão feliz quanto outro, unicamente por não estar tão avançado intelectualmente e moralmente, sem que tenham necessidade de estar cada qual em lugar diferente.* Conquanto estejam um ao lado do outro, um pode estar nas trevas, enquanto tudo resplandece em torno do outro, exatamente como para um cego e para um vidente que se dão as mãos: um percebe a luz que não causa nenhuma impressão sobre seu vizinho. *Sendo a felicidade dos Espíritos inerente às qualidades que possuem, eles a usufruem em toda parte em que se encontram, na superfície da Terra, no meio dos encarnados, ou no espaço.*

Uma comparação vulgar levará melhor ainda a compreender esta situação. Se, em um concerto, se encontram dois homens, um, bom músico, de ouvido adestrado, e outro, sem conhecimento da música, de sentido auditivo pouco delicado, o primeiro experimenta uma sensação de felicidade, enquanto o segundo continua insensível, porque um compreende e percebe o que não causa nenhuma impressão no outro. Assim ocorre para todos os gozos dos Espíritos, que se dão em razão de sua aptidão de senti-los. *O mundo espiritual tem por toda parte esplendores, harmonias e sensações que os Espíritos inferiores, ainda submetidos à influência da matéria, não entreveem sequer, e que apenas são acessíveis aos Espíritos depurados.*

7. — O progresso, para os Espíritos, é o fruto de seu próprio trabalho; mas, como são livres, trabalham em seu adiantamento com mais ou menos empenho, ou negligência, segundo sua vontade; apressam assim ou retardam seu progresso e, por consequência, sua felicidade. Enquanto uns avançam rapidamente, outros estagnam durante longos séculos, nas categorias inferiores. São, pois, os próprios artífices de sua situação, feliz ou infeliz, conforme esta frase do Cristo: “A cada um segundo suas obras!” Todo Espírito que fica para trás não pode acusar senão a si mesmo, assim tanto quanto o que progride tem todo o mérito; a felicidade que conquistou tem maior valor a seus olhos.

A felicidade suprema é o prêmio dos Espíritos perfeitos, quer dizer, dos Espíritos puros. Eles a alcançam após haverem progredido em inteligência e moralidade. O progresso intelectual e o progresso moral caminham raramente juntos, mas o que o Espírito não faz em um tempo, faz em outro, de sorte que os dois progressos acabam por chegar ao mesmo nível. É a razão por que se veem frequentemente homens inteligentes e instruídos muito pouco adiantados moralmente, e vice-versa.

8. — A encarnação é necessária ao duplo progresso moral e intelectual do Espírito: ao progresso intelectual, pela atividade que é obrigado a desdobrar no trabalho; ao progresso moral pela precisão que os homens têm uns dos outros. *A vida social é a pedra de toque das boas ou más qualidades.* A bondade, a maldade, a doçura, a violência, a benevolência, a caridade, o egoísmo, a avareza, o orgulho, a humildade, a sinceridade, a franqueza, a lealdade, a má-fé, a hipocrisia, em uma palavra, tudo o que constitui o homem de bem ou o homem perverso tem por móvel, por alvo e por estímulo as relações do homem com seus semelhantes; *para o homem que vivesse só não haveria nem vícios nem virtudes; se, pelo isolamento, ele se preserva do mal, ele anula o bem.*

9. — Uma só existência corporal é manifestamente insuficiente para o Espírito adquirir tudo o que lhe falta de bom e se desfazer de tudo que é mau nele. O selvagem, por exemplo, poderia em qualquer tempo, em uma só encarnação alcançar o nível moral e intelectual do europeu mais avançado? É materialmente impossível. Deve ele, pois, ficar eternamente na ignorância e barbárie, privado dos gozos que só pode propiciar-lhe o desenvolvimento das faculdades? O simples bom senso rejeita uma tal suposição, que seria a um tempo a negação da justiça e da bondade de Deus, e da própria lei de progresso da natureza. É por isso que Deus, que é soberanamente justo e bom, permite ao Espírito do homem tantas encarnações quantas sejam necessárias para atingir seu alvo, que é a perfeição.

Em cada existência nova, o Espírito traz o que adquiriu nas precedentes, em aptidões, em conhecimentos intuitivos, em inteligência e em moralidade. Cada existência é assim um passo adiante na via do progresso⁴.

A encarnação é inerente à inferioridade dos Espíritos; ela não é mais necessária àqueles que lhe transpuseram o limite, e que progrediram ao estado espiritual ou nas existências corporais dos mundos superiores, que nada mais têm da materialidade terrestre. Da parte destes, ela é voluntária, à vista de exercer sobre os encarnados uma ação mais direta para o cumprimento da missão de que estão encarregados junto a eles. Eles lhe aceitam as vicissitudes e sofrimentos por devotamento.

10. — No intervalo das existências corporais, o Espírito retorna por um tempo mais ou menos longo ao mundo espiritual, onde é feliz ou infeliz, segundo o bem ou o mal que fez. O estado espiritual é o estado normal do Espírito porque esse deve ser seu estado definitivo e porque o corpo espiritual não morre; o estado corporal nada mais é do que transitório e passageiro. É no estado espiritual sobretudo que colhe os frutos do progresso realizado por seu trabalho durante a encarnação; é também assim que se prepara para novas lutas e toma as resoluções que se esforçará para pôr em prática em seu retorno à humanidade.

O Espírito progride igualmente na erraticidade; aí ele recolhe conhecimentos especiais que não poderia adquirir na Terra; suas ideias então se modificam. O estado corporal e o estado espiritual são para ele a fonte de dois gêneros de progresso solidários um com o outro; é por isso que passa alternativamente por esses dois modos de existências.

11. — A reencarnação pode ocorrer na Terra ou em outros mundos. Entre os mundos existem uns mais adiantados que outros, onde a existência se completa em condições menos penosas que na Terra, física e moralmente, mas onde são admitidos somente Espíritos chegados a um grau de perfeição em relação ao estado desses mundos.

A vida nos mundos superiores é já uma recompensa, pois aí se está isento dos males e das vicissitudes às quais a gente se expõe aqui. Os corpos, menos materiais, quase fluídicos, não estão sujeitos nem às moléstias, às enfermidades, nem às mesmas necessidades. Estando excluídos os maus Espíritos, os homens aí vivem em paz, sem outro cuidado que o de seu adiantamento pelo trabalho da inteligência. Ali reinam a verdadeira fraternidade, porque não há egoísmo; a verdadeira igualdade, porque não há orgulho; a verdadeira liberdade por não haver desordens a reprimir, nem ambiciosos buscando oprimir o fraco. Comparados à Terra, esses mundos são verdadeiros paraísos; são as etapas da rota do progresso que conduz ao estado definitivo. Sendo a Terra um mundo inferior destinado à purificação dos Espíritos imperfeitos, eis a razão por que o mal aí domina, até que praza a Deus fazer dela a morada dos Espíritos mais adiantados.

É assim que o Espírito, progredindo gradualmente à medida que se desenvolve, chega ao apogeu da felicidade; porém, antes de ter alcançado o ponto culminante da perfeição, goza de uma felicidade relativa a seu adiantamento. É como a criança que saboreia os prazeres da primeira idade, mais tarde os da juventude, e finalmente os mais vigorosos da idade madura.

⁴ Ver a nota: cap. 1, n.º 3, nota 1.

12. — A felicidade dos Espíritos bem-aventurados não está na ociosidade contemplativa, que seria, como se tem muitas vezes dito, uma eterna e fastidiosa inutilidade. A vida espiritual, em todos os graus é, ao contrário, uma constante atividade, mas atividade isenta de fadigas. A suprema felicidade consiste no gozo de todos os esplendores da criação, que nenhuma linguagem humana saberia traduzir, que a imaginação a mais fecunda não saberia conceber; no conhecimento e na penetração de todas as coisas; na ausência de todo sofrimento físico e moral; numa satisfação íntima; numa serenidade da alma que nada altera; no amor puro que une todos os seres, em virtude da ausência de qualquer choque pelo contacto dos maus; e, acima de tudo, na visão de Deus e na compreensão de seus mistérios revelados aos mais dignos. Ela está também nas funções com as quais se fica feliz de ser encarregado. Os Espíritos puros são os messias ou mensageiros de Deus pela transmissão e execução de suas vontades; eles cumprem as grandes missões, presidem à formação dos mundos e à harmonia geral do Universo, encargo glorioso a que tão só se chega pela perfeição. Os da ordem mais elevada são os únicos nos segredos de Deus; inspirando-se em seu pensamento, são seus representantes diretos.

13. — As atribuições dos Espíritos estão proporcionadas a seu adiantamento, às luzes que possuem, às suas capacidades, à sua experiência e ao grau de confiança que inspiram ao soberano Senhor. Ali, nada de privilégio, nada de favores que não sejam o prêmio do mérito: tudo é medido ao peso da estrita justiça. As missões mais importantes são confiadas aos que Deus sabe adequados a cumpri-las e incapazes de aí falhar ou de comprometê-las. Enquanto, à vista mesmo de Deus, os mais dignos compõem o supremo conselho, a chefes superiores é delegada a direção dos turbilhões planetários; a outros é conferida a dos mundos especiais. Vêm, em seguida, pela ordem do adiantamento e da subordinação hierárquica, as atribuições mais restritas dos que são encarregados da marcha dos povos, da proteção das famílias e dos indivíduos, do impulso de cada ramo do progresso, das diversas operações da natureza, até dos mais ínfimos detalhes da criação. Neste vasto e harmonioso conjunto, há ocupações para todas as capacidades, todas as aptidões e todas as boas vocações; ocupações aceitas com alegria, solicitadas com ardor, pois são um meio de adiantamento para os Espíritos que aspiram a se elevarem.

14. — Ao lado das grandes missões confiadas aos Espíritos superiores, outras há de todos os graus de importância, delegadas aos Espíritos de todas as ordens; donde se pode dizer que cada encarnado tem a sua, quer dizer, deveres a cumprir, para o bem de seus semelhantes, desde o pai de família, a quem incumbe o cuidado de fazer progredir seus filhos, até o homem de gênio que lança na sociedade novos elementos de progresso. É nessas missões secundárias que se encontram frequentemente os desfalecimentos, as prevaricações e as desistências, mas que prejudicam tão só o indivíduo e não o conjunto.

15. — Todas as inteligências concorrem, pois, para a obra geral, em qualquer grau a que tenham chegado, e cada qual na medida de suas forças; umas no estado de encarnação, outras no estado de Espírito. Por toda parte a atividade, desde a base até o alto da escala, todas instruindo-se, ajudando-se, propiciando-se um mútuo apoio, estendendo-se a mão para alcançarem o cimo.

Assim se estabelece a solidariedade entre o mundo espiritual e o mundo corporal; dito de outro modo, entre os homens e os Espíritos, entre os Espíritos livres e os Espíritos

cativos. Assim se perpetuam e se consolidam, pela depuração e continuidade de relações, as simpatias verdadeiras e as afeições puras.

Por toda parte, assim, vida e movimento; nenhum ponto do infinito que não seja povoado; nenhuma região que não seja incessantemente percorrida por legiões inumeráveis de seres radiantes, invisíveis para os sentidos grosseiros dos encarnados, mas cuja vista enche de admiração e de alegria as almas libertas da matéria. Por toda parte, enfim, há uma felicidade relativa a todos os progressos, a todos os deveres cumpridos; cada um traz em si os elementos de sua felicidade, em razão da categoria onde o coloca seu grau de adiantamento.

A beatitude deriva das qualidades próprias dos indivíduos, e não do estado material do meio em que se encontram; está, portanto, por toda a parte onde haja Espíritos capazes de ser felizes. Nenhum lugar circunscrito lhe está assinalado no universo. Em qualquer lugar em que se encontrem, os Espíritos puros podem contemplar a majestade divina, porque Deus está em toda parte.

16. — Entretanto, a felicidade não é pessoal; se a gente a possuísse apenas para si, se não tivesse como reparti-la com os outros, seria egoísta e triste; é o mesmo para a comunhão dos pensamentos que une os seres simpáticos. Os Espíritos felizes, atraídos uns aos outros pela similitude das ideias, dos gostos, dos sentimentos, formam vastos grupos ou famílias homogêneas, no seio das quais cada individualidade irradia as qualidades próprias e se provê dos eflúvios serenos e benfazejos que emanam do conjunto, cujos membros ora se dispersam para se aplicarem à sua missão, ora se juntam em um ponto qualquer do espaço para prestar conta do resultado de seus trabalhos, ora se reúnem em torno de um Espírito de uma ordem mais elevada para receber seus conselhos e suas instruções.

17. — Se bem que os Espíritos estejam por toda parte, os mundos são as moradas onde se juntam de preferência, em razão da analogia que existe entre eles e os que os habitam. Em torno dos mundos adiantados abundam os Espíritos superiores; em torno dos mundos atrasados pululam os Espíritos inferiores. A Terra é ainda um destes últimos. Cada globo tem, portanto, sua população própria de Espíritos encarnados e desencarnados, que se nutre, em sua maior parte, pela encarnação e desencarnação desses mesmos Espíritos. Esta população é mais estável nos mundos inferiores, onde os Espíritos são mais apegados à matéria, e mais flutuante nos mundos superiores. Mas dos mundos, moradas de luz e felicidade, os Espíritos saem para os mundos inferiores para aí semear os germes do progresso, e para lhes trazer a consolação e a esperança, reerguer os corações abatidos pelas provas da vida, e onde, às vezes, se encarnam para cumprir sua missão com maior eficácia.

18. — Nessa imensidão sem fronteiras, onde, pois, está o céu? Está por toda parte; nenhuma cerca lhe serve de limites; os mundos felizes são as derradeiras estações que para ele conduzem; as virtudes lhe abrem o caminho e os vícios lhe interditam o acesso.

Ao lado desse quadro grandioso que povoa todos os cantos do universo, que dá a todos os objetos da criação um alvo e uma razão de ser, quanto é pequena e mesquinha a doutrina que circunscribe a humanidade a um imperceptível ponto do espaço, que no-la mostra começando em um instante dado para terminar igualmente um dia com o mundo que a contém, abarcando apenas um minuto na eternidade! Como é triste, fria, glacial,

quando ela nos mostra o resto do universo antes, durante e depois da humanidade terrestre, sem vida, sem movimento, como um imenso deserto afundado em silêncio! Como é desesperadora, pela descrição que faz do pequeno número dos eleitos votados à contemplação perpétua, enquanto a maioria das criaturas é condenada a padecimentos sem fim! Como é aflitiva, para os corações amantes, pela barreira que coloca entre os mortos e os vivos! As almas felizes, dizem, nada pensam além de sua ventura; as infelizes, de suas dores. É de se admirar que o egoísmo reine sobre a Terra, quando no-lo apontam no céu? Quanto, pois, é estreita a ideia que dá da grandeza, do poder e da bondade de Deus!

Quanto é sublime, ao contrário, a ideia que disso dá o Espiritismo! Quanto sua doutrina engrandece as ideias e alarga o pensamento! — Mas quem diz que ela é verdadeira? A razão, primeiro; a revelação, em seguida; depois, sua concordância com o progresso da ciência. Entre duas doutrinas, das quais uma diminui e a outra amplia os atributos de Deus; das quais uma está em desacordo e a outra em harmonia com o progresso; das quais uma queda atrás e a outra caminha para frente, o bom senso diz de que lado está a verdade. Que na presença das duas, cada qual, em seu foro interno, interroge suas aspirações, e uma voz íntima lhe responderá. As aspirações são a voz de Deus, que não pode enganar os homens.

19. — Mas, então, por que Deus não lhes revelou desde o princípio toda a verdade? Pela mesma razão que não se ensina à infância o que se ensina à idade madura. A revelação restrita era suficiente durante certo período da humanidade: Deus a adapta às forças do Espírito. Os que recebem hoje uma revelação mais completa são *os mesmos Espíritos* que dela receberam uma parcela em outro tempo, mas que depois disso cresceram em inteligência.

Antes que a ciência revelasse aos homens as forças vivas da natureza, a constituição dos astros, o verdadeiro papel e a formação da Terra, teriam eles compreendido a imensidade do espaço, a pluralidade dos mundos? Antes que a geologia provasse a formação da Terra, teriam eles podido desalojar o inferno de seu seio e compreender o sentido alegórico dos seis dias da criação? Antes que a astronomia descobrisse as leis que regem o universo, teriam eles podido compreender que não há nem alto nem baixo no espaço, que o céu não está acima das nuvens nem limitado pelas estrelas? Antes dos progressos da ciência psicológica, teriam eles podido identificar-se com a vida espiritual; conceber, depois da morte, uma vida feliz ou infeliz, que não fosse em um lugar circunscrito e sob um modelo material? Não; compreendendo mais pelos sentidos que pelo pensamento, o universo era muito vasto para seu cérebro; era preciso reduzi-lo a proporções menos extensas para dispô-lo segundo seu ponto de vista, livre para se expandir mais tarde. Uma revelação parcial tinha sua utilidade; ela era sábia então; ela é insuficiente hoje. O engano está naqueles que, não tendo absolutamente em conta o progresso das ideias, pretendem poder governar os homens maduros com as andadeiras da infância. (Ver *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. III.)

CAPÍTULO IV

O INFERNO

Intuição das penas futuras. — O inferno cristão imita o inferno pagão. — Os limbos. — Quadro do inferno pagão. — Quadro do inferno cristão.

INTUIÇÃO DAS PENAS FUTURAS

1. — Em todos os tempos o homem acreditou, por intuição, que a vida futura deveria ser feliz ou infeliz, em razão do bem ou do mal que se faça aqui; apenas a ideia que se faz está em relação com o desenvolvimento de seu senso moral e com as noções mais ou menos justas que possui do bem e do mal; as penas e as recompensas são o reflexo de seus instintos predominantes. É assim que os povos guerreiros colocam sua suprema felicidade nas honras concedidas à bravura; os povos caçadores, na abundância da presa; os povos sensuais, nas delícias da voluptuosidade. Enquanto o homem estiver dominado pela matéria, pode apenas imperfeitamente compreender a espiritualidade; é por isso que transforma as penas e gozos futuros em um quadro mais material que espiritual; e imagina que se deve comer e beber no outro mundo, porém, melhor que na Terra e bem melhores coisas.⁵ Mais tarde, encontra-se nas crenças acerca do futuro uma mistura de espiritualismo e de materialismo; é desse modo que, ao lado da beatitude contemplativa, ele situa um inferno com torturas físicas.

2. — Não podendo conceber senão o que vê, o homem primitivo naturalmente decalcou seu futuro sobre o presente; para compreender outros tipos, além dos que tinha sob os olhos, lhe faltava um desenvolvimento intelectual que tão só deveria completar-se com o tempo. Também o quadro que criou dos castigos da vida futura não é mais que o reflexo dos males da humanidade, contudo, em mais ampla proporção; reuniu aí todas as torturas, todos os suplícios, todas as aflições que encontrou sobre a Terra; é por isso que, nos climas tórridos, imaginou um inferno de fogo e, nas zonas boreais, um inferno de gelo. Não estando ainda desenvolvido o senso que deveria mais tarde fazê-lo compreender o mundo espiritual, só podia conceber as penas materiais; eis porque, com algumas pequenas diferenças de forma, o inferno de todas as religiões se parece.

⁵ Um pequeno saboiano, a quem seu cura fazia um quadro sedutor da vida futura, lhe perguntou se todo o mundo lá comia pão branco, como em Paris.

O INFERNO CRISTÃO IMITA O INFERNO PAGÃO

3. — O inferno dos pagãos, descrito e dramatizado pelos poetas, foi o modelo mais grandioso do gênero; ele está perpetuado naquele dos cristãos, que também teve seus cantores poetas. Em comparando-os, a gente encontra neles, salvo os nomes e algumas variantes nos pormenores, numerosas analogias: num e noutro, o fogo material é a base de tormentos, porque é o símbolo dos mais cruéis sofrimentos. Mas, coisa estranha!, os cristãos, em muitos pontos, ultrapassaram o inferno dos pagãos. Se estes últimos tinham no seu o tonel das Danaides, a roda de Íxion, o rochedo de Sísifo, eram suplícios individuais; o inferno cristão tem para todos as caldeiras ferventes cujas tampas os anjos levantam para ver as contorções dos danados⁶; Deus ouve sem piedade seus gemidos durante a eternidade. Jamais os pagãos pintaram os habitantes dos Campos Elísios distraíndo sua vista com os suplícios do Tártaro.⁷

4. — Como os pagãos, os cristãos têm o seu rei dos infernos, que é Satã, com a diferença de que Plutão se limitava a governar o sombrio império, que lhe coubera em partilha, mas ele não era mau; retinha consigo os que haviam praticado o mal, porque essa era sua missão, mas não buscava absolutamente induzir os homens ao mal para dar-se o prazer de fazê-los sofrer; enquanto Satã recruta por toda parte as vítimas que lhe apraz atormentar por suas legiões de demônios armados de forquinhos para remexê-las no fogo. Tem-se mesmo seriamente discutido sobre a natureza desse fogo que queima sem cessar os danados sem jamais consumi-los; tem-se perguntado se seria um fogo de betume.⁸ O inferno cristão não perde, pois, em nada ao inferno pagão.

5. — As mesmas considerações que, junto aos antigos, tinham feito localizar a morada da felicidade, tinham também feito circunscrever o lugar dos suplícios. Tendo os homens colocado o primeiro nas regiões superiores, era natural colocar o segundo nos lugares inferiores, quer dizer, no centro da Terra, ao qual se acreditava que certas cavidades sombrias e de aspecto terrível serviam de entrada. Foi lá também que os cristãos por muito tempo colocaram a morada dos rejeitados. Assinalemos ainda quanto a este assunto uma outra analogia.

O inferno dos pagãos compreendia, de um lado, os Campos Elísios e, do outro, o Tártaro; o Olimpo, morada dos deuses e dos homens divinizados, estava nas regiões superiores. Segundo *a letra* do Evangelho, Jesus desceu aos infernos, quer dizer, aos *lugares baixos*, para deles retirar as almas dos justos que esperavam sua vinda. Os infernos não eram, pois, unicamente um lugar de suplício; como entre os pagãos, eles estavam também nos *lugares baixos*. Ainda como o Olimpo, a morada dos anjos e dos santos ficava nos lugares elevados; colocaram-na para lá do céu das estrelas, que se julgava limitado.

⁶ Sermão pregado em Montpellier, em 1860.

⁷ “Os bem-aventurados, sem sair do lugar que ocupam, daí sairão, entretanto, de uma certa maneira, em razão de seu dom de inteligência e de sua visão clara, a fim de avaliar as torturas dos danados; e, ao vê-los, não somente não sentirão *nenhuma dor*, mas serão *impregnados de alegria*, e renderão graças a Deus por sua própria felicidade, assistindo à inefável calamidade dos ímpios.” (Santo Tomás de Aquino.)

⁸ Sermão pregado em Paris, em 1861.

6. — Esta mistura de ideias pagãs e de ideias cristãs nada tem que deva surpreender. Jesus não podia de um só golpe destruir as crenças enraizadas; faltavam aos homens os conhecimentos necessários para conceber o infinito do espaço e o número infinito dos mundos; a Terra era para eles o centro do Universo; não lhe conheciam nem a forma nem a estrutura interior; tudo estava para eles limitado a seu ponto de vista: suas noções do futuro não podiam estender-se para além de seus conhecimentos. Jesus se achava, portanto, na impossibilidade de iniciá-los no verdadeiro estado das coisas; mas, doutro lado, não desejando sancionar através de sua autoridade os preconceitos herdados, absteve-se, deixando ao tempo o cuidado de retificar as ideias. Ele se limitou a falar vagamente da vida bem-aventurada e dos castigos que esperam pelos culpados; mas em lugar algum, em seus ensinamentos, a gente encontra o quadro dos suplícios corporais, que os cristãos transformaram em um artigo de fé.

Eis como as ideias do inferno pagão se perpetuaram até nossos dias. Foi necessária a difusão das luzes nos tempos modernos e o desenvolvimento geral da inteligência humana para corrigi-las. Mas apesar disto, como nada de positivo tivesse substituído as ideias recebidas, ao longo período de uma crença cega sucedeu, como transição, o período de incredulidade, ao qual a nova revelação vem pôr um termo. Era necessário demolir antes de reconstruir, pois é mais fácil de se levar a aceitar as ideias justas aos que não creem em nada, porque sentem que lhes falta alguma coisa, do que aos que têm uma fé robusta naquilo que é absurdo.

7. — Pela localização do céu e do inferno, as seitas cristãs foram levadas a admitir para as almas apenas duas situações extremas: a perfeita felicidade e o sofrimento absoluto. O purgatório não é mais do que uma posição intermediária de momento, ao sair da qual elas passam, sem transição, à morada dos bem-aventurados. Não se saberia proceder diferentemente de acordo com a crença na sorte definitiva da alma após a morte. Se há somente duas moradas, a dos eleitos e a dos rejeitados, não se podem admitir muitos graus em cada uma sem admitir a possibilidade de os franquear e, por consequência, o progresso; ora, se há progresso, não há sorte definitiva; se há sorte definitiva, não há progresso. Jesus resolveu a questão quando disse: *“Há muitas moradas na casa de meu Pai.”*⁹

OS LIMBOS

8. — A Igreja admite, é verdade, uma posição especial em certos casos particulares. As crianças mortas em tenra idade, não tendo nada feito de mal, não podem ser condenadas ao fogo eterno; por outro lado, não tendo nada feito de bem, não têm nenhum direito à felicidade suprema. Elas estão por isso, diz-se, nos *limbos*, situação intermediária que não foi jamais definida, na qual, se não sofrem, também não usufruem perfeita felicidade. Contudo, porque sua sorte foi irrevogavelmente fixada, elas foram privadas dessa felicidade pela eternidade. Tal privação, desde que não dependeu delas para que fosse de outro modo, equivale a *um suplício eterno imerecido*. Acontece o mesmo

⁹ *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. III.

com os selvagens, que, não tendo recebido a graça do batismo e as luzes da religião, pecam por ignorância, abandonando-se a seus instintos naturais, e que não podem ter nem a culpa nem o mérito dos que puderam agir com conhecimento de causa. A simples lógica repudia uma tal doutrina em nome da justiça de Deus. A justiça de Deus está inteira nesta proposição do Cristo: “*A cada um segundo suas obras*”; mas é preciso entender as obras boas ou más que se realizam livremente, voluntariamente, as únicas que incorrem em responsabilidade, o que não é o caso nem da criança, nem do selvagem, nem daquele de quem não dependeu ser esclarecido.

QUADRO DO INFERNO PAGÃO

9. — Nós só conhecemos o inferno pagão pela narrativa dos poetas; Homero e Virgílio deram dele a descrição mais completa, mas é preciso ter em conta as necessidades que a poesia impõe à forma. A de Fénelon, no *Telêmaco*, conquanto sorvida na mesma fonte quanto às crenças fundamentais, tem a simplicidade mais precisa da prosa. Descrevendo em especial o aspecto lúgubre dos lugares, ele se dedica sobretudo a fazer sobressair o gênero de sofrimentos que suportam os culpados e, se ele se estende muito sobre a sorte dos maus reis, o faz tendo em vista a instrução de seu régio aluno. Por mais popular seja sua obra, muitas pessoas não têm, sem dúvida, essa descrição presente na memória, ou talvez não meditaram bastante sobre ela para estabelecer uma comparação; por isso cremos útil reproduzir-lhe as partes que têm uma relação mais direta com o assunto que nos ocupa, quer dizer, aquelas que se referem mais especialmente à penalidade individual.

10. — “Entrando, *Telêmaco* ouve gemidos de uma sombra que não podia consolar-se. Qual é, lhe pergunta, sua infelicidade? Quem foi o senhor na Terra? — Eu fui, lhe responde aquela sombra, *Nabofarzan*, rei da soberba *Babilônia*; todos os povos do Oriente tremiam ao simples sussurro de meu nome; fazia-me adorar pelos babilônios em um templo de mármore, onde eu estava representado por uma estátua de ouro, diante da qual se queimavam noite e dia os preciosos perfumes da *Etiópia*; jamais alguém ousou contradizer-me sem ser na hora punido; inventavam-se a cada dia novos prazeres para me tornar a vida mais deliciosa. Eu era inda jovem e robusto; pobre de mim! Que de mordomias me restavam ainda para saborear no trono! Mas u’a mulher que eu amava, e que não me amava, me fez depressa sentir que eu não era um deus: ela me envenenou; eu não sou mais nada. Puseram ontem com pompa minhas cinzas em uma urna de ouro: choraram, arrancaram os cabelos; fizeram de conta que desejavam jogar-se às chamas de minha fogueira, para morrer comigo; irão ainda gemer ao pé do soberbo túmulo onde puseram minhas cinzas, mas ninguém me lastima; minha memória está coberta de horror até para minha família, e neste mundo eu sofro já horríveis tratamentos.

“*Telêmaco*, tocado por esse espetáculo, lhe pergunta: Era o senhor verdadeiramente feliz durante seu reinado? Sentia aquela doce paz sem a qual o coração se mantém sempre oprimido e prostrado em meio das delícias? — Não, respondeu o babilônio; eu não sei mesmo o que você quer dizer. Os sábios enaltecem essa paz como o único bem; quanto a mim, eu jamais a senti; meu coração se deixava incessantemente

agitar por desejos novos, por medo e por esperança. Eu procurava aturdir-me a mim mesmo pela comoção de minhas paixões; eu cuidava de alimentar essa embriaguez para torná-la permanente; o menor intervalo com a razão tranquila ter-me-ia sido muito amargo. Eis a paz que gozei; qualquer outra me parece uma fábula ou um sonho; eis os bens que eu deploro.

“Assim falando, o babilônio chorava como um homem medroso que foi enfraquecido pelas mordomias, e que não estava absolutamente acostumado a suportar com perseverança uma infelicidade. Tinha junto de si alguns escravos que fizeram morrer para honrar seus funerais; Mercúrio os havia entregue a Caronte com seu rei e lhes havia dado um poder absoluto sobre esse rei, a quem tinham servido na Terra. *As sombras de escravos não temiam a sombra de Nabofarzan; elas a mantinham acorrentada e lhe propiciavam as mais cruéis indignidades.* Uma lhe dizia: Não éramos nós homens tanto quanto você? Como foi tão insensato para se crer um deus, sem se importar de considerar que você era da raça dos outros homens? Uma outra, para insultá-lo, dizia: Tinha você razão em não querer que o tomassem por um homem, porque você era um monstro sem humanidade. Uma outra lhe dizia: Muito bem! Onde estão agora seus adutores? Você não tem nada para dar, infeliz! Você não pode mais fazer qualquer mal; ei-lo feito escravo de seus escravos mesmos; os deuses são lentos em fazer justiça, mas enfim eles a fazem.

“A estas duras palavras, Nabofarzan se jogava de cara no chão, arrancando os cabelos em extremo de raiva e de desespero. Mas Caronte dizia aos escravos: Arrastem-no pela corrente; levantem-no a contragosto: *ele não terá nem mesmo a consolação de esconder sua vergonha: é preciso que todas as sombras do Estige dela sejam testemunhas para justificar os deuses, que suportaram por tanto tempo que esse ímpio reinasse na Terra.*

“Ele percebe logo, bem perto de si, o negro Tártaro; evolava uma fumaça negra e espessa, cujo odor empestado levaria a morte se se espalhasse pelo mundo dos vivos. Esse fumo cobria um rio de fogo e turbilhões de chamas, cujo barulho, semelhante ao das torrentes mais impetuosas quando se lançam de mais altos rochedos ao fundo dos abismos, fazia que não se pudesse nada ouvir distintamente nesses tristes lugares.

“Telêmaco, secretamente animado por Minerva, entrou sem medo nesse bátrio. Primeiro ele percebeu um grande número de homens que tinham vivido nas mais baixas condições e que estavam sendo punidos por haverem procurado as riquezas através das fraudes, das traições e das crueldades. Aí notou muitos ímpios hipócritas que, fazendo de conta amar a religião, dela se serviram como de um belo pretexto para satisfazer sua ambição e para representarem de homens crédulos: esses homens, que haviam abusado da própria virtude, conquanto ela seja o maior dom dos deuses, estavam sendo punidos como os mais celerados de todos os homens. Os filhos que degolaram seus pais e suas mães; as esposas que molharam as mãos no sangue de seus maridos; os traidores que venderam sua pátria, depois que violaram todos os juramentos, sofriam penalidades menos cruéis do que os hipócritas. Os três juizes dos infernos assim tinham deliberado, e eis a razão: é que os hipócritas não se contentam com ser maus como o resto dos ímpios; eles querem novamente passar por bons e fazem, através de sua falsa virtude, que os homens não ousem mais acreditar na verdadeira. Os deuses, com quem brincaram e que

tornaram desprezíveis aos homens, sentem prazer em empregar todo o seu poderio para se vingarem de seus insultos.

“Perto destes, apareciam outros homens que o vulgo não crê absolutamente culpados mas que a vingança divina persegue impiedosamente: são os ingratos, os mentirosos, os adutores que louvaram o vício, os críticos malignos que procuraram desonrar a mais pura virtude; enfim, os que julgaram temerariamente as coisas sem as conhecer a fundo, e que, por isso, depreciaram a reputação dos inocentes.

“Telêmaco, vendo os três juizes que estavam sentados e que condenavam um homem, ousou perguntar-lhes quais tinham sido seus crimes. De imediato, o condenado, tomando a palavra, bradou: Eu jamais fiz algum mal; eu pus todo o meu prazer em fazer o bem; eu fui magnificente, liberal, justo e compassivo; de que me podem, pois, acusar? Então Minos lhe disse: Ninguém o acusa de nada em relação aos homens; mas não devia você menos aos homens que aos deuses? Qual é, pois, essa justiça de que você se vangloria? Você não faltou em nenhum dever no que respeita aos homens, que não são nada; você foi virtuoso, mas só atribuiu toda a sua virtude a você mesmo, e não aos deuses que lha haviam dado, pois queria usufruir o fruto de sua própria virtude e se fechar em si mesmo: *you were your own divinity*. Mas os deuses, que tudo fizeram, e que nada fizeram senão para si mesmos, não podem renunciar a seus direitos; você os esqueceu; eles o esquecerão; eles o abandonarão a si mesmo, visto que você quis pertencer a si mesmo e não a eles. *Procure, pois, agora, caso você possa, seu consolo em seu próprio coração*. Ei-lo para sempre separado dos homens, aos quais queria agradar; ei-lo só consigo mesmo, você que é seu ídolo: aprenda que não há verdadeira virtude sem o respeito e o amor aos deuses, a quem tudo é devido. Sua falsa virtude, que por muito tempo deslumbrou os homens fáceis de enganar, vai ser confundida. Os homens, julgando os vícios e as virtudes tão só pelo que os choca ou lhes convém, são cegos quer quanto ao bem, quer quanto ao mal. Aqui, uma luz divina substitui todos os seus julgamentos artificiais; ela condena com frequência o que eles admiram, e justifica o que eles condenam.

“A estas palavras, o filósofo, como que ferido por um raio, não podia suportar a si mesmo. O contentamento que tivera outrora em contemplar sua moderação, sua coragem, suas inclinações generosas, se transforma em desespero. À vista de seu próprio coração, inimigo dos deuses, torna-se seu suplício; ele se vê, e não pode cessar de se ver; vê a vaidade dos preconceitos dos homens, aos quais desejou agradar em todas as suas ações. Promove-se uma revolução universal em tudo o que existe dentro dele, como se lhe remexessem todas as entranhas; não se acha mais o mesmo; todo apoio lhe falta no coração; sua consciência, cujo testemunho lhe tinha sido tão doce, se subleva contra ele, e o acusa amargamente o extravio e a ilusão de todas as suas virtudes, que não tiveram nunca o culto da Divindade por princípio e por fim; ele está perturbado, consternado, cheio de vergonha, de remorso e de desespero. *As Fúrias não o atormentam mais, porque lhes foi o bastante terem-no abandonado a si mesmo*, para que seu próprio coração vingue suficientemente os deuses desprezados. Procura os lugares mais sombrios para se esconder dos outros mortos, não podendo esconder-se de si mesmo. *Procura as trevas e não pode encontrá-las; uma luz importuna o segue por toda parte*; por toda parte os raios penetrantes da verdade irão vingar a verdade que ele descurou de seguir. Tudo o que amou se lhe torna odioso como sendo a fonte de seus males que não podem jamais findar.

Ele diz consigo mesmo: Ó insensato! Eu não conheci, pois, nem os deuses, nem os homens, nem a mim mesmo! Não, eu não conheci nada, porque não amei jamais o único e verdadeiro bem; todos os meus passos foram extravios; minha sabedoria não era mais que loucura; minha virtude não era mais que um orgulho ímpio e cego: eu era meu ídolo, eu mesmo.

“Enfim, Telêmaco avistou os reis que foram condenados por haverem abusado de seu poder. De um lado, uma Fúria vingadora *lhes apresentava um espelho que lhes mostrava toda a deformidade de seus vícios*: ali, eles viam, e não podiam impedir-se de ver sua vaidade grosseira e ávida dos mais ridículos louvores; sua dureza para com os homens a quem deveriam ter trazido a felicidade; sua insensibilidade para com a virtude; seu medo de compreender a verdade; sua inclinação pelos homens cobardes e adutores; sua negligência; sua frouxidão; sua indolência; sua desconfiança inoportuna; seu fausto e sua excessiva magnificência fundeados sobre a ruína dos povos; sua ambição em comprar um pouco de vanglória com o sangue de seus cidadãos; enfim sua crueldade, que procura a cada dia novas delícias em meio às lágrimas e ao desespero de tantos infelizes. Eles se viam sem cessar naquele espelho; eles se achavam mais horríveis e mais monstruosos como nem é a Quimera, vencida por Belerofonte, nem a Hidra de Lerna, abatida por Hércules, nem Cérbero mesmo, ainda que vomite por suas três goelas hiantes um sangue negro e venenoso que é capaz de empestar toda a raça dos mortais vivente sobre a Terra.

“Ao mesmo tempo, de um outro lado, uma outra Fúria lhes repetia com insultos todos os louvores que seus adutores lhes deram durante a vida e lhes apresentavam um outro espelho, onde se viam tais como a adulação os havia pintado. *A oposição dessas duas pinturas tão contrárias era o suplício de sua vaidade*. Notava-se que os piores dentre esses reis eram os que a quem se deram os mais magníficos louvores durante a vida, porque os maus são mais temidos que os bons e porque exigem sem pudor as lassas adulações dos poetas e dos oradores de seu tempo.

“Ouve-se seu gemer nessas profundas trevas, onde tão só podem perceber os insultos e as zombarias que têm de sofrer. Não têm nada a seu redor que não os rejeite, que os contradiga, que não os confunda, enquanto que na Terra usufruíam a vida dos homens e pretendiam que tudo era feito para servi-los. No Tártaro, estão abandonados a todos os caprichos de certos escravos, estes os fazem sentir, a seu turno, uma cruel servidão; servem com dor e não lhes resta nenhuma esperança de poder jamais suavizar seu cativo, estão sob os golpes dos escravos, tornados seus tiranos impiedosos, como uma incude está sob as pancadas dos martelos dos Ciclopes, quando Vulcano os pressiona a trabalhar nas fornalhas ardentes do Monte Etna.

“Ali, Telêmaco viu semblantes pálidos, hediondos e consternados. É uma tristeza negra que devora esses criminosos; eles têm horror de si mesmos mas não podem livrar-se desse horror não mais do que de sua própria natureza; *não têm necessidade de outro castigo para suas culpas além dessas mesmas culpas; elas as veem sem cessar em toda a sua enormidade; elas se apresentam a eles como espectros horríveis e os perseguem*. Para escapar a isso, procuram u’a morte mais poderosa do que aquela que os separou do corpo. No desespero em que estão, chamam para seu socorro u’a morte que lhes possa extinguir todo sentimento e todo conhecimento; rogam aos abismos que os engulam para se furtarem aos raios vingadores da verdade que os perseguem, mas são poupados para a

vingança que cai sobre eles gota a gota e que não estancará jamais. *A verdade que temeram ver torna-se seu suplício*; eles a veem, e têm olhos tão só para vê-la erguer-se contra eles: sua visão os atravessa, os dilacera, os arranca de si mesmos; ela é como o raio; sem nada destruir por fora, penetra até o fundo das entranhas.

“Entre esses sujeitos que faziam eriçar os cabelos a Telêmaco sobre sua cabeça, viu ele vários dos antigos reis da Lídia que tinham sido punidos por haverem preferido as delícias de uma vida langorosa ao trabalho para o refrigério dos povos, o qual deve ser inseparável da realeza.

“Estes reis censuravam-se uns aos outros sua cegueira. Um dizia a outro, que tinha sido seu filho: Não lhe recomendei frequentemente, durante minha velhice e antes de minha morte para reparar os males que eu tinha provocado por minha negligência? — Ah! Infeliz pai!, dizia o filho, foi o senhor quem me perdeu! Foi seu exemplo que me inspirou o fausto, o orgulho, a voluptuosidade e a dureza para com os homens! Vendo-o governar com tanta flacidez e cercado de reles adutores, eu me acostumei a gostar da adulação e dos prazeres. Acreditei que o restante dos homens estavam para os reis como os cavalos e outros animais de carga estão para os homens, quer dizer, os animais a que só se presta atenção enquanto prestam serviços e proporcionam comodidades. Acreditei nisso, e foi o senhor quem me fez crer; e agora sofro tantos males por tê-lo imitado. A estas recriminações juntavam as mais horrendas maldições, e pareciam movidos de raiva bastante para se entredilacerarem.

“Em torno desses reis voluteavam ainda, como corujas da noite, as cruéis suspeitas, os vãos alarmes, as desconfianças que vingam os povos da rizeza de seus reis, da fome insaciável das riquezas, da falsa glória sempre tirânica, enquanto a lassidão covarde redobra todos os males que se sofrem, sem poder jamais obter sólidos prazeres.

“Viam-se muitos desses reis severamente punidos, não pelos males que houvessem feito, mas *por haverem negligenciado o bem que deveriam ter feito*. Todos os crimes dos povos que vêm da negligência com que fizeram observar as leis, estavam sendo imputados aos reis, que só devem reinar com o fito de que as leis reinem através de seu ministério. Imputavam-lhes também todas as desordens que vêm do fausto, do luxo e de todos os outros excessos que jogam os homens em um estado violento e na tentação de menosprezar as leis para alcançar os bens. Sobretudo tratavam-se rigorosamente os reis que, em lugar de serem bons e vigilantes pastores de povos, haviam cuidado somente de destruir o rebanho, como lobos vorazes.

“Mas o que consternou além de tudo Telêmaco foi ver, nesse abismo de trevas e de males, um grande número de reis que, tendo passado na Terra por reis assaz bons, tinham sido condenados às penas do Tártaro por se terem deixado governar por homens maus e artificiosos. Eles estavam sendo punidos pelos males que haviam deixado fazer sob sua autoridade. Além disso, a maior parte desses reis não haviam sido nem bons nem maus, tanto sua fraqueza havia sido grande; não haviam jamais temido por não conhecerem a verdade; não haviam nunca tido o gosto da virtude, e não haviam nunca posto seu prazer em fazer o bem.”

QUADRO DO INFERNO CRISTÃO

11. — A opinião dos teólogos sobre o inferno está resumida nas citações seguintes¹⁰. Esta descrição, sendo extraída dos autores sacros e da vida dos santos, pode tanto melhor ser considerada como expressão da fé ortodoxa nesta matéria, pois é a cada instante reproduzida, com algumas pequenas variantes, nos sermões da tribuna evangélica e nas instruções pastorais.

12. — “Os demônios são puros Espíritos, e os condenados, presentemente no inferno, podem também ser considerados como puros Espíritos, porquanto sua alma apenas aí desceu e suas ossadas entregues ao pó se transformam incessantemente em ervas, em plantas, em frutos, em minerais e líquidos, sofrendo, sem que o saibam, as contínuas metamorfoses da matéria. Mas os condenados, como os santos, devem ressuscitar no último dia, e retomar, para não mais deixá-lo, um corpo carnal, o mesmo corpo com o qual eles foram conhecidos entre os vivos. O que os distinguirá uns dos outros é que os eleitos ressuscitarão em um corpo purificado e todo radioso; os condenados, em um corpo imundo e desfigurados pelo pecado. Não haverá mais, portanto, no inferno puros Espíritos somente; haverá homens como nós. O inferno é, por consequência, um lugar físico, geográfico, material, porque será povoado por criaturas terrestres, tendo de pés, mãos, uma boca, uma língua, dentes, orelhas, olhos semelhantes aos nossos, e sangue nas veias e nervos sensíveis à dor.

“Onde está situado o inferno? Alguns doutores o colocaram nas entranhas mesmas de nossa Terra; outros, eu não sei em que planeta; mas a questão não foi decidida por nenhum concílio. Estamos, pois, quanto a este ponto, reduzidos às conjecturas; a única coisa que se afirma é que o inferno, em qualquer região que esteja situado, é um mundo composto de elementos materiais, mas um mundo sem sol, sem lua, sem estrelas, mais triste, mais inóspito, mais desprovido de todo germe e de toda aparência do bem, como nem mesmo são as partes mais inabitáveis deste mundo em que pecamos.

“Os teólogos circunspectos não ousam pintar, à maneira dos egípcios, dos hindus e dos gregos, todos os horrores dessa morada; limitam-se a nos indicar, como uma amostra, o pouco que a *Escritura* desvela, o lago de fogo de enxofre do *Apocalipse* e os vermes de Isaías, esses vermes eternamente formigando sobre os cadáveres do Tofet, e os demônios atormentando os homens que eles perderam, e os homens chorando e rangendo os dentes, segundo a expressão dos evangelistas.

“Santo Agostinho não concorda que essas penas físicas sejam apenas reflexos das penas morais; ele vê, num verdadeiro lago de enxofre, vermes e serpentes verdadeiros agarrando-se a todas as partes dos corpos dos danados e juntando suas mordeduras àquelas do fogo. Ele pretende, conforme um versículo de São Marcos, que esse fogo estranho, ainda que material como o nosso e agindo sobre corpos materiais, os conservará como o sal conserva a carne das vítimas. Mas os danados, vítimas sempre sacrificadas e sempre vivas, sentirão a dor desse fogo que queima sem destruir; *ele penetrará sob sua*

¹⁰ Estas citações são tiradas da obra intitulada *O Inferno*, de Augusto Callet.

pele; eles serão embebidos e saturados em todos os seus membros; e na medula de seus ossos; e na pupila de seus olhos; e nas fibras as mais escondidas e as mais sensíveis de seu ser. A cratera de um vulcão, se nela pudessem mergulhar, seria para eles um lugar de refrigério e repouso.

“Assim falam, com toda a segurança, os teólogos os mais tímidos, os mais discretos, os mais reservados; não negam, além do mais, que haja no inferno outros suplícios corporais; dizem somente que, para falarem sobre eles, não têm conhecimento suficiente, tão positivo, pelo menos quanto o que lhes foi dado sobre o horrível suplício do fogo e sobre o repugnante suplício dos vermes. Mas há teólogos mais argutos ou mais esclarecidos que fazem do inferno descrições mais detalhadas, mais variadas e mais completas. E, se bem que não se saiba em que lugar do espaço esse inferno está situado, há santos que o viram. Eles lá não foram com a lira na mão, como Orfeu, ou de espada na mão, como Ulisses; mas foram transportados em Espírito. Santa Teresa está neste número.

“Pareceria, conforme o relato da santa, que há cidades no inferno: ela aí viu, pelo menos, uma espécie de ruela longa e estreita, como existem tantas nas velhas cidades; ela aí entrou, andando com horror sobre um terreno lamacento, fétido, onde fervilhavam monstruosos répteis; mas foi detida em sua caminhada por um muro que barrava a ruela; nesse muro, estava construído um nicho onde Teresa se agachou, sem saber direito como isso aconteceu. Era, diz ela, o lugar que lhe estava destinado, se abusasse, enquanto viva, das graças que Deus derramava sobre sua cela de Ávila. Se bem que ela tivesse sido introduzida com uma facilidade maravilhosa naquele nicho de pedra, não podia, entretanto, nem sentar-se, nem deitar-se, nem ficar de pé: ainda menos podia sair; esses horríveis muros, permanecendo abaixados sobre ela, a envolviam, a encerravam, como se fossem animados. Parecia-lhe que a sufocavam, que a estrangulavam, e, ao mesmo tempo, que a esfolavam viva e que a retalhavam em peças; e ela se sentia queimar, e experimentava, de uma vez, todos os gêneros de angústias. De socorro, nenhuma esperança; tudo em torno dela eram trevas, não obstante, através dessas trevas, percebia novamente, não sem estupor, a pavorosa rua onde se estava alojada, e toda a sua imunda vizinhança, espetáculo para ela tão intolerável quanto as angústias de sua prisão.¹¹

“Não era aquele, sem dúvida, mais do que um pequeno canto do inferno. Outros viajantes espirituais foram mais favorecidos. Estes viram no inferno grandes cidades inteiramente em fogo: Babilônia e Nínive, Roma mesmo, seus palácios e seus templos em brasas, e todos os habitantes acorrentados; o comerciante a seu balcão; sacerdotes reunidos a cortesãos nas salas de festins, e gritando em suas poltronas de onde não podiam mais se desprender, e levando a seus lábios, para se dessedentarem, copos de onde saíam chamas; criados de joelhos em cloacas ferventes, com braços estendidos; e príncipes de cuja mão escorria sobre eles, em lava corrosiva, o ouro fundido. Outros viram no inferno planícies sem limites que cavavam e semeavam camponeses famintos, e dessas planícies fumegantes com seus suores, como não colhiam nada dessas sementes estéreis, os camponeses se devoravam entre eles mesmos, após o que, tão numerosos quanto antes, tão magros, tão famintos, se dispersavam em bandos no horizonte, indo procurar ao longe, mas em vão, terras mais felizes, sendo substituídos de pronto, nos campos que

¹¹ Reconhecem-se, nesta visão, todos os caracteres dos pesadelos; é, pois, provável que foi um efeito desse gênero que se produziu em Santa Teresa.

abandonavam, por outras colônias errantes de danados. Existe quem tenha visto no inferno montanhas cercadas de precipícios, florestas gementes, poços sem água, fontes alimentadas por lágrimas, rios de sangue, turbilhões de neve em desertos de gelo, barcas de desesperados, vagando sobre mares sem praia. Aí reviram, em uma palavra, tudo o que os pagãos viam: um reflexo lúgubre da Terra, uma sombra desmesuradamente engrandecida de suas misérias, e até calabouços, forcas e instrumentos de tortura que nossas próprias mãos forjaram.

“Há lá embaixo, com efeito, demônios que, para melhor atormentarem os homens em seus corpos, assumem corpos. Uns têm asas de morcegos, cornos, couraças de escama, patas com garras, dentes agudos; mostram-nos armados de espadas, de forcados, de pinças, de tenazes ardentes, de serras, de grelhas, de foles, de maças, exercendo por toda a eternidade, com carne humana, o ofício de cozinheiros e de açougueiros; outros, transformados em leões ou em víboras enormes, arrastam suas presas para cavernas solitárias; alguns se transmudam em corvos, para arrancar os olhos a certos culpados, e outros, em dragões voadores, para os atacam sobre seu dorso, os levarem aterrados, ensanguentados, gritando, através de espaços tenebrosos, e depois os deixarem tombar no lago de enxofre. Eis aqui nuvens de gafanhotos, de escorpiões gigantes, cuja vista produz estremeamento, cujo cheiro produz náuseas, cujo menor contato produz convulsões; eis ali monstros de mil cabeças, abrindo por todo lado goelas vorazes, sacudindo sobre suas cabeças disformes crinas de serpentes, triturando os condenados entre suas mandíbulas sangrentas e vomitando-os macerados, porém vivos, porque são imortais.

“Esses demônios de forma sensível, que lembram tão visivelmente os deuses do Amente e do Tártaro, e os ídolos que adoravam os fenícios, os moabitas e outros gentios vizinhos da Judeia, esses demônios não agem nunca ao acaso; cada um tem sua função e sua tarefa. O mal que fazem no inferno está em relação com o mal que inspiraram e fizeram cometer na Terra¹². Os danados são punidos em todos os seus sentidos e em todos os seus órgãos, porque ofenderam a Deus por todos os seus sentidos e por todos os seus órgãos; punidos de um lado como gulosos pelos demônios da glotonaria, e de outro lado como preguiçosos pelos demônios da preguiça, e de outro ainda como fornicadores pelos demônios da fornicção, e de muitas outras diversas maneiras de pecar. Terão frio, queimando-se todos, e calor, gelando-se todos; estarão ávidos de repouso e ávidos de movimento; e sempre esfaimados; e sempre sedentos, e mil vezes mais fatigados que escravo ao fim do dia, mais doentes que os moribundos, mais cansados, mais quebrantados, mais cobertos de chagas que os mártires, e isso não acabará nunca.

“Nenhum demônio se recusa nem se recusará jamais à sua medonha tarefa; são todos eles, quanto a isso, bem disciplinados e fiéis para executarem *as ordens de vingança que receberam*; sem isso, em que tornaria o inferno? Os pacientes repousariam se os verdugos viessem a se queixar ou a se enfastiar. Mas, nada de repouso para uns nem de queixas para os outros; por piores que sejam e por mais inumeráveis que sejam, os demônios se estendem de um extremo a outro do abismo, e jamais se viu sobre a Terra

¹² Singular punição, na verdade, a que consistiria em poder continuar, em maior escala, o mal que fizeram em menor na Terra! Seria mais racional que sofressem eles mesmos as consequências desse mal, em lugar de se darem ao prazer de o fazerem sofrer os outros.

nações mais dóceis a seus príncipes, exércitos mais obedientes a seus chefes, comunidades monásticas mais humildemente submissas a seus superiores.¹³

“Não se conhece quase nada, aliás, da população dos demônios, esses reles Espíritos dos quais se compõem as legiões de vampiros, de necrófagos, de sapos, de escorpiões, de corvos, de hidras, de salamandras e de outros animais sem nome que constituem a fauna das regiões infernais; mas se conhecem e se nomeiam muitos dos príncipes que comandam essas legiões, entre outros, Belfegor, o demônio da luxúria; Abadão ou Apolião, o demônio do homicídio; Belzebu, o demônio dos desejos impuros, ou o mestre das moscas que engendram a corrupção; e Mamom, o demônio da avareza, e Moloque, e Belial, e Baalgade, e Astárote e muitos outros, e sobre eles seu chefe universal, o sombrio arcanjo que portava no céu o nome de Lúcifer e que porta no inferno o de Satã.

“Eis aí, em resumo, a ideia que nos dão do inferno, considerado do ponto de vista de sua natureza física e das penas físicas que aí se sofre. Abram os escritos dos Padres e dos antigos Doutores; interroguem nossas lendas religiosas; observem as esculturas e os quadros das nossas igrejas; prestem atenção ao que se diz em nossos púlpitos e aprenderão muito mais.”

13. — O autor coloca em seguida a esse quadro as reflexões seguintes, cujo alcance cada um compreenderá:

“A ressurreição dos corpos é um milagre; mas Deus faz um segundo milagre, ao dar a esses corpos mortais, já usados uma vez pelas passageiras provas da vida, já uma vez aniquilados, a virtude de subsistir, sem se dissolver, numa fornalha onde se evaporariam os metais. Que se diga que a alma é seu próprio verdugo, que Deus não a persegue mas que ele a abandona no estado infeliz que ela escolheu, isto se pode a rigor compreender, conquanto o abandono eterno de um ser desgarrado e sofredor pareça pouco conforme à bondade do Criador; mas o que se diz da alma e das penas espirituais, não se pode, de maneira alguma, dizer dos corpos e das penas corporais; para perpetuar as penas corporais, não basta que Deus retire sua mão; é preciso, ao contrário, que intervenha, que aja, sem o que os corpos sucumbiriam.

“Os teólogos supõem, pois, que Deus opera, com efeito, após a ressurreição dos corpos, esse segundo milagre de que falamos. Ele tira, primeiro, do sepulcro, que os havia devorado, nossos corpos de argila; ele os retira tais quais aí foram postos, com suas enfermidades originais e as degradações sucessivas da idade, da doença e do vício; ele nos deixa nesse estado, decrepitos, friorentos, gotosos, cheios de necessidades, sensíveis a uma picada de abelha, inteiramente cobertos pela degenerescência que a vida e a morte lhe imprimiram, e aí está o primeiro milagre; depois, a esses corpos mesquinhos, prestes a retornar ao pó de onde saem, ele inflige uma propriedade que jamais tiveram, e eis aí o segundo milagre; ele lhes inflige a imortalidade, esse mesmo dom que, em sua cólera, digam antes em sua misericórdia, retirou de Adão ao sair do Éden. Quando Adão era imortal, era invulnerável, e quando cessou de ser invulnerável, tornou-se mortal; a morte seguiu de perto a dor.

¹³ Esses mesmos demônios rebeldes a Deus quanto ao bem, são de uma docilidade exemplar para praticar o mal, nenhum deles se recusa nem se relaxa durante a eternidade. Que estranha metamorfose se operou neles que foram criados puros e perfeitos como os anjos!

Não é bem singular vê-los dar o exemplo da perfeita combinação, de harmonia, de concórdia inalterável, enquanto os homens não sabem viver em paz e se estraçalham na Terra? Vendo-se o requinte dos castigos reservados aos danados e comparando-se a sua situação à dos demônios, a gente pergunta quais os mais lastimáveis: os verdugos ou as vítimas?

“A ressurreição não nos recompõe, pois, nem nas condições físicas do homem inocente, nem nas condições físicas do homem culpado; é uma ressurreição das nossas misérias somente, mas com uma sobrecarga de misérias novas, infinitamente mais horríveis. É, em parte, uma verdadeira criação, e a mais maliciosa que a imaginação ousou conceber. Deus reconsidera, e, para ajuntar aos tormentos espirituais dos pecadores tormentos carnis que possam durar para sempre, muda de repente, por efeito de seu poder, as leis e as propriedades por ele mesmo estabelecidas, desde o começo, aos compostos da matéria; ressuscita as carnes doentes e corrompidas e, amarrados com um nó indestrutível esses elementos que tendem por si mesmos a se separar, mantém e perpetua, contra a ordem natural, essa podridão viva; joga-a ao fogo, não para a purificar, mas para conservá-la tal qual está, sensível, sofrente, incendida, horrível, e com isso tal como a quer imortal.

“Fazem de Deus, por esse milagre, um dos verdugos do inferno, pois, se os danados somente podem imputar a si mesmos seus males espirituais, eles não podem, em compensação, atribuir os outros males senão a Deus. Era muito pouco aparentemente abandoná-los, após a morte, à tristeza, ao arrependimento e a todas as angústias de uma alma que sente que perdeu o bem supremo; Deus irá, segundo os teólogos, buscá-los nessa noite, ao fundo desse abismo; ele os chamará um momento ao dia, não para os consolar, mas para os revestir de um corpo medonho, chamejante, imperecível, mais empestado que a túnica de Dejanira, e é então somente que os abandona para sempre.

“Ele, na verdade, não os abandonará, porque o inferno não subsiste, assim como o céu e terra apenas subsistem, por um ato permanente de sua vontade, sempre ativa, e porque tudo se desvaneceria se ele cessasse de tudo sustentar. Ele manterá, portanto, sem cessar, a mão sobre eles, para impedir seu fogo de se extinguir e seus corpos de se consumirem, querendo que esses infelizes imortais contribuam, pela perenidade de seu suplício, para a edificação dos eleitos.”

14. — Nós dissemos, com razão, que o inferno dos cristãos havia sobrepujado o dos pagãos. No Tártaro, com efeito, se veem os culpados torturados pelo remorso, sempre em face de seus crimes e de suas vítimas, abatidos por aqueles que haviam abatido em sua vida; são vistos a fugir da luz que os penetra, e procurar em vão escapar aos olhares que os perseguem; o orgulho ali é prostrado e humilhado; todos trazem os estigmas de seu passado; todos são punidos por suas próprias faltas, a tal ponto que, para alguns, basta abandoná-los a si mesmos, e porque se julga inútil de acrescentar outros castigos. Mas são *sombras*, quer dizer, *almas com seus corpos fluídicos, imagem de sua existência terrestre*; ali não se veem os homens retomarem seu corpo carnal para sofrer materialmente, nem o fogo a penetrar sob sua pele, e saturá-los até à medula dos ossos, nem o requinte e o refinamento das torturas que constituem a base do inferno cristão. Encontram-se aí juízes inflexíveis mas justos, que proporcionam a pena à falta, enquanto no império de Satã todos são confundidos nas mesmas torturas; tudo é fundamentado sobre a materialidade; a equidade mesma daí está banida.

Existe, sem dúvida, hoje na Igreja mesma, muitos homens de senso que não admitem essas coisas ao pé da letra, e tão só veem nelas alegorias cujo espírito é preciso discernir; mas sua opinião é individual e não constitui lei. A crença no inferno material, com todas as suas consequências, ainda se conserva como um artigo de fé.

15. — A gente pergunta como os homens têm podido ver essas coisas em êxtase, se elas não existem. Não é aqui o local para explicar a fonte das imagens fantásticas que se produzem às vezes com as aparências da realidade. Nós diremos somente que é preciso nisto ver uma prova do princípio de que o êxtase é a menos segura de todas as revelações¹⁴, porque esse estado de superexcitação nem sempre significa um desprendimento d'alma tão completo quanto se poderia crer, e porque nele se encontra, muito frequente, o reflexo das preocupações da vigília. As ideias com que a mente se nutre, e das quais o cérebro, ou antes o invólucro perispiritual correspondente ao cérebro, conservou a impressão, se reproduzem ampliadas como em uma miragem, sob formas vaporosas que se cruzam e se confundem, e compõem conjuntos bizarros. Os extáticos de todos os cultos sempre viram coisas relacionadas à fé da qual estão investidos; não é, pois, surpreendente que aqueles que, como Santa Teresa, estão fortemente imbuídos das ideias de inferno, tais quais lhes dão as descrições verbais ou escritas e os quadros, tenham visões, que são, propriamente falando, a reprodução deles, e produzem o efeito de um pesadelo. Um pagão cheio de fé teria visto o Tártaro e as Fúrias, como teria visto, no Olimpo, Júpiter com um raio na mão.

¹⁴ *O Livro dos Espíritos*, n.ºs 443 e 444.

CAPÍTULO V

O PURGATÓRIO

1. — O Evangelho não faz nenhuma menção do purgatório, que foi admitido pela Igreja só no ano de 593. Este é seguramente um dogma mais racional e mais conforme à justiça de Deus que o inferno, pois estabelece penas menos rigorosas e resgatáveis para as faltas de meia gravidade.

O princípio do purgatório está, portanto, fundamentado na equidade, pois, comparado à justiça humana, é a detenção temporária ao lado da condenação perpétua. O que se pensaria de um país que tão só tivesse a pena de morte para os crimes e para os simples delitos? Sem o purgatório, há para as almas as duas alternativas extremas: a felicidade absoluta ou o suplício eterno. Nesta hipótese, como ficariam as almas culpadas somente de faltas ligeiras? Ou elas partilham a felicidade dos eleitos sem serem perfeitas, ou sofrem o castigo dos maiores criminosos sem terem feito muito mal, o que não seria nem justo nem racional.

2. — Mas a noção do purgatório deveria necessariamente ser incompleta; isto porque, conhecendo somente a pena pelo fogo, fizeram dele um diminutivo do inferno; as almas aí queimam também, mas por um fogo menos intenso. Sendo o progresso inconciliável com o dogma das penas eternas, as almas não saem daí em consequência de seu adiantamento, mas pela virtude das preces que se dizem ou que se mandam dizer em sua intenção.

Se a ideia primeira foi boa, não é o mesmo com suas consequências, pelos abusos de que ela foi a fonte. Por meio das preces pagas, o purgatório se tornou u'a mina mais produtiva que o inferno.¹⁵

3. — O lugar do purgatório não foi jamais determinado, nem a natureza das penas que nele se sofrem claramente definida. Estava reservado à revelação nova preencher essa lacuna, explicando-nos as causas das misérias da vida terrestre, das quais a pluralidade de existências poderia sozinha mostrar-nos a justiça.

Essas misérias são necessariamente a consequência das imperfeições da alma, pois, se a alma fosse perfeita, não cometeria qualquer falta e não teria de sofrer as consequências delas. O homem que fosse sóbrio e moderado em tudo, por exemplo, não seria presa das doenças que engendram os excessos. O mais frequente, ele é infeliz neste mundo por sua própria culpa; mas, se é imperfeito, é que ele era antes de vir para a Terra; aqui expia não somente as faltas atuais, mas as anteriores que não reparou ainda; sofre em uma vida as provações que fez sofrer aos outros em uma outra existência. As vicissitudes

¹⁵ O purgatório deu nascimento ao comércio escandaloso das indulgências, com a ajuda das quais se vendia a entrada do céu. Este abuso foi a primeira causa da Reforma, e foi o que fez Lutero rejeitar o purgatório.

que experimenta são ao mesmo tempo um castigo temporário e uma advertência das imperfeições de que deve desfazer-se para evitar as desgraças futuras e progredir rumo ao bem. Estas são para a alma as lições da experiência, lições rudes às vezes, mas tanto mais proveitosas para o futuro quanto deixem u'a mais profunda impressão. Essas vicissitudes ocasionam lutas incessantes que desenvolvem suas forças e suas faculdades morais e intelectuais, fortificando-a no bem, e de onde ela sai sempre vitoriosa, se tiver a coragem de sustentá-las até o fim. O prêmio da vitória está na vida espiritual, onde ela entra radiosa e triunfante como o soldado que sai da batalha e vem receber a palma gloriosa.

4. — Cada existência propicia à alma a ocasião de um passo avante; de sua vontade depende que esse passo seja o maior possível, para saltar numerosos degraus ou para ficar no mesmo ponto; neste último caso, ela sofreu sem proveito, e como é preciso sempre, cedo ou tarde, pagar sua dívida, terá que recomeçar uma nova existência em condições ainda mais penosas, porque a u'a mancha não desfeita ela junta uma outra mancha.

É, pois, nas encarnações sucessivas que a alma se despoja pouco a pouco de suas imperfeições, que ela *purga*, em uma palavra, até que esteja assaz pura para merecer trocar os mundos de expiação por mundos mais felizes, e, mais tarde, estes para gozar da felicidade suprema.

O *purgatório* não é, pois, uma ideia vaga e incerta; é uma realidade material que nós vemos, que nós tocamos e que nós sofremos; ele está nos mundos de expiação, e a Terra é um desses mundos; os homens aí expiam seu passado e seu presente em proveito de seu futuro. Mas, contrariamente à ideia que se faz sobre isso, depende de cada um abreviar ou prolongar sua morada nele, segundo o grau de adiantamento e de depuração ao qual tenha chegado por seu trabalho sobre si mesmo; daí se sai, não porque findou seu tempo ou pelos méritos de outrem, mas por causa de seu próprio mérito, segundo esta sentença do Cristo: "*A cada um segundo suas obras*", sentença que resume toda a justiça de Deus.

5. — Aquele, pois, que sofre nesta vida deve dizer a si mesmo que é porque não foi suficientemente depurado, em sua precedente existência, e que, se não o fizer nesta aqui, sofrerá ainda na seguinte. Isto é a um tempo equitativo e lógico. Sendo o sofrimento inerente à imperfeição, sofre-se tanto tempo quanto se for imperfeito, como se sofre de uma doença tanto tempo quanto não se tratar dela. É assim que, enquanto um homem for orgulhoso, sofrerá as consequências do orgulho; enquanto for egoísta, sofrerá as consequências do egoísmo.

6. — O Espírito culpado sofre primeiro na vida espiritual em razão do grau de suas imperfeições; depois a vida corporal lhe é dada como meio de reparação; é por isso que ele aí se reencontra seja com as pessoas que ofendeu, seja em ambientes análogos àqueles onde fez o mal, seja em situações que lhe são a contrapartida, como, por exemplo, estar na miséria, se foi um mau rico; em uma condição humilhante, se foi orgulhoso.

A expiação no mundo dos Espíritos e na Terra não constitui um duplo castigo para o Espírito; é aquele mesmo que persiste na Terra, como complemento, a fim de lhe facilitar seu melhoramento por um trabalho efetivo; depende dele aproveitá-lo. Não é preferível para ele voltar à Terra com a possibilidade de ganhar o céu, a ser condenado sem remissão deixando-a de lado? Esta liberdade que lhe é concedida é uma prova da sabedoria, da bondade e da justiça de Deus, que quer que *o homem deva tudo a seus esforços e seja o*

artífice de seu futuro; se ele estiver infeliz, e se assim estiver por mais ou menos tempo, só pode queixar-se de si mesmo: a via do progresso lhe está sempre aberta.

7. — Se se considerar quanto é grande o sofrimento de certos Espíritos culpados no mundo invisível, quanto é terrível a situação de alguns, a quais angústias estão presos, e quanto essa posição se torna mais penosa pela impossibilidade aí onde estão de lhe verem o termo, se poderia dizer que isso é para eles o *inferno*, se essa palavra não implicasse a ideia de um castigo eterno e material. Graças à revelação dos Espíritos e aos exemplos que eles nos propiciam, nós sabemos que *a duração da expiação está subordinada ao melhoramento do culpado*.

8. — O Espiritismo não vem, portanto, negar a penalidade futura; vem ao contrário constatar-la. O que ele destrói é o inferno localizado, com suas fornalhas e suas penas irremissíveis. Ele não nega o purgatório, uma vez que prova que nós aí estamos; ele o define e o precisa, explicando a causa das misérias terrenas, pelo que nele faz crer aqueles que o negavam.

Rejeita ele as preces pelos extintos? Bem ao contrário, pois os Espíritos sofredores as solicitam; porque faz delas um dever de caridade e demonstra sua eficácia para os *conduzir ao bem*, e, por esse meio, abreviar-lhes os tormentos.¹⁶ Falando à inteligência, ele conduziu a fé aos incrédulos e à prece os que dela zombavam. Mas ele diz que a eficácia das preces está no pensamento e não nas palavras, que as melhores são aquelas do coração e não aquelas dos lábios, aquelas que são ditas por nós mesmos e não as que mandamos dizer por dinheiro. Quem, portanto, ousaria ultrajá-lo nessa questão?

9. — Que o castigo tenha lugar na vida espiritual ou na Terra, e qual seja sua duração, tem sempre um termo, mais ou menos distante ou próximo. Há, pois, na realidade, para o Espírito, uma alternativa: *punição temporária graduada segundo a culpabilidade* ou *recompensa graduada segundo o mérito*. O Espiritismo rejeita a terceira possibilidade, a da danação eterna. O inferno sobrevive como figura simbólica dos maiores sofrimentos cujo termo é desconhecido. O purgatório é a realidade.

A palavra *purgatório* denota a ideia de um lugar circunscrito: eis porque se aplica mais naturalmente à Terra, considerada como lugar de expiação, do que ao espaço infinito onde erram os Espíritos sofredores, e porque, além de tudo, a natureza da expiação terrestre é uma verdadeira expiação.

Quando os homens se houverem melhorado, somente fornecerão ao mundo invisível bons Espíritos, e estes, encarnando-se, somente fornecerão à humanidade corpórea elementos aperfeiçoados; então, cessando a Terra de ser um mundo de expiação, os homens aí não sofrerão mais as misérias que são as consequências de suas imperfeições. É essa a transformação que se opera neste momento e que elevará a Terra na hierarquia dos mundos. (Ver *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. III.)

10. — Por que, então, o Cristo não falou do purgatório? É que, não existindo a ideia, não havia palavras para representá-la. Ele se serviu da palavra *inferno*, a única que estava em uso, como um termo genérico para designar as penas futuras, sem distinção. Se, ao lado da palavra *inferno*, ele tivesse colocado uma palavra equivalente a *purgatório*, não lhe teria podido precisar o sentido verdadeiro sem fender uma questão reservada ao futuro;

¹⁶ Ver *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. XXVII: *Ação da prece*.

teria sido, além do mais, consagrar a existência de dois lugares especiais de castigos. O inferno, em sua acepção geral, denotando a ideia de punição, abrangia implicitamente aquela do *purgatório*, que não passa de um modo de penalidade. O futuro, devendo esclarecer os homens sobre a natureza das penas, deveria, por isso mesmo, reduzir o inferno ao seu justo valor.

Desde que a Igreja acreditou dever, após seis séculos, suprir o silêncio de Jesus, decretando a existência do purgatório, o fez porque pensou que ele não havia tudo dito. Por que assim não seria para outros pontos, como para este aqui?

CAPÍTULO VI

DOCTRINA DAS PENAS ETERNAS

Origem da doutrina das penas eternas. — Argumentos em apoio às penas eternas. — Impossibilidade material das penas eternas. — A doutrina das penas eternas teve sua época. — Ezequiel contra as penas eternas e o pecado original.

ORIGEM DA DOCTRINA DAS PENAS ETERNAS

1. — A crença na eternidade das penas perde cada dia tanto terreno que, mesmo não sendo profeta, cada um pode prever seu fim próximo. Ela tem sido combatida por argumentos tão poderosos e peremptórios que parece quase supérfluo dela se ocupar hoje, e que é o bastante deixá-la extinguir-se. Entretanto, não se pode encobrir que, toda caduca que seja, é ainda o ponto de junção dos adversários das ideias novas, aquele que eles defendem com mais obstinação, porque é um de seus flancos mais vulneráveis, e porque preveem as consequências de sua derrubada. Neste ponto de vista, a questão merece um exame sério.

2. — A doutrina das penas eternas, como a do inferno material, teve sua razão de ser quando esse temor podia servir de freio para os homens pouco avançados intelectualmente e moralmente. Do mesmo modo que eles não seriam senão pouco ou nada impressionados pela ideia de penas morais, eles não o seriam também por aquela das penas temporais; eles não compreenderiam mesmo a justiça das penas graduadas e proporcionais, porque não estavam aptos a distinguir as nuances frequentemente delicadas do bem e do mal, nem o valor relativo das circunstâncias atenuantes ou agravantes.

3. — Mais os homens estão próximos do estado primitivo, mais são materializados; o senso moral é o que se desenvolve neles o mais tardiamente. Por essa razão mesmo, eles apenas podem fazer uma ideia muito imperfeita de Deus e de seus atributos, e uma não menos vaga da vida futura. Eles assimilam Deus à sua própria natureza; é para eles um soberano absoluto, tanto mais formidável quanto é invisível, como um monarca déspota que, oculto em seu palácio, jamais se mostra a seus súditos. Ele é poderoso tão só pela força material, pois eles não compreendem o poder moral; não o veem senão armado com

o raio, no meio dos relâmpagos e das tempestades, semeando à sua passagem a ruína e a desolação, a exemplo dos guerreiros invencíveis. Um deus de mansuetude e de misericórdia não seria um deus, mas um ser fraco que não saberia fazer-se obedecer. A vingança implacável, os castigos terríveis, eternos, não tinham nada de contrário à ideia que faziam de Deus, nada que lhes repugnasse à razão. Implacáveis eles mesmos em seus ressentimentos, cruéis para com seus inimigos, sem piedade para com os vencidos, Deus, que lhes era superior, tinha que ser ainda mais terrível.

Para tais homens, eram necessárias crenças religiosas apropriadas à sua natureza ainda rude. Uma religião toda espiritual, toda de amor e de caridade, não poderia combinar com a brutalidade dos costumes e das paixões. Não culpemos, pois, Moisés por sua legislação draconiana, que a custo era suficiente para conter seu povo indócil, nem por haver feito de Deus um deus vingador. Era preciso naquela época; a doce doutrina de Jesus não teria encontrado eco e teria sido impotente.

4. — À medida que o Espírito se desenvolveu, o véu material foi pouco a pouco dissipado e os homens ficaram mais aptos a compreender as coisas espirituais; mas isso chegou gradualmente. Quando Jesus veio, pôde anunciar um deus clemente, falar de seu reino que não é deste mundo e dizer aos homens: “Amem-se uns aos outros, façam o bem aos que os odeiam”, enquanto os antigos diziam: “Olho por olho, dente por dente.”

Ora, quais eram os homens que viviam no tempo de Jesus? Seriam almas recentemente criadas e encarnadas? Se era isso, Deus teria assim criado à época de Jesus almas mais adiantadas que as da época de Moisés. Mas, então, em que se teriam tornado estas últimas? Teriam elas enlanguescido pela eternidade no embrutecimento? O simples bom senso rejeita essa suposição. Não; eram as mesmas almas que, após terem vivido sob o império da lei mosaica, haviam, durante muitas existências, adquirido um desenvolvimento suficiente para compreenderem uma doutrina mais elevada, e que hoje estão assaz avançadas para receberem um ensinamento ainda mais completo.

5. — Entretanto, o Cristo não pôde revelar a seus contemporâneos todos os mistérios do futuro; ele mesmo diz: “Tenho ainda muitas coisas a lhes dizer, mas vocês não as compreenderiam, é por isso que lhes falo por parábolas.” Sobretudo no que concerne à moral, quer dizer os deveres do homem para com o homem, ele foi muito explícito, porque, tocando na corda sensível da vida material, sabia ser compreendido; sobre os outros pontos, ele se limita a semear, sob forma alegórica, os germes daquilo que deveria ser desenvolvido mais tarde.

A doutrina das penas e das recompensas futuras pertence a esta última ordem de ideias. Quanto às penas, sobretudo, ele não podia romper de repente com as ideias herdadas. Ele vinha traçar aos homens novos deveres: tomando a caridade e o amor do próximo o lugar do espírito de ódio e de vingança, a abnegação substituiu o egoísmo: isto já era muito; ele não podia racionalmente enfraquecer o medo aos castigos reservados aos prevaricadores sem enfraquecer, ao mesmo tempo, a ideia do dever. Ele prometia o reino dos céus aos bons; reino, portanto, que estava interdito aos maus; para onde iriam eles? Era preciso uma compensação própria a impressionar as inteligências ainda muito materiais para se identificarem com a vida espiritual; pois não se pode perder de vista que Jesus se endereçava ao povo, à parte menos esclarecida da sociedade, para a qual eram necessárias imagens de algum modo palpáveis, e não ideias sutis. Eis porque não entra, quanto a isso,

em detalhes supérfluos: bastava-lhe contrabalançar uma punição à recompensa; não precisava mais do que isso naquela época.

6. — Se Jesus ameaçou os culpados com o fogo eterno, ele também os ameaçou de serem jogados na *Geena*; ora, o que era a *Geena*? Um lugar nas cercanias de Jerusalém, um monturo onde eram jogadas as imundícies da cidade. Poder-se-ia, pois, também tomar isso à letra? Era uma dessas imagens enérgicas com a ajuda das quais ele impressionava as massas. Ocorre o mesmo com o fogo eterno. Se tal não fosse seu pensamento, ele estaria em contradição consigo mesmo ao exaltar a clemência e a misericórdia de Deus, porque a clemência e a inexorabilidade são sentimentos contrários que se anulam. Seria, então, enganar-se estranhamente sobre o sentido das palavras de Jesus o fato de se ver aí a sanção do dogma das penas eternas, quando todo o seu ensinamento proclama a mansuetude do Criador.

Na *Oração dominical*, ele nos ensina a dizer: “Senhor, perdoe-nos nossas ofensas, como nós perdoamos aqueles que nos ofenderam.” Se o culpado não tivesse nenhum perdão que esperar, seria inútil pedi-lo. Mas esse perdão se dá sem condição? É ele uma graça, uma remissão pura e simples da pena em que se incorreu? Não; a medida desse perdão está subordinada à maneira pela qual perdoamos, quer dizer que, se nós não perdoamos, nós não seremos perdoados. Deus, fazendo do esquecimento das ofensas uma condição absoluta, não podia exigir que o homem fraco fizesse o que ele, todo-poderoso, não faria. A *Oração dominical* é uma contestação diária contra a eterna vingança de Deus.

7. — Para os homens que tinham uma noção confusa da espiritualidade da alma, a ideia do fogo material não tinha nada de chocante, menos ainda, porque estava na crença vulgar disposta na do inferno dos pagãos, quase universalmente difundida. A eternidade da pena não tinha mais nada que repugnasse as gentes submetidas, desde séculos, à legislação do terrível Jeová. No pensamento de Jesus, o fogo eterno não podia ser mais que uma figura; pouco lhe importava que essa figura fosse tomada à letra, se ela devia servir de freio; ele sabia bem que o tempo e o progresso deviam encarregar-se de fazer compreender seu sentido alegórico, sobretudo depois que, segundo sua predição, o *Espírito de Verdade* viesse esclarecer aos homens todas as coisas.

O caráter essencial das penas irrevogáveis é a *ineficácia do arrependimento*; ora, jamais Jesus disse que o arrependimento não encontraria graça perante Deus. Em toda ocasião, ao contrário, mostrou Deus clemente, misericordioso, pronto a receber o filho pródigo de volta sob o teto paterno. Ele tão só o mostrou inflexível para o pecador endurecido; mas, se tem o castigo em u’a mão, na outra ele tem sempre o perdão, pronto a se estender sobre o culpado desde que este retorne sinceramente a ele. Não está certamente aí o quadro de um Deus sem piedade. Também é para se observar que Jesus não pronunciou contra ninguém, mesmo contra os maiores culpados, a condenação irremissível.

8. — Todas as religiões primitivas, de acordo com o caráter dos povos, tiveram deuses guerreiros que combatiam à frente dos exércitos. O Jeová dos Hebreus lhes fornecia todos os milhares de meios de exterminar seus inimigos; ele os recompensava pela vitória ou os punia pela derrota. Segundo a ideia que se fazia de Deus, cria-se honrá-lo ou apaziguá-lo com o sangue dos animais ou dos homens; daí os sacrifícios sangrentos que desempenharam tão importante papel em todas as religiões antigas. Os judeus haviam

abolido os sacrifícios humanos; os cristãos, malgrado os ensinamentos do Cristo, creram por muito tempo honrar o Criador entregando aos milhares ao fogo e às torturas aqueles que chamavam de hereges; eram, sob outra forma, verdadeiros sacrifícios humanos, uma vez que o faziam para *a maior glória de Deus*, e com o acompanhamento de cerimônias religiosas. Hoje mesmo, invocam novamente o *Deus dos Exércitos* antes do combate e o glorificam após a vitória, e isso com frequência por causas as mais injustas e as mais anticristãs.

9. — Quanto o homem é lento em se desfazer de seus preconceitos, de seus hábitos, de suas ideias primevas! Quarenta séculos nos separam de Moisés e nossa geração cristã vê novamente os traços de antigos usos bárbaros consagrados, ou ao menos aprovados pela religião atual! Foi preciso o poder da opinião dos *não ortodoxos*, dos que são vistos como heréticos, para colocar um termo às fogueiras, e fazer compreender a verdadeira grandeza de Deus. Mas, à falta das fogueiras, as perseguições materiais e morais estão ainda em pleno vigor, tanto a ideia de um deus cruel está enraizada no homem. Nutrido nesses sentimentos que lhes são inculcados desde a infância, poderia o homem admirar-se que o deus que lhe é apresentado honrado por atos bárbaros condene a torturas eternas, e veja sem piedade o sofrimento dos danados?

Sim, foram os filósofos, os ímpios, segundo alguns, que se escandalizaram ao ver o nome de Deus profanado por atos indignos dele; foram eles que o mostraram aos homens em toda a sua grandeza, despojando-o das paixões e das mesquinharias humanas que lhe emprestava uma crença não esclarecida. A religião ganhou em dignidade o que perdeu em prestígio exterior; pois, se há menos homens presos à forma, há mais ainda os que são mais sinceramente religiosos pelo coração e os sentimentos.

Mas, ao lado disso, quantos, fixando-se na aparência, foram conduzidos à negação de toda providência! Na falta de terem sabido colocar *oportunamente* as crenças religiosas em harmonia com o progresso da razão humana, fizeram nascer junto a uns o deísmo, junto a outros a incredulidade absoluta, junto a outros o panteísmo; quer dizer que o homem se fez deus a si mesmo, na falta de enxergar um assaz perfeito.

ARGUMENTOS EM APOIO ÀS PENAS ETERNAS

10. — Voltemos ao dogma da eternidade das penas. O principal argumento que se invoca em seu favor é este:

“Admite-se entre os homens, que a gravidade da ofensa é proporcional à qualidade do ofendido. Aquela que se comete contra um soberano, sendo considerada mais grave do que aquela que concerne a um simples particular, pune-se mais severamente. Ora, Deus é mais que um soberano; porque é infinito, a ofensa contra ele é infinita, e deve ter um castigo infinito, quer dizer: eterno.”

Refutação. — Toda refutação é um raciocínio que deve ter seu ponto de partida, uma base sobre que se apoie, premissas, em uma palavra. Nós tomamos essas premissas nos atributos mesmos de Deus:

Deus é único, eterno, imutável, imaterial, todo-poderoso, soberanamente justo e bom, infinito em todas as suas perfeições.

É impossível de se conceber Deus de outro modo, senão com o infinito das perfeições, sem o que não seria Deus, pois se poderia conceber um ser possuindo o que lhe faltaria. Para que ele seja único acima de todos os seres, é preciso que nenhum o possa superar nem igualar em qualquer coisa que seja. Então, é preciso que ele seja infinito em tudo.

Sendo infinitos os atributos de Deus, não são suscetíveis de aumento nem de diminuição; sem isso, eles não seriam infinitos e Deus não seria perfeito. Caso lhe tirassem a menor parcela de um só de seus atributos, não se teria mais Deus, pois poderia existir um ser mais perfeito.

O infinito de uma qualidade exclui a possibilidade da existência de uma qualidade contrária que a diminuísse ou a anulasse. Um ser *infinitamente bom* não pode ter a menor parcela de maldade, nem um ser *infinitamente mau* ter a menor parcela de bondade; o mesmo que um objeto não poderia ser de um negro absoluto com a mais leve nuance de branco, nem de um branco absoluto com a menor mancha de negro.

Colocado este ponto de partida, ao argumento acima se opõem os argumentos abaixo:

11. — Somente um ser infinito pode fazer alguma coisa infinita. Sendo o homem limitado em suas virtudes, em seus conhecimentos, em seu poderio, em suas aptidões, em sua existência terrena, somente pode produzir coisas limitadas.

Se o homem pudesse ser infinito naquilo que faz de mal, ele o seria também naquilo que faz de bem, e, assim, ele seria igual a Deus. Mas, se o homem fosse infinito naquilo que faz de bem, não faria nenhum mal, pois o bem absoluto é a exclusão de todo o mal.

Admitindo-se que uma ofensa temporária contra a Divindade pudesse ser infinita, Deus, vingando-se por um castigo *infinito* seria *infinitamente vingativo*; se ele é infinitamente vingativo, não pode ser infinitamente bom e misericordioso, pois um de seus atributos é a negação do outro. Se ele não é infinitamente bom, não é perfeito e, se não é perfeito, não é Deus.

Se Deus é inexorável para o culpado arrependido, não é misericordioso; se não é misericordioso, não é infinitamente bom.

Por que Deus faria para o homem uma lei do perdão, se não devesse perdoar ele mesmo? Resultaria disso que o homem que perdoa seus inimigos, e lhes concede o bem pelo mal, seria melhor que Deus, que permanece surdo ao arrependimento de quem o ofendeu, e lhe recusa, pela *eternidade*, o mais ligeiro abrandamento!

Deus, que está em toda a parte e vê tudo, deve ver as torturas dos danados. Se ele é insensível a seus gemidos pela eternidade, ele é eternamente impiedoso; e se ele é impiedoso, não é infinitamente bom.

12. — A isso, responde-se que o pecador que se arrepende antes de morrer experimenta a misericórdia de Deus, e que, então, o maior culpado pode encontrar graça diante dele.

Isso não se coloca em dúvida, e concebe-se que Deus perdoe ao arrependido, e seja inflexível para com os endurecidos; mas se ele é pleno de misericórdia para a alma que se arrepende antes de haver deixado seu corpo, por que cessa de ser para com aquela que se arrepende depois da morte? Por que o arrependimento teria eficácia apenas durante a vida, que não passa de um instante, e não teria mais durante a eternidade, que não tem

fim? Se a bondade e a misericórdia de Deus estão circunscritas *em um tempo dado*, elas não são infinitas e Deus não é infinitamente bom.

13. — Deus é soberanamente justo. A soberana justiça não é a justiça mais inexorável, nem a que deixa toda falta impune; é a que tem em conta o mais rigoroso bem e mal, que recompensa um e pune o outro na mais equitativa proporção, e não se engana jamais.

Se, para uma falta temporária, que sempre é o resultado da natureza imperfeita do homem, e, com frequência, do meio onde se encontra, a alma pode ser punida eternamente, sem esperança de abrandamento nem de perdão, não há nenhuma proporção entre a falta e a punição: portanto, não há justiça.

Se o culpado volta a Deus, se arrepende e pede para reparar o mal que fez, é uma volta ao bem, aos bons sentimentos. Se o castigo é irrevogável, essa volta ao bem resta sem fruto; como não se teve em conta o bem, não há justiça. Entre os homens, o condenado que se emenda vê sua pena comutada, às vezes mesmo revogada; haveria, pois, na justiça humana, mais equidade que na justiça divina!

Se a condenação é irrevogável, o arrependimento é inútil; o culpado, não tendo nada a esperar de seu retorno ao bem, persiste no mal; de sorte que não somente Deus o condena a sofrer perpetuamente, mas ainda a continuar no mal pela eternidade. Não estariam aí nem a justiça nem a bondade,

14. — Sendo infinito em todas as coisas, Deus deve tudo conhecer, o passado e o futuro; ele deve saber, no momento da criação de uma alma, se ela falirá assaz gravemente para permanecer danada eternamente. Se ele não sabe, seu saber não é infinito, e, portanto, não é Deus. Se ele o sabe, está criando voluntariamente um ser votado, desde sua formação, a torturas sem fim, e, então, ele não é bom.

Se Deus, tocado pelo arrependimento de um danado, pode estender sobre ele sua misericórdia e o *retirar do inferno*, não há mais penas eternas, e o julgamento pronunciado pelos homens é revogado.

15. — A doutrina das penas eternas absolutas conduz, portanto, forçosamente, à negação ou à diminuição de alguns dos atributos de Deus; ela é, por consequência, inconciliável com a perfeição infinita; de onde se chega a esta conclusão:

Se Deus é perfeito, a condenação eterna não existe; se ela existe, Deus não é perfeito.

16. — Invoca-se, ainda, em favor do dogma da eternidade das penas, o argumento seguinte:

“A recompensa conferida aos bons, em sendo eterna, deve ter, como contrapartida, uma punição eterna. É justo tornar a punição proporcional à recompensa.”

Refutação. — Cria Deus a alma tendo em vista torná-la feliz ou infeliz? Evidentemente, a felicidade da criatura deve ser o objetivo de sua criação, de outro modo Deus não seria bom. Ela atinge a felicidade por seu próprio mérito; adquirido o mérito, ela não lhe pode perder o fruto, de outro modo degeneraria; a eternidade da felicidade é, assim, a consequência de sua imortalidade.

Mas, antes de chegar à perfeição, ela tem lutas a sustentar, combates a travar contra as más paixões. Não na tendo criado Deus perfeita, mas *suscetível de vir a sê-lo*, a fim de que tenha o mérito de suas obras, ela pode falir. Suas quedas são as consequências

de sua fraqueza natural. Se, por uma queda, ela devesse ser punida eternamente, se poderia perguntar por que Deus não a criou mais forte. A punição que sofre é uma advertência de que ela praticou o mal, e de que deve ter como resultado reconduzi-la ao bom caminho. Se a pena fosse irremissível, seu desejo de melhor proceder seria supérfluo; daí, o objetivo providencial da criação não poderia ser atingido, pois haveria seres predestinados à felicidade e outros à infelicidade. Se uma alma culpada se arrepende, ela pode vir a ser boa; podendo vir a ser boa, ela pode aspirar à felicidade; Deus seria justo ao lhe recusar tais meios?

Sendo o bem o objetivo final da criação, a felicidade, que é seu prêmio, deve ser eterna; o castigo, que é um meio de aí chegar, deve ser temporário. A mais vulgar noção de justiça, mesmo entre os homens, diz que não se pode castigar perpetuamente aquele que tem o desejo e a vontade de praticar o bem.

17. — Um último argumento em favor da eternidade das penas é este:

“O temor de um castigo eterno é um freio; se for tirado, o homem, não temendo nada mais, se entregará a todos os excessos.”

Refutação. — Esse raciocínio seria justo, se a não eternidade das penas resultasse na supressão de toda sanção penal. O estado feliz ou infeliz na vida futura é uma consequência rigorosa da justiça de Deus, pois uma identidade de situação entre o homem bom e o perverso, seria a negação dessa justiça. Mas, por não ser eterno, o castigo não é menos penoso; teme-se ele tanto mais, quanto mais nele se crê; e nele se crê muito mais, quanto mais racional for. Uma penalidade na qual não se crê não é mais um freio, e a eternidade das penas está neste número.

A crença nas penas eternas, como nós o dissemos, teve sua utilidade e sua razão de ser em uma certa época; hoje, não somente ela não comove mais, como também produz incrédulos. Antes de pô-la como uma necessidade, seria preciso demonstrar-lhe a realidade. Seria preciso, sobretudo, que se visse sua eficácia sobre aqueles que a preconizam e se esforçam em demonstrá-la. Infelizmente, entre estes, muitíssimos provam por seus atos que não estão absolutamente aterrorizados. Se é impotente para reprimir o mal junto aos que dizem nela crer, que império pode ter sobre aqueles que não creem?

IMPOSSIBILIDADE MATERIAL DAS PENAS ETERNAS

18. — Até aqui, o dogma da eternidade das penas tão somente foi combatido pelo raciocínio; nós vamos mostrá-lo em contradição com os fatos positivos que temos sob os olhos, e provar-lhe a impossibilidade.

Segundo esse dogma, a sorte da alma está irrevogavelmente fixada depois da morte. É, assim, uma decisão definitiva oposta ao progresso. Ora, progride a alma, sim ou não? Aqui está toda a questão. Se progride, a eternidade das penas é impossível.

Pode-se duvidar do progresso, quando se vê a imensa variedade de aptidões morais e intelectuais que existem sobre a Terra, desde o selvagem até o homem civilizado? Quando se vê a diferença que apresenta um mesmo povo de um século para outro? Se se admite que essas não são as mesmas almas, é preciso admitir então que Deus cria as almas em todos os graus de adiantamento, segundo os tempos e os lugares; que ele favorece

umas, enquanto sujeita outras a uma inferioridade perpétua: isto é incompatível com a justiça, que deve ser a mesma para todas as criaturas.

19. — É incontestável que a alma, atrasada intelectual e moralmente, como aquela dos povos bárbaros, não pode ter os mesmos elementos de felicidade, as mesmas aptidões para usufruir os esplendores do infinito, do que aquela cujas faculdades todas estão amplamente desenvolvidas. Se, então, essas almas não progredirem, não podem, nas condições mais favoráveis, gozar perpetuamente senão uma felicidade, por assim dizer, negativa. Chega-se, portanto, forçosamente, para estar de acordo com o rigor da justiça, a esta consequência de que as almas mais avançadas são aquelas mesmas que eram atrasadas e que progrediram. Mas aqui nós tocamos na grande questão da *pluralidade das existências*, como único meio racional de resolver a dificuldade. Por enquanto, nós dela faremos abstração e consideraremos a alma em uma só existência.

20. — Eis aqui, como se veem tantos, um jovem de vinte anos, ignorante, de instintos viciosos, negando Deus e sua alma, entregando-se à desordem e cometendo toda sorte de crimes. Contudo, ele se encontra em um meio favorável; ele trabalha, ele se instrui, pouco a pouco se corrige e finalmente se torna piedoso. Não é um exemplo palpável do progresso da alma durante a vida, e não se veem todos os dias casos parecidos? Esse homem morre santamente em uma idade avançada; naturalmente sua salvação está assegurada. Mas qual teria sido sua sorte, se um acidente o tivesse feito morrer quarenta ou cinquenta anos mais cedo? Ele estava em todas as condições requeridas para ser condenado; ora, uma vez danado, todo o progresso estaria interrompido. Eis aqui, pois, um homem salvo porque viveu um longo tempo, e que, segundo a doutrina das penas eternas, estaria perdido para sempre se tivesse vivido menos, o que poderia resultar de um acidente fortuito. Desde que sua alma pôde progredir em um tempo dado, por que não haveria de progredir no mesmo tempo depois da morte, se foi uma causa independente de sua vontade que a impediu de fazê-lo durante sua vida? Por que Deus lhe haveria de recusar os meios? O arrependimento, embora tardio, não deixou de lhe vir em tempo; mas, se, desde o instante de sua morte, uma condenação irremissível o tivesse atingido, seu arrependimento não teria produzido frutos pela eternidade, e sua aptidão para progredir estaria para sempre destruída.

21. — O dogma da eternidade absoluta das penas é, portanto, inconciliável com o progresso da alma, já que lhe oporia um obstáculo invencível. Esses dois princípios se anulam, forçosamente, um ao outro; se um existe, o outro não pode existir. Qual dos dois existe? A lei do progresso é patente: não é uma teoria, é um fato constatado pela experiência; é uma lei da natureza, lei divina, imprescritível; logo, porque existe e porque não pode se conciliar com a outra, é que a outra não existe. Se o dogma da eternidade das penas fosse uma verdade, Santo Agostinho, São Paulo e muitos outros não teriam jamais visto o céu, se houvessem morrido antes do progresso que lhes trouxe a conversão.

A esta última assertiva responde-se que a conversão dessas santas personagens não foi em absoluto um resultado do progresso da alma, mas da graça que lhes foi concedida e pela qual foram tocados.

Mas aí é jogar com as palavras. Se fizeram o mal, e mais tarde o bem, é que se tornaram melhores; então eles progrediram. Deus lhes teria, assim, por um favor especial, concedido a graça de se corrigirem? Por que a eles antes que aos outros? É sempre a

doutrina dos privilégios, incompatível com a justiça de Deus, e seu idêntico amor por todas as suas criaturas.

Segundo a doutrina espírita, de acordo mesmo com o Evangelho, com a lógica e a mais rigorosa justiça, o homem é filho de suas obras, durante esta vida e após a morte; ele não deve nada ao favor: Deus o recompensa por seus esforços e o pune por sua negligência tanto tempo quanto ele for negligente.

A DOCTRINA DAS PENAS ETERNAS TEVE SUA ÉPOCA

22. — A crença na eternidade das penas materiais ficou como um medo salutar até que os homens chegassem ao estado de compreender o poder moral. Tais são as crianças que são contidas durante algum tempo pela ameaça de certos seres quiméricos, com a ajuda dos quais ficam assustadas; mas chega um momento quando a razão da criança por si mesma justifica os contos com os quais a embalaram e quando seria absurdo pretender conduzi-los pelos mesmos meios. Se aqueles que a dirigem persistissem em lhe afirmar que essas fábulas constituem verdades que é preciso aceitar à letra, perderiam sua confiança.

Assim é o dia de hoje da humanidade; ela saiu da infância e jogou fora suas andadeiras. O homem não é mais aquele instrumento passivo que se curvava sob a força material, nem aquele ser crédulo que aceitava tudo de olhos fechados.

23. — A crença é um ato do entendimento, e é por isso que não pode ser imposta. Se, durante um certo período da humanidade, o dogma da eternidade das penas pôde ser inofensivo, salutar mesmo, chega um momento em que ele se torna perigoso. Com efeito, desde o instante em que o imponham como verdade absoluta, enquanto a razão o rejeita, aí resulta, necessariamente, de duas coisas uma: ou o homem que deseja crer produz uma crença mais racional, e então se afasta do dogma; ou bem ele não crê mais absolutamente em nada. É evidente, para qualquer um que tenha estudado a questão a sangue-frio, que, em nossos dias, o dogma da eternidade das penas fez mais materialistas e ateus do que todos os filósofos.

As ideias seguem um curso incessantemente progressivo; apenas se pode governar os homens seguindo esse curso; desejar suspendê-lo, fazê-lo retrogradar ou simplesmente ficar para trás, quando ele avança, é perder-se. Seguir ou não seguir esse movimento é uma questão de vida ou de morte, para as religiões como também para os governos. É um bem? É um mal? Seguramente, é um mal aos olhos daqueles que, vivendo do passado, veem esse passado escapar-lhes; para aqueles que veem o futuro, é a lei do progresso que é uma lei de Deus, e, contra as leis de Deus, toda resistência é inútil; lutar contra sua vontade é desejar abater-se.

Por que, então, desejar com toda a energia sustentar uma crença que cai em desuso, e que, em definitivo, faz mais de mal do que de bem para a religião? Pobre de mim! É triste dizer, mas uma questão material domina aqui a questão religiosa. Essa crença foi amplamente explorada, com a ajuda do pensamento corrente de que, com o dinheiro, se poderiam fazer abrir as portas do céu, e se resguardar do inferno. As somas que ela rendeu, e que rende ainda, são incalculáveis; é o imposto erigido sobre o medo da

eternidade. Sendo esse imposto facultativo, o produto é proporcional à crença; se a crença não existe mais, o produto acaba nulo. A criança dá de boa vontade seu bolo àquele que lhe promete expulsar o lobisomem; mas quando a criança não crê mais em lobisomem, garante seu bolo.

24. — Dando a nova revelação ideias mais sadias da vida futura, e provando que se pode conseguir a salvação pelas próprias obras, deve encontrar uma oposição tanto mais viva quanto mais esgota uma fonte muito importante de produção. É assim cada vez que uma descoberta ou uma invenção vêm mudar os hábitos. Aqueles que vivem dos antigos procedimentos custosos os exaltam e desacreditam os novos, mais econômicos. Crê-se, por exemplo, que a imprensa, malgrado os serviços que deveria prestar à humanidade, deva ter sido aclamada pela numerosa classe dos copistas? Não, com certeza; eles devem até agora maldizê-la. Assim aconteceu em relação às máquinas, às estradas de ferro e a centenas de outras coisas.

Aos olhos dos incrédulos, o dogma da eternidade das penas é uma questão fútil da qual se riem; aos olhos do filósofo, tem uma gravidade social pelos abusos que promove; o homem verdadeiramente religioso vê a dignidade da religião interessada na destruição desses abusos e de sua causa.

EZEQUIEL CONTRA AS PENAS ETERNAS E O PECADO ORIGINAL

25. — Àqueles que pretendam encontrar na Bíblia a justificação da eternidade das penas, pode-se opor textos contrários que não comportam nenhuma ambiguidade. As palavras seguintes de Ezequiel são a negação mais explícita não somente das penas irremissíveis mas da responsabilidade que a falta do pai do gênero humano teria feito pesar sobre sua raça.

I. O Senhor me falou de novo e me disse: — 2. De onde vem que se servem, entre vocês, desta parábola, e que tornaram um provérbio em Israel: Os pais, dizem vocês, comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos se estragaram? — 3. Eu juro, por mim mesmo, disse o Senhor Deus, que esta parábola não passará mais, entre vocês, como provérbio em Israel; — 4. Pois todas as almas são minhas; a alma do filho é minha como a alma do pai; a alma que pecou, essa morrerá.

5. Se um homem é justo, se age segundo a equidade e a justiça; — 7. se não entristece nem oprime ninguém; se devolve a seu devedor o penhor que lhe havia dado; se não toma nada do bem de outrem por violência; se dá de seu pão a quem tem fome; se cobre de vestes aqueles que estão nus; — 8. se não empresta com usura e não recebe mais do que havia dado; se desvia sua mão da iniquidade; se promove um julgamento equitativo entre dois homens que pleiteiam juntos; — 9. se anda no caminho de meus preceitos e guarda meus decretos para agir segundo a verdade: este é justo, e viverá com toda a certeza, disse o Senhor Deus.

10. Se esse homem gera um filho que seja um ladrão e que derrame sangue, ou que cometa alguma dessas faltas; — 13. esse filho morrerá com toda a certeza, uma vez que fez todas essas ações detestáveis, e seu sangue será sobre sua cabeça.

14. Se esse homem gera um filho que, vendo todos os crimes que seu pai cometeu, por isso esteja penetrado de medo, e se guarde bem de imitá-lo; — 17. este não morrerá por causa da iniquidade de seu pai, mas viverá, com toda a certeza. — 18. Seu pai, que afligiu os outros por

calúnias, e que cometeu ações criminais no meio de seu povo, está morto por causa de sua própria iniquidade.

19. Se perguntam: Por que o filho não carrega a iniquidade de seu pai? É porque o filho agiu segundo a equidade e a justiça; porque guardou todos os meus preceitos e porque os praticou; eis porque ele viverá, com toda a certeza.

20. A alma que pecou, essa morrerá: *O filho não levará a iniquidade do pai, e o pai não levará a iniquidade do filho*; a justiça do justo será sobre ele, e a impiedade do ímpio será sobre ele.

21. Se o ímpio faz penitência de todos os pecados que cometeu; se guarda todos os meus preceitos, e se age segundo a equidade e a justiça, viverá, com toda a certeza, e não morrerá. — 22. *Eu não me lembrarei mais de todas as iniquidades que ele tenha cometido; viverá nas obras de justiça que tiver feito.*

23. É que desejo a morte do ímpio? — pergunta o Senhor Deus — E não desejo, antes de tudo, que se converta e saia de seu mau caminho, e que viva? (*Ezequiel*, cap. XVIII.)

11. Digam-lhes estas palavras: Eu juro, por mim mesmo, diz o Senhor Deus, que não desejo a morte do ímpio, mas que eu desejo que o ímpio se converta, que deixe seu mau caminho e que viva. (*Ezequiel*, cap. XXXIII.)

CAPÍTULO VII

AS PENAS FUTURAS SEGUNDO O ESPIRITISMO

A carne é fraca. — Fontes da doutrina espírita sobre as penas futuras. — Código penal da vida futura.

A CARNE É FRACA

Há pendores viciosos que são, evidentemente, inerentes ao Espírito, porque têm a ver mais com o aspecto moral do que com o físico; outros aparecem mais como consequência do organismo, e, por esse motivo, a gente se crê menos responsável por eles: tais são as predisposições à cólera, à voluptuosidade, à sensualidade etc.

É perfeitamente reconhecido, hoje, pelos filósofos espiritualistas, que os órgãos cerebrais, correspondendo às diversas aptidões, devem seu desenvolvimento à atividade do Espírito; e que esse desenvolvimento é, assim, um efeito e não uma causa. Um homem não é músico porque tenha a *bossa* da música, mas ele tem a *bossa* da música porque seu Espírito é músico.

Se a atividade do Espírito influencia o cérebro, deve influenciar, igualmente, as outras partes do organismo. O Espírito é, assim, o artífice de seu próprio corpo, o qual molda, por assim dizer, a fim de adaptá-lo às suas necessidades e à manifestação de suas tendências. Isto posto, a perfeição do corpo das raças adiantadas não seria o produto de criações distintas, mas o resultado do trabalho do Espírito, que aperfeiçoa seu instrumento à medida que suas faculdades aumentam.

Por uma consequência natural desse princípio, as disposições morais do Espírito devem modificar as qualidades do sangue, dar-lhe maior ou menor atividade, provocar uma secreção mais ou menos abundante de bílis ou outros fluidos. É assim, por exemplo, que o glutão sente vir a saliva à boca à vista de uma iguaria apetitosa. Não é a iguaria que pode sobreexcitar o órgão do paladar, uma vez que não tem contato; é, então, o Espírito, cuja sensualidade é despertada, que age, através do pensamento, sobre esse órgão, enquanto, sobre um outro, a vista dessa iguaria não produz nenhum efeito. É ainda pela mesma razão que uma pessoa sensível verte facilmente as lágrimas; não é a abundância das lágrimas que dá a sensibilidade ao Espírito, mas é a sensibilidade do Espírito que

provoca a secreção abundante das lágrimas. Sob o império da sensibilidade, o organismo se adaptou a essa disposição normal do Espírito, como se adaptou àquela do Espírito glutão.

Seguindo essa ordem de ideias, compreende-se que um Espírito irascível deve incitar um temperamento bilioso; donde se segue que um homem não é colérico porque seja bilioso, mas, que ele é bilioso porque é colérico. É o mesmo para todas as outras disposições instintivas; um Espírito fraco e indolente deixará seu organismo em um estado de atonia de acordo com seu caráter, enquanto, se for ativo e enérgico, dará a seu sangue, a seus nervos, qualidades muito diferentes. A ação do Espírito sobre o físico é tão evidente que se veem com frequência graves desordens orgânicas produzirem-se pelo efeito de violentas comoções morais. A expressão vulgar: *A emoção lhe fez o sangue ferver*, não está tão desprovida de sentido quanto se poderia acreditar; ora, o que pôde fazer ferver o sangue além das disposições morais do Espírito?

Pode-se, assim, admitir que o temperamento é, ao menos em parte, determinado pela natureza do Espírito, que é causa e não efeito. Nós dizemos em parte porque há casos em que o físico influi claramente sobre o moral: é quando um estado mórbido ou anormal é determinado por uma causa externa, acidental, independente do Espírito, como a temperatura, o clima, os defeitos hereditários de constituição, um incômodo passageiro etc. O moral do Espírito pode, então, ser afetado em suas manifestações pelo estado patológico, sem que sua natureza intrínseca seja modificada.

Desculpar-se de suas culpas através da fraqueza da carne, não é, portanto, mais que um subterfúgio para escapar da responsabilidade. *A carne é fraca tão só porque o Espírito é fraco*, o que reverte a questão e remete ao Espírito a responsabilidade de todos os seus atos. A carne, que não tem nem pensamento, nem vontade, não prevalece jamais sobre o Espírito, que é o ser *pensante e deliberante*; é o Espírito que dá à carne as qualidades correspondentes a seus instintos, como um artista imprime à sua obra material a chancela de seu gênio. O Espírito, livre dos instintos da bestialidade, modela para si um corpo que não é mais um tirano para suas aspirações rumo à espiritualidade de seu ser; é então que o homem come para viver, porque viver é uma necessidade, mas não vive mais para comer.

A responsabilidade moral dos atos da vida continua assim inteira; mas, a razão diz que as consequências dessa responsabilidade devem estar de acordo com o desenvolvimento intelectual do Espírito; mais seja ele esclarecido, menos é desculpável, porque, com a inteligência e o senso moral, nascem as noções do bem e do mal, do justo e do injusto.

Essa lei explica o insucesso da medicina em certos casos. Desde que o temperamento é um efeito, e não uma causa, os esforços empregados para modificá-lo são necessariamente frustrados pelas disposições morais do Espírito, que opõe uma resistência inconsciente e neutraliza a ação terapêutica. Logo, é sobre a primeira causa que é preciso agir. Deem, se isto for possível, coragem ao poltrão, e verão cessar os efeitos fisiológicos do medo.

Isto prova uma vez mais a necessidade, para a arte de curar, de haver em conta a ação do elemento espiritual sobre o organismo. (*Revista Espírita*, março, 1869.)

FONTES DA DOUTRINA ESPÍRITA SOBRE AS PENAS FUTURAS

A doutrina espírita, no que concerne às penas futuras, não está fundamentada sobre uma teoria preconcebida tanto quanto em suas outras partes; não se trata de um sistema substituindo outro sistema: em todas as coisas, ela se apoia sobre as observações, e é isso que lhe outorga autoridade. Ninguém imaginou, então, que as almas, depois da morte, deveriam encontrar-se em tal ou qual situação; são os seres mesmos que deixaram a Terra que vêm, hoje, iniciar-nos nos mistérios da vida futura, descrever sua posição feliz ou infeliz, suas impressões e sua transformação com a morte do corpo; em uma palavra, completar sobre esse ponto o ensinamento do Cristo.

Não se trata aqui da descrição de um só Espírito, que poderia ver as coisas apenas sob seu ponto de vista, sob um só aspecto, ou estar ainda dominado pelos preconceitos terrestres, nem de uma revelação feita a um só indivíduo, que poderia deixar-se enganar pelas aparências, nem de uma *visão extática*, que favorece as ilusões, e, não é, muitas vezes, mais do que o reflexo de uma imaginação exaltada¹⁷; mas se trata de inumeráveis exemplos fornecidos por todas as categorias de Espíritos, desde o alto até o mais baixo da escala, com a ajuda de inumeráveis intermediários disseminados por todos os pontos do globo, de sorte que a revelação não é o privilégio de *ninguém*, que cada um tem a mesma condição de ver e observar, e que ninguém é obrigado a crer pela fé alheia.

CÓDIGO PENAL DA VIDA FUTURA

O Espiritismo não vem assim, com sua autoridade peculiar, redigir um código de fantasia; sua lei, no que se refere ao futuro da alma, deduzida das observações tomadas aos fatos, pode resumir-se nos pontos seguintes:

1.º) A alma ou Espírito sofre, na vida espiritual, as conseqüências de todas as imperfeições das quais não se despojou durante a vida corporal. Seu estado, feliz ou infeliz, é inerente ao grau de sua purificação ou de suas imperfeições.

2.º) A felicidade perfeita está atada à perfeição, quer dizer, à purificação completa do Espírito. Toda imperfeição é a uma vez uma causa de sofrimento e de privação de prazer, do mesmo modo que toda qualidade adquirida é uma causa de prazer e de atenuação dos sofrimentos.

3.º) *Não há uma só imperfeição da alma que não leve consigo suas conseqüências penosas, inevitáveis, e uma só boa qualidade que não seja a fonte de um prazer.* A soma das penas é assim proporcional à soma das imperfeições, do mesmo modo que aquela dos prazeres está na razão da soma das qualidades.

A alma que tem dez imperfeições, por exemplo, sofre mais do que aquela que tem três ou quatro; quando, dessas dez imperfeições, apenas lhe restar um quarto ou a metade, sofrerá menos; e, quando não lhe restar mais nenhuma, ela não sofrerá mais nada e será perfeitamente feliz. Assim, na Terra, quem tem várias moléstias sofre mais do que aquele que tem somente uma, ou que não tem nenhuma. Pela mesma razão, a alma que possui dez qualidades tem mais prazeres do que aquela que tem menos.

¹⁷ Ver acima, cap. VI, n.º 7, e *O Livro dos Espíritos*, n.ºs 443 e 444.

4.º) Em virtude da lei do progresso, tendo toda alma a possibilidade de adquirir o bem que lhe falta, e de se desfazer do que ela tem de mau, segundo seus esforços e sua vontade, disso resulta que o futuro não está fechado para nenhuma criatura. Deus não repudia nenhum de seus filhos; recebe-os, em seu seio, à medida que eles atingem a perfeição, deixando, assim, a cada um, o mérito de suas obras.

5.º) Estando o sofrimento atado à imperfeição, como o prazer o está à perfeição, a alma leva em si mesma seu próprio castigo por toda parte onde se encontra: não precisa para isso de um lugar circunscrito. O inferno está, portanto, por toda parte onde haja almas sofredoras, como o céu está por toda parte onde haja almas felizes.

6.º) O bem e o mal que a gente faz são o produto das boas e das más qualidades que a gente possui. Não fazer o bem que se está em condição de fazer é, assim, o resultado de uma imperfeição. Se toda imperfeição é uma fonte de sofrimento, o Espírito deve sofrer não somente por todo o mal que fez, mas por todo o bem que poderia ter feito e que não fez durante sua vida terrestre.

7.º) O Espírito sofre pelo mal mesmo que fez, de maneira que, *estando sua atenção incessantemente voltada para as consequências desse mal*, lhe compreende melhor os inconvenientes e esteja incitado a se corrigir.

8.º) Sendo a justiça de Deus infinita, mantém uma conta rigorosa do bem e do mal; se não há uma só ação má, um só mau pensamento que não tenha suas consequências fatais, não há uma só boa ação, um só bom movimento da alma, o mais ligeiro mérito, em uma palavra, que seja perdido, *mesmo junto aos mais perversos, porque é um começo de progresso*.

9.º) Toda falta cometida, todo mal praticado, é uma dívida contraída que deve ser paga; se não for em uma existência, será na seguinte ou nas seguintes, porque todas as existências são solidárias umas às outras. Aquilo que se quita na existência presente não se tem mais de pagar uma segunda vez.

10.º) O Espírito sofre a pena de suas imperfeições, seja no mundo espiritual, seja no mundo corporal. Todas as misérias, todas as vicissitudes que a gente suporta na vida corporal são consequências de nossas imperfeições, são expiações de faltas cometidas, seja na existência atual, seja nas precedentes.

Pela natureza dos sofrimentos e das vicissitudes que a gente suporta na vida corporal, pode-se julgar da natureza das faltas cometidas em uma existência anterior e das imperfeições que a causaram.

11.º) A expiação varia segundo a natureza e a gravidade da falta; a mesma falta pode, assim, provocar expiações diferentes, segundo as circunstâncias atenuantes ou agravantes nas quais foi cometida.

12.º) Não há, em relação à natureza e à duração do castigo, nenhuma regra absoluta e uniforme; a única lei geral é que toda falta recebe sua punição e toda boa ação sua recompensa, *segundo seu valor*.

13.º) A duração do castigo está subordinada à melhoria do Espírito culpado. Nenhuma condenação por um tempo determinado é pronunciada contra ele. O que Deus exige para pôr um termo aos sofrimentos, é uma melhoria séria, efetiva, e uma vinda sincera ao bem.

O Espírito é assim, sempre, o árbitro de sua própria sorte; pode prolongar seus sofrimentos por sua obstinação no mal, suavizá-los ou abreviá-los por seus esforços em fazer o bem.

Uma condenação por um tempo determinado qualquer teria o duplo inconveniente, ou de continuar a punir o Espírito que se teria melhorado, ou de cessar quando este estivesse ainda no mal. Deus, que é justo, pune o mal *enquanto ele existe*; e cessa de punir *quando o mal não existe mais*¹⁸; ou, se se quiser, sendo o mal moral, de si mesmo, uma causa de sofrimento, o sofrimento dura tanto tempo quanto o mal subsista; sua intensidade diminui à medida que o mal se enfraquece.

14.º) Estando a duração do castigo subordinada à melhoria, resulta daí que o Espírito culpado que nunca se melhorasse sofreria para sempre, e que, para ele, a pena seria eterna.

15.º) Uma condição inerente à inferioridade dos Espíritos é a de não ver o termo de sua situação, e de crer que eles sofrerão para sempre. É, para eles, um castigo que lhes parece dever ser eterno¹⁹.

16.º) O *arrependimento* é o primeiro passo para a melhoria; mas só ele não é suficiente: é preciso, ainda, a *expição* e a *reparação*.

Arrependimento, *expição* e *reparação* são as três condições necessárias para apagar os vestígios de uma falta e suas conseqüências.

O *arrependimento* suaviza as dores da *expição*, porque permite a esperança e prepara as vias da *reabilitação*; mas a *reparação* *somente* pode anular o efeito se destruir a causa; *o perdão seria uma graça e não uma anulação*.

17.º) O *arrependimento* pode dar-se em toda parte e a qualquer hora; se for tardio, o culpado sofre por mais tempo.

A *expição* consiste nos sofrimentos físicos e morais, que são a conseqüência da falta cometida, seja a partir da vida presente, seja, após a morte, na vida espiritual, seja em uma nova existência corporal, até que os vestígios da falta estejam apagados.

A *reparação* consiste em fazer o bem àquele a quem se fez o mal. Quem não reparar seus erros nesta vida, por fraqueza ou má vontade, se encontrará, em uma existência ulterior, em contato com as mesmas pessoas que tiveram do que reclamar dele, e em condições escolhidas por ele mesmo, de maneira a poder provar-lhes seu devotamento, e fazer-lhes tanto bem quanto lhes tenha feito de mal.

Nem todas as faltas comportam um agravo direto e efetivo; nesse caso, a *reparação* se cumpre: em se fazendo o que se devia fazer e não se fez; em se realizando os deveres que foram negligenciados ou ignorados e as missões em que se faliu; em praticando o bem inverso àquilo que se fez de mal; quer dizer, sendo humilde se se foi orgulhoso, suave se se foi duro, caridoso se se foi egoísta, benévolo se se foi malévol, trabalhador se se foi preguiçoso, útil se se foi inútil, temperado se se foi dissoluto, de bom exemplo se se deram maus exemplos etc. É assim que o Espírito progride, tirando partido de seu passado²⁰.

¹⁸ Ver acima, cap. VI, n.º 25, citação de Ezequiel.

¹⁹ *Perpétuo* é sinônimo de *eterno*. Diz-se: a fronteira das neves perpétuas; os gelos eternos dos polos; diz-se, também o secretário perpétuo da Academia, o que não quer dizer que o será pela perpetuidade, mas somente por um tempo *ilimitado*. *Eterno* e *perpétuo* se empregam assim no sentido de *indeterminado*. Nessa acepção, pode-se dizer que as penas são eternas, se se entende que não têm uma duração limitada; elas são eternas para o Espírito que não vê seu termo.

²⁰ A necessidade da *reparação* é um princípio de rigorosa justiça que se pode considerar como sendo a verdadeira lei de *reabilitação* moral dos Espíritos. É uma doutrina que nenhuma religião proclamou ainda.

18.º) Os Espíritos imperfeitos estão excluídos dos mundos felizes, cuja harmonia eles perturbariam; ficam nos mundos inferiores, onde expiam suas faltas pelas tribulações da vida, e se purificam de suas imperfeições, até que mereçam se encarnar nos mundos mais avançados moralmente e fisicamente.

Se a gente pode conceber um lugar de castigo circunscrito, é nos mundos de expiação, pois é em volta desses mundos que pululam os Espíritos imperfeitos desencarnados, aguardando uma nova existência que, em lhes permitindo reparar o mal que fizeram, ajudará seu avanço.

19.º) Tendo o Espírito sempre seu livre-arbítrio, sua melhoria é às vezes lenta, e sua obstinação no mal muito tenaz. Ele pode persistir por anos e séculos; mas lhe advém sempre um momento em que sua teimosia em afrontar a justiça de Deus se dobra diante do sofrimento, e em que, malgrado sua fanfarronice, reconhece o poderio superior que o domina. Desde que se manifestam nele os primeiros clarões do arrependimento, Deus lhe faz entrever a esperança.

Nenhum Espírito está na condição de não se melhorar jamais; do contrário, estaria votado fatalmente a uma eterna inferioridade, e ficaria de fora da lei do progresso que rege providencialmente todas as criaturas.

20.º) Quaisquer que sejam a inferioridade e a perversidade dos Espíritos, *Deus não os abandona jamais*. Todos têm seu anjo guardião, que vela por eles, espia os movimentos de sua alma, e se esforça por suscitar neles bons pensamentos, o desejo de progredir e de reparar, em uma nova existência, o mal que fizeram. No entanto, o guia protetor age, com mais frequência de maneira oculta, sem exercer nenhuma pressão. O Espírito deve melhorar-se *por efeito de sua própria vontade*, e não em consequência de um constrangimento qualquer. Age bem ou mal em virtude de seu livre-arbítrio, mas sem estar *fatalmente* impelido num sentido ou noutro. Se age mal, sofre as consequências por tanto tempo quanto continue no mau caminho; desde que dê um passo rumo ao bem, sente imediatamente seus efeitos.

Nota. — Seria um erro acreditar que, em virtude da lei do progresso, a certeza de chegar cedo ou tarde à perfeição e à felicidade pode ser um encorajamento para perseverar no mal, sem prejuízo quanto a se arrepender mais tarde: primeiro, porque o Espírito inferior não vê o término de sua situação; em segundo lugar, porque o Espírito, sendo o artífice de sua própria infelicidade, acaba por compreender que depende dele fazê-la cessar, e que quanto mais persistir no mal, tanto mais será infeliz; e que seu sofrimento durará para sempre se não lhe põe ele mesmo um termo. Seria, assim, de sua parte, um cálculo errado, do qual seria o primeiro a cair no logro. Se, ao contrário, segundo o dogma das penas irremissíveis, toda a esperança lhe estivesse para sempre encerrada, não teria nenhum interesse em se dedicar ao bem, que seria para ele sem proveito.

Entretanto, algumas pessoas a rejeitam, porque elas julgariam mais cômodo poder extinguir seus delitos por um simples arrependimento, que não custa senão palavras, e com a ajuda de algumas fórmulas; são livres de se acreditarem quites: elas verão mais tarde se isso lhes foi suficiente. A gente poderia perguntar-lhes se esse princípio não é consagrado pela lei humana, e se a justiça de Deus pode ser inferior àquela dos homens. Se elas se dariam por satisfeitas com um indivíduo que, tendo-as arruinado por abuso de confiança, se limitasse a lhes dizer que sente infinitamente. Por que recusariam elas diante de uma obrigação que todo homem honesto se impõe como um dever cumprir, na medida de suas forças?

Quando a perspectiva da reparação estiver inculcada na crença das massas, ela será um freio bem mais poderoso do que o do inferno e das penas eternas, porque interessa à atualidade da vida, e o homem compreenderá a razão de ser das circunstâncias penosas em que está colocado.

Diante dessa lei, cai igualmente a objeção inferida da presciência divina. Deus, ao criar uma alma, sabe, com efeito, se, em virtude de seu livre-arbítrio, ela seguirá o bom ou o mau caminho; ele sabe que ela será punida caso pratique o mal; mas sabe, também, que esse castigo temporário é *um meio* de fazê-la compreender seu erro e de fazê-la entrar no bom caminho, aonde chegará cedo ou tarde. Segundo a doutrina das penas eternas, ele sabe que ela falirá e estará antecipadamente condenada a torturas sem fim.

21.º) Ninguém é responsável senão por suas faltas pessoais; ninguém carrega a pena daquelas dos outros, a menos que ele as tenha causado, seja provocando-as com seu exemplo, seja não as impedindo quando tinha poder para isso.

É assim, por exemplo, que o suicida é sempre punido; mas aquele que, por sua dureza, impele um indivíduo ao desespero e daí a se destruir, sofre uma pena ainda maior.

22.º) Embora a diversidade das penas seja infinita, existem as que são inerentes à inferioridade dos Espíritos, e cujas consequências, salvo as nuances, são quase idênticas.

A punição mais imediata, junto àqueles sobretudo que são afeiçoados à vida material, negligenciando o progresso espiritual, consiste na lentidão da separação da alma e do corpo, nas angústias que acompanham a morte e o despertar na outra vida, na duração do transtorno, que pode persistir por meses e anos. Junto àqueles, ao contrário, cuja consciência é pura, que, desde que estavam vivos, se identificaram com a vida espiritual e se desprenderam das coisas materiais, a separação é rápida, sem agitações, o despertar agradável e o transtorno quase nulo.

23.º) Um fenômeno muito frequente junto aos Espíritos de uma certa inferioridade moral consiste em se acreditarem ainda vivos, e essa ilusão pode prolongar-se durante anos, durante os quais experimentam todas as necessidades, todos os tormentos e todas as perplexidades da vida.

24.º) Para o criminoso, a visão incessante de suas vítimas e das circunstâncias do crime é um cruel suplício.

25.º) Certos Espíritos são mergulhados em espessas trevas; outros ficam em um isolamento absoluto, no meio do espaço, atormentados pela ignorância de sua posição e de sua sorte. Os mais culpados sofrem torturas tanto mais pungentes quanto eles não lhes percebem o término. Muitos estão privados da visão dos seres que lhes são queridos. Todos, geralmente, sofrem, com uma intensidade relativa, os males, as dores e as necessidades que fizeram os outros sofrer, até que o *arrependimento* e o desejo da *reparação* vêm aí trazer uma suavização, fazendo entrever a possibilidade de colocarem, por si mesmos, um termo a essa situação.

26.º) É um suplício para o orgulhoso ver acima dele, na glória, cercados e festejados, aqueles que havia desprezado na Terra, enquanto ele está relegado às últimas fileiras; para o hipócrita se ver traspassado pela luz que põe a nu seus mais secretos pensamentos, os quais todo o mundo pode ler: nenhum meio existe para ele de se esconder e de dissimular; para o sensual ter todas as tentações, todos os desejos sem poder satisfazê-los; para o avaro ver seu ouro dilapidado e não poder mantê-lo; para o egoísta ser desamparado por todo o mundo e sofrer tudo o que os outros sofreram por causa dele: ele terá sede, e ninguém lhe dará de beber; terá fome, e ninguém lhe dará de comer; mão alguma de amigo vem apertar a sua, voz alguma compassiva vem consolá-lo; *só pensou em si durante a vida; ninguém pensa nele nem o chora após sua morte.*

27.º) O meio de evitar ou atenuar as consequências dos defeitos na vida futura é desfazer-se deles, o mais possível na vida presente; é reparar o mal para não ter de repará-lo mais tarde de um modo mais terrível. Mais se demore em desfazer-se de seus defeitos, mais as consequências deles são penosas e mais reparação que se deve cumprir é rigorosa.

28.º) A situação do Espírito, desde sua entrada na vida espiritual, é aquela que preparou para si na vida corporal. Mais tarde, uma nova encarnação lhe é dada para a expiação e a reparação em novas provas; mas ele vai aproveitá-la mais ou menos, em virtude de seu livre-arbítrio; se não aproveitar, é uma empreitada que recomeça cada vez em condições mais penosas; de sorte que *aquele que sofre muito na Terra pode dizer-se que tinha muito a expiar*; os que gozam de uma felicidade aparente, malgrado seus vícios e sua inutilidade, estejam certos de pagar caro por ela em uma existência ulterior. Foi nesse sentido que Jesus disse: “Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados.” (*O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. V.)

29.º) A misericórdia de Deus é infinita, sem dúvida, mas não é cega. O culpado que ele perdoa não está desobrigado, e, enquanto não satisfaça a justiça, sofre as consequências de suas faltas. Por misericórdia infinita, é preciso entender que Deus não é inexorável, e que deixa sempre aberta a porta de retorno ao bem.

30.º) Sendo as penas temporárias e subordinadas ao arrependimento e à reparação, que dependem da livre vontade do homem, são a uma só vez os castigos e os *remédios* que devem ajudar a curar as feridas do mal. Os Espíritos sentenciados são assim, não como galés condenados por determinado tempo, mas como doentes no hospital, que sofrem a doença que com frequência é culpa sua e os meios curativos dolorosos de que ela necessita, mas que têm a esperança de curar-se, e que se curam tanto mais rápido quanto sigam mais exatamente as prescrições do médico que vela por eles com solicitude. Se prolongam seus sofrimentos por sua culpa, o médico nada tem com isso.

31.º) Às penas que o Espírito padece na vida espiritual se vêm juntar as da vida corporal, que são a consequência das imperfeições do homem, de suas paixões, do mau emprego de suas faculdades, e a expiação de suas faltas presentes e passadas. É na vida corporal que o Espírito repara o mal de suas existências anteriores, que põe em prática as resoluções tomadas na vida espiritual. Assim se explicam essas misérias e essas vicissitudes que, à primeira vista, parecem não ter razão de ser, mas são de toda justiça desde que são a quitação do passado e servem para nosso avanço²¹.

32.º) Deus, pergunta-se, não provaria um maior amor por suas criaturas, se ele as houvesse criado infalíveis e por consequência isentas das vicissitudes inerentes à imperfeição?

Seria preciso, para isso, que criasse seres perfeitos, nada tendo que adquirir, nem em conhecimentos, nem em moralidade. Sem nenhuma dúvida, ele poderia; se não o fez, foi porque, em sua sabedoria, desejou que o progresso fosse a lei geral.

Os homens são imperfeitos, e, como tais, sujeitos a vicissitudes mais ou menos penosas; é um fato que é preciso aceitar, já que existe. Daí inferir que Deus não é bom nem justo, seria uma revolta contra ele.

²¹ Ver acima, o cap. VI, *O Purgatório*, n.ºs 3 e seg.º; e, abaixo, o cap. XX: *Exemplos de expiações terrestres*. — *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. V: *Bem-aventurados os aflitos*.

Haveria injustiça se ele tivesse criado seres privilegiados, mais favorecidos uns que outros, gozando sem trabalho a felicidade que outros tão somente conseguem com sacrifício, ou que não podem jamais conseguir. Mas onde sua justiça fulgura é na igualdade absoluta que preside à criação de todos os Espíritos; todos têm um mesmo ponto de partida; nenhum que seja, por sua formação, melhor dotado que os outros; nenhum cuja marcha ascensional esteja facilitada por exceção: os que atingiram a meta passaram, como os outros, pela experiência das provas e da inferioridade.

Isto posto, o que de mais justo do que a liberdade de ação deixada a cada um? A rota da felicidade está aberta a todos; a meta é a mesma para todos; as condições para consegui-la são as mesmas para todos; a lei gravada em todas as consciências é ensinada a todos. Deus fez da felicidade *o prêmio do trabalho, e não do favoritismo*, a fim de que cada um detenha seu mérito; ninguém está livre de trabalhar ou de nada fazer para seu avanço; aquele que trabalha muito e rápido é mais cedo recompensado; aquele que se engana na rota ou perde seu tempo retarda sua chegada e não pode queixar-se senão de si mesmo. O bem e o mal são voluntários e facultativos; o homem, em sendo livre, não é impelido nem para um nem para outro.

33.º) Malgrado a diversidade dos gêneros e dos graus de sofrimento dos Espíritos imperfeitos, o código penal da vida futura pode resumir-se nestes três princípios:

O sofrimento é inerente à imperfeição.

Toda imperfeição, e toda falta resultante, carrega consigo seu próprio castigo, por suas consequências naturais e inevitáveis, como a doença resulta dos excessos, o tédio, da ociosidade, sem que seja preciso uma condenação especial para cada falta e cada indivíduo.

Todo homem, podendo desfazer-se de suas imperfeições pelo efeito de sua vontade, pode poupar-se dos males resultantes, e assegurar sua felicidade futura.

Tal é a lei da justiça divina: a cada um segundo suas obras, no céu como na Terra.

CAPÍTULO VIII

OS ANJOS

Os anjos segundo a Igreja. — Refutação. —
Os anjos segundo o Espiritismo.

OS ANJOS SEGUNDO A IGREJA

1. — Todas as religiões tiveram, sob diversos nomes, anjos, quer dizer, seres superiores à Humanidade, intermediários entre Deus e os homens. O materialismo, negando qualquer existência espiritual fora da vida orgânica, naturalmente colocou os anjos entre as ficções e as alegorias. A crença nos anjos é parte essencial dos dogmas da Igreja: eis aqui como os define²²:

2. — “Nós cremos firmemente, diz um concílio geral e ecumênico²³, que existe um só verdadeiro Deus, eterno e infinito, o qual, *no começo do tempo*, extraiu *juntamente* do nada, uma e outra criaturas, a espiritual e a corporal, a angélica e a mundana, e em seguida formou, como intermédia entre as duas, a natureza humana, composta de corpo e espírito.

“Tal é, segundo a fé, o plano divino das obras da criação; plano majestoso e completo, como convinha à sabedoria eterna. Assim concebido, ele oferece a nossos pensamentos o ser em todos os graus e em todas as condições. Na esfera mais elevada, aparecem a existência e a vida puramente espirituais; na última fileira, a existência e a vida puramente materiais; e, no meio que as separa, u’a maravilhosa união das duas substâncias, uma vida comum, de uma vez só, ao Espírito inteligente e ao corpo organizado.

“Nossa alma é de uma natureza simples e indivisível; mas é limitada em suas faculdades. A ideia que temos da perfeição nos faz compreender que pode haver outros seres simples como ela, e superiores por suas qualidades e seus privilégios. Ela é grande e nobre; mas está associada à matéria, servida por órgãos frágeis, limitada em sua ação e em seu poder. Por que não haveria outras naturezas mais nobres ainda, libertas dessa escravidão e desses entraves, dotadas de uma força maior e de uma atividade incomparável? Antes que Deus tivesse colocado o homem na terra, para conhecê-lo, amá-

²² Tomamos emprestado este resumo da pastoral do Monsenhor Gousset, cardeal arcebispo de Reims, para a quaresma de 1864. Pode-se assim considerá-lo, do mesmo modo que o dos *demônios*, extraído da mesma fonte e citado no capítulo seguinte, como a última expressão do dogma da Igreja sobre esse ponto.

²³ Concílio de Latrão.

lo e servi-lo, não deveria ter chamado já outras criaturas para comporem sua corte celeste e para adorá-lo na morada de sua glória? Deus, enfim, recebe das mãos do homem o tributo da honra e da homenagem desse universo; é de admirar que receba das mãos do anjo o incenso e a prece do homem? Logo, se os anjos não existissem, a grande obra do Criador não teria o arremate e a perfeição de que era suscetível; este mundo, que atesta sua onipotência, não seria mais a obra-prima de sua sabedoria; nossa razão mesma, embora fraca e débil, poderia facilmente concebê-lo mais completo e mais primoroso.

“A cada página dos livros sagrados, do *Antigo* e do *Novo Testamento*, são mencionadas essas sublimes inteligências, nas invocações piedosas ou nas notícias históricas. Sua intervenção aparece, manifestamente, na vida dos patriarcas e dos profetas. Deus se serve de seu ministério quer para notificar suas vontades, quer para anunciar os eventos futuros; deles faz, quase sempre, os instrumentos de sua justiça ou de sua misericórdia. Sua presença está entremeada nas diversas circunstâncias do nascimento, da vida e da paixão do Salvador; sua lembrança é inseparável da dos grandes homens e dos fatos mais importantes da antiguidade religiosa. Encontra-se ela até no seio do politeísmo, e sob as fábulas da mitologia; pois tal crença é tão antiga e tão universal quanto o mundo; o culto que os pagãos rendiam aos bons e aos maus gênios era uma falsa aplicação da verdade, um resto degenerado do dogma primitivo.

“As palavras do santo concílio de Latrão contêm uma distinção fundamental entre os anjos e os homens. Elas nos ensinam que os primeiros são puros Espíritos, enquanto estes daqui se compõem de um corpo e uma alma; quer dizer que a natureza angélica se sustenta por si mesma, não somente sem mistura, mas ainda sem associação real possível com a matéria, por ligeira e sutil que ela se suponha; enquanto nossa alma, igualmente espiritual, se associa ao corpo de maneira a formar com ele uma só e mesma pessoa, e porque *tal é em essência sua destinação*.

“Enquanto durar essa união tão íntima da alma com o corpo, essas duas substâncias têm uma vida comum, e exercem uma sobre a outra uma influência recíproca; a alma não pode se libertar, inteiramente, da condição imperfeita que disso resulta para ela: suas ideias lhe chegam através dos sentidos, através da comparação de objetos exteriores, e sempre sob imagens mais ou menos aparentes. Daí vem que ela não pode contemplar a si mesma, e que não pode representar Deus e os anjos, sem lhes supor alguma forma visível e palpável. É por isso que os anjos, a fim de se fazerem ver pelos santos e pelos profetas, precisaram recorrer a figuras corporais; mas essas figuras eram corpos aéreos que eles faziam mover sem se identificarem com eles, ou atributos simbólicos em relação com a missão da qual estavam encarregados.

“Seu ser e seus movimentos não se localizam nem se circunscrevem a um ponto fixo e limitado do espaço. Não estando atados a nenhum corpo, não podem ser retidos nem limitados, como nós o somos, por outros corpos; eles não ocupam nenhum lugar e não preenchem nenhum vazio; mas, do mesmo jeito que nossa alma, está toda inteira em nosso corpo e em cada uma de suas partes, do mesmo jeito eles estão todo inteiros, e quase simultaneamente, em todos os pontos e por todas as partes do mundo; mais rápidos do que o pensamento, eles podem estar em toda a parte, num piscar de olhos, e agir por si mesmos, sem outros obstáculos a seus desígnios senão a vontade de Deus e a resistência da liberdade humana.

“Enquanto estamos reduzidos a ver pouco a pouco e em uma certa medida as coisas que se situam fora de nós, e enquanto as verdades de ordem sobrenatural nos aparecem como em enigma e em um espelho, segundo a expressão do apóstolo São Paulo, eles veem sem esforço o que lhes interessa saber e estão em relação imediata com o objeto de seu pensamento. *Seus conhecimentos não são absolutamente o resultado da indução e do raciocínio*, mas dessa intuição clara e profunda que abrange todo o conjunto do gênero e das espécies que dele derivam, e dos princípios e das conseqüências que dele decorrem.

“A distância dos tempos, a diferença dos lugares, a multiplicidade dos objetos não podem produzir nenhuma confusão em seu espírito.

“A essência divina, em sendo infinita, é incompreensível; ela tem mistérios e profundezas que eles não podem penetrar. Os desígnios particulares da providência lhes ficam ocultos; contudo, ela lhes desvenda o segredo, quando os encarrega, em certas circunstâncias, de anunciá-los aos homens.

“As comunicações de Deus aos anjos e dos anjos entre si não se fazem, como entre nós, por meio de sons articulados e de outros signos sensíveis. As puras inteligências não precisam nem de olhos para ver, nem de orelhas para ouvir; elas não possuem tampouco o órgão da voz para manifestar seus pensamentos; esse intermediário habitual de nossas conversas não lhes é necessário; não obstante, elas comunicam seus sentimentos de um jeito que lhes é próprio e que é todo espiritual. Para serem compreendidos, é suficiente que o queiram.

“Só Deus conhece o número dos anjos. Esse número, sem dúvida, não poderia ser infinito, e não o é absolutamente; mas, segundo os autores sagrados e os santos doutores, é muito considerável e verdadeiramente prodigioso. Se é natural corresponder o número de habitantes de uma cidade à sua grandeza e à sua extensão, não sendo a Terra mais que um átomo em comparação com o firmamento e as imensas regiões do espaço, é preciso concluir que o número de habitantes do céu e do ar é muito maior que aquele dos homens.

“Desde que a majestade dos reis obtém seu brilho do número de seus súditos, de seus oficiais e de seus servidores, o que há de mais apropriado para nos dar uma ideia da majestade do Rei dos reis do que essa multidão inumerável de anjos que povoam o céu e a terra, o mar e os abismos, e a dignidade daqueles que permanecem *incessantemente prosternados* ou de pé diante de seu trono?

“Os Pais da Igreja e os teólogos ensinam geralmente que os anjos se distribuem em três grandes hierarquias ou principados, e cada hierarquia, em três companhias ou coros.

“Os da primeira e da mais alta hierarquia são designados em conseqüência das funções que cumprem no céu. Uns são chamados *Serafins*, porque estão como que abrasados diante de Deus dos ardores da caridade; estes, *Querubins*, porque são um reflexo luminoso de sua sabedoria; aqueles, *Tronos*, porque proclamam sua grandeza e lhe fazem resplandecer o brilho.

“Os da segunda hierarquia recebem seus nomes das operações que lhes são atribuídas no governo geral do Universo; são: as *Dominações* que atribuem aos anjos de ordens inferiores suas missões e seus encargos; as *Virtudes*, que efetuam os grandes prodígios reclamados pelos grandes interesses da Igreja e do gênero humano; as *Potências*, que protegem, por sua força e sua vigilância, as leis que regem o mundo físico e moral.

“Os da terceira hierarquia têm na partilha a direção das sociedades e das pessoas; são: os *Principados*, prepostos do reino, das províncias e das dioceses; os *Arcanjos*, que transmitem as mensagens de alta importância; os *Anjos Guardiães*, os que acompanham cada um de nós para velar por nossa segurança e por nossa santificação.”

REFUTAÇÃO

3. — O princípio geral que ressalta dessa doutrina é que os anjos são seres puramente espirituais, anteriores e superiores à humanidade, *criaturas privilegiadas votadas à felicidade suprema e eterna desde sua formação*; dotadas, por sua natureza mesma, de todas as virtudes e de todos os conhecimentos, sem nada terem feito para adquiri-los. Eles estão na primeira linha da obra da criação; na última linha, a vida puramente material, e entre as duas a humanidade formada das almas, seres espirituais, inferiores aos anjos, unidos a corpos materiais.

Muitas dificuldades capitais resultam desse sistema. Qual é, primeiro, essa vida puramente material? Trata-se da matéria bruta? Mas a matéria bruta é inanimada, e não tem vida por si mesma. Deseja-se falar das plantas e dos animais? Esta seria, então, uma quarta ordem na criação, pois não se pode negar que haja no animal inteligente algo mais do que numa planta, e nesta, algo mais do que numa pedra. Quanto à alma humana, que é a transição, se une diretamente a um corpo, que é a matéria bruta, pois, sem alma, ele não tem mais vida do que um torrão de terra.

A esta divisão falta evidentemente clareza, e não concorda jamais com a observação; ela se assemelha à teoria dos quatro elementos que ruiu diante dos progressos da ciência. Admitamos, entretanto, estes três termos: a criatura espiritual, a criatura humana e a criatura corporal; tal é, diz-se, o plano divino, plano majestoso e completo, como convinha à sabedoria eterna. Notemos de início que entre esses três termos não há nenhuma ligação necessária; são três criações distintas, formadas sucessivamente; de uma à outra, há solução de continuidade; enquanto, na natureza, tudo se encaixa, tudo nos mostra uma admirável lei de unidade, na qual todos os elementos, que são apenas transformações uns dos outros, têm seu traço de união. Essa teoria é verdadeira, no sentido de que esses três termos existem evidentemente; somente, é incompleta; faltam-lhe os pontos de contato, assim como é fácil de demonstrar.

4. — Esses três pontos culminantes da criação são, diz a Igreja, necessários à harmonia do conjunto; caso haja um só a menos, a obra estará incompleta, e não estará mais de acordo com a sabedoria eterna. No entanto, um dos dogmas fundamentais da religião diz que a terra, os animais, as plantas, o sol, as estrelas, a luz mesma foram criados e tirados do *nada* há seis mil anos. Antes dessa época, não havia, portanto, nem criatura humana, nem criatura corporal; durante a eternidade precedente, a obra divina jazia, pois, imperfeita. A criação do universo remontar a seis mil anos é um artigo de fé de tal forma capital que faz poucos anos a ciência era anatematizada porque vinha destruir a cronologia bíblica, provando a alta antiguidade da Terra e de seus habitantes.

Não obstante, o concílio de Latrão, concílio ecumênico que constitui lei em matéria de ortodoxia, diz: “*Nós cremos firmemente* que existe um só verdadeiro Deus, eterno e

infinito, o qual, *no começo do tempo*, tirou juntamente do nada uma e outra criaturas, a espiritual e a corporal.” O *começo do tempo* só se pode entender como a eternidade precedente, pois o tempo é infinito, como o espaço; não tem nem começo nem fim. Essa expressão o *começo do tempo* é uma figura que implica a ideia de uma anterioridade *ilimitada*. O concílio de Latrão crê, portanto, *firmemente*, que as criaturas espirituais e as criaturas corporais foram formadas simultaneamente, e tiradas juntamente do nada, em uma época indeterminada no passado. Como fica assim o texto bíblico, que fixa essa criação em seis mil anos de nossos dias? Admitindo-se que esteja aí o começo do universo visível, esse não é seguramente aquele do tempo. Em qual crer, no do concílio ou no da Bíblia?

5. — O mesmo concílio formula além disso uma estranha proposição: “Nossa alma, diz ele, igualmente espiritual, está associada ao corpo de maneira a formar com ele uma só e mesma pessoa, e *tal é essencialmente sua destinação*.” Se o destino *essencial* da alma é estar unida ao corpo, essa união constitui seu estado normal, é seu alvo, seu fim, já tal é sua *destinação*. No entanto, a alma é imortal e o corpo é mortal; sua união com o corpo acontece uma só vez, segundo a Igreja, e, fosse ela de um século, o que é isso perante a eternidade? Mas, para um grande número, ela é apenas de algumas horas; de que utilidade pode ser para a alma essa união efêmera? Quando, na eternidade, sua mais longa duração é um tempo imperceptível, é exato dizer que *sua destinação é estar essencialmente ligada ao corpo*? Essa união é na realidade só um incidente, um ponto na vida da alma, e não seu estado essencial.

Se a destinação essencial da alma é de estar unida a um corpo material; se, por sua natureza e segundo a meta providencial de sua criação, essa união é necessária para a manifestação de suas faculdades, é preciso então concluir que, *sem o corpo, a alma humana é um ser incompleto*; ora, para manter o que ela é por sua destinação, após haver deixado um corpo, é preciso que ela tome um outro, o que nos conduz à pluralidade forçada das existências, dito de outro modo, à reencarnação pela perpetuidade. É verdadeiramente estranho que um concílio visto como uma das luzes da Igreja identificou a esse ponto o ser espiritual ao ser material, tanto que eles não podem de sorte alguma existir um sem o outro, dado que a condição essencial de sua criação é de serem unidos.

6. — O quadro hierárquico dos anjos nos ensina que várias ordens têm, em suas atribuições, o governo do mundo físico e da humanidade; desde que foram criados para esse fim. Mas, segundo o *Gênese*, o mundo físico e a humanidade existem apenas há seis mil anos; que faziam então esses anjos antes desse tempo, durante a eternidade, já que os objetos de suas ocupações não existiam? Os anjos foram criados desde toda a eternidade? Assim deve ser, dado que servem à glorificação do Altíssimo. Se Deus os tivesse criado em uma época determinada qualquer, ele teria ficado até então, quer dizer, durante uma eternidade, sem adoradores.

7. — Mais à frente, diz-se: “*Enquanto* durar essa união tão íntima da alma com o corpo.” Acontece então um momento em que essa união não existe mais? Essa proposição contradiz aquela que fez dessa união a destinação essencial da alma.

Diz-se mais: “Suas ideias lhe chegam através dos sentidos, através da comparação de objetos exteriores.” Eis uma doutrina filosófica verdadeira em parte, mas não no sentido absoluto. É, segundo o eminente teólogo, uma condição inerente à natureza da alma,

receber as ideias pelos sentidos; ele esquece as ideias inatas, as faculdades às vezes tão transcendentas, a intuição das coisas que a criança traz ao nascer e que não deve a nenhuma instrução. Por qual sentido, esses jovens pastores, calculadores naturais que espantaram os sábios, adquiriram as ideias necessárias à solução quase instantânea dos problemas mais complicados? Pode-se dizer o mesmo de certos músicos, pintores e linguistas precoces.

“Os conhecimentos dos anjos não são absolutamente o resultado da indução e do raciocínio”; eles sabem porquanto são anjos, sem precisar aprender; Deus os criou assim: a alma, ao contrário, deve aprender. Se a alma tão só recebe as ideias pelos órgãos corporais, quais são as que pode ter a alma de uma criança morta ao fim de alguns dias, admitindo-se, com a Igreja, que ela não renasça mais?

8. — Aqui se apresenta uma questão vital: A alma adquire ideias e conhecimentos após a morte do corpo? Se, uma vez liberta do corpo, ela não pode nada adquirir, aquela da criança, do selvagem, do cretino, do idiota, do ignorante, ficará sempre o que era por ocasião da morte; ela está votada à nulidade pela eternidade.

Se ela adquire novos conhecimentos após a vida atual, é que pode progredir. Sem o progresso ulterior da alma, chega-se a consequências absurdas; com o progresso, chega-se à negação de todos os dogmas fundados sobre seu estado estacionário: a sorte irrevogável, as penas eternas etc. Se ela progride, onde para o progresso? Não há nenhuma razão para que ela não alcance o grau dos anjos ou Espíritos puros. Se ela pode aí chegar, não haveria nenhuma necessidade de criar seres especiais e privilegiados, isentos de todo trabalho e gozando de felicidade eterna sem terem nada feito para conquistá-la, enquanto outros seres menos favorecidos apenas obtêm a suprema felicidade ao preço de longos e cruéis sofrimentos e das mais rudes provações. Deus tem esse poder, sem dúvida, mas, se se admite o infinito de suas perfeições, sem as quais não existiria Deus, é preciso admitir também que não faz nada inútil, nem nada que desmintas a soberana justiça e a soberana bondade.

9. — “Desde que a majestade dos reis obtém seu brilho do número de seus súditos, de seus oficiais e de seus servidores, o que há de mais apropriado para nos dar uma ideia da majestade do Rei dos reis do que essa multidão inumerável de anjos que povoam *o céu e a terra, o mar e os abismos*, e a dignidade daqueles que permanecem *incessantemente prosternados* ou de pé diante de seu trono?”

Não é rebaixar a Divindade assimilando sua glória ao fausto dos soberanos da Terra? Essa ideia, inculcada no espírito das massas ignorantes, falseia a opinião que se faz de sua verdadeira grandeza; é sempre Deus recolocado nas mesquinhas proporções da humanidade; supor-lhe a necessidade de ter milhões de adoradores, *incessantemente prosternados ou de pé* diante dele, é emprestar-lhe as fraquezas dos monarcas despóticos e orgulhosos do Oriente. O que faz os soberanos verdadeiramente grandes? E o número e o brilho de seus cortesãos? Não; é sua bondade e sua justiça, é o título merecido de pais de seus súditos. Pergunta-se se há alguma coisa de mais apropriada para nos dar uma ideia da majestade de Deus do que a multidão dos anjos que compõem sua corte? Sim, certamente, há qualquer coisa melhor do que isso: é a de se mostrar a todas suas criaturas soberanamente bom, justo e misericordioso; e não como um Deus colérico, ciumento, vingativo, inexorável, exterminador, parcial, criando para sua própria glória esses seres

privilegiados, favorecidos por todos os dons, nascidos para a eterna felicidade, enquanto aos outros obriga a comprar penosamente a felicidade e pune um momento de erro com uma eternidade de suplícios...

10. — O Espiritismo professa a respeito da união da alma e do corpo, uma doutrina infinitamente mais *espiritualista*, para não dizer *menos materialista*, e que tem a mais por ela o fato de estar mais conforme à observação e à destinação da alma. Segundo o que nos ensina, a alma é independente do corpo, que é um envoltório temporário; *sua essência é a espiritualidade; sua vida normal é a vida espiritual*. O corpo não passa de um instrumento, para o exercício de suas faculdades em suas relações com o mundo material; mas, separada do corpo, ela usufrui suas faculdades com mais liberdade e extensão.

11. — Sua união com o corpo, necessária a seus primeiros desenvolvimentos, ocorre apenas no período que se pode chamar sua infância e sua adolescência; logo que atinge um certo grau de perfeição e de desmaterialização, a união não é mais necessária, e a alma progride mais pela vida do Espírito. Por mais numerosas que sejam, de resto, as existências corporais são necessariamente limitadas pela vida do corpo, e sua soma total somente compreende, em todos os casos, uma imperceptível parte da vida espiritual, que é indefinida.

OS ANJOS SEGUNDO O ESPIRITISMO

12. — Que existem seres dotados de todas as qualidades atribuídas aos anjos, isso não pode causar dúvida. A revelação espírita confirma sobre esse ponto a crença de todos os povos; ela, porém, nos faz conhecer ao mesmo tempo a natureza e a origem desses seres.

As almas ou Espíritos são criados simples ou ignorantes, quer dizer, sem conhecimentos e sem consciência do bem e do mal, mas aptos a adquirir tudo o que lhes falta; eles o adquirem pelo trabalho; o alvo, que é a perfeição, é o mesmo para todos; eles aí chegam mais ou menos prontamente, em virtude de seu livre-arbítrio e em razão de seus esforços; todos têm os mesmos graus para percorrer, o mesmo trabalho para cumprir; Deus não atribui quota nem mais longa nem mais fácil a uns do que aos outros, porque todos são seus filhos, e, em sendo justo, ele não tem preferência por nenhum. Diz-lhes: “Eis aqui a lei que deve ser sua regra de conduta; somente ela pode levá-los ao alvo; tudo o que está conforme a essa lei é o bem; tudo o que lhe é contrário é o mal. Vocês são livres para a observar ou para a infringir, e vocês serão assim os árbitros de sua própria sorte.” Logo, Deus não criou o mal; todas as suas leis são para o bem; é o homem mesmo quem cria o mal infringindo as leis de Deus; se ele as observasse escrupulosamente, não se desviaria jamais do bom caminho.

13. — Mas à alma, nas primeiras fases de sua existência, do mesmo modo que à criança, falta experiência; é por isso que ela é falível. Deus não lhe dá a experiência, mas lhe dá os meios de a adquirir; cada passo em falso na estrada do mal, é, para ela, um atraso; ela lhe sofre as consequências e aprende às próprias custas o que deve evitar. É assim que, pouco a pouco, se desenvolve, se aperfeiçoa e avança na hierarquia espiritual, até que chegue ao estado de *puro Espírito* ou de *anjo*. Os anjos são assim as almas dos homens

chegadas ao grau de perfeição que comporta a criatura, e usufruindo a plenitude da felicidade prometida. Antes de atingir o grau supremo, eles usufruem uma felicidade relativa a seu adiantamento, mas essa felicidade não está na ociosidade; ela está nas funções que apraz a Deus confiar-lhes, as quais eles ficam felizes de realizar, porque essas ocupações são um meio de progredir. (Ver cap. III, *O Céu*.)

14. — A humanidade não está de modo nenhum limitada à Terra; ela ocupa inumeráveis mundos que circulam no espaço; ela ocupou os que desapareceram e ocupará os que se formarão. Deus criou por toda a eternidade e ele criará incessantemente. Muito tempo antes de que a Terra existisse, qualquer que seja antiguidade que se suponha, existiram em outros mundos Espíritos encarnados que percorreram as mesmas etapas que nós, Espíritos de formação mais recente, percorremos neste momento, as quais chegaram ao alvo antes mesmo que nós houvéssemos saído das mãos do Criador. Desde toda a eternidade houve, portanto, anjos ou Espíritos puros; mas, perdendo-se sua existência humanizada no infinito do passado, é para nós como se eles sempre tivessem sido anjos.

15. — Assim se acha realizada a grande lei da unidade da Criação; Deus jamais esteve inativo; ele sempre teve Espíritos puros, experientes e esclarecidos, para a transmissão de suas ordens e para a direção de todos os setores do universo, desde o governo dos mundos até os mais ínfimos detalhes. Não precisou assim criar seres privilegiados, isentos de encargos; todos, antigos ou novos, conquistaram seus graus na luta e através de seu próprio mérito; todos, enfim, são os filhos de suas obras. Assim se realiza igualmente a soberana justiça de Deus.

CAPÍTULO IX

OS DEMÔNIOS

Origem da crença nos demônios. — Os demônios segundo a Igreja. — Os demônios segundo o Espiritismo.

ORIGEM DA CRENÇA NOS DEMÔNIOS

1. — Os demônios, em todas as épocas, representaram um grande papel nas diversas teogonias; se bem que consideravelmente decaídos na opinião geral, a importância que se lhes atribui novamente em nossos dias dá a essa questão uma certa gravidade, pois ela toca no fundo mesmo das crenças religiosas: é por isso que é útil examiná-la com os desenvolvimentos que comporta.

A crença em um poder superior é instintiva junto aos homens; assim se encontra sob diferentes formas, em todas as eras do mundo. Mas se, no grau de avanço intelectual a que chegaram hoje, eles discutem ainda a respeito da natureza e os atributos desse poder, quão mais imperfeitas deveriam ser suas noções sobre esse assunto na infância da humanidade!

2. — O quadro que nos representam da inocência dos povos primitivos em contemplação diante das belezas da natureza, na qual eles admiram a bondade do Criador, é sem dúvida muito poético, mas lhe falta a realidade.

Mais o homem se aproxima do estado de natureza, mais o instinto prevalece nele, como se pode ver ainda junto aos povos selvagens e bárbaros de nossos dias; o que o preocupa mais, ou melhor, o que o ocupa exclusivamente é a satisfação das necessidades materiais, porque ele não tem outras. O único sentido que pode torná-lo acessível aos gozos puramente morais se desenvolve ao longo do tempo e progressivamente; a alma tem sua infância, sua adolescência e sua virilidade, como o corpo humano; mas para atingir a virilidade, que a torna apta a compreender as coisas abstratas, que de evoluções não deve percorrer dentro da humanidade! Que de existências não precisa completar!

Sem recuar às primeiras eras, vemos ao redor de nós as gentes de nossos campos e nos perguntamos quais sentimentos de admiração despertam nelas o esplendor do sol nascente, a abóbada estrelada, o trinado dos pássaros, o murmúrio das ondas claras, as campinas adornadas de flores! Para elas, o sol se ergue porque tem o hábito e, contanto

que dê bastante calor para amadurecer as colheitas mas não muito que as seque, é tudo o que pedem; se elas olham para o céu, é para saber se fará bom ou mau tempo amanhã; que os pássaros cantem ou não, lhes dá no mesmo, contanto que não comam seu grão; às melodias do rouxinol preferem o cacarejo das galinhas e o grunhido de seus porcos; o que pedem aos riachos claros ou lamacentos, é para não secarem nem inundá-los; às campinas, para lhes dar da boa erva, com ou sem flores: é tudo o que desejam, dizemos mais, tudo o que compreendem da natureza e, não obstante, elas estão já longe dos homens primitivos!

3. — Se nos reportamos a estes últimos, nós os vemos, mais exclusivamente ainda preocupados com a satisfação das necessidades materiais; o que serve para abastecê-los e o que pode prejudicá-los resumem para eles, o bem e o mal deste mundo. Eles creem em um poder extra-humano; mas, como o que lhes traz um prejuízo material é o que os toca mais, atribuem-no a esse poder, do qual fazem de resto uma ideia muito vaga. Não podendo ainda nada conceber além do mundo visível e tangível, presumem que ele se ache nos seres e nas coisas que lhes são nocivas. Os animais daninhos são assim para eles os representantes naturais e diretos desse poder. Pela mesma razão, viram a personificação do bem nas coisas úteis: daí o culto prestado a certos animais, a certas plantas e mesmo a objetos inanimados. Mas o homem é geralmente mais sensível ao mal que ao bem; o bem lhe parece natural, ao passo que o mal o afeta por mais tempo; é por isso que, em todos os cultos primitivos, as cerimônias em honra do poder maléfico são as mais numerosas: o medo prevalece sobre o reconhecimento.

Durante bastante tempo, o homem compreendeu somente o bem e o mal físico; o sentimento do bem moral e do mal moral marcou um progresso para a inteligência humana; depois disso somente o homem entreviu a espiritualidade e compreendeu que o poder sobre-humano está fora do mundo visível e não nas coisas materiais. Isso ocorreu por obra de certas inteligências de eleição, que não puderam, no entanto, ultrapassar certos limites.

4. — Como se via uma luta incessante entre o bem e o mal, e este vencer aquele com frequência; enquanto, por outro lado, não se podia racionalmente admitir que o mal fosse obra de um poder benéfico, concluiu-se pela existência de dois poderes rivais governando o mundo. Daí nasceu a doutrina dos dois princípios: o do bem e do mal, doutrina lógica para certa época, porque o homem era ainda incapaz de conceber uma outra e de penetrar na essência do Ser supremo. Como teria ele podido compreender que o mal é só um estado momentâneo, de onde pode surgir o bem, e que os males que o afligem devem conduzi-lo à felicidade ajudando em seu avanço? Os limites de seu horizonte moral não lhe permitiam nada ver fora da vida presente, nem antes, nem depois; ele não podia compreender nem que tinha progredido, nem que progrediria ainda individualmente e, ainda menos, que as vicissitudes da vida são o resultado da imperfeição do ser espiritual que está nele, que preexiste e sobrevive ao corpo e se purifica em uma série de existências, até que atinja a perfeição. Para compreender o bem que pode surgir do mal, não basta ver uma só existência; precisa abranger o conjunto: é só aí que aparecem as verdadeiras causas e seus efeitos.

5. — O duplo princípio do bem e do mal foi, durante longos séculos e sob diferentes nomes, a base de todas as crenças religiosas. Foi personificado sob os nomes de Ormasde e de Arimã junto aos persas, de Jeová e de Satã junto aos hebreus. Mas, do mesmo modo

que todo soberano deve ter ministros, todas as religiões admitem os poderes secundários, ou gênios bons ou maus. Os pagãos os personificam sob uma multidão inumerável de individualidades, tendo cada uma competência especial para o bem e para o mal, para os vícios e para as virtudes, e aos quais deram o nome genérico de deuses. Os cristãos e os muçulmanos receberam dos Hebreus os anjos e os demônios.

6. — A doutrina dos demônios tem assim sua origem na antiga crença nos dois princípios do bem e do mal. Nós vamos examiná-la aqui sob o ponto de vista cristão e ver se ela corresponde ao conhecimento mais exato que temos hoje dos atributos da Divindade.

Esses atributos são o ponto de partida, a base de todas as doutrinas religiosas; os dogmas, o culto, as cerimônias, os usos, a moral, tudo corresponde à ideia mais ou menos justa, mais ou menos elevada que se faz de Deus, desde o fetichismo até o Cristianismo. Se a essência íntima de Deus é ainda um mistério para nossa inteligência, nós o compreendemos entretanto melhor do que jamais o foi, graças aos ensinamentos do Cristo. O Cristianismo, de acordo nisto com a razão, nos ensina que:

Deus é único, eterno, imutável, imaterial, todo-poderoso, soberanamente justo e bom, infinito em todas as suas perfeições.

Assim, conforme dissemos antes (cap. VI, *Argumentos em apoio às penas eternas*): “Caso lhe tirassem a menor parcela de um só de seus atributos, não se teria mais Deus, pois poderia existir um ser mais perfeito.” Esses atributos, em sua plenitude mais absoluta, são assim o critério de todas as religiões, a medida da verdade de cada um dos princípios que elas ensinam. Para que um desses princípios seja verdadeiro, precisa que não traga dano a nenhuma das perfeições de Deus. Vejamos se é isto o que acontece com a doutrina vulgar dos demônios.

OS DEMÔNIOS SEGUNDO A IGREJA

7. — Segundo a Igreja, *Satã*, o chefe ou o rei dos demônios, não é uma personificação alegórica do mal, mas um *ser real*, fazendo exclusivamente o mal, enquanto Deus faz exclusivamente o bem. Tomemo-lo assim tal qual no-lo dão.

Existe Satã desde toda a eternidade, como Deus, ou é posterior a Deus? Se ele existe desde toda a eternidade, é *incriado* e, por consequência, igual a Deus. Deus então não é mais único; existem o deus do bem e o deus do mal.

É posterior? Então é uma criatura de Deus. Já que ele faz tão somente o mal, que é incapaz de fazer o bem e de se arrepender, Deus criou um ser votado ao mal pela perpetuidade. Se o mal não é obra de Deus mas de uma de suas criaturas predestinada a fazê-lo, Deus é sempre seu primeiro autor e então ele não é infinitamente bom. É o mesmo em relação a todos os seres maus chamados demônios.

8. — Tal foi durante bastante tempo a crença a respeito desse ponto. Hoje, se diz²⁴:

²⁴ As citações seguintes extraíram-se da pastoral do Monsenhor Cardeal Gousset, cardeal arcebispo de Reims, para a quaresma 1865. Em razão do mérito pessoal e da posição do autor, podemos considerá-las como sendo a última expressão da Igreja sobre a doutrina dos demônios.

“Deus, que é a bondade e a santidade por essência, não os teria nunca criado maus e maléficos. Sua mão paternal, que se rejubila em irradiar sobre todas as suas obras um reflexo de suas perfeições infinitas, os havia coberto com seus dons mais magníficos. Às qualidades sobreeminentes de sua natureza, havia juntado a bondade de sua graça; ele os havia feito em tudo semelhantes aos Espíritos sublimes que estão na glória e na felicidade; repartidos por todas as ordens e misturados em todas as classes, tinham o mesmo fim e os mesmos destinos; seu chefe foi o mais belo dos arcanjos. Eles poderiam, também eles, ter o mérito de serem confirmados para sempre na justiça e admitidos para usufruírem eternamente da felicidade dos céus. Este favor derradeiro teria sido o coroamento de todos os outros favores de que foram objeto; mas ele deveria ser o prêmio de sua docilidade, e eles se tornaram indignos; eles o perderam por uma revolta audaciosa e insensata.

“Qual foi o obstáculo para sua perseverança? Qual verdade lhes ficou desconhecida? Qual ato de fé e de adoração recusaram a Deus? *A Igreja e os anais da história santa não no dizem, de um modo positivo*; mas parece certo que não aquiesceram nem à mediação do Filho de Deus em seu próprio favor, nem à exaltação da natureza humana em Jesus Cristo.

“O verbo divino, através do qual todas as coisas foram feitas, é também o único mediador e salvador, no céu e na Terra. O fim sobrenatural foi dado aos anjos e aos homens em previsão de sua encarnação e de seus méritos; pois não há nenhuma proporção entre as obras dos Espíritos mais eminentes e essa recompensa, que não é outra senão Deus, ele mesmo; nenhuma criatura teria podido aí triunfar sem essa intervenção maravilhosa e sublime de caridade. Ora, para preencher a distância infinita que separa a essência divina das obras de suas mãos, precisaria que se reunissem em sua pessoa os dois extremos, e que se associasse à sua divindade a natureza do anjo ou aquela do homem; e ele fez opção pela natureza humana.

“Esse desígnio, concebido por toda a eternidade, foi manifestado aos anjos bastante tempo antes de sua realização; o Homem-Deus lhes foi mostrado no futuro como Aquele que deveria confirmá-los em graça e introduzi-los na glória, com a condição de que o adorassem na Terra durante sua missão, e nos céus nos séculos dos séculos. Revelação inesperada, visão encantadora para os corações generosos e reconhecidos, mas mistério profundo, opressivo para os Espíritos soberbos! Esse fim sobrenatural, esse peso imenso de glória que lhes foi proposto não seria então unicamente a recompensa por seus méritos pessoais! Jamais poderiam atribuir-se, a si mesmos, os títulos e a propriedade! Um mediador entre eles e Deus, que injúria contra sua dignidade! A preferência gratuita concedida à natureza humana, que injustiça! Que atentado contra seus direitos! Essa Humanidade, que lhes é tão inferior, eles a verão, um dia, deificada por sua união com o Verbo, e sentada à direita de Deus, em um trono resplandecente? Consentirão em lhe oferecer eternamente suas homenagens e suas devoções?

“Lúcifer e a terça parte dos anjos sucumbiram a esses pensamentos de orgulho e de inveja. São Miguel e com ele a maioria clamaram: Quem é semelhante a Deus? Ele é o artífice de seus dons e o soberano Senhor de todas as coisas. Glória a Deus e ao Cordeiro que será imolado para a salvação do mundo! Mas o chefe dos rebeldes, esquecendo-se de que se sujeitava a seu Criador por causa de sua nobreza e de suas prerrogativas, ouviu

apenas sua temeridade e disse: “Serei eu mesmo que me elevarei ao céu; eu estabelecerei meu reino acima dos astros; eu me sentarei sobre a montanha da aliança, aos flancos do Aquilão; eu dominarei as nuvens mais elevadas e eu serei semelhante ao Altíssimo.” Os que partilhavam seus sentimentos acolheram suas palavras por um murmúrio de aprovação; e isso se deu em todas as ordens da hierarquia; mas a multidão deles não os colocou ao abrigo do castigo.”

9. — Essa doutrina levanta diversas objeções.

1.^a) Se Satã e os demônios eram anjos, é que eram perfeitos; como, sendo perfeitos, puderam falir e desconhecer a tal ponto a autoridade de Deus, em cuja presença se encontravam? Ainda se conceberia que, se eles tivessem chegado a esse grau eminente apenas gradualmente e após terem passado pela linha da imperfeição, poderiam ter tido um retorno abominável; mas o que torna a coisa mais incompreensível é que nos são representados como havendo sido criados perfeitos.

A consequência dessa teoria é esta: Deus desejou criar com eles seres perfeitos, dado que os cumulou de todos os dons, e ele se enganou; portanto, segundo a Igreja, Deus não é infalível²⁵.

2.^a) Já que nem a Igreja nem os anais da história santa têm uma explicação a respeito da causa da revolta dos anjos contra Deus, que somente *parece* certo que se originou de sua recusa de reconhecer a missão futura do Cristo, que valor pode ter o quadro tão preciso e tão detalhado da cena que ocorreu nessa ocasião? De que fonte se retiraram as palavras tão claras reproduzidas como tendo sido pronunciadas até em simples murmúrios? De duas, uma: ou a cena é verdadeira, ou não o é. Se ela é verdadeira, não há nenhuma incerteza, e então por que a Igreja não decide a questão? Se a Igreja e a história se calam, se somente a causa *parece* certa, isso não passa de uma suposição, e a descrição da cena é uma obra da imaginação²⁶.

3.^a) As palavras atribuídas a Lúcifer acusam uma ignorância que a gente se espanta de encontrar num arcanjo que, por sua natureza mesma e pelo grau onde se colocou, não deve compartilhar, a relação à organização do universo, os erros e os preconceitos que os homens professaram até que a ciência veio para os esclarecer. Como pôde ele dizer: “Eu estabelecerei meu reino acima dos astros; eu dominarei as nuvens mais elevadas”? É sempre a antiga crença da Terra como centro do mundo, no céu de nuvens que se estende

²⁵ Essa doutrina monstruosa foi patenteada por Moisés, quando disse (*Gênesis*, cap. VI, vv. 6 e 7): “Ele se arrependeu de ter feito o homem na terra. E, estando tocado de dor até o fundo do coração, — ele disse: ‘Eu exterminarei de sobre a terra o homem que criei; eu exterminarei tudo, desde o homem até os animais, desde tudo o que rasteja sobre a terra até os pássaros do céu; pois eu me arrependo de os haver feito.’”

Um Deus que se arrepende do que fez não é nem perfeito nem infalível: logo, ele não é Deus. São essas então as palavras que a Igreja proclama como verdades santas. Não se vê claramente, ainda mais, o que havia em comum entre os animais e a perversidade do homem, para merecer seu extermínio.

²⁶ Encontra-se em *Isaias*, cap. XIV, vv. 11 e seguintes: — “Teu orgulho foi precipitado nos infernos; teu corpo morto caiu por terra; tua cama será a podridão e tuas vestes serão os vermes. — Como tombaste do céu, Lúcifer, tu que parecias tão brilhante ao nascer do dia? Como foste jogado sobre a terra, tu que férias com tristezas as nações; — que dizias em teu coração: Eu me elevarei ao céu; eu estabelecerei meu trono acima dos astros de Deus; eu me sentarei sobre a montanha da aliança, aos flancos do Aquilão; eu me colocarei acima das nuvens mais elevadas e eu serei semelhante ao Altíssimo? Entretanto, tu foste precipitado dessa glória no inferno, até o mais profundo dos abismos. — Os que te verão, se aproximarão para perto de ti e, depois de te encararem, eles te dirão: Está aqui o *homem* que assustou a terra, que verteu o terror nos reinos, que fez do mundo um deserto, que lhe destruiu as cidades, e que reteve nas cadeias aqueles que fez seus prisioneiros?”

Essas palavras do profeta não são absolutamente relativas à revolta dos anjos, mas uma alusão ao orgulho e à queda do rei de Babilônia, que mantinha os judeus no cativeiro, assim como provam os últimos versículos. O rei de Babilônia se designou, por alegoria, sob o nome de Lúcifer, mas não se fez nenhuma menção da cena descrita acima. Essas palavras são as do rei que dizia *em seu coração*, e se colocava, por seu orgulho, acima de Deus, cujo povo ele mantinha cativo. A predição da libertação dos judeus, da ruína da Babilônia e da derrota dos assírios é, aliás, o tema exclusivo desse capítulo.

até as estrelas, até a região limitada das estrelas formando abóbada, e que a Astronomia nos mostra disseminadas ao infinito, no espaço infinito. Como se sabe hoje que as nuvens não se estendem além de duas léguas da superfície da terra, para dizer que ele dominará as nuvens mais elevadas e para falar de montanhas, precisaria que a cena se passasse sobre a superfície da terra e que aí fosse a morada dos anjos; se essa morada está nas regiões superiores, era inútil dizer que ele se elevaria além das nuvens. Atribuir aos anjos uma linguagem marcada por ignorância é admitir que os homens, hoje, sobre isso sabem mais do que os anjos. A Igreja sempre cometeu o erro de não ter em conta os progressos da ciência.

10. — A resposta à primeira objeção se encontra na passagem seguinte:

“A Escritura e a tradição dão o nome de céu ao lugar onde os anjos se colocaram no momento de sua criação. Mas não era absolutamente o céu dos céus, o céu da visão beatífica, onde Deus se mostra a seus eleitos face a face, e onde seus eleitos o contemplam sem esforços e sem perturbações; pois, ali, não há mais nem perigo, nem possibilidade de pecar; a tentação e a fraqueza aí são desconhecidas; a justiça, a alegria, a paz, aí reinam em uma imutável segurança; a santidade e a glória aí são inamissíveis. Era então uma outra região celeste, uma esfera luminosa e afortunada, onde essas nobres criaturas, grandemente favorecidas pelas comunicações divinas, deviam recebê-las e a elas aderir pela humildade da fé, antes de serem admitidas a nelas ver claramente a realidade na essência mesma de Deus.”

Resulta do que precede que os anjos que faliram pertenciam a uma categoria menos elevada, menos perfeita, e que eles não tinham ainda chegado ao lugar supremo, onde a falta é impossível. Seja; mas então existe aqui uma contradição manifesta, pois foi dito mais acima que: “Deus os havia feito *em tudo semelhantes aos Espíritos sublimes*; que, repartidos por todas as ordens e misturados em todas as classes, tinham o mesmo fim e os mesmos destinos; que seu chefe foi o mais belo dos arcanjos.” Se eles foram feitos em tudo semelhantes aos outros, não eram então de uma natureza inferior; se estavam misturados em todas as classes, não estavam em um lugar especial. Logo a objeção subsiste inteiramente.

11. — Há uma outra que é, sem controvérsia, a mais grave e a mais séria.

Foi dito: “Esse desígnio (a mediação do Cristo), concebido *por toda a eternidade*, foi manifestado aos anjos bastante tempo antes de sua realização.” Deus sabia assim por toda a eternidade que os anjos, bem como os homens, teriam necessidade dessa mediação. Ele sabia, ou não sabia, que certos anjos faliriam; que essa queda desencadearia para eles a danação eterna sem esperança de retorno; que eles se destinariam a tentar os homens; que aqueles destes últimos que se deixassem seduzir sofreriam a mesma sorte. Se ele o sabia, criou então esses anjos, com conhecimento de causa, para sua perda irrevogável e para a maior parte do gênero humano. O que quer que se diga, é impossível conciliar sua criação, por uma tal previsão, com a soberana bondade. Se ele não o sabia, não era todopoderoso. Num e noutro caso, é a negação de dois atributos sem cuja plenitude Deus não seria Deus.

12. — Se se admite a falibilidade do anjos, como aquela dos homens, a punição é uma consequência natural e justa da falta; mas se se admite, ao mesmo tempo, a possibilidade da remissão, pelo retorno ao bem, a reentrada na graça após o

arrependimento e a expiação, nada há que desminta a bondade de Deus. Deus sabia que faliriam, que seriam punidos, mas ele sabia também que esse castigo temporário seria um meio de fazê-los compreender sua falta e reverteria em seu favor. Assim se verificariam esta palavra do profeta Ezequiel: “Deus não deseja a morte do pecador, mas sua salvação.²⁷” O que seria a negação dessa bondade, é a inutilidade do arrependimento e a impossibilidade do retorno ao bem. Nessa hipótese, é então rigorosamente exato dizer que: “Esses anjos, desde sua criação, dado que Deus não podia ignorá-lo, foram votados ao mal pela perpetuidade, e predestinados a se transformarem em *demônios*, para arrastar os homens ao mal.

13. —Vejam, agora, qual é sua sorte e o que fazem.

“Mal sua revolta se patenteou na linguagem dos Espíritos, quer dizer, nos ímpetos de seus pensamentos, foram banidos, irrevogavelmente, da cidade celeste e precipitados no abismo.

“Por essas palavras, nós entendemos que eles se relegaram a um lugar de suplícios, onde teriam de sofrer a pena do fogo, consoante este texto do Evangelho, que saiu da boca mesma do Salvador: ‘Ide, malditos, ao fogo eterno que foi preparado para o demônio e seus anjos.’ São Pedro diz, expressamente: ‘que Deus os condenou às cadeias e torturas do inferno’; mas não ficam todos aí perpetuamente; será tão só ao fim do mundo que serão presos para sempre, com os condenados. Presentemente, Deus permite que eles ocupem ainda um lugar nesta criação à qual pertencem, na ordem das coisas às quais se vincula sua existência, nas relações, enfim, que deviam ter com os homens e com as quais cometeram o mais pernicioso abuso. Enquanto uns estão em seu reino tenebroso, e aí servem de instrumento para a justiça divina, *contra as almas infortunadas que eles seduziram*, uma infinidade de outros, formando legiões invisíveis, sob a condução de seus chefes, residem nas camadas inferiores de nossa atmosfera e percorrem todas as partes do globo. Eles estão envolvidos em tudo o que se passa neste mundo, e nisso tomam, com muita frequência, uma parte bastante ativa.”

No que concerne às palavras do Cristo, sobre o suplício do fogo eterno, tratou-se da questão no capítulo IV, *O Inferno*.

14. — Segundo essa doutrina, uma parte dos demônios apenas está no inferno; a outra erra em liberdade, envolvendo-se em tudo o que se passa neste mundo, dando-se o prazer de praticar o mal, e isto até o fim do mundo, em uma época indeterminada com pouca probabilidade de estar muito próxima. Por que, pois, essa diferença? São eles menos culpados? Não, seguramente. A menos que daí saiam revezando-se, o que parece resultar desta passagem: “enquanto uns estão em seu reino tenebroso, e aí servem de instrumento para a justiça divina, *contra as almas infortunadas que eles seduziram*.”

Suas funções consistem, portanto, em atormentar *as almas que eles seduziram*. Assim, não se encarregaram de punir aquelas que são culpadas por faltas livremente e voluntariamente cometidas, mas aquelas que provocaram. Eles são, a uma vez, *a causa da falta e o instrumento do castigo*; e, coisa que a justiça humana, apesar de ser tão imperfeita, não admitiria, a vítima que sucumbe, por fraqueza, em ocasião que se preparou para tentá-la, é punida tão severamente quanto o agente provocador que emprega a

²⁷ Ver acima, cap. VII, n.º 20, citação de Ezequiel.

artimanha e a astúcia; mais severamente mesmo, pois ela vai para o inferno, em deixando a Terra, para de lá não sair jamais, e aí sofrer sem trégua e sem compaixão durante a eternidade, enquanto aquele que é a causa primeira de sua falta goza da trégua e da liberdade até o fim do mundo! Logo, a justiça de Deus não é mais perfeita do que a dos homens?

15. — Isso não é tudo. “Deus permite que eles ocupem ainda um lugar nesta criação, nas relações, enfim, que deviam ter com os homens e com as quais cometeram o mais pernicioso abuso.” Deus poderia ignorar o abuso que fariam da liberdade que lhes concede? Então, por que lhes concede? Logo, é com conhecimento de causa que abandona suas criaturas à mercê deles, sabendo, em virtude de sua onisciência, que sucumbirão e terão a sorte dos demônios. Não tinham elas o bastante de sua própria fraqueza, para permitir que fossem excitadas ao mal por um inimigo tanto mais perigoso quanto é invisível? Se ainda o castigo fosse temporário e se o culpado pudesse redimir-se pela reparação! Mas não: é condenado pela eternidade. Seu arrependimento, seu retorno ao bem, seus remorsos são inúteis.

Os demônios são assim os agentes provocadores predestinados a recrutarem almas para o inferno, e isso com a permissão de Deus, que sabia, ao criar essas almas, a sorte que lhes estava reservada. Que se diria, na Terra, de um juiz que fizesse assim para encher as prisões? Estranha ideia que nos dão da Divindade, de um Deus cujos atributos essenciais são a soberana justiça e a soberana bondade! E é em nome de Jesus Cristo, daquele que tão somente pregou o amor, a caridade e o perdão, que se ensinam semelhantes doutrinas! Foi-se o tempo em que tais anomalias passavam despercebidas; não se compreendiam, não se sentiam; o homem, curvado sob o jugo do despotismo, reprimia sua razão cegamente, ou antes, abdicava sua razão; mas hoje, a hora da emancipação soou: ele compreende a justiça, ele a deseja durante sua vida e após sua morte; é por isso que diz: “Isso não existe, isso não se permite, ou Deus não é Deus!”

16. — “O castigo segue por toda parte esses seres decaídos e malditos, por toda parte eles levam seu inferno consigo: não têm mais nem paz nem repouso; as doçuras mesmas da esperança se transformaram para eles em amargura: ela lhes é odiosa. A mão de Deus os feriu no ato mesmo de seu pecado, e sua vontade se obstinou no mal. Tornados perversos, não desejam deixar de sê-lo, e o são para sempre.

“Eles são após o pecado o que o homem é após a morte. *A reabilitação daqueles que caíram é, portanto, impossível*; sua perda é doravante sem volta, e eles perseveram em seu orgulho, face a face com Deus, em seu ódio contra o seu Cristo, em sua inveja contra a humanidade.

“Não podendo apropriar-se da glória do céu, pelo ímpeto de sua ambição, eles se esforçam por estabelecer seu império sobre a Terra, e dela banir o reino de Deus. O Verbo feito carne completou, apesar deles, seus projetos para a salvação e a glória da humanidade; então todos os seus meios de ação se consagraram para roubar-lhe as almas que redimiu; a artimanha e a importunação, a mentira e a sedução, de tudo se utilizam para conduzi-las ao mal e para consumir sua ruína.

“Com tais inimigos, a vida do homem, desde seu berço até o túmulo, só pode ser — que pena! — uma luta perpétua, pois eles são poderosos e infatigáveis.

“Esses inimigos, com efeito, são aqueles mesmos que, após terem introduzido o mal no mundo, vieram cobrir a Terra com as espessas trevas do erro e do vício; aqueles que, durante longos séculos, se fizeram adorar como deuses e que reinaram como soberanos sobre os povos da antiguidade; aqueles, enfim, que exercem ainda seu império tirânico nas regiões idólatras, e que fomentam a desordem e o escândalo até no seio das sociedades cristãs.

“Para compreender todos os seus recursos a serviço de sua maldade, é suficiente notar *que eles não perderam nenhuma das prodigiosas faculdades que são o apanágio da natureza angélica*. Sem dúvida, o futuro e sobretudo a ordem sobrenatural têm mistérios que Deus preservou e que eles não podem descobrir, mas sua inteligência é bem superior à nossa, porquanto percebem num passar de olhos os efeitos em suas causas, e as causas em seus efeitos. Essa penetração lhes permite anunciar por antecipação acontecimentos que escapam às nossas conjecturas. A distância e a diversidade dos lugares se desfazem ante sua agilidade. Mais instantâneos que o raio, mais rápidos que o pensamento, eles se acham quase ao mesmo tempo em diversos pontos do globo, e podem descrever ao longe as coisas de que são testemunhas na hora mesma em que acontecem.

“As leis gerais através de que Deus rege e governa este universo não são de seu domínio; não podem derrogá-las, nem, conseqüentemente, profetizar ou operar verdadeiros milagres; mas eles possuem a arte de imitar e de falsificar, dentro de certos limites, as obras divinas; sabem quais fenômenos resultam da combinação dos elementos, e predizem com correção aqueles que se dão naturalmente, como aqueles que eles mesmos têm o poder de produzir. Daí, esses oráculos numerosos, esses prestígios extraordinários dos quais os livros sagrados e profanos nos guardaram a lembrança, e que serviram de base e de alimento a todas as superstições.

“Sua substância simples e imaterial os subtrai a nossos olhares; estão ao nosso lado sem serem percebidos; ferem nossa alma sem ferirem nossos ouvidos; nós cremos obedecer a nosso próprio pensamento, enquanto sofremos suas tentações e sua funesta influência. Nossas disposições, ao contrário, se lhes dão a conhecer pelas impressões que experimentamos, e eles nos atacam, ordinariamente, por nosso lado fraco. Para nos seduzirem mais seguramente, eles têm o costume de nos apresentar chamarizes e sugestões conformes aos nossos pendores. Eles modificam sua ação segundo as circunstâncias e de acordo com os traços característicos de cada temperamento. Mas suas armas favoritas são a mentira e a hipocrisia.”

17. — O castigo, diz-se, os segue por todo lugar; eles não têm mais nem paz nem repouso. Isso não destrói absolutamente a observação feita sobre a trégua que usufruem aqueles que não estão no inferno, trégua tanto menos justificada, quanto, estando fora, cometem mais mal. Sem nenhuma dúvida, não são felizes como os anjos bons; mas não vale nada a liberdade que usufruem? Se eles não possuem a felicidade moral que a virtude propicia, são incontestavelmente menos infelizes que seus cúmplices que estão nas chamas. Depois, para o mau, existe uma espécie de gozo em cometer o mal com toda a liberdade. Perguntem a um criminoso se lhe é igual estar na prisão ou correr pelos campos, cometendo seus crimes inteiramente à vontade. A posição é exatamente a mesma.

O remorso, diz-se, persegue-os sem trégua nem misericórdia. Esquece-se, porém, que o remorso é o precursor imediato do arrependimento, se já não é o arrependimento

ele mesmo. Ora, diz-se: “Tornados perversos, *eles não desejam deixar de o ser*, e o são para sempre.” Sendo assim, já que não desejam nunca deixar de ser perversos, é porque não têm quaisquer remorsos; se tivessem o menor pesar, deixariam de cometer o mal e pediriam perdão. Logo, o remorso não é para eles um castigo.

18. — “Eles são após o pecado o que homem é após a morte. A recuperação daqueles que caíram é, portanto, impossível.” De onde vem essa impossibilidade? Não se compreende que seja a consequência de sua similitude com o homem após a morte, proposição que, de resto, não é muito clara. Vem essa impossibilidade de sua própria vontade ou daquela de Deus? Se é o resultado de sua vontade, isso denota uma extrema perversidade, um endurecimento absoluto no mal; sendo assim, não se compreende que seres tão profundamente maus puderam ter sido *anjos de virtude*, e que, durante o tempo *indefinido* que passaram entre estes últimos, não deixaram aparecer nenhum traço de sua má natureza. Se é a vontade de Deus, compreende-se ainda menos que inflija, como castigo, a impossibilidade da volta ao bem, após uma primeira falta. O Evangelho não diz nada semelhante.

19. — “Sua perda, acrescenta-se, é doravante sem volta, e eles perseveram em seu orgulho, face a face com Deus.” De que lhes serviria não perseverar, dado que todo arrependimento é inútil? Se tivessem a esperança de uma reabilitação, a qualquer preço que fosse, o bem se constituiria num objetivo para eles, ao invés de não terem nenhum. Se perseveram no mal, é porque a porta da esperança se lhes fechou. E por que Deus lha fecha? Para se vingar da ofensa que recebeu através de sua insubmissão. Assim, para satisfazer seu ressentimento contra alguns culpados, ele prefere vê-los, não somente sofrer, mas cometer o mal em lugar do bem; induzir ao mal e incitar à perdição eterna todas as suas criaturas do gênero humano, quando seria suficiente um simples ato de clemência para evitar um tão grande desastre, e um desastre previsto por toda a eternidade!

Operar-se-ia, através do ato de clemência, uma graça pura e simples que viesse a ser, talvez, um encorajamento ao mal? Não, mas um perdão condicional, subordinado a uma sincera volta ao bem. Em lugar de uma palavra de esperança e de misericórdia, faz-se Deus dizer: *Pereça toda a raça humana, de preferência à minha vingança!* E se espantam que, com uma tal doutrina, haja incrédulos e ateus! É assim que Jesus nos representa seu Pai? Ele, que nos faz do esquecimento e do perdão das ofensas uma lei expressa, que nos diz para pagar o mal com o bem, que coloca o amor aos inimigos na primeira linha das virtudes que nos devem dar o direito ao céu, desejava então que os homens fossem melhores, mais justos, mais compassivos do que Deus mesmo?

OS DEMÔNIOS SEGUNDO O ESPIRITISMO

20. — Segundo o Espiritismo, nem os anjos nem os demônios são seres à parte; a criação dos seres inteligentes é una. Unidos a corpos materiais, eles constituem a humanidade que povoa a Terra e as outras esferas habitadas; separados desse corpo, eles constituem o mundo espiritual ou dos Espíritos que povoam os espaços. Deus os criou *perfectíveis*; deu-lhes por meta a perfeição e a felicidade que dela é consequência, mas *ele*

não lhes deu a perfeição; desejou que a devessem a seu trabalho pessoal, a fim de que lhes tivessem o mérito. Desde o instante de sua formação, eles progredem, seja no estado de encarnação, seja no estado espiritual; chegados ao apogeu, são *Espíritos puros*, ou *anjos* segundo a designação vulgar; de sorte que, desde o embrião do ser inteligente até o anjo, há uma cadeia não interrompida, da qual cada elo assinala um grau no progresso.

Resulta disso que existem Espíritos em todos os graus de avanço moral e intelectual, segundo estejam no alto, embaixo ou no meio da escala. Eles estão, por consequência, em todos os graus de sabedoria e de ignorância, de bondade e de maldade. Nas linhas inferiores, há os que estão ainda profundamente inclinados ao mal, e que nele se comprazem. Pode-se chamá-los de *demônios*, caso se deseje, pois eles são capazes de todos os malefícios atribuídos a estes últimos. Se o Espiritismo não lhes dá esse nome, é porque se relaciona ele à ideia de seres distintos da humanidade, de uma natureza essencialmente perversa, votados ao mal pela eternidade e incapazes de progredir no bem.

21. — Segundo a doutrina da Igreja, os demônios foram criados bons e se tornaram maus por sua desobediência: são os anjos decaídos; eles foram colocados por Deus no alto da escala, e desceram. Segundo o Espiritismo, são Espíritos imperfeitos, mas que se melhorarão; estão ainda embaixo da escala, mas subirão.

Aqueles que, por sua despreocupação, sua negligência, sua obstinação e sua má vontade ficam por muito mais tempo nas linhas inferiores, sofrem os percalços disso, e o hábito do mal lhes torna mais difícil sair daí; mas chega um tempo em que se cansam dessa existência penosa e dos sofrimentos que lhes são a consequência; é então que, comparando sua situação àquela dos bons Espíritos, compreendem que seu interesse está no bem, e procuram se melhorar, mas o fazem por sua própria vontade e sem serem constrangidos. *Eles se submetem à lei do progresso por sua aptidão em progredir, mas não progredem nunca, malgrado seu*. Deus lhes fornece para isso incessantemente os meios, mas eles são livres de tirarem proveito ou não disso. Se o progresso fosse obrigatório, eles não teriam nenhum mérito, mas Deus deseja que tenham aquele relativo às suas obras; ele não coloca nenhum na primeira linha por privilégio, mas a primeira linha se abre a todos, e chegam aí apenas por seus esforços. Os anjos mais elevados conquistaram sua graduação como os outros passando pela rota comum.

22. — Chegados a um certo grau de purificação, os Espíritos recebem missões de acordo com seu avanço; eles cumprem todas as que são atribuídas aos anjos das diferentes ordens. Como Deus criou por toda a eternidade, por toda a eternidade se encontra quem satisfaça a todas as necessidades do governo do universo. Uma só espécie de seres inteligentes, submetidos à lei do progresso, é suficiente, pois, para tudo. Essa unidade na criação, com o pensamento de que todos têm um mesmo ponto de partida, a mesma rota para percorrer, e de que se elevam por seu próprio mérito, responde bem melhor à justiça de Deus, do que a criação de espécies diferentes mais ou menos favorecidas de dons naturais que seriam apenas privilégios.

23. — A doutrina vulgar sobre a natureza dos anjos, dos demônios e das almas humanas, não admitindo a lei do progresso, vendo, não obstante, os seres em diversos graus, concluiu que eram o produto também de criações especiais. Ela acaba assim por fazer de Deus um pai parcial, dando tudo a alguns de seus filhos, enquanto impõe aos outros o mais rude trabalho. Não é de espantar que, durante um longo tempo, os homens

não tenham nada encontrado de chocante nessas preferências, porquanto eles as empregavam desse jeito relativamente a seus próprios filhos, pelos direitos de primogenitura e os privilégios de nascença; *poderiam acreditar que cometiam mais mal que Deus?* Mas hoje o círculo das ideias se alargou; eles veem mais claro; têm noções mais nítidas da justiça; eles a desejam para si e, se não a encontram sempre na Terra, esperam ao menos encontrá-la mais perfeita no céu; eis porque toda doutrina onde a justiça divina não lhes apareça em sua maior pureza repugna à sua razão.

MANIFESTAÇÃO DOS DEMÔNIOS NAS MANIFESTAÇÕES MODERNAS

1. — Os fenômenos espíritas modernos chamaram a atenção sobre os fatos análogos que se sucederam em todas as épocas, e nunca a história foi tão vasculhada em relação a isso quanto nestes últimos tempos. Da similitude dos efeitos, concluiu-se a unidade da causa. Como se dá com todos os fatos extraordinários cuja razão é desconhecida, a ignorância aí viu uma causa sobrenatural, e a superstição as ampliou a ela juntando crenças absurdas; daqui uma profusão de lendas que, para a maioria, são u'a mistura de um pouco de verdade e de muito de falso.

2. — As doutrinas sobre o demônio, que por tanto tempo prevaleceram, haviam de tal modo exagerado seu poder, que tinham, por assim dizer, feito esquecer Deus; eis porque se lhe dava a honra de tudo quanto parecia ultrapassar a força humana; em tudo aparecia a mão de Satã; as melhores coisas, as descobertas mais úteis, todas aquelas sobretudo que podiam tirar o homem da ignorância e alargar o círculo de suas ideias foram, muitas vezes, vistas como obras diabólicas. Os fenômenos espíritas, mais multiplicados em nossos dias, melhor observados sobretudo com a ajuda das luzes da razão e dos dados da ciência, confirmaram, é verdade, a intervenção de inteligências ocultas, mas agindo sempre nos limites das leis da natureza, revelando, por sua ação, uma nova força e leis desconhecidas até então. A questão se reduz assim em saber de que ordem são essas inteligências.

Enquanto havia sobre o mundo espiritual apenas noções incertas ou sistemáticas, podiam enganar-se; mas hoje, quando observações rigorosas e estudos experimentais projetaram luz sobre a natureza dos Espíritos, sua origem e seu destino, seu papel no universo e seu modo de ação, a questão se resolveu pelos fatos. Sabe-se agora que são as almas dos que viveram na Terra. Sabe-se também que as diversas categorias de Espíritos bons e maus não constituem seres de diferentes espécies, mas apontam para *os diversos graus de adiantamento*. Segundo a linha que ocupam, em razão de seu desenvolvimento intelectual e moral, os que se manifestam se apresentam sob aspectos bastante variados, o que não os impede de saírem da grande família humana, tanto quanto o selvagem, o bárbaro e o homem civilizado.

3. — Sobre este ponto, como sobre muitos outros, a Igreja mantém suas velhas crenças no que concerne aos demônios. Diz ela: “Temos princípios que não variaram em dezoito séculos e que são imutáveis.” Seu erro está precisamente em não ter em conta o progresso das ideias, e em crer Deus muito pouco sábio para não proporcionar a revelação para o desenvolvimento da inteligência, com o fito de conservar a mesma linguagem com os homens primitivos e com os homens adiantados. Se, enquanto a humanidade se

adianta, a religião se agarra aos velhos trâmites, tanto em matéria espiritual quanto em matéria científica, chega um momento em que ela será suplantada pela incredulidade.

4. — Eis como a Igreja explica a intervenção exclusiva do demônio nas manifestações modernas²⁸.

“Em sua intervenção exterior, os demônios não estão menos atentos em disfarçar sua presença para afastar as suspeitas. Sempre astuciosos e perversos, atraem o homem para suas armadilhas antes de lhe impor as correntes da opressão e da servidão. Aqui, eles atacam a curiosidade através de fenômenos e de jogos pueris; ali, eles causam admiração e subjagam através do encanto do maravilhoso. Se o sobrenatural aparece, se seu poder os desmascara, eles acalmam e sossegam as apreensões, eles solicitam a confiança, eles provocam a familiaridade. Quer se fazem passar por divindades e por bons gênios, quer tomam emprestados os nomes e mesmo os traços de mortos que deixaram uma recordação entre os vivos. Graças a essas fraudes dignas da antiga serpente, eles falam e são ouvidos; dogmatizam e são acreditados; misturam às suas mentiras algumas verdades e fazem com que o erro seja aceito sob todas as formas. É aí que convergem as pretensas revelações de além-túmulo; é para obter-se esse resultado que a madeira, a pedra, as florestas e as fontes, o sacrário dos ídolos, o pé das mesas, a mão das crianças se transformam em oráculos; é para isso que a pitonisa profetiza em seu delírio e que o ignorante, num sono misterioso, se torna de repente o doutor da ciência. Enganar e perverter, tal é, em toda parte e em todos os tempos, o alvo final dessas estranhas manifestações.

“Os resultados surpreendentes dessas observações ou desses atos, na maioria bizarros e ridículos, não podendo proceder de sua virtude intrínseca, nem *da ordem estabelecida por Deus*, só se pode esperá-los do concurso de poderes ocultos. Tais são, notoriamente, os fenômenos extraordinários obtidos, em nossos dias, pelos processos, em aparência inofensivos, do magnetismo e pelo porta-voz inteligente das mesas falantes. Por meio dessas operações da magia moderna, nós vemos reproduzirem-se entre nós as evocações e os oráculos, as consultas, as *curas* e as bruxarias que celebrizaram os templos dos ídolos e os antros das sibilas. Como outrora, comanda-se a madeira e a madeira obedece; interrogam-na e ela responde em todas as línguas; e em todas as perguntas a gente se encontra na presença de seres invisíveis que usurpam o nome dos mortos, cujas pretensas revelações estão assinaladas com o cunho da contradição e da mentira; formas leves e sem consistência aparecem de repente, e se mostram dotadas de uma força sobre-humana.

“Quais são os agentes secretos desses fenômenos e os verdadeiros atores dessas cenas inexplicáveis? Os anjos não aceitariam nunca esses papéis indignos e não se prestariam nunca a todos os caprichos de uma vã curiosidade. As almas dos mortos, que Deus proíbe de consultar, residem numa morada que lhes designou sua justiça, e não podem, sem sua permissão, colocar-se às ordens dos vivos. Os seres misteriosos que se rendem assim ao primeiro apelo *do herético e do ímpio, como do fiel*, para o crime bem ainda para a lealdade, não são nem os enviados de Deus, nem os apóstolos da verdade e da salvação, mas os prepostos do erro e do inferno. Malgrado o cuidado que tomam de se

²⁸ As citações deste capítulo foram tomadas da mesma pastoral daquelas do capítulo precedente de que elas são a continuação; têm, portanto, a mesma autoridade.

esconderem sob os nomes mais veneráveis, eles se traem pelo vazio de suas doutrinas, não menos que pela baixeza de seus atos e a incoerência de suas palavras. Eles se esforçam por suprimir do símbolo religioso os dogmas do pecado original, da ressurreição dos corpos, *da eternidade das penas*, e toda a revelação divina, a fim de subtrair às leis sua verdadeira sanção, e de abrir ao vício todas as barreiras. Se suas sugestões pudessem prevalecer, eles formariam uma religião cômoda, para o uso do socialismo e de todos a quem importuna a noção do dever e da consciência. A incredulidade de nosso século lhes preparou o caminho. Possam as sociedades cristãs, por um regresso sincero à fé católica, escapar ao perigo dessa nova e tremenda invasão!”

5. — Toda essa teoria repousa sobre este princípio: que os anjos e os demônios são seres distintos das almas dos homens, e que estas são o resultado de uma criação especial, inferior mesmo aos demônios, em inteligência, em conhecimentos e faculdades de todas as espécies. Ela conclui pela intervenção exclusiva dos anjos maus nas manifestações antigas e modernas, atribuídas aos Espíritos dos mortos.

A possibilidade para as almas de se comunicarem com os vivos é uma questão de fato, um resultado da experiência e da observação que nós não discutiremos aqui. Mas admitamos, por hipótese, a doutrina acima, e vejamos se não se destrói ela mesma por seus próprios argumentos.

6. — Das três categorias de anjos, segundo a Igreja, uma se ocupa exclusivamente do céu; uma outra da administração do universo; a terceira encarregou-se da Terra, e nesta se encontram os anjos guardiães designados para a proteção de cada indivíduo. Uma parte somente dos anjos desta categoria participou da revolta e se transformaram em demônios. Se Deus permitiu a estes últimos incitar os homens para sua perda, pelas sugestões de todos os gêneros, e pelo fenômeno das manifestações ostensivas, por que, se ele é soberanamente justo e bom, lhes teria concedido o imenso poder que usufruem e facultado uma liberdade da qual fazem um tão pernicioso emprego, sem permitir aos anjos bons opor-lhes um contrapeso através de manifestações semelhantes dirigidas para o bem? Admitamos que Deus tenha dado um quinhão igual de poder aos bons e aos maus, o que seria já um favor exorbitante em proveito destes últimos, o homem pelo menos estaria livre para escolher; mas dar-lhes o monopólio da tentação, com a faculdade de simular o bem para com isso confundir, com o fito de seduzir mais seguramente, seria uma verdadeira cilada pronta para sua fraqueza, para sua inexperiência, para sua boa-fé; dizemos mais: isso seria abusar da confiança de Deus. A razão se recusa a admitir uma tal parcialidade em proveito do mal. Vejamos os fatos.

7. — Concedem-se ao demônio faculdades transcendentais; eles nada perderam de sua natureza angélica; têm o saber, a perspicácia, a previdência, a clarividência dos anjos e, além disso, a astúcia, a destreza e a malícia no mais elevado grau. Seu objetivo é o de desencaminhar os homens de bem e, sobretudo, de afastá-los de Deus para arrastá-los ao inferno, do qual são os provedores e os recrutadores.

Compreende-se que se dirijam àqueles que estão no bom caminho e que são pervertidos por eles se aí persistem; compreende-se a sedução e o arremedo do bem, para os atrair para suas redes; mas o que é incompreensível é que se dirijam aos que lhes pertencem já em corpo e alma para conduzi-los a Deus e ao bem; ora, quem está mais em suas garras do que quem renega e blasfema contra Deus, quem atola no vício e na

desordem das paixões? Já não está no caminho do inferno? Compreende-se que, seguro de sua presa, ele a estimule a orar a Deus, a se submeter à sua vontade, a renunciar ao mal; que exalte a seus olhos as delícias da vida dos bons Espíritos, e lhe pinte com horror a posição dos maus? Viu-se, alguma vez, um comerciante elogiar a seus fregueses a mercadoria de seu vizinho, em detrimento da sua, e a exortá-los a ir à casa dele? Um recrutador depreciar a vida militar e louvar o repouso da vida doméstica? Dizer aos conscritos que terão uma vida de fadigas e de privações; que têm dez oportunidades em uma de serem mortos ou no mínimo de terem os braços e as pernas decepados?

É esse, entretanto, o papel estúpido que se faz representar o demônio, pois é um fato notório que, por efeito das instruções emanadas do mundo invisível, se veem todos os dias incrédulos e ateus devolvidos a Deus e rezar com fervor, o que jamais fizeram; gente viciada trabalhar com ardor por sua melhoria. Pretender que seja essa a obra das artimanhas do demônio, é transformá-lo em um grande *tonto*. Ora, como não se trata aqui de uma suposição, mas de um resultado da experiência, e porque contra um fato não existe refutação possível, é preciso concluir ou que o demônio é um desajeitado de primeira categoria, que nem é tão astuto, nem tão maligno como se pretende e, por consequência, que não é absolutamente para temer, porquanto trabalha contra seus interesses, ou bem que todas as manifestações não são dele.

8. — “Eles fazem aceitar o erro sob todas as formas; é para obter-se esse resultado que a madeira, a pedra, as florestas e as fontes, o sacrário dos ídolos, o pé das mesas, *a mão das crianças* se transformam em oráculos.”

Qual é então, depois disso, o valor destas palavras do Evangelho: “Eu espalharei do meu espírito sobre toda a carne; seus filhos e suas filhas profetizarão; os jovens terão visões e os velhos terão sonhos. — Naqueles dias, espalharei do meu espírito sobre meus servos e sobre minhas servas, e eles profetizarão.” (*Atos dos Apóstolos*, cap. II, vv. 17 e 18.) Não é a predição da mediunidade dada a todo o mundo, mesmo às crianças, e que se realiza em nossos dias? Os apóstolos lançaram anátema sobre essa faculdade? Não; eles a anunciaram como um favor de Deus, e não como obra do demônio. Os teólogos de nossos dias sabem então sobre esse ponto mais que os apóstolos? Não deveriam ver o dedo de Deus no cumprimento dessas palavras?

9. — “Por meio dessas operações da *magia moderna*, nós vemos reproduzirem-se entre nós as evocações e os oráculos, as consultas, as curas e as bruxarias que celebrizaram os templos dos ídolos e os antros das sibilas.”

Onde se veem operações da magia nas evocações espíritas? Foi-se um tempo em que se podia crer em sua eficácia; mas hoje elas são ridículas; ninguém crê nisso, e o Espiritismo as condena. Na época em que florescia a magia, fazia-se uma ideia muito imperfeita sobre a natureza dos Espíritos, que se viam como seres dotados de um poder sobre-humano; eram requisitados apenas para se obterem com isso, fosse mesmo ao preço da própria alma, os favores da sorte e da fortuna, a descoberta de tesouros, a revelação do futuro ou filtros. A magia, com a ajuda de seus signos, fórmulas e operações cabalísticas, tinha o condão de oferecer pretensos segredos para operar prodígios, constranger os Espíritos a se dispor às ordens dos homens e satisfazer seus desejos. Hoje se sabe que os Espíritos são as almas dos homens; são requisitados somente para se receberem os conselhos dos bons, para se moralizarem os imperfeitos e para prosseguirem

os relacionamentos com os seres que nos são caros. Eis aqui o que diz o Espiritismo a esse respeito.

10. — Não há nenhum meio de se constranger um Espírito a vir contra sua vontade, se for igual ou superior em moralidade, porque vocês não têm nenhuma autoridade sobre ele; se for inferior, vocês têm esse poder, *se for para o bem dele*, porque então outros Espíritos os auxiliam. (*O Livro dos Médiuns*, 2.^a parte, cap. XXV.)

— A mais essencial de todas as disposições para as evocações é o recolhimento, quando se quer conversar com Espíritos sérios. Com *a fé e o desejo do bem*, se é mais forte para evocar os Espíritos superiores. Elevando sua alma, por alguns instantes de recolhimento, no momento da evocação, vocês se identificam com os bons Espíritos, e os dispõem a vir. (*O Livro dos Médiuns*, 2.^a parte, cap. XXV.)

— Nenhum objeto, ou medalha ou talismã, tem a propriedade de atrair ou de arredar os Espíritos; a matéria não tem nenhuma ação sobre eles. Jamais um bom Espírito aconselha tais absurdos. A virtude dos talismãs jamais existiu a não ser na imaginação de pessoas crédulas. (*O Livro dos Médiuns*, 2.^a parte, cap. XXV.)

— Não há nenhuma fórmula sacramental para a evocação dos Espíritos. Quem quer que pretenda dar-lhe uma, pode intrepidamente ser taxado de embusteiro, porque para os Espíritos a forma não é nada. No entanto, a evocação deve sempre ser feita em nome de Deus. (*O Livro dos Médiuns*, 2.^a parte, cap. XVII.)

— Os Espíritos que determinam encontros em lugares lúgubres e a desoras, são Espíritos que se divertem às custas dos que os escutam. É sempre inútil e muitas vezes perigoso ceder a tais sugestões; inútil porque não se ganha absolutamente nada além de ser mistificado; perigoso, não pelo mal que podem realizar os Espíritos, mas pela influência que isso pode exercer sobre as mentes frágeis. (*O Livro dos Médiuns*, 2.^a parte, cap. XXV.)

— Não há nem dias nem horas mais especialmente propícios às evocações; isso é completamente indiferente para os Espíritos, como tudo o que é material, e seria uma *superstição* crer nessa influência. Os momentos mais favoráveis são aqueles quando o evocador pode estar menos absorto em suas ocupações habituais; quando seu corpo e seu Espírito se acham mais calmos. (*O Livro dos Médiuns*, 2.^a parte, cap. XXV.)

— À crítica maldosa apraz representar as comunicações espíritas como cercadas de práticas ridículas e supersticiosas da magia e da necromancia. Se os que falam do Espiritismo sem conhecê-lo se dessem ao trabalho de estudar aquilo de que desejam falar, eles poupariam as custas da imaginação ou das alegações que servem apenas para provar sua ignorância ou sua má vontade. Para a edificação das pessoas estranhas à ciência, nós diremos que não existem, para se comunicar com os Espíritos, nem dias, nem horas, nem lugares mais propícios uns que outros; que não precisa, para evocá-los, nem fórmulas, nem palavras sacramentais ou cabalísticas; que não é necessária nenhuma preparação nem nenhuma iniciação; que o emprego de todo signo ou objeto material, seja para os atrair, seja para os arredar, fica sem efeito, e que o pensamento é suficiente; enfim, que os médiuns recebem suas comunicações, sem sair do estado normal, tão simplesmente e tão naturalmente como se fossem ditadas por uma pessoa viva. O charlatanismo tão só poderia afetar maneiras excêntricas e juntar acessórios ridículos. (*O que é o Espiritismo?*, cap. II, n.º 49.)

— Em princípio, o futuro deve permanecer oculto ao homem; apenas em casos raros e excepcionais é que Deus lhe permite a revelação. Se o homem conhecesse o futuro, negligenciaria o presente e não agiria com a mesma liberdade, porque seria dominado pelo pensamento de que, se uma coisa deve acontecer, não há com o que se preocupar, ou então procuraria obstruí-la. Deus não desejou que fosse assim, para que cada qual concorresse para o cumprimento das coisas, mesmo daquelas às quais desejaria opor-se. Deus permite a revelação do futuro quando esse conhecimento prévio deva facilitar o cumprimento da coisa em vez de obstruí-la, incitando a agir diferentemente ao que se faria sem isso. (*O Livro dos Espíritos*, 3.^a parte, cap. X.)

— Os Espíritos não podem guiar nas pesquisas científicas e nas descobertas. A ciência é a obra do gênio; ela se adquire tão só pelo trabalho, porque é pelo trabalho somente que o homem avança em sua estrada. Que mérito teria ele se lhe bastasse apenas interrogar os Espíritos para tudo saber? Qualquer imbecil poderia tornar-se sábio a esse preço. Passa-se o mesmo quanto às invenções e as descobertas da indústria.

Quando o tempo de uma descoberta chega, os Espíritos encarregados de lhe dirigir o processo procuram o homem capaz de a levar a êxito, e lhe inspiram as ideias necessárias, de maneira a lhe deixar todo o mérito, pois essas ideias é preciso que ele as elabore e as coloque em ação. É assim com todos os grandes trabalhos da inteligência humana. Os Espíritos deixam cada homem em sua esfera; do que serve apenas para cavar a terra, não farão depositário dos segredos de Deus; mas eles saberão *tirar da obscuridade* o homem capaz de auxiliar em seus desígnios. Não se deixem, pois, jamais arrastar pela curiosidade ou ambição, para uma estrada que não é a meta do Espiritismo, e que redundará para vocês nas mais ridículas mistificações. (*O Livro dos Médiuns*, 2.^a parte, cap. XXVI.)

— Os Espíritos não podem levar à descoberta dos tesouros ocultos. Os Espíritos superiores não se ocupam dessas coisas; mas Espíritos zombeteiros indicam muitas vezes tesouros que não existem, ou podem fazer olhar num lugar, quando está no lado oposto; e isso tem sua utilidade para mostrar que a verdadeira fortuna reside no trabalho. Se a Providência destina riquezas ocultas a alguém, ele as encontrará naturalmente; do contrário não. (*O Livro dos Médiuns*, 2.^a parte, cap. XXVI.)

— O Espiritismo, esclarecendo-nos sobre as propriedades dos fluidos que são os agentes e os meios de ação do mundo invisível, e constituem uma das forças e um dos poderes da natureza, nos dá a chave de uma profusão de coisas inexplicadas e inexplicáveis por qualquer outro meio, e que puderam, em tempos recuados, passar por prodígios. Ele revela, do mesmo modo que o magnetismo, uma lei, se não desconhecida, pelo menos mal compreendida; melhor dizendo: conheciam-se os efeitos, porque se produziram em todos os tempos, mas não se conhecia a lei, e é essa ignorância da lei que engendrou a superstição. Conhecida essa lei, o maravilhoso desapareceu, e os fenômenos entram na ordem das coisas naturais. Eis aí porque os espíritas não fazem mais milagres fazendo girar uma mesa ou escreverem os mortos, do que o médico fazendo reviver um moribundo, ou o físico fazendo cair o raio. Quem pretendesse, com a ajuda desta ciência, *produzir milagres* seria ou um ignorante da coisa ou um fabricante de otários. (*O Livro dos Médiuns*, 1.^a parte, cap. II.)

— Certas pessoas fazem uma ideia muito falsa das evocações; existem as que creem que elas consistem em provocar a volta dos mortos com a pompa lúgubre do túmulo. É nos romances, nos contos fantásticos de almas do outro mundo e no teatro que se veem os mortos descarnados sair de seus sepulcros, adornados por mortalhas, fazendo estalar seus ossos. O Espiritismo, que jamais fez milagres, não fez mais esse que outros, e jamais fez reviver um corpo morto; quando um corpo está na cova, está aí com certeza definitivamente; mas o ser espiritual, fluídico, inteligente, aí não se colocou com seu invólucro grosseiro; ele se separou no momento da morte e, uma vez operada a separação, não tem mais nada de comum com ele. (*O que é o Espiritismo?*, cap. II, n.º 48.)

11. — Nós nos estendemos nessas citações para mostrar que os princípios do Espiritismo não têm nenhuma relação com os da magia. Assim, nada de Espíritos às ordens dos homens, nada de meios de os constranger, nada de signos ou fórmulas cabalísticas, nada de descobertas de tesouros ou procedimentos para se enriquecer, nada de milagres ou prodígios, nada de adivinhações nem de aparições fantásticas; nada, enfim, daquilo que constitui o alvo e os elementos essenciais da magia; não somente o Espiritismo desaprova todas essas coisas, mas demonstra sua impossibilidade e ineficácia. Não existe, portanto, nenhuma analogia entre o fim e os meios da magia com aqueles do Espiritismo; desejar compará-los pode ser apenas efeito da ignorância ou da má-fé; e como os princípios do Espiritismo não têm nada de secreto, porque são formulados em termos claros e sem equívoco, o erro não conseguiria prevalecer.

Quanto aos fatos das curas, reconhecidos como reais na pastoral supracitada, o exemplo foi mal escolhido para afastar das relações com os Espíritos. É um dos benefícios que comovem mais e que cada qual pode avaliar; pouca gente estará disposta a renunciar a ele, sobretudo depois de terem esgotado todos os outros meios, com medo de ser curada pelo diabo; mais de um, ao contrário, dirá que, se o diabo o curou, ele praticou uma boa ação²⁹.

12. — “Quais são os agentes secretos desses fenômenos e os verdadeiros atores dessas cenas inexplicáveis? Os anjos não aceitariam nunca esses papéis indignos e não se prestariam nunca a todos os caprichos de uma vã curiosidade.”

O autor deseja falar das manifestações físicas de Espíritos; nesse número, existem evidentemente as que seriam pouco dignas dos Espíritos superiores; e se a palavra *anjos* for substituída por *Espíritos puros* ou *Espíritos superiores*, se terá exatamente o que diz o Espiritismo. Mas não se conseguiria colocar no mesmo caso as comunicações inteligentes pela escrita, pela palavra, pela audição ou qualquer outro meio, que não são mais indignas dos bons Espíritos quanto não no são na Terra dos homens mais eminentes, nem as aparições, nem as curas nem uma infinidade de outros eventos que os livros sacros citam em profusão como sendo obra de anjos ou de santos. Logo, se os anjos e os santos produziram outrora fenômenos semelhantes, por que não os produziram hoje? Por que os mesmos fatos seriam hoje a obra do demônio, nas mãos de certas pessoas, enquanto se reputam como milagres santificados em outras? Sustentar uma tal tese é renunciar a qualquer lógica.

²⁹ Desejando persuadir as pessoas curadas pelos Espíritos de que o foram pelo diabo, apartou-se radicalmente da Igreja um grande número que não sonhava deixá-la.

O autor da pastoral incide em erro quando diz que tais fenômenos são inexplicáveis. Eles estão, ao contrário, hoje perfeitamente explicados, e é por isso que não se veem mais como maravilhosos e sobrenaturais; e não no tivessem sido ainda, não seria mais lógico atribuí-los ao diabo, como não era lógico outrora dar-lhe a honra de todos os efeitos naturais que a gente não compreendia.

Por papéis indignos, é preciso compreender os papéis ridículos e os que consistem em praticar o mal; mas não se pode qualificar assim aquele papel dos Espíritos que praticam o bem e remetem os homens para Deus e para a virtude. Ora, o Espiritismo diz *expressamente* que os papéis indignos não são nunca as atribuições dos Espíritos superiores, como provam os preceitos seguintes.

13. — Reconhece-se a qualidade dos Espíritos por sua linguagem; a dos Espíritos verdadeiramente bons e superiores é sempre digna, nobre, lógica, isenta de contradição; respira sabedoria, benevolência, modéstia e a mais pura moral; é concisa e sem palavras inúteis. Junto aos Espíritos inferiores, ignorantes, ou orgulhosos, o vácuo das ideias é quase sempre compensado pela abundância das palavras. Todo pensamento claramente falso, toda máxima contrária à sã moral, todo conselho ridículo, toda expressão grosseira, trivial ou simplesmente frívola, enfim, toda prova de malevolência, de presunção ou de arrogância, são sinais incontestáveis de inferioridade num Espírito.

— Os Espíritos superiores se ocupam tão só das comunicações inteligentes, em vista de nossa instrução; as manifestações físicas ou puramente materiais se encontram mais especialmente nas atribuições dos Espíritos inferiores, vulgarmente designados sob o nome de *Espíritos batedores*; como entre nós, as aplicações da força competem aos saltimbancos e não aos sábios. Seria absurdo pensar que os Espíritos, por pouco elevados que sejam, divertem-se em promover exposições. (*O que é o Espiritismo?*, cap. II, n.ºs 37, 38, 39, 40 e 60. — Ver também: *O Livro dos Espíritos*, 2.ª parte, cap. I: Diferentes ordens de Espíritos; escala espírita. *O Livro dos Médiuns*, 2.ª parte, cap. XXIV: Identidade dos Espíritos; Distinção dos bons e dos maus Espíritos.)

Qual é o homem de boa-fé que pode ver nesses preceitos um papel indigno atribuído aos Espíritos elevados? Não somente o Espiritismo não confunde os Espíritos, mas, enquanto se atribui aos demônios uma inteligência igual à dos anjos, ele constata, pela observação dos fatos, que os Espíritos inferiores são mais ou menos ignorantes, que seu horizonte moral é limitado, sua perspicácia, restrita; que têm das coisas uma ideia muitas vezes falsa e incompleta, e são incapazes de resolver certas questões, o que os coloca na impossibilidade de fazer tudo o que se atribui aos demônios.

14. — “As almas dos mortos, que Deus proíbe de consultar, residem numa morada que lhes designou sua justiça, e não podem, *sem sua permissão*, colocar-se às ordens dos vivos.”

O Espiritismo diz também que elas não podem vir sem a permissão de Deus, mas é ainda bem mais rigoroso, pois diz que nenhum Espírito, bom ou mau, pode vir sem essa permissão, enquanto a Igreja atribui aos demônios o poder de preteri-la. Vai mais longe ainda, já que diz que, mesmo com tal permissão, quando vêm ao chamado dos vivos, não é nunca para *se deixarem ficar às suas ordens*.

O Espírito evocado vem voluntariamente ou bem é constrangido? — *Ele obedece à vontade de Deus*, quer dizer, à lei geral que rege o Universo; julga se é útil vir, e aí

permanece ainda para ele o livre-arbítrio. O Espírito superior sempre vem quando é chamado para um fim *útil*; ele se recusa a responder apenas no meio de pessoas pouco sérias e que tratam a coisa como brincadeira. (*O Livro dos Médiuns*, 2.^a parte, cap. XXV.)

— O Espírito evocado pode recusar-se a vir ao chamado que lhe é feito? — Perfeitamente; onde estaria seu livre-arbítrio sem isso? Creem vocês que todos os seres do universo estejam às suas ordens? E quanto a vocês mesmos, estão obrigados a responder a todos os que pronunciam seu nome? Quando digo que ele pode recusar-se, entendo *quanto ao pedido do evocador*, pois um Espírito inferior pode ser obrigado a vir por um Espírito superior. (*O Livro dos Médiuns*, 2.^a parte, cap. XXV.)

Os espíritas tanto estão convencidos de que não têm nenhum poder direto sobre os Espíritos e de que nada podem obter sem a permissão de Deus que, quando chamam um Espírito qualquer, dizem: *Eu rogo a Deus todo-poderoso permitir a um bom Espírito comunicar-se comigo; rogo também a meu anjo guardião aceitar em me assistir e afastar os maus Espíritos*; ou então, quando se trata de chamar um Espírito determinado: *Eu rogo a Deus todo-poderoso permitir ao Espírito de fulano comunicar-se comigo*. (*O Livro dos Médiuns*, 2.^a parte, cap. XVII. n.º 203.)

15. — As acusações lançadas pela Igreja contra a prática das evocações não concernem, assim, ao Espiritismo, uma vez que carregam principalmente sobre as operações da magia, com a qual ele não tem nada em comum; o que ele condena nessas operações é o que ela mesma condena; porque ele não faz nunca representarem os bons Espíritos um papel indigno deles, e, enfim, porque declara nada reclamar e nada obter sem a permissão de Deus.

Sem dúvida, pode haver pessoas que abusam das evocações, que brincam com elas, que desvirtuam seu alvo providencial para fazê-las servir a seus interesses pessoais, que, por ignorância, leviandade, orgulho ou cupidez, se afastam dos verdadeiros princípios da doutrina; mas o Espiritismo sério as reprova, como a verdadeira religião reprova os falsos devotos e os excessos do fanatismo. Logo, não é nem lógico nem justo imputar ao Espiritismo em geral os abusos que ele condena ou as faltas daqueles que não o compreendem. Antes de formular uma acusação, precisa ver se ela fere justo. Nós diremos, portanto: A censura da Igreja recai sobre os charlatães, os exploradores, as práticas da magia e da feitiçaria; nisso, ela tem razão. Quando a crítica religiosa ou cética faz fenecer os abusos e estigmatiza o charlatanismo, ressalta melhor a pureza da sã doutrina, que ajuda assim a se desembaraçar das más escórias; nesse ponto facilita nossa tarefa. Seu erro está em confundir o bem e o mal, por ignorância quanto à maioria, por má-fé quanto a alguns; mas a distinção que ela não faz, outros fazem. Em todo caso, sua censura, à qual todo espírita sincero se associa na parte em que se aplica ao mal, não pode atingir a doutrina.

16. — “Os seres misteriosos que se rendem assim ao primeiro apelo *do herético e do ímpio, como do fiel*, para o crime bem ainda para a lealdade, não são nem os enviados de Deus, nem os apóstolos da verdade e da salvação, mas os prepostos do erro e do inferno.”

Assim, ao herético, ao ímpio, ao criminoso, Deus não permite que os bons Espíritos venham retirá-los do erro para os salvar da perdição eterna! Ele lhes envia os prepostos do inferno para chafurdá-los ainda mais no lamaçal! Muito mais, ele envia à lealdade seres

perversos para pervertê-la! Não se encontra então entre os anjos, essas criaturas privilegiadas de Deus, nenhum ser pleno de compaixão para vir em socorro dessas almas perdidas? Qual a vantagem das brilhantes qualidades de que são dotados, se servem apenas a seus gozos pessoais? São eles realmente bons se, mergulhados nas delícias da contemplação, veem essas almas na estrada do inferno, sem que venham encaminhá-las? Não é a imagem do rico egoísta que, tendo tudo em profusão, permite sem piedade que o pobre morra de fome à sua porta? Não é o egoísmo erguido em virtude e colocado aos pés do Eterno?

Não se espantem que os bons Espíritos vão ao herético e ao ímpio; é que vocês se esquecem desta palavra do Cristo: “Não é aquele que está saudável que tem necessidade de médico.” Não estariam vocês vendo as coisas de um ponto mais elevado que os fariseus em seu tempo? E vocês mesmos, se fossem chamados por um descrente, se recusariam ir até ele para colocá-lo na estrada certa? Os bons Espíritos fazem o que vocês fariam; vão ao ímpio dar-lhe a ouvir as boas palavras. Em lugar de lançar o anátema às comunicações de além-túmulo, bendigam as estradas do Senhor, e admirem sua onipotência e sua bondade infinita.

17. — Existem, diz-se, os anjos guardiães; mas, quando esses anjos guardiães não podem fazer-se ouvir pela voz misteriosa da consciência ou da inspiração, por que não empregariam eles meios de ação mais diretos e mais materiais, adequados para ferir os sentidos, já que isso é possível? Deus coloca assim esses meios, que são obra sua, dado que tudo vem dele e que nada acontece sem sua permissão, à disposição somente dos maus Espíritos, enquanto recusa aos bons de se servirem deles? Daqui é preciso concluir que Deus dá aos demônios mais facilidades para perder os homens, do que as dá aos anjos guardiães para os salvar.

Pois bem! O que os anjos guardiães não podem fazer, segundo a Igreja, os demônios fazem por eles; com a ajuda dessas mesmas comunicações pretensamente infernais, reconduzem a Deus os que o renegaram, e ao bem os que estão mergulhados no mal; eles nos dão o estranho espetáculo de milhões de homens que creem em Deus pelo poder do diabo, desde que a Igreja foi impotente para convertê-los. Que de homens que não rezaram jamais, rezam hoje com fervor, graças às instruções desses mesmos demônios! Quantos não se veem que, de orgulhosos, egoístas e debochados, se tornaram humildes, caridosos e menos sensuais! E se diz que é a obra dos demônios! Se for assim, é preciso convir que o demônio lhes prestou um muito grande serviço e melhor os assistiu do que os anjos. Precisa ter uma mui pobre opinião do julgamento dos homens deste século, para crer que eles possam aceitar cegamente tais ideias. *Uma religião que faz sua pedra angular de uma semelhante doutrina, que se declara solapada na própria base se lhe são subtraídos seus demônios, seu inferno, suas penas eternas e seu Deus impiedoso, é uma religião que se suicida.*

18. — Deus, diz-se, que enviou seu Cristo para salvar os homens, não comprovou seu amor por suas criaturas e as deixou sem proteção? Sem nenhuma dúvida, O Cristo é o divino Messias, enviado para ensinar aos homens a verdade e para lhes mostrar o boa estrada; porém, apenas depois dele, contem o número dos que puderam ouvir sua palavra de verdade, quantos morreram e quantos morrerão sem conhecê-la, e, entre os que a conhecem, quantos existem que a colocam em prática! Por que Deus, em sua solicitude

para a salvação de seus filhos, não lhes enviaria outros mensageiros, vindo por toda a terra, penetrando nos mais humildes tugúrios, junto aos grandes e junto aos pequenos, junto aos sábios e aos ignorantes, junto aos incrédulos como junto aos crentes, ensinar a verdade aos que não a conhecem, fazê-la compreender pelos que não a compreendem, suprir, por seu ensinamento *direto e múltiplo*, a insuficiência da propagação do Evangelho e apressar assim o advento do reino de Deus? E quando esses mensageiros chegam em legiões inumeráveis, abrindo os olhos aos cegos, convertendo os ímpios, curando os doentes, consolando os aflitos pelo exemplo de Jesus, vocês os rejeitam, vocês repudiam o bem que fazem, dizendo que é obra dos demônios? Tal foi também a linguagem dos fariseus com relação a Jesus, pois eles também diziam que fazia o bem pelo poder do diabo. O que lhes respondeu ele? “Reconheçam a árvore por seu fruto; uma árvore ruim não pode dar bons frutos.”

Mas, para eles, os frutos produzidos por Jesus eram ruins, porque ele vinha destruir os abusos e proclamar a liberdade que devia arruinar sua autoridade; se viesse lisonjear seu orgulho, sancionar suas prevaricações e sustentar seu poder, a seus olhos, seria o Messias tanto esperado pelos judeus. Ele estava só, pobre e fraco, eles o fizeram perecer e acreditaram matar sua palavra; mas sua palavra era divina e sobreviveu a ele. Todavia, ela se propagou com lentidão e, após dezoito séculos, a custo é conhecida da décima parte do gênero humano, e cismas numerosos rebentaram no seio mesmo de seus discípulos. É então que Deus, em sua misericórdia, envia os Espíritos para confirmá-la, completá-la, colocá-la ao alcance de todos e para difundi-la por toda a Terra. Mas os Espíritos não estão encarnados em um só homem, cuja voz seria limitada; eles são inumeráveis, vão por toda parte e ninguém pode detê-los; eis porque seu ensinamento se espalha com a rapidez do raio; eles falam ao coração e à razão, eis porque são compreendidos pelos mais humildes.

19. — “Não é indigno de celestes mensageiros, dizem vocês, transmitir suas instruções por um meio tão vulgar como aquele das mesas falantes? Não é ultrajá-los supor que se divertem com trivialidades e deixam sua brilhante morada para se colocar à disposição do primeiro que apareça?”

Jesus não deixou o reino de seu Pai para nascer em um estábulo? Onde viram vocês, aliás, que o Espiritismo atribuiu coisas triviais aos Espíritos superiores? Ele diz, ao contrário, que as coisas vulgares são o produto de Espíritos vulgares. Mas, por sua vulgaridade mesmo, elas não mais feriram que as imaginações; elas serviram para provar a existência do mundo espiritual e mostraram que esse mundo é bem outra coisa do que se haviam figurado. Era o começo; ele era simples como tudo o que começa, mas a árvore saía de um pequeno grão nem por isso menos estende, mais tarde, ao longe sua folhagem. Quem acreditaria que do miserável presépio de Belém sairia um dia a palavra que deveria transformar o mundo?

Sim, O Cristo é o Messias divino; sim, sua palavra é a da verdade; sim, a religião fundada sobre essa palavra será inabalável, mas com a condição de seguir e de praticar seus sublimes ensinamentos, e de não fazer do Deus justo e bom que nos ensina a conhecer, um Deus parcial, vingativo e sem piedade.

CAPÍTULO XI

DA PROIBIÇÃO DE EVOCAR OS MORTOS

1. — A Igreja não nega de maneira alguma o fato das manifestações; ela as admite todas, ao contrário, como se viu nas citações precedentes, mas as atribui à intervenção exclusiva dos demônios. Não têm razão os que invocam o Evangelho para as impedirem, pois o Evangelho não diz uma palavra sobre isso. O supremo argumento de que se valem é a proibição de Moisés. Eis aqui em quais termos se exprime sobre o assunto a pastoral citada nos capítulos precedentes:

“Não é permitido pôr-se em relação com eles (os Espíritos), seja imediatamente, seja por intermédio daqueles que os invocam e interrogam. A lei mosaica pune de morte essas práticas detestáveis, em uso entre os gentios. ‘Não vão procurar os mágicos, está dito no livro do Levítico, e não façam aos adivinhos nenhuma pergunta, de medo de incorrer em desonra dirigindo-se a eles.’ (Cap. XIX, v. 31.) — ‘Se um homem ou uma mulher tem um Espírito de Píton ou de adivinhação, que sejam punidos com a morte; eles serão lapidados, e seu sangue cairá sobre suas cabeças.’ (Cap. XX, v. 27.) E no livro do Deuteronômio: ‘Que não haja entre vocês ninguém que consulte os adivinhos, ou que interprete os sonhos ou os augúrios, ou que use de malefícios, de sortilégios e de encantamentos, ou que consulte aqueles que têm o Espírito de Píton e que pratiquem a adivinhação, ou que interroguem os mortos para aprender a verdade; pois o Senhor tem em abominação todas essas coisas, e destruirá, quando de sua chegada, as nações que cometem esses crimes.’ (Cap. XVIII, vv. 10 a 12.)”

2. — É útil, para o entendimento do verdadeiro sentido das palavras de Moisés, lembrar o texto completo, um pouco abreviado nessa citação:

“Não se afastem de seu Deus, para ir em busca dos mágicos, e não consultem os adivinhos, de medo de se desonrar, em se dirigindo a eles. Eu sou o Senhor seu Deus.” (*Levítico*, cap. XIX, v. 31.)

“Se um homem ou uma mulher tem um Espírito de Píton, ou um espírito de adivinhação, que sejam punidos com a morte; eles serão lapidados, e seu sangue cairá sobre sua cabeça.” (*Idem*, cap. XX, v. 27.)

“Quando vocês entrarem no país que o Senhor seu Deus lhes dará, tomem bastante cuidado para não desejarem imitar as abominações desses povos; — e que não se encontre ninguém entre vocês, que pretenda *purificar seu filho ou sua filha, fazendo-os passar pelo fogo*, ou que consulte os adivinhos, ou que interprete os sonhos e os augúrios, ou que use de malefícios, de sortilégios e de encantamentos, ou que consulte aqueles que têm o Espírito de Píton e que se metem a adivinhar, ou que interroguem os mortos para aprender a verdade. — Pois o Senhor tem em abominação todas essas coisas, e exterminará todos

esses povos quando de sua entrada, por causa dessas espécies de crimes que cometeram.” (*Deuteronômio*, cap. XVIII, vv. 9 a 12.)

3. — Se a lei de Moisés deve ser rigorosamente observada neste ponto, ela o deve ser igualmente em todos os outros, pois por que seria boa no que concerne às evocações e má em outras partes? É preciso ser consequente; se se reconhece que sua lei não está mais em harmonia com nossos costumes e nossa época quanto a certas coisas, não há razão para que ela não no esteja também quanto à proibição em pauta.

É preciso, aliás, reportar-se aos motivos que provocaram essa proibição, motivos que tinham, então, sua razão de ser, mas que não existem mais hoje seguramente. O legislador hebreu desejava que seu povo rompesse com todos os costumes retirados do Egito, onde o das evocações estava em uso, sendo objeto de abuso, como provam estas palavras de Isaías: “O espírito do Egito se aniquilará, e eu eliminarei seu parecer; eles consultarão seus ídolos, seus adivinhos, seus pítons e seus mágicos.” (Cap. XIX, v. 3.)

De qualquer modo, os Israelitas não deviam negociar nenhuma aliança com as nações estrangeiras; note-se que eles iam encontrar as mesmas práticas junto àqueles aonde iam entrar e contra quem deviam combater. Moisés teve assim, por causa da política, de inspirar ao povo hebreu a aversão a todos os seus costumes que tivessem pontos de contato, caso fossem comparados. Para motivar essa aversão, era preciso apresentá-los como reprovados por Deus mesmo; foi por isso que disse: “O Senhor tem em abominação todas essas coisas, e destruirá, *quando de sua chegada*, as nações que cometem esses crimes.”

4. — A proibição de Moisés era tanto mais justificada quanto não se evocavam os mortos por respeito e afeição por eles, nem com um sentimento de piedade; era um meio de adivinhação, da mesma espécie que os augúrios e os presságios, explorado pelo charlatanismo e pela superstição. O que quer que tenha podido fazer, não conseguiu desarraigar esse hábito transformado em objeto de comércio, conforme atestam as passagens seguintes do mesmo profeta:

“E quando lhes disserem: Consultem os mágicos e os adivinhos, que falam em segredo em seus encantamentos, respondam-lhes: Cada povo não consulta seu Deus? E a gente vai conversar com os mortos sobre o que respeita aos vivos?” (*Isaías*, cap. VIII, v. 19.)

“Sou eu que faço ver a falsidade dos prodígios da magia; que tornam insensatos os que se metem a adivinhar; que transtorna o espírito dos sábios, e que convence de loucura sua ciência vã.” (Cap. XLIV, v. 25.)

“Que esses áugures que estudam o céu, que contemplam os astros e que contam os meses para realizar as predições que desejam dar a vocês do futuro, venham agora e os salvem. — Vieram como a palha, o fogo as devorou; não poderão livrar-lhes as almas das chamas ardentes; não restarão nem mesmo de sua fogueira as brasas nas quais se possa aquecer, nem fogo diante do qual se possa sentar. — Eis aqui em que se tornarão todas essas coisas às quais se aplicaram com tanto trabalho; esses *negociantes* que traficaram com vocês em sua juventude fugirão todos, um para um lado, outro para outro, sem que deles se encontre um só que retire vocês de seus males” (Cap. XLVII, vv. 13 a 15.)

Nesse capítulo, Isaías se dirige aos babilônios, sob a figura alegórica de “a virgem filha da Babilônia, filha dos Caldeus.” (Versículo 1.) Ele diz que os feiticeiros não impedirão a ruína de sua monarquia. No capítulo seguinte, ele se endereça diretamente aos israelitas.

“Venham aqui, vocês, filhos de uma agourenta, raça de um homem adúltero e de uma mulher prostituída. — Às custas de quem vocês se divertiram? Contra quem abriram a boca e exibiram suas línguas ferinas? Não são vocês filhos pérfidos e crianças bastardas — vocês que procuram seu alívio em seus deuses, sob todas as árvores carregadas de folhagem, que *sacrificam seus filhinhos* nas torrentes sob as rochas salientes? — Vocês têm colocado sua confiança nas pedras da torrente; vocês derramaram licores para honrá-las; vocês lhes ofertaram sacrifícios. Depois disso, minha indignação não se excitará? (Cap. LVII, vv. 3 a 6.)

Estas palavras não causam equívocos; elas provam claramente que, nesse tempo, as evocações tinham por alvo a adivinhação, e que disso se fazia um comércio; estavam associadas às práticas da magia e da feitiçaria, acompanhadas até de sacrifícios humanos. Moisés tinha razão em proibir essas coisas e em dizer que Deus as tinha em abominação. Essas práticas supersticiosas se perpetuaram até a Idade Média; mas hoje a razão as colocou em seu devido lugar, e o Espiritismo veio mostrar o alvo exclusivamente moral, consolador e religioso das relações de além-túmulo; desde que os espíritas não “sacrificam os filhinhos e não derramaram licores para honrar os deuses”, que não interrogam nem os astros, nem os mortos, nem os áugures para conhecerem o futuro, que Deus sabiamente ocultou dos homens; que repudiam todo comércio com a faculdade que alguns receberam de se comunicar com os Espíritos; que não são movidos nem pela curiosidade, nem pela cupidez, mas por um sentimento piedoso e só pelo desejo de se instruir, de se melhorar e de consolar as almas sofredoras, a proibição de Moisés não lhes concerne de maneira alguma; é o que teriam visto aqueles que a invocam contra eles, se tivessem melhor aprofundado o sentido das palavras bíblicas; eles teriam reconhecido que não existe nenhuma analogia entre o que se passava junto aos hebreus e os princípios do Espiritismo; mais ainda, que o Espiritismo condena precisamente aquilo que motivava a proibição de Moisés; mas, cegos pelo desejo de encontrar um argumento contra as novas ideias, não se aperceberam de que esse argumento é completamente falso.

A lei civil de nossos dias pune todos os abusos que desejava coibir Moisés. Se Moisés pronunciou a condenação suprema contra os transgressores, foi porque precisava de meios rigorosos para governar esse povo indisciplinado; por isso a pena de morte se prodigalizou em sua legislação; ele não tinha, de resto, muita escolha em seus meios de repressão; não havia nem prisões, nem casas de correção no deserto, e a natureza de seu povo não o levava a temer penas puramente disciplinares; ele não podia graduar sua sentença como se faz em nossos dias. Logo, está errado quem se apoia na severidade do castigo para provar o grau de culpabilidade na evocação dos mortos. Precisaria, por respeito à lei de Moisés, manter a pena capital para todos os casos em que ele a aplicava? Por que, de qualquer modo, dar nova vida com tanta insistência a esse artigo, quando se passa em silêncio o começo do capítulo que proíbe *aos sacerdotes possuir os bens da terra e de participar de qualquer herança, porque o Senhor é ele mesmo sua herança?* (Deuteronômio, cap. XXVIII, vv. 1 e 2.)

5. — Há duas partes distintas na lei de Moisés: a lei de Deus propriamente dita, promulgada no Monte Sinai, e a lei civil ou disciplinar, apropriada aos costumes e ao caráter do povo; uma é invariável, a outra se modifica segundo os tempos, e não pode advir ao pensamento de ninguém que possamos ser governados pelos mesmos

expedientes que os hebreus no deserto, não mais que os decretos capitulares de Carlos Magno poderiam aplicar-se na França do século dezenove. Quem sonharia, por exemplo, fazer reviver hoje este artigo da lei mosaica: “Se um boi bate com seu chifre em um homem ou uma mulher, e por isso morram, o boi será lapidado, e não se comerá de sua carne; mas o dono do boi será julgado inocente.” (*Êxodo*, cap. XXI, v. 28 e 29.)

Este artigo, que nos parece tão absurdo, não tinha, contudo, por objetivo punir o boi e inocentar seu dono; ele equivalia, simplesmente, ao confisco do animal, por causa do acidente, para obrigar o proprietário a ser mais vigilante. A perda do boi era a punição do dono, punição que devia ser bastante significativa, junto a um povo de pastores, para que não fosse necessário infligir-lhe outra; no entanto, ela não devia aproveitar a ninguém; eis porque era proibido comer-lhe a carne. Outros artigos estipulam o caso em que o dono é responsável.

Tudo tinha sua razão de ser na legislação de Moisés, pois tudo está previsto até aos menores detalhes; mas tanto a forma quanto o fundo se conformavam às circunstâncias onde ele se encontrava. Certamente, se Moisés retornasse hoje para dar um código a uma nação civilizada da Europa, não lhe daria aquele dos hebreus.

6. — A isso se objeta que todas as leis de Moisés se editaram em nome de Deus, tanto quanto aquela do Sinai. Caso se julguem todas de fonte divina, por que os mandamentos se limitaram ao decálogo? É que se fez a diferença; se todas emanam de Deus, todas são igualmente obrigatórias; por que não se observam todas? Por que, por outro lado, não se conservou a circuncisão que Jesus sofreu e que não aboliu nunca? Esquece-se de que todos os legisladores antigos, para dar mais autoridade às suas leis, disseram obtê-las de uma divindade. Moisés tinha mais que nenhum outro necessidade desse apoio, em razão do caráter de seu povo; se, apesar disso, teve tanta dificuldade em se fazer obedecer, teria sido bem pior, caso se promulgassem em seu próprio nome.

Jesus não veio modificar a lei mosaica, e não é sua lei o código dos cristãos? Não disse ele: “Vocês aprenderam que disseram aos antigos isto e aquilo, e, quanto a mim, eu lhes digo qualquer outra coisa?” Mas tocou ele na lei do Sinai? De jeito algum; ele a sanciona, e toda a sua doutrina moral não é mais do que um desenvolvimento dela. Ora, em nenhum lugar ele fala sobre a proibição de evocar os mortos. Era uma questão assaz grave, entretanto, para que ele omitisse em suas instruções, mesmo porque tratou de questões mais secundárias que ela.

7. — Em resumo, trata-se de saber se a Igreja põe a lei mosaica acima da lei evangélica, ou por outra, se ela é mais judia do que cristã. É mesmo o caso de se observar que, de todas as religiões, a que faz menos oposição ao Espiritismo é a judaica, e que ela não invocou nunca, contra as relações com os mortos, a lei de Moisés sobre a qual se apoiam as seitas cristãs.

8. — Outra contradição. Se Moisés proibiu evocar os Espíritos dos mortos, é que então esses Espíritos podem vir, caso contrário, sua proibição seria inútil. Se podiam vir em seu tempo, eles o podem ainda hoje; se são os Espíritos dos mortos, logo, não são mesmo exclusivamente demônios. De resto, Moisés não fala nenhuma vez destes últimos.

É evidente, portanto, que não caberia logicamente apoiar-se na lei de Moisés nesta circunstância, pelo duplo motivo de que ela não rege o Cristianismo e não é apropriada aos

costumes de nossa época. Mas, supondo-se-lhe toda a autoridade que alguns lhe atribuem, ela não pode, conforme nós já vimos, aplicar-se ao Espiritismo.

Moisés, é verdade, inclui a interrogação dos mortos em sua proibição; mas o faz de maneira secundária, e como acessório das práticas de feitiçaria. A palavra *interrogar* colocada ao lado dos adivinhos e dos áugures, prova que, junto aos hebreus, as evocações eram um meio de adivinhação; ora, os espíritas não evocam os mortos para obter revelações ilícitas, mas para receber sábios conselhos e proporcionar alívio aos que sofrem. Por certo, se os hebreus se servissem das comunicações de além-túmulo para este fim, longe de proibi-las, Moisés as encorajaria, porque tornariam seu povo mais tratável.

9. — Se aprove a alguns críticos brincalhões ou mal-intencionados apresentar as reuniões espíritas como assembleias de feiticeiros e de necromantes, e os médiuns como leitores da boa sorte; se alguns charlatães misturam esse nome a práticas ridículas que se desaprovam, muitas pessoas sabem em que se apegar quanto ao caráter essencialmente moral e austero das reuniões do Espiritismo sério; a doutrina escrita para o mundo todo protesta insistentemente contra os abusos de todos os gêneros, para que a calúnia recaia sobre quem o mereça.

10. — A evocação, diz-se, é uma falta de respeito para os mortos, cuja cinza não se precisa perturbar. Quem diz isso? Os adversários de dois campos opostos que se dão a mão; os incrédulos *que não creem nas almas*, e os que, crendo, pretendem que *elas não podem vir e que somente o demônio se apresenta*.

Quando a evocação é feita religiosamente e com recolhimento; quando os Espíritos são chamados, não por curiosidade, mas por um sentimento de afeição e de simpatia, e com o desejo sincero de se instruir e de se tornar melhor, a gente não vê o que haveria aí de mais desrespeitoso, se chamar as pessoas *depois de sua morte, se enquanto vivas*. Mas há uma outra resposta peremptória a essa objeção, é que os Espíritos vêm livremente e não por constrangimento; vêm mesmo espontaneamente, sem serem chamados; testemunham sua satisfação em comunicar-se com os homens, e se lamentam amiúde do esquecimento em que permanecem às vezes. Se ficassem perturbados em sua quietude ou descontentes com nosso apelo, eles o diriam ou não viriam. Desde que são livres, quando vêm é que isso lhes é conveniente.

11. — Alega-se uma outra razão: “As almas, diz-se, habitam em u’a morada que lhes foi designada pela justiça de Deus, quer dizer, no inferno ou no paraíso”; assim, aquelas que estão no inferno não podem sair, conquanto toda a liberdade seja nesse aspecto dada aos demônios; aquelas que estão no paraíso se dão por completo à sua beatitude; elas estão muito acima dos mortais para se ocuparem deles, e muito felizes para voltarem, nesta terra de miséria, a se interessar pelos parentes e amigos que aqui deixaram. Elas são como os ricos que afastam a vista de sobre os pobres, com medo de que perturbe isso sua digestão? Se fosse assim, seriam pouco dignas da felicidade suprema, a qual seria o prêmio do egoísmo. Restam as que estão no purgatório; essas, porém, são sofredoras e têm de pensar em sua salvação antes de tudo; logo, nem umas nem outras podem vir; é o diabo somente que vem em seu lugar. Se elas não podem vir, não há que se temer perturbar seu repouso.

12. — Mas aqui se apresenta uma outra dificuldade. Se as almas que estão na beatitude, não podem deixar sua morada de glória para vir em socorro dos mortais, por

que a Igreja invoca a assistência dos santos que, eles sim devem gozar da maior soma possível de beatitude? Por que diz aos fiéis para os invocar nas doenças, nas aflições, e para se preservarem dos flagelos? Por que, segundo ela, os santos, a Virgem, ela mesma, vêm mostrar-se aos homens e fazer milagres? Eles deixam então o céu para virem à Terra. Se os que estão no mais alto dos céus podem deixá-lo, por que os que estão menos elevados não poderiam?

13. — Que os incrédulos neguem a manifestação das almas, isso se concebe, já que descreem da alma; mas o que é estranho é ver aqueles cujas crenças repousam na existência dela e em seu futuro *lançarem-se com paixão contra os meios de provar que ela existe e se esforçarem por demonstrar que isso é impossível*. Pareceria natural, ao contrário, que aqueles que têm o máximo de interesse em sua existência devessem acolher com alegria e como um benefício da Providência os meios de confundir os negadores através de provas irrecusáveis, já que são os negadores da religião. Eles deploram sem cessar a invasão da incredulidade que dizima o rebanho dos fiéis, mas, quando o mais possante meio de combatê-la se apresenta, rejeitam-no com mais obstinação que os incrédulos mesmos. Depois, quando as provas transbordam ao ponto de não deixar nenhuma dúvida, usam do recurso, como argumento supremo, da proibição de se ocupar disso, e, para justificá-la, vão procurar um artigo da lei de Moisés, no qual ninguém pensava, e onde se deseja, a todo custo, ver uma aplicação que não existe. Ficou-se tão feliz com essa descoberta que não se percebeu que esse artigo é uma justificação para a doutrina espírita.

14. — Todos os motivos alegados contra as relações com os Espíritos não podem sustentar um exame sério; da paixão que nisso se coloca, no entanto, só se pode inferir que a essa questão se prende um grande interesse, ou não se colocaria nisso tanta insistência. Ao ver esta cruzada de todos os cultos contra as manifestações, dir-se-ia que *elas têm medo*. O verdadeiro motivo poderia bem ser o temor que os Espíritos, assaz clarividentes, viessem esclarecer os homens sobre os pontos que se deseja deixar na sombra, e os fazer conhecer ao certo o que existe no outro mundo e *as verdadeiras condições para ali ser feliz ou infeliz*. Eis porque, da mesma forma que se diz a uma criança: “Não vá lá: que ali existe um lobisomem”; diz-se aos homens: “Não apelem para os Espíritos: que aí vem o diabo.” Mas eles tentam em vão; caso se interditem os homens de chamar os Espíritos, não se impedirá os Espíritos de vir até os homens retirar a lâmpada de sob o alqueire.

O culto que estiver com a verdade absoluta não terá nada a temer da luz, pois a luz fará ressaltar a verdade, e o demônio nada teria para prevalecer contra a verdade.

15. — Rebater as comunicações de além-túmulo é rejeitar o possante meio de instrução que redunde, por si mesmo, da iniciação à vida futura e dos exemplos que elas nos fornecem. A experiência nos ensina, por outra, o bem que se pode fazer desviando do mal os Espíritos imperfeitos, ajudando os que sofrem a se libertar da matéria e a se melhorar; interdita-las é privar as almas infelizes da assistência que nós lhes podemos dar. As palavras seguintes de um Espírito resumem admiravelmente as consequências da evocação praticada com um objetivo caridoso:

“Cada Espírito sofredor e lastimoso lhes contará a causa de sua queda, os arrastamentos aos quais sucumbiu; ele lhes dirá de suas esperanças, de seus combates, de seus terrores; ele lhes dirá de seus remorsos, de suas dores, de seus desesperos; ele lhes mostrará Deus, justamente irritado, punindo o culpado com toda a severidade de sua

justiça. Escutando-o, vocês ficarão movidos de compaixão por ele e de temor por vocês mesmos; seguindo-o em suas lamúrias, vocês verão a Deus não no perdendo de vista, esperando o pecador arrepender-se, estendendo-lhe os braços tão logo ensaie avançar. Vocês verão os progressos do culpado, para os quais terão a felicidade e a glória de haver contribuído; vocês o seguirão com solícitude, como o cirurgião segue as melhoras da ferida de que trata diariamente.” (Bordéus, 1861.)

SEGUNDA PARTE

EXEMPLOS

CAPÍTULO PRIMEIRO

A PASSAGEM

1. — A confiança na vida futura não exclui as apreensões da passagem desta vida para a outra. Muita gente não teme a morte pela morte em si mesma; o que receiam é o momento da transição. Sofre-se ou não se sofre na travessia? Eis o que as inquieta; e a coisa vale tanto mais a pena porque ninguém dela pode escapar. A gente pode dispensar-se de uma viagem terrestre; mas aqui ricos e pobres devem determinar-se e, se for doloroso, nem a hierarquia nem a fortuna poderiam suavizar a amargura.

2. — Ao ver a calma de certas mortes e as terríveis convulsões da agonia em algumas outras, pode-se desde logo julgar que as sensações não são sempre as mesmas; mas quem nos pode elucidar a respeito? Quem nos descreverá o fenômeno fisiológico da separação da alma e do corpo? Quem nos falará sobre as impressões desse instante supremo? Sobre esse ponto, a ciência e a religião ficam mudas.

E por que isso? Porque falta a uma e à outra o conhecimento das leis que regem as relações do espírito e da matéria; uma para na soleira da vida espiritual, a outra, na da vida material. O Espiritismo é o traço de união entre os dois; só ele pode dizer como se realiza a transição, seja pelas noções mais positivas que ele fornece sobre a natureza da alma, seja pelo relato dos que deixaram a vida. O conhecimento do liame fluídico que une a alma e o corpo é a chave desse fenômeno, como de muitos outros.

3. — A matéria inerte é insensível: isso é um fato positivo; só a alma experimenta as sensações do prazer e da dor. Durante a vida, toda desagregação da matéria se repercute na alma, a qual recebe uma impressão mais ou menos dolorosa. É a alma que sofre e não o corpo; este é apenas o instrumento da dor: a alma é o paciente. Após a morte, estando o corpo separado da alma, pode ser impunemente mutilado, pois não sente nada; estando a

alma isolada, não sofre nenhum dano pela desorganização deste último; ela tem suas sensações próprias, cuja fonte não se encontra na matéria tangível.

O perispírito é o invólucro fluídico da alma, da qual não se separou nem antes nem após a morte, e com a qual perfaz, por assim dizer, um todo, pois não se pode conceber um sem o outro. Durante a vida, o fluido perispiritual se instala no corpo, em todos os lugares, e serve de veículo às sensações físicas da alma; é também por esse intermédio que a alma age sobre o corpo e lhe dirige os movimentos.

4. — A extinção da vida orgânica produz a separação da alma e do corpo pela ruptura do liame fluídico que os uniu; mas essa separação não é jamais brusca; o fluido perispiritual se libera pouco a pouco de todos os órgãos, de sorte que a separação é completa e absoluta quando não resta mais um só átomo do perispírito unido a uma molécula do corpo. *A sensação dolorosa que a alma experimenta nesse momento está na razão da soma dos pontos de contato que existem entre o corpo e o perispírito, e da maior ou menor dificuldade e demora que apresente a separação.* Então, não é preciso esconder que, segundo as circunstâncias, a morte pode ser mais ou menos penosa. São essas diferentes circunstâncias que nós iremos examinar.

5. — Fixemos primeiro, como princípio, os quatro itens seguintes, que se podem arrostar como as situações extremas, entre as quais há uma porção de nuances: 1.º) Se, no momento da extinção da vida orgânica, o desprendimento do perispírito se realizou completamente, a alma não sente absolutamente nada; 2.º) se, nesse momento, a união dos dois elementos permanece com toda a sua força, produz-se uma espécie de rasgadura que incide dolorosamente sobre a alma; 3.º) se a união é fraca, a separação é fácil e se realiza sem choque; 4.º) se, após a cessação completa da vida orgânica, existem ainda numerosos pontos de contato entre o corpo e o perispírito, a alma poderá sentir os efeitos da decomposição do corpo até que o liame seja inteiramente rompido.

Disso resulta que o sofrimento que acompanha a morte está subordinado à força de aderência que une o corpo e o perispírito; que tudo o que pode ajudar para a diminuição dessa força e para a rapidez do desprendimento torna a passagem menos penosa; enfim, que, se o desprendimento se realiza sem nenhuma dificuldade, a alma não experimenta nenhuma sensação desagradável.

6. — Na passagem da vida corpórea para a vida espiritual, se produz ainda um outro fenômeno de uma importância capital: é aquele da perturbação. Nesse momento, a alma experimenta um entorpecimento que paralisa momentaneamente suas faculdades e neutraliza, em parte pelo menos, as sensações; ela fica, por assim dizer, em catalepsia, de sorte que não se faz quase nunca testemunha consciente do último suspiro. Nós dizemos *quase nunca* porque existe um caso em que ela pode ter consciência, como veremos logo mais. A perturbação pode assim ser considerada como o estado normal no instante da morte; sua duração é indeterminada: ela varia de algumas horas a alguns anos. À medida que se dissipa, a alma fica na situação do homem que sai de um sono profundo; as ideias são confusas, vagas e incertas; enxerga-se como através de um nevoeiro; pouco a pouco a vista se aclara, a memória volta, segundo cada indivíduo; para uns, isto ocorre com calma e propicia uma sensação deliciosa; em consequência, dá-se o reconhecimento; mas esse despertar é muito diferente para outros, vem pleno de terror e ansiedade e produz o efeito de um pesadelo horrível.

7. — O momento do último suspiro não é o mais penoso, porque o mais comum é a alma não ter consciência de si mesma; mas, antes, ela sofre com a desagregação da matéria durante as convulsões da agonia e, depois, com as angústias da perturbação. Apressemos-nos em dizer que esse estado não é geral. A intensidade e a duração do sofrimento estão, como dissemos, na razão da afinidade que existe entre o corpo e o perispírito; mais essa afinidade é grande, mais os esforços do Espírito para se desprender de seus liames são longos e penosos; mas há pessoas para quem a união é tão fraca que o desprendimento se realiza por si mesmo e naturalmente. O Espírito se separa do corpo como um fruto maduro se destaca de seu caule; é o caso da morte calma e do despertar pacífico.

8. — O estado moral da alma é a causa principal que influencia sobre a maior ou menor facilidade do desprendimento. A afinidade entre o corpo e o perispírito está na razão do apego do Espírito à matéria; ela se encontra em seu máximo junto ao homem cujas preocupações se concentram todas na vida e nos gozos materiais; ela é quase nula junto àquele cuja alma purificada se identifica por antecipação à vida espiritual. Já que a lentidão e a dificuldade da separação residem na razão do grau de purificação e de desmaterialização da alma, depende de cada um tornar essa passagem mais ou menos fácil ou penosa, agradável ou dolorosa.

Estando isto fixado, a uma vez como teoria e como resultado da observação, restamos para examinar a influência do gênero de morte sobre as sensações da alma no último momento.

9. — Na morte natural, aquela que resulta da extinção das forças vitais pela idade ou pela doença, o desprendimento se realiza gradualmente; junto ao homem cuja alma se desmaterializou e cujos pensamentos se apartaram das coisas terrestres, o desprendimento se encontra quase completo antes da morte real; o corpo vive ainda a vida orgânica, enquanto a alma já entrou na vida espiritual, e se une mais ao corpo apenas por um liame tão fraco que se rompe, sem sacrifício na derradeira batida do coração. Nessa situação, o Espírito pode haver recobrado já sua lucidez e ser testemunha consciente da extinção da vida de seu corpo, de que fica feliz por se libertar; para ele, a perturbação é quase nula; não passa de um momento de sono pacífico, de que ele sai com inexprimível sensação de felicidade e de esperança.

Junto ao homem material e sensual, aquele que viveu mais do corpo do que do Espírito, para quem a vida espiritual nada é, sequer uma realidade em seu pensamento, tudo contribuiu para *estreitar* mais os liames que o prendem à matéria; nada veio afrouxá-los durante a vida. À aproximação da morte, o desprendimento se realiza também por etapas mas com esforços sucessivos. As convulsões da agonia são o indício da luta que o Espírito sustenta, que, umas vezes, deseja romper os liames que lhe resistem e que, de outras vezes, se agarra ao corpo, do qual uma força irresistível o arranca violentamente, pedaço por pedaço.

10. — O Espírito se aferra tanto mais à vida corporal quanto nada vê além; ele sente que ela lhe escapa e deseja retê-la; em lugar de se abandonar ao movimento que o conduz, resiste com todas as suas forças; pode assim prolongar a luta durante dias, semanas e meses inteiros. Sem dúvida, nesse momento, o Espírito não detém toda a sua lucidez; a perturbação começou bastante tempo antes da morte, mas nem por isso sofre menos, e o

vácuo em que se encontra, a incerteza do que advirá para ele, se crescem às suas angústias. A morte chega mas nem tudo acaba; a perturbação continua; ele sente que vive, mas não sabe se se trata da vida material ou da vida espiritual; ele luta ainda até que os últimos liames do perispírito se rompam. A morte colocou um fim na doença efetiva, mas não lhe acabou absolutamente com as conseqüências; enquanto existirem pontos de contato entre o corpo e o perispírito, o Espírito se resente dos golpes e sofre com isso.

11. — Bem diferente é a posição do Espírito desmaterializado, mesmo durante as mais cruéis enfermidades. Os liames fluídicos que o unem ao corpo, estando muito fracos, se rompem sem nenhum choque; depois, sua confiança no futuro, que ele já entrevê pelo pensamento, às vezes mesmo em realidade, o faz encarar a morte como uma libertação e seus males como uma prova; daqui, para ele, uma calma moral e uma resignação que suavizam o sofrimento. Após a morte, rompendo-se esses liames no mesmo instante, nenhuma reação dolorosa ocorre; ele se sente, em seu despertar, livre, disposto, aliviado de um grande peso e contentíssimo por não mais sofrer.

12. — Na morte violenta, as condições não são exatamente as mesmas. Nenhuma desagregação parcial pôde trazer uma separação prévia entre o corpo e o perispírito; a vida orgânica, em toda a sua pujança, para subitamente; o desprendimento do perispírito começa assim somente após a morte e, nesse caso como em outros, não pode realizar-se instantaneamente. O Espírito, surpreendido de improviso, fica como aturdido; mas, percebendo que pensa, acredita-se ainda vivo, e essa ilusão dura até que se dê conta de sua posição. Esse estado intermediário entre a vida corporal e a vida espiritual é um dos mais interessantes para se estudar, porque apresenta o singular espetáculo de um Espírito que toma seu corpo fluídico por seu corpo material e que experimenta todas as sensações da vida orgânica. Ele proporciona uma variedade infinita de nuances segundo o caráter, os conhecimentos e o grau de avanço moral do Espírito. É de curta duração para aqueles cuja alma está purificada, porque havia neles um desprendimento antecipado, cujo término a morte, mesmo a mais súbita, não fez mais do que apressar; para outros, pode prolongar-se durante anos. Esse estado é bastante frequente, mesmo nos casos de morte corriqueira, e não representa, para alguns, nada de penoso, consoante as qualidades do Espírito; mas, para outros, é uma situação terrível. É no suicídio, sobretudo, que essa situação é a mais penosa. Fixando-se o corpo ao perispírito por todas as suas fibras, todas as convulsões do corpo repercutem na alma, que experimenta sofrimentos atrozes.

13. — O estado do Espírito no momento da morte pode resumir-se assim:

O Espírito sofre tanto mais quanto o desprendimento do perispírito for mais lento; a presteza do desprendimento está na razão do grau de avanço moral do Espírito; para o Espírito desmaterializado, cuja consciência é pura, a morte é um sono de alguns instantes, isenta de todo sofrimento, e cujo despertar é pleno de suavidade.

14. — Para trabalhar por sua purificação, reprimir as más tendências, vencer as paixões, *precisa ver as vantagens disso no futuro*; para se identificar com a vida futura, para ela dirigir suas aspirações e preferi-la à vida terrestre, precisa não somente crer nisso, mas compreendê-la; precisa que seja representada sob um aspecto satisfatório para a razão, em completo acordo com a lógica, o bom senso e a ideia que se faz da grandeza, da bondade e da justiça de Deus. De todas as doutrinas filosóficas, o Espiritismo é aquela que

exerce, sob esse ponto de vista, a mais poderosa influência pela fé inabalável que proporciona.

O espírita sério não se limita a acreditar; *ele acredita porque compreende*, e compreende porque o Espiritismo se endereça a seu julgamento; a vida futura é uma realidade que se desenrola incessante a seus olhos; ele a vê e a toca, por assim dizer, todos os instantes; a dúvida não pode penetrar em sua alma. A vida corporal tão limitada se eclipsa para ele diante da vida espiritual, que é a verdadeira vida; daqui, o pouco caso que faz dos incidentes da estrada e sua resignação perante as vicissitudes, cujas causa e utilidade compreende. Sua alma se eleva pelas relações diretas que mantém com o mundo invisível; os liames fluídicos que o vinculam à matéria se enfraquecem e assim se realiza um primeiro desprendimento parcial que facilita a passagem desta vida para a outra. A perturbação inseparável da transição é de curta duração, porque, tão cedo a soleira esteja franqueada, ele se reconhece; nada lhe é estranho; ele se dá conta de sua situação.

15. — O Espiritismo não é seguramente indispensável para esse resultado; também não tem a pretensão de ele apenas assegurar a salvação da alma, mas a favorece pelos conhecimentos que propicia, pelos sentimentos que inspira e pelas disposições nas quais coloca o Espírito, a quem faz compreender a necessidade de se melhorar. Ele dá além do mais, a cada um, os meios de favorecer o desprendimento *de outros Espíritos* no momento em que deixam seu invólucro terrestre, e de abreviar a duração da perturbação pela prece e pela evocação. Pela prece sincera, que é uma magnetização espiritual, se provoca uma desagregação mais rápida do fluido perispiritual; por uma evocação conduzida com sabedoria e prudência, e por palavras de benevolência e de encorajamento, se retira o Espírito do entorpecimento em que se encontra, se ajuda a reconhecer-se mais cedo; se é sofredor, é excitado ao arrependimento, o qual só pode abreviar-lhe os sofrimentos³⁰.

³⁰ Os exemplos que nós iremos citar apresentam os Espíritos em diferentes fases de felicidade e de infelicidade da vida espiritual. Nós não vamos procurá-los nas personagens mais ou menos ilustres da antiguidade, cuja posição pode haver mudado consideravelmente depois da existência que conhecemos delas e que não ofereceriam, além do mais, provas suficientes de autenticidade. Nós os retiramos das circunstâncias mais comuns da vida contemporânea, porque são as em que cada um pode encontrar maior similitude, e das quais se podem extrair as instruções mais proveitosas pela comparação. Mais a existência terrestre dos Espíritos se aproxima de nós, pela posição social, pelas relações e pelos laços de parentesco, mais nos interessam e mais fácil é controlar a sua identidade. As posições vulgares são as de maior número. Eis porque cada um pode fazer mais facilmente aplicação delas; as posições excepcionais tocam menos, porque saem da esfera de nossos costumes. Não são essas, portanto, as ilustrações que nós procuramos; se, nesses exemplos, se encontram algumas personalidades conhecidas, a maioria é completamente obscura; nomes ressonantes não acrescentariam nada para a instrução e poderiam melindrar susceptibilidades. Nós não nos endereçamos nem aos curiosos nem aos amantes do escândalo, mas àqueles que desejam seriamente instruir-se.

Esses exemplos poderiam ser multiplicados ao infinito; mas, forçado a limitar o número deles, nós fizemos a escolha daqueles que podem lançar mais luz sobre o estado do mundo espiritual, seja pela posição do Espírito, seja pelas explicações que ensinavam. A maioria é de inéditos; alguns somente foram já publicados na *Revista Espírita*; nestes suprimimos os detalhes supérfluos, conservando apenas as partes essenciais ao fim a que nos propusemos aqui, e acrescentamos as instruções complementares, às quais deram oportunidade ulteriormente.

CAPÍTULO II

ESPÍRITOS FELIZES

O SR. SANSON

O Sr. Sanson, antigo membro da Sociedade Espírita de Paris, faleceu a 21 de abril de 1862, após um ano de cruéis sofrimentos. Ao prever seu fim, endereçou ao presidente da Sociedade uma carta com a passagem seguinte:

“Em caso de ser surpreendido pela desagregação de minha alma e de meu corpo, tenho a honra de lembrá-los de um pedido que lhes fiz há cerca de um ano; é de evocar meu Espírito o mais imediatamente possível e o mais frequentemente que julgarem oportuno, a fim de que, membro assaz inútil de nossa Sociedade durante minha presença na Terra, possa servi-la em alguma coisa de além-túmulo, dando-lhe os meios de estudarem, fase a fase, em suas evocações, as diversas circunstâncias que seguem o que o vulgo chama de morte, mas que, para nós, espíritas, é uma transformação, segundo os intentos impenetráveis de Deus, mas sempre útil ao alvo que tem em vista.

“Além desta autorização e pedido de me ser dada a honra desta sorte de autópsia espiritual, que meu muito pouco adiantamento como Espírito tornará talvez estéril, de qualquer modo sua sabedoria naturalmente os levará a não estender por mais que um certo número de experiências, ouse pedir-lhes pessoalmente, como também a todos os meus colegas, anuírem suplicar ao Todo-Poderoso permitir aos bons Espíritos assistirem-me com seus conselhos benevolentes, São Luís, nosso presidente espiritual, em particular, com o fito de me guiarem na escolha e sobre a época de uma reencarnação; pois, desde o presente, isso me tem preocupado muito; receio enganar-me quanto às minhas forças espirituais, e pedir a Deus, muito cedo e muito presunçosamente, um estado corporal durante o qual não poderia justificar a bondade divina, o que, em lugar de servir para me adiantar, prolongaria minha estadia na Terra ou alhures, no caso de malograr.”

Para corresponder a seu desejo de ser evocado o mais cedo possível após seu decesso, dirigimo-nos ao velório com alguns membros da Sociedade e, na presença do corpo, a conversa seguinte se deu uma hora antes da inumação. Almejávamos uma dupla finalidade: a de cumprir um último pedido e a de observar, uma vez mais, a situação da alma num momento tão próximo da morte, e isso junto a um homem eminentemente inteligente e esclarecido, e profundamente compenetrado das verdades espíritas; nós pretendíamos constatar a influência dessas crenças sobre o estado do Espírito, a fim de discernir suas primeiras impressões. Nossa expectativa não se frustrou; o Sr. Sanson

descreveu com uma perfeita lucidez o instante da transição; ele se viu morrer e se viu renascer, circunstância pouco comum, e que correspondia à elevação de seu Espírito.

I

(Câmara mortuária, 23 de abril de 1862.)

1. *Evocação.* — Venho a seu chamado para cumprir minha promessa.

2. Meu caro senhor Sanson, para nós além de um dever é um prazer evocá-lo o mais cedo possível após sua morte, como foi de seu desejo. — R. É uma graça especial de Deus que permite, a meu Espírito, poder comunicar-se; agradeço-lhe por sua boa vontade; mas estou fraco e *tremo*.

3. O senhor estava tão mal que podemos, penso, perguntar-lhe como está agora. Sente ainda aquelas dores? Qual sensação experimenta, comparando sua situação presente àquela de dois dias atrás? — R. Minha posição é bem feliz, pois não sinto mais nada das minhas antigas dores; estou regenerado e pronto para outra, como vocês dizem entre si. A transição da vida terrestre para a vida dos Espíritos deveria ser-me, no início, inteiramente incompreensível, pois nós permanecemos às vezes muitos dias sem recobrar nossa lucidez; mas, antes de morrer, fiz uma prece a Deus para solicitar-lhe poder falar àqueles que amo, e Deus me escutou.

4. Ao fim de quanto tempo recobrou o senhor a lucidez de suas ideias? — R. Ao fim de oito horas; Deus, eu lhes repito, deu-me um sinal de sua bondade; julgou-me assaz digno e não saberei jamais agradecer-lhe o bastante.

5. Está o senhor bem certo de não pertencer mais a nosso mundo, e em que se baseia? — R. Oh! Com certeza. Não, não sou mais de seu mundo; mas estarei sempre perto de você, para protegê-lo e sustentá-lo, a fim de pregar a caridade e a abnegação que foram os guias de minha vida; e, depois, ensinarei a fé verdadeira, a fé espírita, que deve restabelecer a crença do justo e do bom; estou forte e muito forte, transformado, em uma palavra; você não reconheceria mais o velho enfermo que devia tudo esquecer, deixando para longe de si todo prazer, toda alegria. Eu sou Espírito; minha pátria é o espaço, e meu futuro é Deus, que irradia na imensidade. Eu aceitaria poder falar a meus filhos, pois lhes ensinarei aquilo que tiveram sempre má vontade para crer.

6. Que efeito lhe fez experimentar a vista de seu corpo, aqui ao lado? — R. Meu corpo, pobre e ínfimo despojo, você deve volver ao pó, e, quanto a mim, eu guardo a boa recordação de todos aqueles que me estimavam. Eu olho para esta pobre carne deformada, vivenda de meu Espírito, provação de tantos anos! Obrigado, meu pobre corpo! Você purificou meu Espírito, e o sofrimento, dez vezes santo, deu-me um lugar muito digno, dado que encontro de imediato a faculdade de lhe falar.

7. O senhor conservou suas ideias até o último momento? — R. Sim, meu Espírito conservou suas faculdades; eu não via mais, mas pressentia; toda a minha vida se desenrolou diante de minha memória, e meu último pensamento, meu último pedido foi o

de poder falar-lhe, o que faço; e além disso, roguei a Deus que o proteja, a fim de que o sonho de minha vida se cumprisse.

8. O senhor teve consciência do momento em que seu corpo deu o último suspiro? O que se passou no senhor nesse momento? Que sensação experimentou? — R. A vida se extingue e a vista ou, antes, a vista do Espírito se alarga; encontra-se o vácuo, o desconhecido, e, levado não sei por que fascinação, a gente se encontra em um mundo onde tudo é alegria e grandeza. Eu não sentia mais, não dava conta de mim, no entanto, uma felicidade inefável me inundava; não sentia mais a angústia da dor.

9. O senhor tem conhecimento... (do que tinha em vista ler junto a seu túmulo?)

As primeiras palavras da questão mal se pronunciaram, quando o Espírito responde, sem deixar terminar. Responde mais, e sem que se propusesse a questão, a uma discussão que se elevou entre os assistentes, sobre a oportunidade de ler aquela comunicação no cemitério, tendo em vista as pessoas que poderiam ou não poderiam participar das opiniões.

R. Oh! Meu amigo, eu o sei, pois o vi ontem e o vejo hoje; minha satisfação é bem grande!... Obrigado! Obrigado! Fale, a fim de que eu seja compreendido e eu o estime; não tema nada, pois se respeita a morte; fale a fim de que os incrédulos adquiram a fé. Adeus; fale; coragem, confiança, e possam meus filhos converter-se a uma crença venerada!

J. SANSON.

Durante a cerimônia do cemitério, ele ditou as palavras seguintes:

Que a morte não os assuste, meus amigos; ela é uma etapa para vocês, se souberam bem viver; é uma felicidade, se vocês se conduziram dignamente e bem cumpriram suas provas. Eu lhes repito: coragem e boa vontade! Atribuem apenas um valor medíocre aos bens da Terra, e serão recompensados; não se pode gozar muito, sem prejudicar o bem-estar dos outros, e sem fazer-se moralmente um mal imenso. Que a terra me seja leve!

II

(Sociedade Espírita de Paris, 25 de abril de 1862.)

1. *Evocação*. — R. Meus amigos, estou perto de vocês.

2. Nós ficamos bem felizes com a conversa que tivemos com o senhor no dia de seu enterro, e, desde que o permita, ficaremos encantados em completá-la para nossa instrução. — R. Estou inteiramente preparado, feliz pois vocês pensam em mim.

3. Tudo o que nos pode esclarecer sobre o estado do mundo invisível e no-lo fazer compreender se constitui em um alto ensinamento, porque é a ideia falsa que dele se faz que conduz o mais das vezes à incredulidade. Não se surpreenda então com as questões

que poderemos endereçar-lhe. — R. Eu não me espantarei nunca, e aguardo suas questões.

4. O senhor descreveu com uma luminosa claridade a passagem da vida para a morte; disse que, no momento em que o corpo dá o último suspiro, a vida se extingue, e que a vista do Espírito se alarga. Esse momento se acompanha de uma sensação penosa, dolorosa? — R. Sem dúvida, pois a vida é uma sequência contínua de dores, e a morte é o complemento de todas as dores; daqui uma ruptura violenta, como se o Espírito tivesse de fazer um esforço sobre-humano para se libertar de seu invólucro, e é esse esforço que absorve todo o nosso ser e o faz perder o conhecimento do que lhe está ocorrendo.

Esse caso não é geral. A experiência prova que muitos Espíritos perdem o conhecimento antes de expirar, e que para aqueles que chegaram a um certo grau de desmaterialização, a separação se realiza sem sacrifícios.

5. O senhor sabe se há Espíritos para os quais esse momento é mais doloroso? É mais penoso, por exemplo, para o materialista, para aquele que acredita que tudo termina nesse momento para ele? — R. Isso é certo, pois o Espírito preparado esqueceu já o sofrimento ou, antes, o tem por hábito, e a tranquilidade com que vê a morte o impede de sofrer em dobro, porque sabe o que o espera. A pena moral é a mais forte, e sua ausência no instante da morte é um desaforo bem grande. Aquele que não acredita se parece ao condenado à pena capital e cujo pensamento vê a lâmina e o *desconhecido*. Existe similitude entre esta morte e aquela do ateu.

6. Há materialistas assaz endurecidos para crer seriamente, nesse momento supremo, que vão ser engolfados pelo nada? — R. Sem dúvida, até à última hora há os que acreditam no nada; mas, no momento da separação, o Espírito tem uma reversão profunda; a dúvida o domina e o tortura, pois ele se pergunta no que irá transformar-se, deseja apegar-se a alguma coisa, e não consegue. A separação não se pode fazer sem esta impressão.

Um Espírito nos deu, em uma outra circunstância, o quadro seguinte do fim do incrédulo.

“O incrédulo endurecido experimenta nos derradeiros momentos as angústias desses pesadelos terríveis onde a gente se vê à beira de um precipício, prestes a cair no abismo; fazem-se inúteis esforços para fugir, e não se consegue andar; deseja-se segurar em alguma coisa, agarrar um ponto de apoio, e se sente escorregar; deseja-se chamar, e não se consegue articular nenhum som; é então que a gente vê o moribundo contorcer-se, crisar-se as mãos e soltar gritos abafados, sinais certos do pesadelo de que é presa. No pesadelo ordinário, o despertar faz desaparecer a inquietação, e vocês se sentem felizes ao reconhecer que não tiveram mais que um sonho; mas o pesadelo da morte se prolonga frequentemente por bastante tempo, anos mesmo, para além do trespasse, e o que torna a sensação ainda mais penosa para o Espírito são as trevas onde algumas vezes mergulhou.”

7. O senhor disse que, no momento de morrer, não via mais, mas que pressentia. O senhor não via mais corporalmente, isso se compreende; mas, antes que a vida se extinguísse, já entrevia a claridade do mundo dos Espíritos? — R. Foi o que eu disse precedentemente: o instante da morte outorga a clarividência ao Espírito; os olhos não

veem mais, mas o Espírito, que possui uma visão bem mais profunda, descobre instantaneamente um mundo desconhecido, e a verdade, aparecendo-lhe de súbito, lhe dá, momentaneamente embora, uma alegria profunda ou uma tristeza inexprimível, em consequência do estado de sua consciência e da memória de sua vida passada.

Trata-se do instante que precede aquele em que o Espírito perde o conhecimento, o que explica o emprego da palavra *momentaneamente*, pois as mesmas impressões agradáveis ou penosas prosseguem após o despertar.

8. Desejaria contar-nos o que, no instante em que seus olhos se reabriram à luz, o chocou daquilo que viu? Desejaria descrever-nos, se for possível, o aspecto das coisas que se apresentaram ao senhor? — R. Assim que pude voltar a mim e ver o que tinha diante dos olhos, eu estava como que ofuscado e não dava bem conta de mim, pois a lucidez não retorna instantaneamente. Mas Deus, que me deu um sinal profundo de sua bondade, permitiu que eu recuperasse minhas faculdades. Eu me vi cercado de numerosos e fiéis amigos. Todos os Espíritos protetores que nos vêm socorrer me cercavam e me sorriam; uma felicidade sem igual os animava e eu mesmo, forte e saudável, podia, sem sacrifícios, transportar-me através do espaço. O que eu vi não tem designação nas línguas humanas.

Eu virei, de resto, falar-lhes mais amplamente de todas as minhas venturas, sem ultrapassar, contudo, o limite que Deus prescreve. Saibam que a felicidade, tal como vocês a entendem, é uma ficção. Vivam sabiamente, santamente, no espírito de caridade e de amor, e vocês se prepararão para impressões que seus maiores poetas não saberiam descrever.

Os contos de fadas estão sem dúvida cheios de coisas absurdas; mas não seriam eles, em alguns pontos, a pintura do que se passa no mundo dos Espíritos? O relato do Sr. Sanson não se parece àquele de um homem que, adormecido em uma pobre e obscura cabana, despertasse em um palácio esplêndido, em meio a uma corte brilhante?

III

9. Sob qual aspecto os Espíritos se apresentaram ao senhor? Foi sob este da forma humana? — R. Sim, meu caro amigo, os Espíritos nos ensinaram na Terra que conservavam no outro mundo a forma transitória que tiveram na Terra, e essa é a verdade. Mas quanta diferença entre a máquina informe que rasteja penosamente como seu cortejo de provações, e a fluidez maravilhosa dos corpos dos Espíritos! A feiura não existe mais, porque os traços perderam a dureza de expressão que forma o caráter distintivo da raça humana. Deus beatificou todos estes corpos graciosos, que se movem com todas as elegâncias da forma; a linguagem possui entonações intraduzíveis para vocês, e o olhar possui a intensidade de uma estrela. Empenhem-se, pelo pensamento, por ver o que Deus pode realizar em sua onipotência, ele, o arquiteto dos arquitetos, e vocês farão uma fraca ideia da forma dos Espíritos.

10. Quanto ao senhor, como se vê? O senhor se reconhece uma forma limitada, circunscrita, embora fluídica? O senhor sente uma cabeça, um tronco, braços, pernas? — R. O Espírito, tendo conservado sua forma humana, mas divinizada, idealizada, apresenta, sem contradição, todos os membros de que você fala. Eu sinto em mim perfeitamente as pernas e os dedos, pois nós podemos, por nossa vontade, aparecer-lhes ou apertar-lhes as mãos. Eu estou perto de vocês e apertei a mão de todos os meus amigos, sem que eles tivessem consciência; nossa fluidez pode estar por toda parte sem afetar o espaço, sem causar nenhuma sensação, caso seja esse nosso desejo. Neste momento, você está com as mãos cruzadas e tenho as minhas nas suas. Eu lhe digo: eu o amo, mas meu corpo não ocupa lugar, a luz o atravessa, e o que vocês chamariam de milagre, se fosse visível, é para os Espíritos a ação contínua de todos os instantes.

A vista dos Espíritos não se compara à vista humana, assim como seus corpos não têm semelhança real, pois tudo mudou na compleição e na substância. O Espírito, eu lhes repito, possui uma perspicácia divina que se estende a tudo, já que pode adivinhar até seu pensamento; também pode, a propósito, tomar a forma que melhor possa trazê-lo às suas lembranças. Mas, de fato, o Espírito superior, que encerrou suas provações, gosta da forma que foi capaz de conduzi-lo para perto de Deus.

11. Os Espíritos não têm sexo; não obstante, como ainda faz poucos dias que o senhor era um homem, apresenta em seu novo estado mais da natureza masculina do que da natureza feminina? É o mesmo para um Espírito que tenha deixado seu corpo há muito tempo? — R. Nós não temos que ser de natureza masculina ou feminina: os Espíritos não se reproduzem. Deus os cria à sua vontade, e se, por seus desígnios maravilhosos, desejou que os Espíritos se reencarnem na Terra, teve de acrescentar a reprodução das espécies através do macho e da fêmea. Mas vocês o sentem sem que seja necessária nenhuma explicação: os Espíritos não podem ter sexo.

Sempre se disse que os Espíritos não têm sexo; os sexos são necessários tão somente para a reprodução dos corpos; como os Espíritos não se reproduzem, os sexos seriam para eles inúteis. Nossa questão não tinha em absoluto a finalidade de constatar o fato, mas, em razão da morte recente do Sr. Sanson, quisemos saber se lhe restava uma impressão de seu estado terrestre. Os Espíritos purificados se dão perfeitamente conta de sua natureza, mas, entre os Espíritos inferiores, não desmaterializados, há muitos que se creem ainda o que eram na Terra, e conservam as mesmas paixões e os mesmos desejos; aqueles se creem ainda homens ou mulheres; eis porque houve quem dissesse que os Espíritos têm sexos. É assim que certas contradições provêm do estado mais ou menos avançado dos Espíritos que se comunicam; a falha não é dos Espíritos mas daqueles que os interrogam e não se dão ao trabalho de aprofundar as questões.

12. Que aspecto apresenta a sessão para o senhor? É ela para sua nova visão o que lhe parecia quando vivo? As pessoas têm para o senhor a mesma aparência? Tudo é tão claro, tão nítido? — R. Bem mais claro, pois posso ler no pensamento de todos, e estou muito feliz — graças a Deus! — pela boa impressão que me deixa a boa vontade de todos os Espíritos em assembleia. Eu desejo que a mesma convenção se possa fazer não apenas em Paris, pela reunião de todos os grupos, mas, também por toda a França, onde *os grupos se separam e se invejam, incitados pelos Espíritos baderneiros, que se comprazem na desordem*, enquanto o Espiritismo deve ser o instrumento completo, absoluto do eu.

13. O senhor disse que lê em nosso pensamento; poderia dar-nos a compreender como se realiza essa transmissão de pensamento? — R. Isso não é fácil; para lhes dizer, lhes explicar esse prodígio singular da vista dos Espíritos, precisaria abrir-lhes todo um arsenal de elementos novos, e vocês seriam tão versados quanto nós, o que não é possível, uma vez que suas faculdades são limitadas pela matéria. Paciência! Tornem-se bons, e vocês chegarão lá; atualmente, não têm senão o que Deus lhes faculta, mas com a esperança de progredir continuamente; mais tarde vocês serão como nós. Cuidem de morrer bem para saber muito. A curiosidade, que é o estímulo do homem reflexivo, os conduz tranquilamente até a morte, reservando-lhes a satisfação de todas as suas curiosidades passadas, presentes e futuras. Enquanto esperam, eu lhes direi, para responder ainda que mal ou bem à sua questão: o ar que os cerca, impalpável como nós, carrega o caráter de seu pensamento; o sopro que exalam, por assim dizer, é a página escrita de seus pensamentos; elas são lidas e comentadas pelos Espíritos com quem vocês se encontram constantemente; eles são os mensageiros de uma telegrafia divina a quem nada escapa.

A morte do Justo.

Em seguida à primeira evocação do Sr. Sanson, realizada na Sociedade de Paris, um Espírito deu, sob este título, a comunicação seguinte:

A morte do homem, do qual os senhores se ocupam neste momento, foi a do justo; quer dizer, acompanhada de calma e de esperança. Como o dia sucede naturalmente à aurora, a vida espírita sucedeu para ele à vida terrestre, sem choque, sem dilaceração, e seu último suspiro foi exalado num hino de reconhecimento e de amor. Quão poucos atravessam assim essa rude passagem! Quão poucos, após os transe e os desesperos da vida, concebem o ritmo harmonioso das esferas! Assim como o homem saudável, mutilado por um projétil, sente ainda os membros dos quais se separou, assim a alma do homem que morre sem fé e sem esperança, se dilacera e palpita, ao se libertar do corpo, e ao se lançar, inconsciente de si mesma, no espaço.

Peçam por essas almas perturbadas; peçam por todo aquele que sofre; a caridade não fica restrita à humanidade visível: ela socorre e consola os seres que povoam o espaço. Os senhores tiveram a prova comovente pela mudança tão rápida desse Espírito tocado pelas preces espíritas feitas sobre o túmulo do homem de bem, que vocês devem interrogar, e que deseja fazê-los progredir no santo caminho³¹. O amor não tem limites; ele preenche o espaço, dando e recebendo alternadamente suas divinas consolações. O mar se alarga em uma perspectiva infinita; seu limite derradeiro parece confundir-se com o céu, e o Espírito fica deslumbrado com o espetáculo magnífico dessas duas imensidades. Assim o amor, mais profundo que as vagas, mais infinito que o espaço, deve reuni-los a todos,

³¹ Alusão ao Espírito de Bernard, que se manifestou espontaneamente no dia das exéquias do Sr. Sanson. (Ver a *Revista Espírita* de maio de 1862.)

viventes e Espíritos, na mesma comunhão de caridade, e realizar a admirável fusão do que é finito e do que é eterno.

JORGE.

O SR. JOBARD

Diretor do Museu de Indústria de Bruxelas; nascido em Baissey (Alto Marne); falecido em Bruxelas, de um ataque de apoplexia fulminante, em 27 de outubro de 1861, com a idade de sessenta e nove anos.

O Sr. Jobard era presidente honorário da Sociedade Espírita de Paris; propunha-se evocá-lo na sessão de 8 de novembro, quando antecipou aquele desejo, dando espontaneamente a comunicação seguinte:

Eis-me aqui, eu que irão evocar mas que desejo manifestar-me primeiramente por este médium a quem solicitei em vão até agora.

Eu desejo inicialmente contar-lhes minhas impressões no momento da separação de minha alma: senti um estremecimento inaudito, lembrei-me de repente de meu nascimento, de minha juventude, de minha idade madura; toda a minha vida se retratou nitidamente em minha memória. Eu somente experimentava um piedoso desejo de me encontrar nas regiões reveladas por nossa querida crença; depois, todo esse tumulto se apaziguou. Eu estava livre e meu corpo jazia inerte. Ah!, meus queridos amigos, que entusiasmo em me libertar do peso do corpo! Que entusiasmo em abraçar o espaço! Não creiam, no entanto, que me tornei de repente um eleito do Senhor; não, eu estou entre os Espíritos que, em se havendo instruído um pouco, devem muito aprender ainda. Eu não demorei a me lembrar dos senhores, *meus irmãos em exílio*, e, eu lhes asseguro, toda a minha simpatia, todos os meus votos os envolveram.

Os senhores desejam saber quais foram os Espíritos que me receberam? Quais foram minhas impressões? Meus amigos se constituíram de todos aqueles que nós evocamos, todos os irmãos que participaram de nossos trabalhos. Eu vi o esplendor, mas não posso descrevê-lo. Eu me apliquei em discernir o que era verdadeiro nas comunicações, pronto para retificar todas as assertivas erradas; pronto, enfim, a ser o cavaleiro da verdade no outro mundo, como o fui no seu.

JOBARD.

I. Quando vivo, o senhor recomendou para chamá-lo quando deixasse a Terra; nós o fazemos, não só para nos regrarmos por seu desejo, mas sobretudo para lhe renovar o testemunho de nossa mui viva e sincera simpatia, e também no interesse de nossa instrução, pois o senhor, melhor do que ninguém, está em condições de nos fornecer os

ensinamentos precisos sobre o mundo em que se encontra. Ficaremos, pois, felizes, se assentir em responder às nossas questões. — R. Nesta hora, o que mais importa é sua instrução. Quanto à sua simpatia, eu a vejo e não somente lhe ouço a expressão pelos ouvidos, o que constitui um grande progresso.

2. Para fixar nossas ideias e não falar no vazio, nós lhe perguntaremos primeiro: em que lugar o senhor está aqui, e como nós o veríamos, se pudéssemos vê-lo? — R. Eu estou perto do médium; os senhores me veriam sob a aparência do Jobard que sentava à sua mesa, pois seus olhos mortais não descerrados apenas podem ver os Espíritos sob sua aparência mortal.

3. O senhor teria a possibilidade de se tornar visível para nós, e, se não puder fazê-lo, o que se opõe a isso? — R. A disposição que lhes é toda pessoal. Um médium vidente ver-me-ia: os outros não me veem.

4. Este lugar é aquele que o senhor ocupava quando vivo, quando assistia às nossas sessões e que lhe reservamos. Aqueles que o viram aí, devem imaginá-lo vê-lo tal qual o senhor era então. Se não está com seu corpo material, está com seu corpo fluídico, que tem a mesma forma; se nós não o vemos com os olhos do corpo, o vemos com os do pensamento; se não pode comunicar-se pela palavra, pode fazê-lo pela escrita com a ajuda de um intérprete; nossas relações com o senhor não se encontram de nenhum modo interrompidas por sua morte, e podemos entreter-nos tão facilmente e tão completamente como outrora. É assim mesmo que as coisas são? — R. Sim, e o senhor o sabe há bastante tempo. Aqui estarei ocupando este lugar muitas vezes, mesmo sem seu conhecimento, pois meu Espírito habitará entre os senhores.

Chamamos a atenção para essa última frase: “Meu Espírito habitará entre os senhores.” Na circunstância presente, isso não é uma figura, mas uma realidade. Pelo conhecimento que o Espiritismo nos fornece sobre a natureza dos Espíritos, sabemos que um Espírito pode estar entre nós, não só pelo pensamento mas *por sua presença*, com a ajuda de seu corpo etéreo, que o caracteriza como uma individualidade distinta. Um Espírito pode habitar entre nós após a morte, tão bem quanto durante a vida de seu corpo; e melhor ainda, dado que poderá vir e ir-se quando desejar. Nós temos assim uma multidão de comensais invisíveis, uns indiferentes, outros que nos estão ligados pela afeição; é a estes últimos sobretudo que se aplicam esta frase: “Eles habitam entre nós”, que pode traduzir-se assim: Eles nos assistem, nos inspiram e nos protegem.

5. Não faz muito tempo que o senhor estava sentado nesse mesmo lugar; as condições nas quais aí está agora lhe parecem estranhas? — Que efeito essa mudança produz no senhor? — R. Estas condições não me parecem estranhas, pois meu Espírito desencarnado usufrui uma nitidez que não deixa na sombra nenhuma das questões que examina.

6. Lembra-se de se ter visto nesse mesmo estado antes de sua última existência, e percebe algo mudado? — R. Eu me lembro de minhas existências anteriores e noto que melhorei. Eu vejo e assimilo o que vejo. Por ocasião das minhas precedentes encarnações, Espírito perturbado, só me apercebia das falências terrestres.

7. Lembra-se de sua penúltima existência, daquela que precedeu o Sr. Jobard? — R. Em minha penúltima existência eu era um trabalhador, mecânico, roído pela miséria e pelo desejo de aperfeiçoar meu trabalho. *Eu realizei, sendo Jobard, os sonhos do pobre*

trabalhador, e louvo a Deus cuja bondade infinita fez germinar a planta cuja semente ele depositara em meu cérebro.

8. O senhor já se comunicou em outro lugar? — R. Eu me comuniquei pouco ainda; em muitos lugares, um Espírito assumiu meu nome; às vezes eu estava ao lado dele, sem poder fazê-lo eu mesmo; minha morte é tão recente que me afeto ainda com certas influências terrestres. Precisa uma perfeita simpatia para que eu possa exprimir meu pensamento. Em breve, agirei indiferentemente; não o posso ainda, eu o repito. Quando um homem um pouco conhecido morre, é chamado de todos os lados; mil Espíritos se apressam em revestir-se de sua individualidade; foi o que ocorreu comigo em inúmeras circunstâncias. Eu lhes asseguro que logo após a libertação, poucos Espíritos podem comunicar-se, mesmo através de um médium de prestígio.

9. O senhor vê os Espíritos que estão aqui conosco? — R. Vejo especialmente *Lázaro* e *Erasto*; depois, mais distante, o *Espírito de Verdade*, planando pelos espaços; depois uma multidão de Espíritos amigos que cercam os senhores, apertados e complacentes. Sejam felizes, amigos, pois boas influências os resguardam das calamidades do erro.

10. Quando vivo, o senhor partilhava da opinião que formulou sobre a formação da Terra pela incrustação de quatro planetas, que teriam sido soldados juntos. Permanece sempre com a mesma crença? — R. É um erro. As novas descobertas geológicas provam as convulsões da Terra e sua formação sucessiva. A Terra, como os outros planetas, teve sua vida própria, e Deus não necessitou dessa grande desordem ou dessa agregação de planetas. A água e o fogo são os únicos elementos orgânicos da Terra.

11. O senhor pensava também que os homens poderiam cair em catalepsia durante um tempo ilimitado, e que o gênero humano se transportou desse modo à Terra? — R. Ilusão de minha imaginação, que passava sempre longe do alvo. A catalepsia pode ser longa, mas não indeterminada. Tradições, lendas aumentadas pela imaginação oriental. Meus amigos, já sofri bastante repassando as ilusões com que nutri meu espírito: não se enganem. Eu muito aprendi e, posso dizê-lo, minha inteligência, pronta para se apropriar desses vastos e diversos estudos, guardou de minha última encarnação o amor pelo maravilhoso e pela invenção haurida nas fantasias populares.

Eu me ocupo ainda pouco das questões puramente intelectuais no sentido em que os senhores as concebem. Como o poderia eu, fascinado, arrebatado como estou pelo maravilhoso espetáculo que me cerca? O liame do Espiritismo, mais poderoso do que os senhores, homens, podem conceber, pode, somente ele, atrair meu ser para essa Terra que abandono, não com alegria, o que seria uma impiedade, mas com o profundo sentimento da libertação.

Quando da subscrição aberta pela Sociedade em proveito dos trabalhadores de Lyon, em fevereiro de 1862, um membro entregou 50 francos, dos quais 25 em seu próprio nome e 25 em nome do Sr. Jobard. Este último dedicou a esse assunto a comunicação seguinte:

Estou lisonjeado e reconhecido por não ter sido olvidado entre meus irmãos espíritas. Obrigado ao coração generoso que lhes levou a oferenda, que lhes doaria se ainda habitasse em seu mundo. Neste onde habito agora, não se necessita de dinheiro; daí,

precisei retirar da bolsa da amizade para oferecer as provas materiais de que sentia o infortúnio de meus irmãos de Lyon. Bravos trabalhadores, que ardentemente cultivam a vinha do Senhor, o quanto devem acreditar que a caridade não é uma palavra vã, já que, pequenos e grandes, mostraram simpatia e fraternidade. Os senhores estão na extensa estrada humanitária do progresso; possa Deus mantê-los aí, e possam os senhores ser mais felizes; os Espíritos amigos os sustentarão e os senhores triunfarão.

Eu começo a viver espiritualmente, mais tranquilo e menos perturbado pelas evocações imprevistas que choviam sobre mim. A moda reina mesmo sobre os Espíritos; quando a *moda Jobard* ceder lugar a uma outra e quando eu houver entrado no nada do esquecimento humano, eu rogarei a meus amigos sérios, e entendo assim aqueles cuja inteligência não esquece, eu lhes rogarei para evocarem-me; então aprofundaremos as questões tratadas muito superficialmente, e seu Jobard, completamente transfigurado, poderá ser-lhes útil, ao que aspira de todo o seu coração.

JOBARD.

Após os primeiros tempos consagrados a reconfortar seus amigos, o Sr. Jobard se alinhou entre os Espíritos que trabalham ativamente pela renovação social, aguardando seu próximo retorno entre os viventes para atuar aí de modo mais direto. Desde essa época, constantemente ele vem oferecendo à Sociedade de Paris, da qual conserva a condição de membro, comunicações de incontestada superioridade, sem renunciar à originalidade e às espirituosas tiradas que assinalavam o estilo de seu caráter, e que permitem reconhecê-lo antes que coloque sua assinatura.

SAMUEL FILIPE

Samuel Filipe era um homem de bem em toda a acepção da palavra; ninguém se lembrava de tê-lo visto cometer uma ação má, nem fazer nada errado voluntariamente a quem quer que seja. De um devotamento sem limites para seus amigos, era sempre certo encontrá-lo pronto quando se tratava de prestar serviço, fosse mesmo a expensas de seus interesses. Dificuldades, fadigas, sacrifícios, nada lhe afligia para ser útil, e ele o fazia naturalmente, sem ostentação, espantando-se de que se pudesse fazer disso uma superioridade. Jamais desejou o mesmo àqueles que o prejudicaram, e se punha a favorecê-los com tanto empenho quanto se o tivessem beneficiado. Quando fazia negócio com os ingratos, dizia: “ Não sou eu que tenho de lamentar, mas com certeza eles.” Conquanto bastante inteligente e bem dotado de espírito natural, sua vida, toda de trabalho, foi obscura e semeada de rudes provações. Era uma dessas criaturas eleitas que florescem na sombra, de quem o mundo não fala nunca, e cujo clarão não reflete na Terra. Ele adquiriu através do conhecimento do Espiritismo uma fé ardente na vida futura e uma grande resignação para os males da vida terrestre. Morreu em dezembro de 1862, com a

idade de cinquenta anos, em consequência de uma dolorosa moléstia, sinceramente lamentado por sua família e alguns amigos. Foi evocado vários meses após sua morte.

P. Tem o senhor uma lembrança nítida de seus derradeiros momentos na Terra? — R. Perfeitamente; essa lembrança me voltou pouco a pouco, pois naquele momento minhas ideias estavam ainda confusas.

P. Gostaria o senhor, para nossa instrução e pelo interesse que nos inspira sua vida exemplar, de nos descrever como se efetuou para o senhor a passagem da vida corporal para a vida espiritual, bem assim sua situação no mundo dos Espíritos? — R. De bom grado; esse relato não será útil apenas para os senhores, ele o será também para mim. Voltando meus pensamentos para a Terra, a comparação me faz apreciar melhor ainda a bondade do Criador.

Os senhores sabem de quantas tribulações minha vida foi semeada; eu não me desencorajei jamais na adversidade — graças a Deus! — e hoje eu me felicito. De quantas coisas eu me haveria privado se tivesse cedido ao desencorajamento! Eu estremeço a esse único pensamento de que, por falha minha, o que suportei teria sido sem proveito e deveria recomeçar. Ó meus amigos! Possam os senhores compenetrar-se bem desta verdade; ela vale sua felicidade futura. Não, com certeza, não se trata de comprar essa felicidade muito caro, senão de pagá-la com alguns anos de sofrimento. Se os senhores soubessem o quanto alguns anos são tão pouca coisa em presença do infinito!

Se minha última existência teve algum mérito a seus olhos, não diriam igualmente daquelas que a precederam. Não foi senão à força do trabalho sobre mim mesmo que me fiz o que sou agora. Para apagar os últimos traços de minhas faltas anteriores, precisava novamente sofrer essas últimas provações que voluntariamente aceitei. Eu retirei da firmeza de minhas resoluções a força para suportá-las sem murmúrio. Eu as bendigo hoje, essas provações; através delas rompi com o passado, que não é mais para mim mais que uma lembrança, e eu posso doravante contemplar com uma legítima satisfação o caminho que percorri.

Ó senhores que me fizeram sofrer na Terra, que foram duros e malévolos comigo, que me humilharam e me encharcaram de amargura, cuja má-fé com frequência me obrigou às mais duras privações, não somente eu os perdoo, mas lhes agradeço. Desejando prejudicar-me, não desconfiaram que me faziam tanto bem. É, portanto, verdadeiro que é aos senhores em grande parte que eu devo a felicidade de que gozo, pois me forneceram a ocasião de perdoar e de trocar o mal pelo bem. Deus os colocou em minha estrada para experimentar minha paciência e me exercitar na prática da caridade mais difícil: aquela do amor a seus inimigos.

Não se impacientem com esta digressão; eu chego ao que me perguntaram.

Sofrendo, embora, cruelmente com minha última moléstia, eu não agonizei; a morte me veio como o sono, sem luta, sem choques. Não estando apreensivo quanto ao futuro, não me agarrei à vida; não me tive absolutamente, por consequência, de me debater sob as últimas angústias; a separação operou-se sem esforços, sem dor, e sem que me apercebesse.

Eu ignoro quanto durou esse último sono, mas foi curto. O despertar foi de uma calma que contrastava com meu estado precedente; não sentia mais dor e me regozijava;

eu desejava levantar, andar, mas um entorpecimento que não tinha nada de desagradável, que tinha mesmo um certo encanto, retinha-me, e a ele abandonei-me com uma sorte de volúpia, sem ter em nenhuma conta minha situação e sem duvidar que deixara a Terra. O que me cercava me aparecia como num sonho. Vi minha mulher e alguns amigos ajoelhados no quarto, chorando, e eu me disse que, sem dúvida, eles me acreditavam morto; desejei dissuadi-los, mas não pude articular nenhuma frase, donde concluí que sonhava. O que me confirmou essa ideia, foi que me vi cercado de várias pessoas amadas, mortas há muito tempo, e outras que não reconheci de imediato, e que pareciam velar por mim, à espera do meu despertar.

Esse estado entremeou-se de instantes de lucidez e de sonolência, durante os quais eu recobrava e perdia, alternativamente, a consciência do meu *eu*. Pouco a pouco minhas ideias adquiriram mais nitidez; a luz que só entrevia através de um nevoeiro se fez mais brilhante; então, comecei a me reconhecer e compreendi que não pertencia mais ao mundo terrestre. Se não conhecesse o Espiritismo, a ilusão, sem dúvida, se prolongaria por muito mais tempo.

Meu despojo mortal não estava ainda amortalhado; eu o examinava com piedade, felicitando-me por estar, enfim, desembaraçado. Eu estava tão feliz por estar livre! Eu respirava à vontade como alguém que sai de uma atmosfera nauseabunda; uma inexprimível sensação de felicidade penetrava todo o meu ser; a presença daqueles que amava me transbordava de alegria; eu não estava de modo algum surpreso por vê-los; isso me parecia de todo natural, mas parecia-me revê-los após uma longa viagem. Uma coisa me espantou de início: foi que nos compreendíamos sem articular nenhuma frase; nossos pensamentos se transmitiam apenas pelo olhar e como por uma infiltração fluídica.

Não obstante, eu não estava ainda completamente livre das ideias terrestres; a lembrança do que suportara retornava-me de tempos em tempos à memória, como para fazer-me apreciar melhor a nova situação. Eu sofrera fisicamente, mas sobretudo moralmente; fora alvo da malevolência, dessas mil perplexidades mais penosas talvez que as desgraças reais, porque causam uma ansiedade perpétua. Sua impressão não estava inteiramente apagada e, às vezes, eu me perguntava se estava realmente desembaraçado; parecia-me ainda ouvir certas vozes desagradáveis; eu conhecia os embaraços que com tanta frequência me atormentaram e tremia a contragosto; eu me apalpava, por assim dizer, para me assegurar de que não era o brinquedo de um sonho; e quando adquiri a certeza de que tudo aquilo acabara de vez, parecia-me que um peso enorme me fora retirado. É, pois, bem verdade, dizia-me, que estou enfim livre de todos esses cuidados que constituem o tormento da vida, e eu rendia graças a Deus. Eu era como um pobre que recebe de repente uma grande fortuna; durante algum tempo, ele duvida da realidade e sente as apreensões da necessidade. Oh! Se os homens compreendessem a vida futura, que força, que coragem esta convicção não lhes propiciaria na adversidade! Que não fariam, enquanto estão na Terra, para se assegurar aí da felicidade que Deus reserva àqueles de seus filhos que foram dóceis às suas leis! Eles veriam quanto os gozos que invejam são pouca coisa perto daqueles que negligenciam!

P. Esse mundo tão novo para o senhor, perto do qual o nosso é tão pouca coisa, e os numerosos amigos que aí reencontrou fizeram-no perder de vista sua família e seus amigos na Terra? — R. Se eu os esquecesse, seria indigno da felicidade que gozo; Deus não

recompensa o egoísmo: ele o pune. O mundo onde estou me pode fazer desdenhar a Terra, mas não os Espíritos que aí estão encarnados. É somente entre os homens que se vê a prosperidade fazer esquecer os companheiros de infortúnio. Eu vou rever muitas vezes os meus; fico feliz pela boa recordação que guardaram de mim; seu pensamento me atrai para si; assisto-lhes às conversas, alegro-me com suas alegrias, suas aflições me entristecem, mas não é nunca essa tristeza ansiada da vida humana, porque compreendo que elas são passageiras e são para seu bem. Eu fico feliz ao pensar que, um dia, eles virão para esta morada ditosa, onde a dor é desconhecida. É para torná-los dignos disso que me dedico; esforço-me por sugerir-lhes bons pensamentos e, sobretudo, a resignação que tive eu mesmo perante a vontade de Deus. A minha maior aflição é quando os vejo retardar esse momento por sua falta de coragem, suas lamentações, a dúvida sobre o futuro ou por qualquer ação repreensível. Eu busco então afastá-los da má estrada; se eu consigo, é uma grande felicidade para mim, e nós nos regozijamos todos aqui; se fracasso, digo a mim mesmo com pesar: Mais um retardamento para eles; mas eu me consolo pensando que nem tudo se perdeu para sempre.

O SR. VAN DURST

Antigo funcionário, falecido em Anvers, em 1863, com a idade de oitenta anos.

Pouco tempo após sua morte, um médium, tendo perguntado a seu guia espiritual se podia evocá-lo, responderam-lhe: “Esse Espírito sai lentamente de sua perturbação; ele poderia já responder-lhe, mas a comunicação lhe custaria uma aflição muito grande. Eu lhe peço, pois, esperar ainda quatro dias, e ele responderá. Daqui até então ele saberá da boa vontade que o senhor manifestou para com ele, e virá reconhecido e como bom amigo.”

Quatro dias mais tarde, o Espírito ditou o que se segue:

Meu amigo, minha vida foi de um pequenino peso na balança da eternidade; no entanto, eu estou longe de ser infeliz; minha condição é humilde, mas relativamente feliz, como aquele que pouco fez de mau, sem com disso visar à perfeição. Se há gente feliz numa pequena esfera — muito bem! —, eu sou uma delas. Apenas lamento um fato, o de não haver conhecido o que senhor sabe agora; minha perturbação teria sido menos longa e menos penosa. Ela foi imensa, com efeito: viver e não viver; ver seu corpo, a ele estar fortemente preso, entretanto, não mais poder servir-se dele; ver aqueles a quem se amou e sentir apagar-se o pensamento que nos liga a eles; isso é terrível! Oh! Que momento cruel! Que momento, quando o atordoamento o arrebatava e o sufocava! E um instante depois, trevas. Sentir e, um momento depois, estar aniquilado. Deseja-se ter a consciência do seu *eu*, e não se pode recobrá-la; não se é mais, não obstante, sente-se que se é; mas a gente está numa perturbação profunda! E depois, após um tempo indefinível, tempo de angústias moderadas, pois não se tem mais a força de senti-las, após esse tempo que parece interminável, renascer lentamente para a existência; acordar em um mundo novo! Não

mais corpo material, não mais vida terrestre: a vida imortal! Não mais homens carnis, mas formas sutis, Espíritos que deslizam por todos os lados, giram em torno da gente, sem que se possa abranger a todos com o olhar, porque é no infinito que eles flutuam! Ter diante de si o espaço e poder atravessá-lo apenas com a vontade; comunicar-se através do pensamento com tudo o que o cerca! Amigo, quanta vida nova! Quanta vida brilhante! Quanta vida de alegrias!... Salve! Oh! Salve, eternidade que me contém em seu seio!... Adeus, terra que me retém por tanto tempo longe do elemento natural de minh'alma! Não, não a quero mais, pois você é a terra do exílio, e sua maior felicidade não é nada!

Mas se eu soubesse o que os senhores sabem, quanto esta iniciação na outra vida teria sido mais fácil e mais agradável! Eu saberia, antes de morrer, o que precisei aprender mais tarde, no momento da separação, e minha alma se desprenderia mais facilmente. A gente está na estrada, mas jamais, jamais irá muito longe! Diga-o a meu filho, mas lho diga tanto que ele acredite e que se instrua; então, à sua chegada aqui, nós não nos separaremos.

Adeus a todos, amigos, adeus; eu os espero, e, durante o tempo em que estiverem na Terra, constantemente, virei instruir-me com os senhores, pois ainda não sei tanto como muitos dos senhores; mas eu aprenderei rápido aqui onde não tenho mais entraves que me retenham e onde não tenho mais idade que enfraqueça minhas forças. Aqui se vive à larga e se avança, pois diante da gente se veem horizontes tão belos que se fica impaciente por abraçá-los.

Adeus, eu os deixo, adeus.

VAN DURST.

SIXDENIERS

Homem de bem, morto em acidente; conhecido do médium quando vivo.

(Bordéus, 11 de fevereiro de 1861.)

P. Pode o senhor dar-me alguns detalhes sobre sua morte? — R. Depois de afogado, sim.

P. Por que não antes? — R. Você os conhece. (O médium os conhecia efetivamente.)

P. Gostaria assim de me descrever suas sensações após sua morte? — R. Tive muito tempo antes de me reconhecer, mas, com a graça de Deus e a ajuda daqueles que me cercavam, quando a luz se fez, fui inundado. Você pode esperar: encontrará sempre mais do que estiver esperando. Nada de material; tudo fere os sentidos ocultos; aquilo que não pode atingir nem a vista nem a mão; você me compreende? E uma admiração espiritual que vai além de seu entendimento, porque não há palavras para explicar: isso só se pode sentir com a alma.

Meu despertar foi bem feliz. A vida é um desses sonhos que, malgrado a ideia grotesca que se relaciona a esse nome, apenas posso qualificar de medonhos pesadelos. Sonhe que está fechado em um cárcere infecto, que seu corpo está sendo roído por vermes que se introduzem até a medula dos ossos, o qual está suspenso sobre uma fornalha ardente; que sua boca ressecada não encontra mesmo o ar para refrescá-la; que seu Espírito, tomado de horror, vê ao seu redor apenas monstros prestes a devorá-lo; imagine enfim tudo o que o sobrenatural do sonho pode gerar de mais hediondo, de mais horrível, e encontre-se de repente transportado para um Éden delicioso. Desperte-se cercado por todos aqueles que você amou e chorou; veja, ao seu redor, seus rostos adorados sorrirem para você com bondade; respire os perfumes mais suaves, refresque sua garganta ressecada na fonte da água pura; sinta seu corpo elevado no espaço infinito que o carrega e embala, como faz a brisa a uma flor solta do cimo de uma árvore; sinta-se envolvido pelo amor de Deus, como a criança que nasce se envolveu do amor de sua mãe, e você terá tão só uma ideia imperfeita dessa transição. Busquei explicar-lhe a felicidade da vida que espera pelo homem após a morte de seu corpo, mas não consegui. Explica-se o infinito àquele que tem os olhos cerrados à luz e cujos membros jamais puderam sair do círculo estreito onde estão fechados? Para lhe explicar a felicidade eterna, eu lhe direi: ame! — pois só o amor a pode fazer pressentir; e quem diz amor diz ausência de egoísmo.

P. Sua posição foi feliz desde sua entrada no mundo dos Espíritos? — R. Não; eu tive de pagar a dívida do homem. Meu coração me fez pressentir o futuro do Espírito, mas eu não tinha fé. Tive de expiar minha indiferença para com meu Criador, mas sua misericórdia levou-me em conta o pouco de bem que pude fazer, as dores que experimentei com resignação, malgrado meu sofrimento, e sua justiça, que tem uma balança que os homens não compreenderão jamais, pesou o bem com tanta bondade e amor, que o mal foi logo apagado.

P. Gostaria o senhor de dar-me notícias de sua filha³²? — R. Ela está em missão em sua Terra.

P. Ela é feliz como criatura? Não desejo fazer-lhe uma questão indiscreta. — R. Eu o sei bem; será que eu não vejo seu pensamento como um *quadro* diante de meus olhos? Não, como criatura ela não é feliz, ao contrário; todas as misérias da vida de vocês devem atingi-la; ela, contudo, deve difundir pelo exemplo essas grandes virtudes que vocês transformam em grandes palavras; eu a ajudarei, pois deverei velar por ela; mas não terá grande dificuldade em superar os obstáculos; *ela não está em expiação, mas em missão*. Tranquelize-se por ela e obrigado por sua lembrança.

Nesse momento, o médium experimenta uma dificuldade para escrever, e diz: Se é um Espírito sofredor que me detém, eu lhe peço para assinar. — R. Uma infeliz.

P. Desejaria dizer-me seu nome? — R. Valéria.

P. Desejaria dizer-me o que atraiu o castigo sobre si? — R. Não.

P. Arrepende-se de suas faltas? — R. Você o está vendo bem.

P. Quem a trouxe aqui? — R. Sixdeniers.

P. Com que finalidade ele o fez? — R. Para que você me ajude.

³² Morta quatro ou cinco anos após o pai.

P. Foi você quem me impediu de escrever há pouco? — R. Ele me colocou em seu lugar.

P. Que relação existe entre vocês? — R. Ele me conduziu.

P. Pergunte-lhe sobre juntar-se a nós para a prece. — Após a prece, Sixdeniers retoma: Obrigado por ela; você compreendeu; eu não no esquecerei; pense nela.

P. (A Sixdeniers.) Como Espírito, o senhor tem muitos Espíritos sofredores para guiar? — R. Não; mas tão logo conduzimos um ao bem, nós assumimos um outro, mas nem por isso abandonamos os primeiros.

P. Como pode o senhor dar conta de uma vigilância que deve multiplicar-se ao infinito com os séculos? — R. Compreenda que aqueles que acompanhamos se purificam e progridem; logo, eles nos causam menos preocupação; ao mesmo tempo, nós mesmos nos elevamos e, ascendendo, nossas faculdades progridem e nosso poder se irradia de acordo com nossa pureza.

Nota. Os Espíritos inferiores são, pois, assistidos pelos bons Espíritos que têm por missão guiá-los; esta tarefa não é exclusivamente entregue aos encarnados, mas estes devem a ela concorrer, porque lhes é um meio de adiantamento. Quando um Espírito inferior vem meter-se de través em uma boa comunicação, como no caso presente, ele não o faz, sem dúvida, sempre com uma boa intenção, mas os bons Espíritos o permitem, seja como provação, seja a fim de que aquele a quem se enderece trabalhe para seu adiantamento. Sua persistência, é verdade, degenera às vezes em obsessão, porém, mais ela seja tenaz, mais prova quanto é grande a necessidade de assistência. É, pois, um erro repeli-lo; precisa olhar para ele como para um pobre que vem pedir esmola, e dizer-se: É um Espírito infeliz que os bons Espíritos me enviam para dar-lhe educação. Se eu consigo, terei a alegria de haver acompanhado uma alma ao bem e de haver abrandado seus sofrimentos. Essa tarefa é muitas vezes penosa; ela seria sem dúvida mais agradável caso se obtivessem sempre belas comunicações e se conversasse somente com Espíritos de própria escolha; mas não é procurando sua própria satisfação e recusando as ocasiões que se oferecem para fazermos o bem que se merece a proteção dos bons Espíritos.

O DR. DEMEURE

Falecido em Albi (Tarn), em 25 de janeiro de 1865.

O Sr. Demeure era um médico homeopata muito respeitado em Albi. Seu caráter, assim como seu saber, lhe valeram a estima e a veneração de seus concidadãos. Sua bondade e sua caridade eram inesgotáveis, e, malgrado sua idade avançada, nenhuma fadiga era obstáculo quando se tratava de ir oferecer seus cuidados aos doentes pobres. O pagamento de suas visitas era a menor de suas preocupações; ele se preocupava menos em se deslocar pelo miserável do que por aquele que sabia poder pagar, porque, dizia, este

último, em sua ausência, sempre poderia conseguir um médico. Ao primeiro, não somente ofertava os remédios gratuitamente, mas, com frequência, deixava com que suprir as necessidades materiais, o que, às vezes, é o mais eficaz dos remédios. Pode-se dizer dele que era o Cura d’Ars da medicina.

O Sr. Demeure abraçara com ardor a doutrina espírita, na qual encontrara a chave dos mais graves problemas, cuja solução pedira em vão à ciência e a todas as filosofias. Seu Espírito profundo e investigador o fez imediatamente compreender todo o seu alcance, como também foi um de seus mais zelosos propagadores. Relações de viva e mútua simpatia estabeleceram-se entre ele e nós por correspondência.

Soubemos de sua morte no dia 30 de janeiro e nosso primeiro pensamento foi o de conversar com ele. Eis a comunicação que nos deu no mesmo dia:

“Eis-me aqui. Eu prometi a mim mesmo, em vida, que, quando morresse, viria, se me fosse possível, apertar a mão a meu caro mestre e amigo, o Sr. Allan Kardec.

“A morte propiciou a minha alma o sono pesado a que se dá o nome de letargia; mas meu pensamento velava. Eu superei esse torpor funesto que prolonga a perturbação que se segue à morte, eu me despertei e, num pulo, fiz a viagem.

“Quanto estou feliz! Não mais sou velho nem enfermo; meu corpo não passava de uma fantasia obrigatória; sou jovem e belo, belo dessa eterna juventude dos Espíritos, cujo rosto as rugas não franzem jamais, cujos cabelos não embranquecem sob a passagem do tempo. Estou ligeiro como o pássaro que atravessa com seu voo rápido o horizonte do céu nebuloso, e eu admiro, eu contemplo, eu bendigo, eu amo e eu me inclino, átomo, perante a grandeza, a sabedoria, a ciência de nosso Criador, perante as maravilhas que me cercam.

“Eu estou feliz; eu estou na glória! Oh! Quem poderá jamais revelar as esplêndidas belezas da terra dos eleitos; os céus, os mundos, os sóis, seu papel na imensa obra da harmonia universal? Muito bem! Eu tentarei, ó meu mestre; eu vou realizar seu estudo e voltarei para oferecer ao senhor a homenagem de meus trabalhos como Espírito, os quais lhe dedico desde já. Até breve.

DEMEURE.”

As duas comunicações seguintes, de 1.º e 2 de fevereiro, são relativas à moléstia da qual estávamos acometido nesse momento. Conquanto sejam pessoais, nós as reproduzimos, porque elas provam que o Sr. Demeure é tão bom como Espírito quanto era como homem.

“Meu bom amigo, tenha confiança em nós e muita coragem; esta crise, conquanto fatigante e dolorosa, não será longa, e, com os cuidados prescritos, o senhor poderá, conforme seus desejos, completar a obra que em sua existência foi o alvo principal. Sou eu, portanto, que estou sempre aqui, ao seu lado, com o *Espírito de Verdade*, que me permite tomar em seu nome a palavra, como o último dos amigos do senhor vindos entre os Espíritos. Eles me honram com as boas-vindas. Caro mestre, quanto estou feliz por haver morrido a tempo de estar com eles neste momento! Se houvesse morrido mais cedo, talvez pudesse evitar-lhe essa crise que eu não previa; fazia muito pouco tempo que havia desencarnado para me ocupar de outra coisa além do evento espiritual; mas agora velarei

pelo senhor, caro mestre; é o eu irmão e amigo que está feliz por ser Espírito, para estar ao seu lado e lhe proporcionar os cuidados em sua doença; mas o senhor conhece o provérbio: 'Ajuda-te; o céu te ajudará.' Ajude então os bons Espíritos nos cuidados que eles lhe prestam, seguindo estritamente suas prescrições.

"Faz muito calor aqui; o carvão causa fadiga. Enquanto estiver doente, não o queime mais; ele favorece o aumento de sua falta de ar; os gases que dele se desprendem são deletérios.

Seu amigo, DEMEURE."

"Sou eu, Demeure, o amigo do Sr. Kardec. Venho dizer-lhe que estava ao lado dele quando do acidente que lhe sucedeu, e que teria sido funesto sem uma intervenção eficaz, para a qual fiquei feliz em contribuir. Por minhas observações, e as informações que sorvi em boa fonte, ficou evidente para mim que, mais cedo sua desencarnação ocorrer, mais cedo poderá obter a reencarnação na qual virá terminar sua obra. Todavia, precisa proceder, antes de partir, à última demão às obras que devem completar a teoria doutrinária de que é o iniciador, e se torna culpável de homicídio voluntário contribuindo, por excesso de trabalho, para o desarranjo de seu organismo, o qual o ameaça com uma súbita partida para nossos mundos. Não precisa temer dizer-lhe toda a verdade, para que se resguarde e siga ao pé da letra nossas prescrições.

DEMEURE."

A comunicação seguinte foi obtida em Montauban, a 26 de janeiro, dia seguinte a seu falecimento, no círculo de amigos espíritas que tinha nessa cidade.

"Antônio Demeure. Eu não estou morto para os senhores, meus bons amigos, mas para aqueles que não conhecem, como os senhores, esta santa doutrina que reúne aqueles que se amaram na Terra e que tiveram os mesmos pensamentos e os mesmos sentimentos de amor e de caridade.

"Eu estou feliz; mais feliz do que podia esperar, porque gozo de uma lucidez rara junto aos Espíritos desprendidos da matéria após tão pouco tempo. Tenham coragem, meus bons amigos; estarei muitas vezes perto dos senhores, e não deixarei de instruí-los sobre muitas coisas que ignoramos quando estamos presos à nossa pobre matéria, que nos esconde tantas magnificências e tantas alegrias. Peçam por aqueles que estão privados dessa felicidade, pois eles não sabem o mal que fazem a si mesmos.

"Eu não continuarei por muito tempo hoje, mas lhes direi que não me sinto de todo estranho no mundo dos invisíveis; parece-me que sempre o habitei. Eu aqui estou feliz, pois vejo meus amigos, e posso comunicar-me com eles todas as vezes que quero.

"Não chorem, meus amigos; os senhores me fariam lamentar tê-los conhecido. Deixem passar o tempo e Deus os conduzirá a esta morada, onde nós deveremos todos nos encontrar reunidos. Boa noite, meus amigos: que Deus os console; eu estou aqui ao seu lado.

DEMEURE."

Uma outra carta de Montauban contém o relato seguinte:

“Nós ocultáramos da senhora G., médium vidente e sonâmbula muito lúcida, a morte do Sr. Demeure, para respeitar sua extrema sensibilidade, e o bom doutor, percebendo sem dúvida nossos sentimentos, evitara manifestar-se a ela. No dia 10 de fevereiro último, nós nos reunimos a convite de nossos guias que, diziam eles, desejavam aliviar a senhora G. de uma entorse da qual sofria cruelmente desde a véspera. Nós não sabíamos nada além disso e estávamos longe de imaginar a surpresa que nos preparavam. Mal a senhora entrou em estado sonambúlico, fez ouvir gritos dolorosos mostrando seu pé. Eis o que se passava:

“A senhora G. via um Espírito curvado sobre sua perna e cujos traços lhe estavam ocultos; ele realizava fricções e massagens, exercendo, seguidamente, sobre a parte doente, uma tração longitudinal, exatamente como faria um médico. A operação era tão dolorosa que a paciente se entregava, às vezes, a vociferações e a movimentos desordenados. Mas a crise não foi de longa duração; ao cabo de dez minutos, todo traço da entorse desapareceu e, sem o inchaço, o pé retomou sua aparência normal; a senhora G. estava curada.

“No entanto, o Espírito restava ainda desconhecido da médium e insistia em não mostrar seus traços; demonstrava mesmo o intento de desaparecer, quando, de um pulo, nossa doente, que, alguns minutos antes, não podia dar um passo, se precipita no meio do quarto para empolgar e apertar a mão de seu doutor espiritual. Desta vez ainda, o Espírito virou a cabeça, apenas deixando sua mão na dela. Nesse momento, a senhora G. solta um grito e cai desmaiada no soalho; ela acabava de reconhecer o Sr. Demeure no Espírito curador. Durante a síncope, ela recebia cuidados prestimosos de diversos Espíritos simpáticos. Enfim, refeita a lucidez sonambúlica, ela conversou com os Espíritos, trocando com eles quentes apertos de mão, em especial com o Espírito do doutor, que respondia a seus testemunhos de afeição, aplicando-lhe um fluido reparador.

“A cena não é comovente e dramática e não se acreditaria ver todas essas personagens representarem seu papel na vida humana? Não é uma prova entre mil de que os Espíritos são seres bem reais, tendo um corpo e agindo como o faziam na Terra? Nós estávamos felizes por reencontrarmos nosso amigo espiritualizado, com seu excelente coração e sua delicada solicitude. Ele foi, durante sua vida, o médico da médium; conhecia sua extrema sensibilidade e cuidou dela como de sua própria filha. Esta prova de identidade dada àqueles que o Espírito amava não é comovente e propícia para se encarar a vida futura sob seu aspecto mais consolador?”

Nota. — A situação do Sr. Demeure, como Espírito, é bem a que se podia pressentir por sua vida, tão dignamente e tão utilmente cumprida; mas um outro fato não menos instrutivo ressalta dessas comunicações: é a atividade em que ele se desdobra quase imediatamente após sua morte, para ser útil. Por sua alta inteligência e suas qualidades morais, pertence à ordem dos Espíritos muito adiantados; ele é feliz mas sua felicidade não está na inação. Alguns dias antes, cuidava dos doentes como médico, e, assim que se

desprende, apressa-se em cuidar deles como Espírito. Que se ganha em estar no mundo espiritual, dirão certas pessoas, se ali não se usufrui do repouso? Quanto a isso, nós lhes perguntaremos antes de tudo se não significa nada não ter mais nem os cuidados, nem as privações, nem as enfermidades da vida, ser livre e poder, sem fadiga, percorrer o espaço com a rapidez do pensamento, ir ver seus amigos a toda hora, a qualquer distância que estejam? Além disso, nós cresceremos: Quando estiverem no outro mundo, nada os forçará a fazer o que quer que seja; serão perfeitamente livres para ficar em uma beatífica ociosidade durante todo o tempo que lhes aprazer; mas deixarão logo esse repouso egoísta; serão os primeiros a pedir uma ocupação. Então, lhes será respondido: Se se aborrecem por nada fazer, procurem os senhores mesmos fazer alguma coisa; as ocasiões de serem úteis não faltam no mundo dos Espíritos mais do que entre os homens. É assim que a atividade espiritual não é nunca um constrangimento; ela é uma necessidade, uma satisfação para os Espíritos que procuram as ocupações em relação com seus gostos e suas aptidões, e escolhem de preferência aquelas que podem ajudar seu avanço.

A SR.^A VIÚVA FOULON, NASCIDA WOLLIS

A senhora Foulon, falecida em Antibes, a 3 de fevereiro de 1865, durante bastante tempo habitou no Havre, onde conquistou uma reputação como miniaturista muito hábil. Seu talento notável, no princípio, foi para ela apenas uma distração de amador; mas, mais tarde, quando chegaram os maus dias, ela soube fazer disso uma preciosa fonte de renda. O que fazia acima de tudo com que fosse amada e estimada, o que torna sua memória cara a todos os que a conheceram, é a amenidade de seu caráter, bem como suas qualidades particulares, cuja extensão somente os que conhecem sua vida íntima podem apreciar plenamente; porquanto, como todos aqueles nos quais o sentimento do bem é inato, ela não fazia exibição nem desconfiava sequer disso. Se existe alguém sobre quem o egoísmo não prevalecia, era ela, sem dúvida; jamais talvez o sentimento de abnegação pessoal foi levado mais longe; sempre pronta a sacrificar seu repouso, sua saúde, seus interesses por aqueles a quem podia ser útil, sua vida foi uma sequência de devotamentos, como também teve ela, desde sua juventude, uma longa sequência de rudes e cruéis provações, diante das quais sua coragem, sua resignação e sua perseverança jamais falharam. Mas — que pena! — sua vista, fatigada por um trabalho minucioso, se extinguia dia a dia; ainda algum tempo e a cegueira, já muito avançada, se completaria.

Quando a senhora Foulon teve conhecimento da doutrina espírita, isso foi para ela como um raio de luz; pareceu-lhe que um véu se levantava sobre alguma coisa que não lhe era desconhecida, mas da qual tinha só uma vaga intuição; por isso a estudou com ardor, mas ao mesmo tempo com a lucidez de espírito, a justeza de apreciação que era o atributo de sua alta inteligência. É preciso conhecer todas as perplexidades de sua vida, perplexidades que tinham sempre por motivo, não ela mesma, mas os seres que lhe eram

caros, para compreender todas as consolações que ela extraiu desta sublime revelação, que lhe dava uma fé inquebrantável no futuro e lhe mostrava o nada das coisas terrestres.

Sua morte foi digna de sua vida. Ela lhe viu os assédios sem nenhum receio penoso: era para ela a libertação dos liames terrestres, que lhe deveria abrir essa vida espiritual bem-aventurada, com a qual se identificou pelo estudo do Espiritismo. Ela morreu em paz, porque tinha a consciência de haver cumprido a missão que aceitara vindo para a Terra, de haver escrupulosamente preenchido seus deveres de esposa e de mãe de família, porque também havia, durante sua vida, abjurado todo ressentimento contra aqueles de quem podia queixar-se e que lhe pagaram com a ingratidão; uma vez que sempre lhes devolveu o bem em troca do mal e que deixou a vida perdoando-os, entregando-se a si mesma à bondade e à justiça de Deus. Ela morreu, em suma, com a serenidade que propicia uma consciência pura e a certeza de estar menos separada de seus filhos do que durante a vida corpórea, dado que poderá doravante estar com eles em Espírito em qualquer ponto do globo em que se encontrem, ajudá-los com seus conselhos e cobri-los com sua proteção.

Logo que soubemos do falecimento da senhora Foulon, nosso primeiro desejo foi o de conversar com ela. As relações de amizade e simpatia que fizera nascer entre ela e nós a doutrina espírita, explicam algumas de suas palavras e a familiaridade de sua linguagem.

I

(Paris, 6 de fevereiro de 1865, três dias após sua morte.)

Estava segura de que o senhor teria o pensamento de me evocar logo após minha libertação, e me preparei para responder-lhe, pois não sofri perturbação; são os que têm medo que são envolvidos por essas trevas espessas.

Muito bem! Meu amigo, estou feliz agora; estes pobres olhos que se enfraqueceram, e que só me deixavam a lembrança dos prismas que coloriram minha juventude com seu reluzente esplendor, abriram-se aqui e reencontraram os esplêndidos horizontes que idealizam, em suas indefinidas reproduções, alguns de seus grandes artistas, mas cuja realidade majestosa e severa, contudo cheia de encantos, tem a marca da mais perfeita realidade.

Faz apenas três dias que faleci, e eu sinto que sou artista; minhas aspirações quanto ao ideal de beleza na arte eram apenas a intuição de faculdades que estudara e adquirira em outras existências e que se desenvolveram na derradeira. Mas quanto me resta fazer para reproduzir uma obra-prima digna da grande cena que comove o Espírito, em chegando à região da luz! Pincéis! Pincéis! E eu provarei ao mundo que a arte espírita é o coroamento da arte pagã, da arte cristã que periga, e que ao Espiritismo somente se reserva a glória de fazê-la reviver, com todo o seu esplendor, em seu mundo empobrecido.

Basta para a artista; é a hora da amiga.

Por que, boa amiga (senhora Allan Kardec), tal comoção com minha morte? A senhora, sobretudo, que conhece as decepções e as amarguras de minha vida, deveria regozijar-se, ao contrário, por ver que agora não mais tenho que beber no copo amargo das dores terrestres que esvaziei até a lia. Creia em mim, os mortos são mais felizes do que os vivos, e, é duvidar da verdade do Espiritismo o chorar por eles. A senhora irá rever-me, esteja segura; eu parti primeiro porque minha obrigação estava finda aí; cada um tem a sua a cumprir na Terra, e quando a sua estiver finda, a senhora virá repousar um pouco a meu lado, para recomeçar em seguida, se preciso for, uma vez que não existe na natureza o ficar inativo. Cada um tem suas tendências, e as cumpre; é uma lei suprema que prova a força do livre-arbítrio; por isso, boa amiga, indulgência e caridade, constituem o de que todos precisamos uns dos outros, seja no mundo visível, seja no mundo invisível; com tal divisa, tudo vai bem.

A senhora não me diria para me deter. Sabe que falo longamente pela primeira vez! Por isso eu a deixo; é a hora de meu excelente amigo, Sr. Kardec. Quero agradecer-lhe as afetuosas palavras que julgou por bem dirigir à amiga que o antecedeu no túmulo; pois nós quase partimos juntos para o mundo onde me encontro, meu bom amigo! (Alusão à moléstia de que fala o doutor Demeure.) Que diria a companheira bem amada de seus dias, se os bons Espíritos não deixassem tudo bem? Aí, então, ela teria chorado e plangido, eu o compreendo; mas também precisa que ela vele para o senhor não se expor de novo ao perigo antes de terminar seu trabalho de iniciação espírita, sem o que corre o risco de chegar muito cedo entre nós, e de tão só ver, como Moisés, a Terra Prometida de longe. Resguarde-se, pois; é uma amiga quem o previne.

Agora eu me vou; retorno para perto de meus caros filhos; depois irei ver, além dos mares, se minha ovelha viajante chegou enfim ao porto ou se ela é vítima da tempestade. (Uma de suas filhas que residia na América.) Que os bons Espíritos a protejam; eu vou para juntar-me a eles. Eu voltarei para conversar, pois sou uma conversadora infatigável; o senhor se lembra.

Até à vista então, bons e caros amigos; até logo.

Viúva FOULON.

II

(8 de fevereiro de 1865.)

P. Cara senhora Foulon, estou muito feliz com a comunicação que a senhora me ofereceu outro dia, e com sua promessa de continuar nossas conversas.

Eu a reconheci perfeitamente na comunicação; a senhora fala de coisas ignoradas pelo médium e que apenas podiam vir da senhora; depois sua linguagem afetuosa a nosso respeito, é bem a de sua alma amorável; mas há em suas palavras uma segurança, um equilíbrio, uma firmeza que não lhe conheci enquanto viva. A senhora sabe que, quanto a esse aspecto, eu me permiti mais de uma admoestação em certas circunstâncias.

R. É verdade; mas, desde que me vi gravemente doente, recobrei minha firmeza de espírito, perdida pelos desgostos e as vicissitudes que, às vezes, me tornaram medrosa durante a vida. Eu disse a mim: Você é espírita; esqueça a Terra; prepare-se para a transformação de seu ser, e veja, pelo pensamento, a senda luminosa que deve seguir sua alma em deixando seu corpo, e que a conduzirá, feliz e livre, às esferas celestes onde você deve viver doravante.

O senhor me dirá que era um pouco presunçosa de minha parte contar com a felicidade perfeita em deixando a Terra, mas eu sofrera tanto que devia ter expiado minhas faltas desta existência e das existências precedentes. Esta intuição não me enganou, e foi ela que me deu a coragem, a calma e a firmeza dos últimos instantes; esta firmeza foi naturalmente aumentada quando, após minha libertação, eu vi minhas esperanças realizadas.

P. Gostaria agora de nos descrever sua passagem, seu despertar e suas primeiras impressões?

R. Eu sofri, mas meu Espírito foi mais forte que o sofrimento material que o desprendimento lhe fazia experimentar. Eu me encontrei, *após o supremo suspiro*, como em síncope, não tendo nenhuma consciência de meu estado, não pensando em nada e numa vaga sonolência que não era nem o sono do corpo, nem o despertar da alma. Eu fiquei bastante tempo assim; depois, como se saísse de um longo desmaio, fui despertando pouco a pouco no meio de irmãos que eu não conhecia; eles me prodigalizaram seus cuidados e suas carícias, mostraram-me um ponto no espaço que parecia uma estrela brilhante e disseram-me: “É para lá que você irá conosco; você não pertence mais à Terra.” Então eu me recordei; apoiei-me neles, e, como um grupo gracioso que se arremete na direção das esferas desconhecidas, mas com a certeza de ali encontrar a felicidade, nós subimos, subimos, e a estrela avolumava-se. Era um mundo feliz, um mundo superior, onde sua boa amiga vai, enfim, encontrar o repouso; eu quero dizer o repouso em consideração às fadigas corporais que suportei e às vicissitudes da vida terrestre, mas não a indolência do Espírito, pois a atividade do Espírito é um prazer.

P. A senhora abandonou definitivamente a Terra?

R. Nela deixo muitíssimos seres que me são caros para abandoná-la já definitivamente. Para cá virei em Espírito, pois tenho uma missão a cumprir ao lado de meus filhinhos. O senhor bem sabe, aliás, que nenhum obstáculo se opõe a que os Espíritos que se detêm nos mundos superiores à Terra venham visitá-la.

P. A posição em que a senhora se encontra parece obrigá-la a diminuir suas relações com aqueles que deixou neste mundo?

R. Não, meu amigo, o amor aproxima as almas. Acredite em mim: pode-se estar na Terra mais perto daqueles que alcançaram a perfeição do que daqueles que a inferioridade e o egoísmo fazem turbilhonar ao redor da esfera terrestre. A caridade e o amor são dois motores de uma atração possante. É o liame que cimenta a união das almas ligadas uma à outra e a mantém, apesar da distância e dos lugares. Há distância apenas para os corpos materiais; não há para os Espíritos.

P. Que ideia a senhora faz agora de meus trabalhos no que concerne ao Espiritismo?

R. Eu penso que o senhor está encarregado das almas e que o fardo é penoso para carregar; mas vejo o alvo e sei que o atingirá; eu o ajudarei, se puder, com meus conselhos de Espírito, para que o senhor possa superar as dificuldades que lhe serão suscitadas, estimulando-o a tomar, oportunamente, certas medidas próprias para ativar, enquanto vivo, o movimento renovador a que incita o Espiritismo. Seu amigo Demeure, unido ao *Espírito de Verdade*, lhe trará um concurso mais útil ainda; ele é mais sábio e mais sério que eu; mas, como sei que a assistência dos bons Espíritos o fortifica e o sustenta em seu labor, acredite que a minha lhe estará assegurada por toda a parte e todo o sempre.

P. A gente poderia deduzir de algumas de suas palavras que a senhora não dará uma cooperação pessoal muito ativa à obra do Espiritismo.

R. O senhor se engana; mas eu vejo tantos outros Espíritos, mais capazes do que eu de tratar dessa questão importante, que um sentimento invencível de timidez me impede, no momento, de lhe responder segundo seus desejos. Isso ocorrerá talvez; eu terei mais coragem e audácia; mas é preciso primeiramente que os conheça melhor. Faz apenas quatro dias que faleci; eu estou ainda sob o encanto do deslumbramento que me envolve; meu amigo, o senhor não compreende? Eu não consigo exprimir as novas sensações que experimento. Eu tenho de usar de violência para me desprender da fascinação que exercem sobre meu ser as maravilhas de que ele se admira. Somente posso bendizer e adorar a Deus em suas obras. Mas isso passará; os Espíritos me asseguram que cedo eu me acostumarei com todas essas magnificências e que poderei, então, com minha lucidez de Espírito, tratar de todas as questões relativas à renovação terrestre. Depois, além de tudo isso, pense que neste momento sobretudo eu tenho uma família a consolar.

Adeus e até logo; sua boa amiga, que o ama e o amará sempre, meu mestre, pois é ao senhor que ela deve a única consolação durável e verdadeira que experimentou na Terra.

Viúva FOULON.

III

A comunicação seguinte foi dada para seus filhos, a 9 de fevereiro:

Meus filhos, meus bem-amados, Deus me retirou de vocês, mas a recompensa que ele se digna conceder-me é bem grande em comparação ao pouco que fiz na Terra. Resignem-se, meus bons filhos, às vontades do Mais Alto; extraiam em tudo o que ele permitiu que recebessem, a força para suportar as provações da vida. Mantenham sempre firme em seu coração esta crença que tanto facilitou minha passagem da vida terrestre para a vida que nos espera ao sairmos do mundo inferior. Deus me cobriu, após minha morte, com sua inesgotável bondade, do mesmo modo que concordou em fazê-lo quando eu estava na Terra. Agradeçam-lhe por todos os benefícios que lhes concede; bendigam-no, meus filhos, bendigam-no sempre, em todos os instantes. Não percam jamais de vista o alvo que lhes foi indicado, nem a rota que têm de seguir; pensem no uso que têm de fazer do tempo que Deus lhes concede na Terra. Vocês aí serão felizes, meus bem-amados,

felizes uns com os outros, caso a união reine entre vocês; felizes por seus filhos, se os conduzirem pela boa estrada, aquela que Deus permitiu que lhes fosse revelada.

Oh! Se vocês não me podem ver, compenetrem-se de que o liame que nos unia neste mundo não se rompeu em absoluto com a morte do corpo, pois não era o invólucro que nos ligava, mas o Espírito; é por isso, meus bem-amados, que eu poderei, pela bondade do Todo-Poderoso, guiá-los novamente e encorajá-los em sua caminhada, para nos encontrarmos mais tarde.

Vão, meus filhos, cultivem com o mesmo amor essa sublime crença; belos dias lhes estão reservados, a vocês que acreditam. Disseram-lhes isso; eu, porém, não devia absolutamente vê-los na Terra; é do alto que estimarei os tempos felizes prometidos pelo Deus bom, justo e misericordioso.

Não chorem, meus filhos; que estas conversas fortifiquem sua fé, seu amor a Deus, que derramou tantos dons sobre vocês, que enviou tantas vezes o socorro à sua mãe. Orem sempre a ele: a prece fortifica. Harmonizem às instruções que eu seguia tão ardentemente a vida que Deus lhes concede.

Eu voltarei até vocês, meus filhos, mas precisa que eu ampare minha pobre filha que tem tanta necessidade de mim ainda. Adeus, até logo. Creiam na bondade do Todo-Poderoso; eu oro a ele por vocês. Até a vista.

Viúva FOULON.

Nota. — Todo espírita sério e esclarecido tirará facilmente destas comunicações os ensinamentos que dela ressaltam; assim, chamaremos a atenção apenas sobre dois pontos. O primeiro é que este exemplo nos mostra a possibilidade de não mais encarnar na Terra e de passar daqui para um mundo superior, sem para isso separar-se dos seres estimados que se deixam aqui. Aqueles que temem a reencarnação por causa das misérias da vida, podem delas se livrar fazendo o que é preciso, quer dizer, trabalhando por sua melhoria. Aquele que não quer estacionar nas linhas inferiores, deve instruir-se e trabalhar para subir de categoria.

O segundo ponto é a confirmação desta verdade: que, após a morte, nos separamos menos dos seres que nos são caros do que durante a vida. A senhora Foulon, impedida pela idade e pela enfermidade em uma cidadezinha do sul do país, tinha junto a si apenas uma parte de sua família; estando a maioria de seus filhos e de seus amigos dispersa ao longe, os obstáculos materiais se opunham a que ela pudesse vê-los tão frequentemente como uns e outros o desejassem. A grande distância tornava mesmo a correspondência rara e difícil para qualquer um. Mal ela se desembaraçou de seu invólucro, lúpida, ela acorre para perto de cada um, transpõe as distâncias sem fadiga, com a rapidez da eletricidade, os vê, assiste às suas reuniões íntimas, envolve-os com sua proteção e pode, por meio da mediunidade, conversar com eles a todo o instante, como quando viva. E dizer que a este consolador pensamento há pessoas que preferem a ideia de uma separação indefinida!

UM MÉDICO RUSSO

O senhor P. era um médico de Moscou tão distinto por suas eminentes qualidades morais quanto por seu saber. A pessoa que o evocou só o conhecia pela reputação e tão somente tivera com ele relações indiretas. A comunicação original foi em língua russa.

P. (Após a evocação.) O senhor está aqui? — R. Sim. No dia de minha morte, fui atrás do senhor com minha presença, mas o senhor resistiu a todas as minhas tentativas para fazê-lo escrever. Eu ouvira suas palavras sobre mim; isso me fizera conhecê-lo, e então tive o desejo de conversar com o senhor para lhe ser útil.

P. Por que, o senhor, que era tão bom, sofreu tanto? — R. Foi uma bondade do Senhor que desejava, por esse meio, fazer-me duplamente sentir o prêmio de minha libertação, e fazer-me avançar o mais possível neste mundo.

P. O pensamento da morte lhe causou terror? — R. Não, eu tinha muita fé em Deus para isso.

P. A separação foi dolorosa? — R. Não. O que chamam o último momento não é nada; eu senti um estremeção muito curto, e logo após me achei todo feliz por estar desembaraçado de minha miserável carcaça.

P. Que sucedeu então? — R. Eu tive a felicidade de observar uma quantidade de amigos vir ao meu encontro e desejar-me boas-vindas, aqueles particularmente que tive a satisfação de auxiliar.

P. Em que região o senhor está habitando? Está em um planeta? — R. Tudo o que não é um planeta é o que chamam de espaço; é lá que estou. Mas que de níveis existem nessa imensidade sobre que o homem não pode fazer ideia! Que de degraus nessa escada de Jacó, que vai da terra ao céu, quer dizer, do aviltamento da encarnação em um mundo inferior como o seu, até a purificação completa da alma! Lá onde estou, só se chega em razão de muitas provações, o que significa de muitas encarnações.

P. Por essa conta, o senhor deve ter tido muitas existências? — R. Como poderia ser diferente? Nada é excepcional na ordem imutável estabelecida por Deus; a recompensa tão somente pode chegar após a vitória obtida na luta; e quando a recompensa é grande, precisa necessariamente que a luta o tenha sido também. Mas a vida humana é tão curta que a luta é real tão somente nos intervalos, e os intervalos são as diferentes existências sucessivas; ora, dado que eu já estou em um dos degraus elevados, é certo que consegui essa felicidade por uma continuidade de combates nos quais Deus permitiu que eu obtivesse às vezes uma vitória.

P. Em que consiste sua felicidade? — R. Isso é mais difícil de fazer compreender. A felicidade que usufruo é um contentamento extremo de mim mesmo; não de meus méritos, o que seria do orgulho, e o orgulho é a característica dos Espíritos perversos, mas um contentamento mergulhado, por assim dizer, no amor de Deus, no reconhecimento de sua bondade infinita; é a alegria profunda de ver o bom, o bem; de se dizer: talvez eu tenha contribuído para a melhoria de alguns daqueles que se elevaram até o Senhor. A gente está como que identificado com o bem-estar; é uma espécie de fusão do Espírito e da bondade divina. Tem-se o dom de ver os Espíritos mais puros, de compreendê-los em suas missões e

de saber que se chegará lá também; entreveem-se, no infinito incomensurável, as regiões tão resplandecentes do fogo divino, que se fica ofuscado mesmo contemplando-as através do véu que as cobre ainda. Mas que lhe digo? Compreende o senhor as minhas palavras? O fogo de que falo, acredita o senhor que seja parecido com o sol, por exemplo? Não, não; é alguma coisa indizível ao homem, porque as palavras somente exprimem os objetos, as coisas físicas ou metafísicas, de que tem conhecimento pela memória ou intuição de sua alma, enquanto, não podendo ter essa memória do desconhecido absoluto, não há termos que possam propiciar-lhe tal percepção. Mas saiba: já é uma imensa felicidade pensar que se pode evoluir infinitamente.

P. O senhor teve a bondade de dizer-me que deseja ser-me útil; em que sentido, por favor? — R. Eu posso ajudá-lo em suas vertigens, sustentá-lo em suas fraquezas, consolá-lo em seus pesares. Se sua fé, agitada por algum choque que o perturbe, venha a vacilar, chame por mim: Deus me dará as palavras para o senhor lembrar-se dele e para conduzi-lo a ele; caso se sinta prestes a sucumbir sob o peso de pendores de que se reconheça a si mesmo culpado, chame por mim: eu o ajudarei a levar sua cruz, como outrora Jesus foi ajudado a levar a sua, aquela que devia proclamar para nós tão altamente a verdade, a caridade; caso se enfraqueça sob o peso de seus pesares, caso o desespero se aposses de si, chame por mim: eu virei para tirá-lo do abismo, falando-lhe de Espírito para Espírito, lembrando-o dos deveres que se impõem, não por considerações sociais e materiais, mas pelo amor que o senhor sentirá em mim, amor que Deus colocou em meu ser para transmitir àqueles que o amor pode salvar.

O senhor tem amigos na Terra, sem dúvida; eles participam talvez das dores suas, e talvez já o salvaram. Na angústia, vá procurá-los, vá levar-lhes suas queixas e suas lágrimas, e eles lhe darão em troca desse sinal de afeição seus conselhos, seu apoio, suas carícias; muito bem, não pensa o senhor que um amigo daqui possa ser também uma boa realidade? Consola-se quem diz: Quando eu morrer, meus amigos da Terra estarão em meu enterro, orando por mim e chorando sobre mim, mas meus amigos do espaço estarão no umbral da vida e virão sorrindo conduzir-me ao lugar que eu terei merecido por minhas virtudes.

P. O que fiz para merecer a proteção que o senhor há por bem conceder-me? — R. Eis o porquê de me ligar ao senhor desde o dia de minha morte. Eu o vi como espírita, bom médium e adepto sincero; entre os que deixei aí, somente vi o senhor no começo; resolvi assim vir contribuir para que avance, em seu interesse, sem dúvida, mas ainda mais no interesse de todos aqueles que o senhor está designado para instruir na verdade. O senhor o vê, Deus o ama o bastante para torná-lo missionário; ao seu redor, todos, pouco a pouco, vão participando de suas crenças; os mais rebeldes, no mínimo, o escutam, e um dia os verá acreditando no senhor; não se aborreça; avance sempre, malgrado as pedras do caminho; tome a mim por arrimo da fraqueza.

P. Eu não ousou acreditar fazer jus a um tão grande favor. — R. Sem dúvida, o senhor está longe da perfeição; mas seu ardor em espalhar as santas doutrinas, em sustentar a fé em quem o escuta, em pregar a caridade, a bondade, a benevolência, mesmo quando utilizam de má-fé contra o senhor, sua resistência a seus instantes de cólera, os quais poderia satisfazer tão facilmente quanto os que o afligem ou desconhecem suas intenções,

vêm felizmente servir de contrapeso àquilo que mantém de mau; e saiba que é um poderoso contrapeso o perdão.

Deus o cumula com suas graças, pela faculdade que ele lhe propicia e que ele tão só pode aumentar por seus esforços, a fim de trabalhar eficazmente pela salvação do próximo. Eu vou deixá-lo, mas conte comigo. Cuide de moderar suas ideias terrestres e de conviver mais constantemente com seus amigos daqui.

P.

BERNARDIN

(Bordéus, abril de 1862.)

Eu sou um Espírito esquecido após muitos séculos; vivi na Terra, na miséria e no opróbrio; trabalhei sem descanso para dar, a cada dia, minha família, um insuficiente pedaço de pão; mas amei meu senhor verdadeiro, e quando o que se encarregava de mim na Terra aumentava meu fardo de dores, eu dizia: Meu Deus, dê-me a força para suportar este peso sem me queixar. Eu expiava, meus amigos; mas, ao sair dessa rude provação, o Senhor recebeu-me na paz, e o meu voto, o mais carinhoso, é o de reuni-los todos ao meu redor, meus filhos, meus irmãos, e lhes dizer: Qualquer importância que a isso atribuírem, a felicidade que espera por vocês está ainda bem acima.

Eu não tinha posição; filho de uma numerosa família, eu servi a quem podia ajudar-me a suportar minha vida. Nascido em uma época em que a servidão era cruel, suportei todas as injustiças, todas as imposições, todos os encargos que agradava aos subalternos do patrão impor-me. Vi minha mulher ultrajada; vi minhas filhas raptadas, depois repudiadas, sem poder queixar-me; vi meus filhos levados para as guerras de pilhagem e de crimes, enforcados por delitos que não cometeram! Se vocês soubessem, pobres amigos, o que suportei em minha excessivamente longa existência! Mas eu aguardava, eu aguardava a felicidade que não é a da Terra, e o Senhor ma concedeu. A todos os senhores, pois, meus irmãos, coragem, paciência e resignação.

Meu filho, você pode conservar o que lhe ofertei; é um ensinamento prático. Aquele que prega é bem melhor escutado quando pode dizer: Eu suportei mais que vocês; suportei sem me queixar.

P. Em que época viveu o senhor? — R. De 1400 a 1460.

P. Teve o senhor uma outra existência depois? — R. Sim, novamente vivi entre os senhores como missionário; sim, missionário da fé; mas da verdadeira, da pura, da que sai da mão de Deus, e não da que os homens fizeram para os senhores.

P. Agora, como Espírito, tem o senhor ainda ocupações? — R. Podem os senhores acreditar que os Espíritos quedam inativos? A inação, a inutilidade seria para eles um

suplicio. Minha missão é a de guiar os centros laboriosos do Espiritismo; eu aí inspiro bons pensamentos e me esforço por neutralizar os que os maus Espíritos procuram sugerir.

BERNARDIN.

A CONDESSA PAULA

Era uma mulher jovem, bela, rica, de um ilustre nascimento pelo modo de ser e, além disso, um modelo completo de todas as qualidades do coração e do espírito. Ela faleceu aos trinta e seis anos, em 1851. Era uma dessas pessoas cuja oração fúnebre se resume nestas palavras, em todas as bocas: “Por que Deus retira tão cedo essas pessoas da Terra?” Felizes os que assim bendizem sua memória! Ela era boa, doce, indulgente para todo o mundo; sempre pronta a desculpar ou atenuar o mal, em lugar de envenená-lo; jamais a maledicência lhe maculou os lábios. Sem arrogância nem orgulho, tratava seus subalternos com uma benevolência que não tinha nada de abjeta familiaridade, e sem afetar diante deles ares de excelência ou de uma proteção humilhante. Compreendendo que as pessoas que vivem de seu trabalho não têm renda, e que precisam do dinheiro que lhes é devido, seja por seu estado, seja para viver, jamais ela fez esperar um salário; o pensamento de que alguém pudesse sofrer por causa de uma falta de pagamento por culpa sua, lhe significaria uma dor de consciência. Não era dessas pessoas que buscam sempre o dinheiro para satisfazer suas fantasias e não o têm jamais para pagar o que devem; ela não compreendia que pudesse ser de bom gosto para um rico ter dívidas, e ficaria humilhada se se dissesse que seus fornecedores se obrigavam a lhe fazer adiantamentos. Por isso, em sua morte, houve apenas pesares e nenhuma reclamação.

Sua beneficência era inesgotável, mas não essa beneficência oficial, que se exhibe à luz do dia; nela existia a caridade do coração e não a da ostentação. Somente Deus sabe as lágrimas que ela secou, e os desesperos que acalmou, pois as boas ações tinham por testemunhas só a si mesma e os infelizes a que assistia. Ela sabia, sobretudo, descobrir os infortúnios escondidos, que são os mais pungentes e que socorria com a delicadeza que soergue o moral em vez de rebaixá-lo.

Sua classe social e as altas funções de seu marido obrigavam-na a um gasto doméstico a que não podia furtar-se; mas, satisfazendo a todas as exigências de sua posição sem mesquinhez, punha nisso uma ordem que, evitando os desperdícios ruinosos e as despesas supérfluas, lhe permitia que fosse suficiente a metade do que teria custado aos outros, sem fazerem melhor.

Ela podia assim destinar de sua fortuna uma parte bem maior para os necessitados. Ela reservou um capital importante cuja renda era aplicada exclusivamente para esse fim sagrado para ela; capital que considerava de menos para as despesas de sua casa. Ela

encontrava assim o meio de conciliar seus deveres para com a sociedade e para com a miséria³³.

Evocada, doze anos após sua morte, por um de seus parentes iniciado no Espiritismo, ela ofereceu a comunicação seguinte, em resposta a diversas questões que lhe foram endereçadas³⁴:

“O senhor tem razão, meu amigo, em pensar que sou feliz; eu o sou, com efeito, além de tudo o que se possa exprimir, conquanto esteja longe ainda do último degrau. Eu estou, no entanto, entre os felizes da Terra, pois não me recordo de haver experimentado um desgosto real. Juventude, saúde, fortuna, homenagens, eu tinha tudo aquilo que constitui a felicidade entre os homens; mas o que é essa felicidade ao lado daquela que se aprecia aqui? Que são suas festas mais esplêndidas, onde se exibem os mais ricos ornamentos, ao lado das assembleias de Espíritos resplandecentes, de um brilho que sua vista não poderia suportar, e que é o apanágio da pureza? Que são seus palácios e seus salões dourados ao lado das moradas aéreas, dos vastos campos do espaço matizados de cores que fariam esmaecer o arco-íris? Que são seus passeios, a passos medidos, em seus parques, ao lado das viagens através da imensidade, mais rápidas que o raio? Que são seus horizontes circunscritos e nublados, ao lado do espetáculo grandioso dos mundos movendo-se no universo sem limites, sob a possante mão do Altíssimo? Quanto seus concertos mais melodiosos são tristes e ruidosos ao lado desta suave harmonia que faz vibrar os fluidos do éter e todas as fibras da alma? Quanto suas maiores alegrias são tristes e insípidas ao lado da inexprimível sensação de felicidade que penetra incessantemente todo o nosso ser como um eflúvio benéfico, sem mescla de nenhuma inquietação, de nenhum receio, de nenhum sofrimento? Aqui tudo respira o amor, a confiança, a sinceridade; por toda a parte, corações amantes, por toda a parte amigos, em nenhuma parte invejosos e ciumentos. Tal é o mundo onde estou, meu amigo, e onde o senhor chegará infalivelmente seguindo a estrada certa.

“Contudo, a gente cansaria logo de uma alegria uniforme; não creia que a nossa esteja isenta de peripécias; isto aqui não é nem um concerto perpétuo, nem uma festa sem fim, nem uma beatífica contemplação durante a eternidade; não, isto aqui é o movimento, a vida, a atividade. As ocupações, conquanto isentas de fadigas, trazem uma incessante variedade de aspectos e de emoções pelos milhares de incidentes de que são semeadas. Cada um tem sua missão para cumprir, seus protegidos para assistir, amigos da Terra para visitar, procedimentos da natureza para dirigir, almas sofredoras para consolar; aqui se vai, aqui se vem, não de uma rua a outra, mas de um mundo a outro; aqui se reúne, aqui se separa para se reunir em seguida; a gente se reúne em um lugar, comunica o que fez, felicita os sucessos alcançados; combina, assiste-se reciprocamente nos casos difíceis; enfim, eu lhe asseguro que ninguém terá tempo para se entediar um segundo.

“Neste momento, a Terra é nosso grande tema de preocupação. Que movimento entre os Espíritos! Que numerosas coortes afluem para concorrer para sua transformação! Dir-se-ia uma nuvem de trabalhadores ocupados em derribar uma floresta, sob o comando

³³ Pode-se dizer que esta senhora era o vivo retrato da mulher benemerente, pintado em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. XIII.

³⁴ Extraímos desta comunicação, cujo original está em idioma alemão, as partes instrutivas para o assunto que nos ocupa, suprimindo o que não é senão de um interesse de família.

de chefes experientes; uns vão abatendo as velhas árvores com o machado e arrancando as profundas raízes; os outros, desaterrando; estes, lavrando e semeando; aqueles, edificando a nova cidade sobre as ruínas carunchosas do velho mundo. Durante esse tempo, os chefes se reúnem, chegam a um consenso e enviam mensageiros para levar as ordens em todas as direções. A Terra deve estar regenerada em um tempo determinado; precisa que os desígnios da Providência se cumpram; eis a razão por que cada qual está em atividade. Não creia que eu seja simples espectadora desse grande trabalho; eu me envergonharia de permanecer inativa quando todo o mundo se empenha; confiaram-me uma importante missão, e eu me esforço por cumpri-la dando o melhor de mim.

“Não foi sem lutas que cheguei à posição que ocupo na vida espiritual; pode crer que minha última existência, quanto meritória lhe pareça, não foi suficiente para isso. Durante diversas existências, passei por provações de trabalho e de miséria, que voluntariamente escolhi para fortificar e purificar minha alma; eu tive a felicidade de sair vitoriosa, mas restava-me uma para sofrer, a mais perigosa de todas: aquela da fortuna e do bem-estar material, *de um bem-estar sem mescla de amargura*: aí estava o risco. Antes de tentá-la, eu desejei sentir-me assaz forte para não sucumbir. Deus levou em conta minhas boas intenções, e me fez a graça de sustentar-me. Muitos outros Espíritos, seduzidos pelas aparências, se apressam em escolhê-la; muito fracos — que pena! — para afrontar o perigo, as seduções triunfam sobre sua inexperiência.

“Trabalhadores, eu pertenci às suas fileiras; eu, a nobre senhora, como os senhores, já ganhei meu pão com o suor de minha fronte; eu enfrentei privações, sofri intempéries, e foi o que desenvolveu as forças viris de minha alma; sem isso, provavelmente, eu teria fracassado em minha última provação, o que me arrastaria para bem longe lá atrás. Como eu, os senhores terão também, por sua vez, o teste da fortuna, mas não se apressem em requisitá-lo desde logo; e os que são ricos tenham sempre presente no pensamento que a verdadeira fortuna, a fortuna imperecível, não se encontra na Terra, e compreendam a que preço poderão merecer os benefícios do Todo-Poderoso.”

PAULA, na Terra, Condessa de...

JOÃO REYNAUD

(Sociedade Espírita de Paris. Comunicação espontânea.)

Meus amigos, como esta nova vida é magnífica! Semelhante a uma torrente luminosa, ela arrasta, em seu curso imenso, as almas inebriadas do infinito! Após a ruptura de meus liames carnis, meus olhos abrangeram os horizontes novos que me envolviam e desfrutaram as esplêndidas maravilhas do infinito. Eu passei das sombras da matéria para a aurora brilhante que anuncia o Todo-Poderoso. Eu fui salvo, não pelo mérito de minhas obras, mas pelo conhecimento do princípio eterno que me fez evitar as nódoas causadas pela ignorância à pobre humanidade. Minha morte foi abençoada; meus biógrafos a

julgarão prematura — os cegos! —; eles lastimarão alguns escritos nascidos da poeira e não compreenderão como o pouco ruído que se faz ao redor de minha tumba recém-fechada é útil para a santa causa do Espiritismo. Minha obra terminou; meus predecessores mantêm-se na corrida; eu atingi o ponto culminante onde o homem oferece o que tem de melhor, e onde ele não faz mais do que recomeçar. A minha morte reaviva a atenção dos beletistas e a reconduz para minha obra principal, que toca a questão espírita que eles simulam desconhecer, e que logo os enleará. Glória a Deus! Auxiliado pelos Espíritos superiores que protegem a nova doutrina, eu serei um dos vanguardeiros que demarcam sua rota.

JOÃO REYNAUD.

(Paris; reunião de família. Outra comunicação espontânea.)

O Espírito responde a uma reflexão feita sobre sua morte imprevista, numa idade pouco avançada, e que surpreendeu bastante gente.

“Quem lhe diz que minha morte não é um benefício para o Espiritismo, para seu futuro, para suas conseqüências? O senhor observou, meu amigo, a marcha que segue o progresso, a rota que empreende a fé espírita? Deus no começo ofereceu as provas materiais: dança das mesas, pancadas de surpresa e todas as formas de fenômenos; foi para chamar a atenção; foi um prefácio divertido. Precisam os homens de provas palpáveis para crer. Agora, o que ocorre é bem outra coisa! Após os fatos materiais, Deus fala à inteligência, ao bom senso, à fria razão; não são mais os fenômenos mas as realidades racionais que devem convencer e mesmo juntar os incrédulos, os mais opiniáticos. E é, ainda, só o começo. Observem bem o que lhes digo: toda uma série de fatos inteligentes, irrefutáveis, vão seguir-se, e o número de adeptos da fé espírita, já tão grande, vai ainda aumentar. Deus vai dedicar-se às inteligências de eleição, às sumidades do espírito, do talento e do saber. Isso vai ser um raio luminoso que se expandirá sobre toda a Terra como um fluido irresistível, e obrigará os mais recalcitrantes à busca do infinito, ao estudo dessa admirável ciência que nos ensina máximas tão sublimes. Todos irão agrupar-se ao redor dos senhores, e, fazendo abstração do diploma de gênio que lhes foi dado, vão tornar-se humildes e pequenos para aprenderem e para se convencerem. Em seguida, mais tarde, quando eles estiverem bem instruídos e bem convencidos, se servirão da autoridade e da notoriedade do nome deles, para empurrarem ainda mais longe e alcançarem os últimos limites do alvo a que os senhores se propuseram: a regeneração da espécie humana pelo conhecimento raciocinado e aprofundado, das existências passadas e futuras. Eis aqui minha sincera opinião sobre o estado atual do Espiritismo.”

(Bordéus.)

Evocação. — Eu acolho com prazer a seu chamado, senhora. Sim, a senhora tem razão; a perturbação espírita, por assim dizer, não existiu para mim (isso respondia a um pensamento da médium); exilado voluntariamente em sua Terra, onde tinha de jogar a primeira semente séria das grandes verdades que envolvem o mundo neste momento, sempre mantive a consciência desta pátria e cedo me reconheci no meio de meus irmãos.

P. Eu lhe agradeço por assentir em comparecer; mas eu não posso crer em que meu desejo de conversar consigo exercesse influência sobre si; necessariamente, deve haver uma diferença tão grande entre nós que só penso nisto com respeito.

R. Obrigado por esse bom pensamento, minha filha; mas a senhora deve saber também que, qualquer distância que as provações completadas mais ou menos rapidamente, mais ou menos eficientemente, possam estabelecer entre nós, há sempre um forte liame que nos une: a simpatia, e esse liame a senhora tem apertado com seu pensamento constante.

P. Se bem que muitos Espíritos tenham explicado suas primeiras sensações ao despertar, seria o senhor assaz gentil para me dizer o que sentiu ao se reconhecer, e como a separação de seu Espírito e de seu corpo se realizou?

R. Como para todos. Eu senti o momento da libertação aproximar; mas, mais feliz que muitos, ela não me causou angústias absolutamente, porque conhecia seus resultados, conquanto fossem ainda maiores do que pensava. O corpo é um entrave para as faculdades espirituais e, quaisquer que sejam as luzes que se conservaram, elas ficam sempre mais ou menos amortecidas pelo contato da matéria. Eu dormi esperando um despertar feliz; o sono foi curto, a admiração imensa! Os esplendores celestes desvelados a meus olhos brilhavam em toda a sua glória. A minha vista maravilhada mergulhava na imensidade desses mundos, cuja existência e habitabilidade eu havia afirmado. Era uma miragem que me revelava e me confirmava a verdade de meus sentimentos. O homem, por mais que tente crer-se seguro, quando fala apresentam-se muitas vezes, no fundo de seu coração, momentos de dúvida, de incerteza; ele desconfia, se não da verdade que proclama, pelo menos, o mais das vezes, dos meios imperfeitos que emprega para demonstrá-la. Convencido da verdade que eu desejava fazer reconhecida, tive constantemente de combater contra mim mesmo, contra o desânimo de ver, de tocar, por assim dizer, na verdade, e de não poder torná-la palpável àqueles que precisavam tanto crer para caminhar com segurança na rota que tinham que seguir.

P. Quando vivo, o senhor professava o Espiritismo?

R. Entre professar e praticar há uma grande diferença. Muita gente professa uma doutrina que não pratica; eu praticava e não professava. Do mesmo modo que é cristão todo homem que segue as leis do Cristo, mesmo sem conhecê-las, igualmente pode ser espírita todo homem que crê em sua alma imortal, em suas novas existências, em sua marcha progressiva incessante, nas provações terrestres, abluções necessárias para se purificar; eu acreditava nisso; logo, era espírita. Eu compreendi a erraticidade, esse liame intermediário entre as encarnações, esse purgatório onde o Espírito culpado se despoja de suas vestes sujas para se revestir com uma nova roupa, onde o Espírito em progresso *tece* com cuidado a roupa que vai usar de novo e que deseja conservar pura. Eu compreendi, como lhes disse, e, sem professar, continuei praticando.

Nota. — Essas três comunicações foram obtidas por três médiuns diferentes, completamente estranhos uns aos outros. Pela analogia dos pensamentos e pela forma da linguagem, pode-se admitir ao menos a presunção da identidade. A expressão: *tece com cuidado a roupa que vai usar de novo*, é uma delicada figura que pinta a solicitude com a qual o Espírito, em fase de progresso, prepara a nova existência, que deverá fazê-lo progredir ainda mais. Os Espíritos atrasados tomam menos precauções e fazem, às vezes, escolhas infelizes, que os forçam a recomeçar.

ANTÔNIO COSTEAU

Membro da Sociedade Espírita de Paris, sepultado a 12 de setembro de 1863, no cemitério de Montmartre, na vala comum. Era um homem de valor que o Espiritismo conduziu a Deus; sua fé no futuro era completa, sincera e profunda. Simples operário calceteiro, ele praticava a caridade em pensamentos, em palavras e em ações, segundo seus fracos recursos, pois encontrava ainda um jeito de assistir àqueles que tinham menos que ele. Se a Sociedade não gastou com uma cova particular, é que havia um emprego mais útil para os fundos do que se fossem empregados sem proveito para os vivos, por causa de uma vã satisfação de amor-próprio, e sobretudo os espíritas sabem que a vala comum é uma porta que conduz ao céu tão bem quanto o mais suntuoso mausoléu.

O Sr. Canu, secretário da Sociedade, outrora profundo materialista, pronunciou, junto à sua tumba, a alocução seguinte:

“Caro irmão Costeau, há alguns anos apenas, muitos de nós e, eu o confesso, eu o primeiro de todos, não veríamos perante esta tumba aberta mais do que o fim das misérias humanas, e após: o nada, o medonho nada, quer dizer, nenhuma alma para glorificar ou expiar e consequentemente nenhum Deus para recompensar, castigar ou perdoar. Hoje, graças à nossa divina doutrina, aí vemos o fim das provações e, para o senhor, caro irmão, cujo despojo mortal depositamos na terra, o triunfo de seus labores e o começo das recompensas a que fazem jus sua coragem, sua resignação, sua caridade, em uma palavra, suas virtudes e acima de tudo a glorificação de um Deus sábio, todo-poderoso, justo e bom. Leve, pois, caro irmão, nossas ações de graça aos pés do Eterno, que desejou dissipar a nosso redor as trevas do erro e da incredulidade, pois, faz pouco tempo ainda, nós lhe diríamos nesta circunstância, a cabeça derreada e o desânimo no coração: “Adeus, amigo, para sempre.” Hoje nós lhe dizemos, a cabeça erguida e radiante de esperança, o coração cheio de coragem e de amor: “Caro irmão, até logo, e ore por nós.”³⁵

Um dos médiuns da Sociedade obteve, junto à vala mesmo ainda não fechada, a comunicação seguinte, cuja leitura todos os assistentes, inclusive os cozeiros, escutaram *de*

³⁵ Para mais pormenores e outras alocuções, ver a *Revista Espírita* de outubro de 1863.

cabeça descoberta e com uma profunda emoção. Foi, com efeito, um espetáculo novo e surpreendente ouvir as palavras de um morto recolhidas do interior mesmo da tumba.

“Obrigado, amigos, obrigado; minha tumba não está ainda fechada, entretanto, um segundo mais e a terra vai recobrir meus restos. Mas, os senhores o sabem, sob esse pó, minha alma não ficará enterrada; ela vai planar no espaço para subir a Deus!

“Por isso, como é consolador poder dizer-se novamente, malgrado o invólucro inutilizado: Oh! Não, eu não estou morto; eu vivo a verdadeira vida, a vida eterna!

“O séquito do pobre não foi seguido por um grande número; orgulhosas manifestações não aconteceram em sua tumba, não obstante, amigos, creiam-me, *a multidão imensa não faz falta absolutamente aqui*, e os bons Espíritos seguiram, com os senhores e com essas mulheres piedosas, o corpo daquele que está aí, deitado! Todos os senhores, no mínimo, acreditam e amam o bom Deus!

“Oh! Certamente, não! Não morremos só porque nosso corpo se inutiliza, esposa bem-amada! E, doravante, permanecerei sempre perto de você; para consolá-la e ajudá-la a suportar a provação. Ela será rude para você, a vida; mas estando com a ideia da eternidade e do amor de Deus pleno seu coração, como seus sofrimentos lhe serão leves!

“Parentes que se acercam de minha bem-amada companheira, amem-na, respeitem-na; sejam para ela irmãos e irmãs. Não olvidem que vocês todos devem uns aos outros assistência na Terra, se desejam entrar no reino do Senhor.

“E os senhores, espíritas, irmãos, amigos, obrigado por terem vindo dizer-me adeus até esta morada de pó e de lama; mas os senhores sabem, os senhores bem o sabem que minha alma vive imortal e que irá às vezes pedir-lhes preces, que não me serão nunca recusadas, para ajudar-me a avançar nesta via magnífica que os senhores me abriram durante minha vida.

“Adeus a todos que estão aqui; nós poderemos rever-nos em um lugar que não seja junto a esta tumba. As almas me chamam para seu encontro. Adeus, orem por aqueles que sofrem. Até a vista!”

COSTEAU.

Três dias mais tarde, o Espírito do Sr. Costeau, evocado em um grupo particular, ditou o que se segue, por intermédio de um outro médium:

“A morte é a vida; eu não faço mais do que repetir o que se disse; mas, para os senhores, não há outra expressão senão esta, malgrado o que dizem os materialistas, os que desejam continuar cegos. Oh! Meus amigos, que mais bela visão na Terra que a de ver agitarem-se as bandeiras do Espiritismo! Ciência imensa da qual os senhores têm tão só as primeiras palavras! Que claridades ela traz aos homens de boa vontade, aos que romperam as correntes terríveis do orgulho, para arvorar no alto suas crenças em Deus! Orem, humanos, agradeçam todos os seus benefícios. Pobre humanidade! Se lhe fosse dado compreender!... Mas, não; não chegou a hora ainda quando a misericórdia do Senhor deve espargir-se sobre todos os homens, a fim de que reconheçam seus desígnios e se submetam.

“Será por seus raios luminosos, ciência bendita, que aí chegarão e que compreenderão. Será sob seu calor benéfico que virão reaquecer seus corações ao fogo divino que traz a fé e as consolações. Será sob seus raios vivificantes que *o senhor e o operário* virão congregar-se e se farão um, pois compreenderão esta caridade fraterna pregada pelo divino Messias.

“Ó meus irmãos, pensem na felicidade imensa que os senhores possuem por serem os primeiros iniciados na obra regeneradora. Honra ao senhores, amigos! Continuem e, como eu, um dia, vindo para a pátria dos Espíritos, dirão: *A morte é a vida*; ou antes, é um sonho, uma espécie de pesadelo que dura o espaço de um minuto, e de onde se sai para se ver rodeado de amigos que os felicitam e estão felizes por estender-lhes os braços. Minha felicidade foi tão grande que não podia compreender que Deus me concedesse tantas graças tendo feito tão pouco. Parecia-me sonhar e, como às vezes me sucedeu sonhar que estava morto, eu tive medo por um instante de ser obrigado a voltar a esse desditoso corpo; mas não tardei a me dar conta da realidade e dei graças a Deus. Eu bendizia o mestre que soube tão bem despertar em mim os deveres do homem que pensa na vida futura. Sim, eu o bendizia e lhe agradecia, pois *O Livro dos Espíritos* havia despertado em minha alma os elãs de amor por meu Criador.

“Obrigado, meus bons amigos, por me atrair para si. Digam a nossos irmãos que eu estou muitas vezes na companhia de nosso amigo Sanson. Até a vista; coragem! A vitória espera pelos senhores. Felizes os que participaram do combate!”

Desde esse dia, o Sr. Costeau manifestou-se com frequência, seja na Sociedade, seja em outras reuniões, onde sempre deu provas da elevação de pensamentos que caracteriza os Espíritos adiantados.

A SR.^{TA} EMA LIVRY

Jovem falecida em consequência de um acidente causado por fogo, após cruéis sofrimentos. Alguém se propusera pedir sua evocação na Sociedade Espírita de Paris, quando ela se apresentou, espontaneamente, a 31 de julho de 1863, pouco tempo após sua morte.

“Eis-me novamente no teatro do mundo, eu que me acreditava envolta para sempre em minha mortalha de inocência e de juventude. O fogo da Terra me salvou do fogo do inferno: assim eu pensava em minha fé católica e, se não ousava entrever os esplendores do paraíso, minha alma trememente se refugiava na expiação do purgatório, e eu rogava, eu sofria, eu chorava. Mas quem deu a minha fraqueza a força para suportar minhas angústias? Quem, nas longas noites de insônia e febre dolorosa, se inclinava sobre meu leito de mártir? Quem refrescava meus lábios secos? Era você, meu anjo guardião,

cuja branca auréola me envolvia; eram vocês também, caros Espíritos amigos, que vinham murmurar ao meu ouvido palavras de esperança e de amor.

“A flama que consumiu meu frágil corpo desproveu-me do apego ao que passa; por isso, *eu morri já vivendo a verdadeira vida*. Não conheci a perturbação e entrei, serena e recolhida, no dia radioso que envolve aqueles que, após terem muito sofrido, esperaram por pouco tempo. Minha mãe, minha querida mãe, foi a última vibração terrestre que ressoou em minha alma. Quanto eu gostaria que ela se tornasse espírita!

“Eu me desprendi da árvore terrestre como um fruto amadurecido antes do tempo. Eu mal roçara pelo demônio do orgulho que desperta as almas para os infelizes arrastamentos por meio dos sucessos brilhantes e da embriaguez da juventude. Eu bendigo a flama; bendigo o sofrimento; bendigo a provação que era uma penitência. Semelhante a esses ligeiros fios brancos do outono, eu flutuo arrastada na corrente luminosa; não são mais as estrelas de diamante que brilham sobre minha cabeça, mas as estrelas de ouro do bom Deus.”

EMA.

Num outro centro, no Havre, o mesmo Espírito, ofereceu, também espontaneamente, a comunicação seguinte, a 30 de julho de 1863.

“Aqueles que sofrem na Terra são recompensados na outra vida. Deus é pleno de justiça e misericórdia para com aqueles que sofrem neste mundo. Ele concede uma felicidade tão pura, uma felicidade tão perfeita, que não se deviam temer, nem os sofrimentos, nem a morte, se fosse possível às pobres criaturas humanas sondar os misteriosos desígnios de nosso Criador. Mas a Terra é um lugar de provações com frequência bem grandes, com frequência semeadas de dores bem pungentes. A todas elas se resignem, se forem atingidos; a todas elas se curvem perante a bondade suprema de Deus, que é todo-poderoso, se ele lhes der um fardo pesado para suportar; se ele os chama para si após grandes sofrimentos, os senhores verão na outra vida, a vida feliz, como eram pouca coisa essas dores e essas penas da Terra, assim que sopesarem a recompensa que Deus lhes reserva, se nenhuma queixa, nenhum murmúrio penetrou em seu coração. Bem jovem deixei a Terra; Deus houve por bem perdoar-me e propiciar-me a vida dos que respeitaram seus desígnios. Adorem sempre a Deus; amem-no de todo o seu coração; rezem a ele sobretudo, rezem a ele firmemente: eis sua proteção neste mundo, sua esperança, sua salvação.”

EMA.

O DR. VIGNAL

Antigo membro da Sociedade de Paris, falecido a 27 de março de 1865. Na véspera do enterro, um sonâmbulo muito lúcido e que vê muito bem os Espíritos, convidado a se transportar para junto dele e a dizer se o via, respondeu:

“Eu vejo um cadáver no qual se realiza um trabalho extraordinário; dir-se-ia u’á massa que se agita, como alguma coisa que se esforça para se libertar, mas que custa a vencer a resistência. Eu não distingo a forma do Espírito bem determinada.”

Foi evocado na Sociedade de Paris, a 31 de março.

P. Caro senhor Vignal, todos os seus antigos colegas da Sociedade de Paris conservaram do senhor a melhor lembrança, e eu em particular a das excelentes relações que nunca se interromperam entre nós. Chamando-o para nosso meio, temos primeiramente por fim dar-lhe um testemunho de simpatia, e nós ficaremos muito felizes se houver por bem, ou se puder vir conversar conosco. — R. Caro amigo e digno mestre, sua boa lembrança e seus testemunhos de simpatia são para mim muito comoventes. Se posso chegar-me ao senhor hoje, e assistir, livre e desligado, a esta reunião de todos os nossos bons amigos e irmãos espíritas, é por graça de seu bom pensamento e da assistência que suas preces me facultaram. Como o disse com acerto meu jovem secretário, eu estava impaciente para me comunicar; desde o começo desta reunião, empreguei todas as minhas forças espirituais para dominar esse desejo; suas conversas e as graves questões que os senhores agitaram, interessando-me vivamente, tornaram minha espera menos penosa. Perdoe-me, caro amigo, mas meu reconhecimento pedia para se manifestar.

P. Queira dizer-nos primeiro como o senhor se encontra no mundo dos Espíritos. Queira ao mesmo tempo descrever-nos o esforço da separação, suas sensações naquele momento, e dizer-nos ao cabo de quanto tempo o senhor se reconheceu. — R. Eu sou tão feliz quanto se pode ser, quando se vê confirmarem-se plenamente todos os pensamentos secretos que se pôde emitir sobre uma doutrina que consola e redime. Eu sou feliz! Sim, eu o sou, pois agora vejo, sem nenhum obstáculo, desdobrar-se diante de mim o futuro da ciência e da filosofia espíritas.

Mas ponhamos de lado por hoje essas digressões inoportunas; eu virei de novo conversar com os senhores a esse respeito, sabendo que minha presença lhes propiciará tanto prazer quanto eu mesmo sinto ao visitá-los.

O rompimento foi assaz rápido, mais rápido que meu pouco mérito me fazia esperar. Fui ajudado imensamente por sua cooperação, e seu sonâmbulo lhe deu uma ideia assaz nítida do fenômeno da separação, para que eu não insistia nisso. Era uma sorte de oscilação descompassada, uma espécie de arrastão em dois sentidos opostos; o Espírito triunfou, dado que estou aqui. Eu não deixei completamente o corpo a não ser no momento em que foi depositado na terra; eu voltei a mim com o senhor.

P. Que pensa do serviço que foi feito para seus funerais? Para mim era um dever prestar assistência. Nesse momento, o senhor estava suficientemente desligado para vê-lo, e as preces que disse em sua intenção (não ostensivamente, bem entendido) chegaram ao senhor? — R. Sim; como lhe disse, sua assistência surtiu efeito e eu voltei a mim com o

senhor, abandonando completamente minha velha crisálida. As coisas materiais tocam-me pouco, como o senhor bem sabe. Eu pensava apenas na alma e em Deus.

P. O senhor deve lembrar-se de que, a seu pedido, há cinco anos, no mês de fevereiro de 1860, nós fizemos um estudo sobre o senhor estando ainda vivo³⁶. Naquele momento, seu Espírito se separou para vir conversar conosco. Gostaria de descrever-nos, tanto quanto possível, a diferença existente entre seu desligamento atual e o de então? — R. Sim, certo, eu me lembro; mas que diferença entre o meu estado de então e o de hoje! Então a matéria me tolhia ainda com sua rede inflexível; eu desejava desprender-me de maneira mais absoluta mas não podia. Hoje eu estou livre; um vasto campo desconhecido se abre a minha frente e eu espero, com sua ajuda e a dos bons Espíritos a quem me recomendo, avançar e me compenetrar o mais rapidamente possível dos sentimentos que nos compete experimentar, e dos atos que nos compete cumprir para escalar a senda da provação e merecer um mundo de recompensas. Que majestade! Que grandeza! É quase um sentimento de pavor que nos domina, quando, fracos como estamos, queremos fitar as sublimes luminosidades.

P. Numa outra vez, ficaremos felizes em continuar esta conversa, quando o senhor desejar reaparecer entre nós. — R. Eu respondi sucintamente e sem seqüência às suas questões. Não exijam mais ainda de seu fiel discípulo: eu não estou inteiramente livre. Bater papo, bater papo ainda seria minha alegria; meu guia modera o meu entusiasmo: eu já pude bem apreciar sua bondade e sua justiça para me submeter inteiramente à sua decisão, seja qual for o pesar que experimente por ser interrompido. Eu me consolo pensando que poderei com frequência vir assistir incógnito às suas reuniões. Às vezes, eu falarei com o senhor; eu o amo e lho desejo provar. Mas outros Espíritos mais adiantados que eu reclamam prioridade, e devo eclipsar-me diante daqueles que houveram por bem permitir a meu Espírito propiciar livre voo à torrente de pensamentos que havia acumulado.

Eu os deixo, amigos, e devo agradecer duplamente, não somente aos senhores, espíritas, que me chamaram, mas também ao Espírito que houve por bem permitir que eu tomasse seu lugar, e que, quando vivo, trazia o nome ilustre de Pascal.

Aquele que foi e será sempre o mais devotado de seus adeptos.

DR. SIGNAL.

VÍTOR LEBUFLE

Jovem sondador, pertencente ao porto do Havre, falecido com a idade de vinte anos. Ele morava com a mãe, pequena comerciante pobre, a quem prodigalizava os cuidados mais ternos e mais afetuosos, e a quem sustentava com o produto de seu rude trabalho. Jamais foi visto a frequentar os cabarés, nem a se entregar aos excessos tão

³⁶ Ver a *Revista Espírita* do mês de março de 1860.

frequentes em sua profissão, pois não desejava desviar a menor parte de seu ganho do piedoso uso ao qual o consagrava. Todo o tempo que não empregava em seu serviço, dava-o à mãe, para poupá-la da fadiga. Acometido há tempos pela doença de que sabia que ia morrer, ele ocultava seus sofrimentos com medo de causar inquietação a ela e para que ela não desejasse, ela mesma, encarregar-se de seu trabalho. Fora preciso a esse rapaz um bem grande acervo de qualidades naturais, como assim uma bem grande força de vontade para resistir, na idade das paixões, aos perniciosos atrativos do meio onde vivia. Era de uma piedade sincera e sua morte foi edificante.

Na véspera de sua morte, exigiu da mãe que fosse descansar um pouco, dizendo que ele mesmo sentia necessidade de dormir. Foi quando ela teve uma visão; achava-se, disse ela, em uma grande *sombridão*; depois viu um ponto luminoso que crescia pouco a pouco, e o quarto se iluminou com uma brilhante claridade, da qual se destacou a figura de seu filho, radiosa e elevando-se para o espaço infinito. Ela compreendeu que o fim dele estava próximo; com efeito, no dia seguinte, sua bela alma deixou a Terra, enquanto seus lábios murmuravam uma prece.

Uma família espírita, que conhecia sua bela conduta e se interessava por sua mãe, agora sozinha, teve a intenção de evocá-lo pouco tempo após sua morte, mas ele se manifestou espontaneamente pela comunicação seguinte:

“Os senhores desejam saber como estou agora: bem feliz! Oh! Bem feliz! Não levem em conta para nada os sofrimentos e as angústias, pois são a fonte de bênçãos e de felicidade para além do sepulcro. A felicidade! Os senhores não compreendem o que esta palavra significa. Os felizes da Terra estão tão longe daquilo que nós experimentamos, assim que regressamos para o Mestre com uma consciência pura, com a confiança do serviçal que bem cumpriu seu dever, e que espera, pleno de alegria, a aprovação daquele que é tudo!

“Oh! Meus amigos, a vida é penosa e difícil, se os senhores não divisarem o fim; mas eu lhes digo, em verdade, quando chegarem entre nós, se sua vida decorreu segundo a lei de Deus, os senhores serão recompensados além, bem além dos sofrimentos e dos méritos que creiam ter granjeado para o céu. Sejam bons, sejam caridosos, desta caridade desconhecida para muitos dentre os homens, que se chama beneficência. Sejam solidários a seus semelhantes; façam para eles mais do que gostariam que se fizesse para os senhores mesmos, pois os senhores ignoram a miséria alheia, mas conhecem a sua. Socorram minha mãe; minha pobre mãe, minha única saudade na Terra. Ela deve sofrer outras provações, mas é preciso que ela chegue ao céu. Adeus, eu vou para ela.”

VÍTOR.

O guia do médium. — Os sofrimentos suportados durante uma encarnação terrestre não são sempre uma punição. Os Espíritos que, pelo desígnio de Deus, vêm completar u’*a* missão na Terra, como aquele que acaba de se comunicar com os senhores, ficam felizes por suportar os males que, para outrem, constituem uma expiação. O sono os revigora ao lado do Altíssimo, e lhes propicia a força de tudo aguentar para sua maior glória. A missão deste Espírito, em sua última existência, não era uma missão de esplendor;

mas, conquanto tenha sido obscura, obteve mais mérito, porque ele não podia ser estimulado pelo orgulho. Havia primeiramente um dever de reconhecimento para ser cumprido face a face àquela que foi sua mãe; ele devia, em seguida, demonstrar que, nos piores meios, podem achar-se almas puras, de sentimentos nobres e elevados, e que, com vontade, se pode resistir a todas as tentações. É uma prova de que as qualidades possuem uma causa anterior, e de que seu exemplo não terá sido estéril.

A SR.^A ANAÏS GOURDON

Mulher muito jovem, notável pela doçura do caráter e pelas qualidades morais mais eminentes, falecida em novembro de 1860. Ela pertencia a uma família de trabalhadores das minas de carvão aos arredores de Saint-Étienne, circunstância importante para apreciar sua posição como Espírito.

Evocação. — Eu estou aqui.

P. Seu marido e seu pai pediram-me para chamá-la, e ficarão muito felizes por obter da senhora uma comunicação. — R. Eu estou bem feliz também em oferecê-la a eles.

P. Por que a senhora foi levada tão jovem da afeição de sua família? — R. Porque terminei minhas provações terrestres.

P. A senhora vai vê-los às vezes? — R. Oh! Eu estou frequentemente ao lado deles.

P. A senhora é feliz como Espírito? — R. Eu sou feliz, eu confio, eu aguardo, eu amo; os céus não me causam mais medo, e eu aguardo com confiança e amor que as asas brancas me impulsionem.

P. Que entende a senhora por essas asas? — R. Eu entendo tornar-me puro Espírito e resplandecer como os mensageiros celestes que me fascinam.

As asas dos anjos, arcanjos, serafins, que são Espíritos puros, são, evidentemente, tão só um atributo imaginado pelos homens para pintar a rapidez com a qual eles se transportam, pois sua natureza etérea os dispensa de qualquer sustentação para percorrer os espaços. Eles podem, todavia, aparecer aos homens com esse acessório para corresponder a seu pensamento, como outros Espíritos tomam a aparência que tinham na Terra para serem reconhecidos.

P. Seus parentes podem fazer alguma coisa que lhe seja agradável? — R. Eles podem, aqueles queridos seres, não mais me entristecer pela vista de seus pesares, porque sabem que não estou perdida para eles; para que meu pensamento seja doce, suave e perfumado por sua recordação. Eu passei como uma flor, e nada de triste deve subsistir de minha rápida passagem.

P. Onde vem que sua linguagem é tão poética e tão pouco em consonância com a posição que a senhora tinha na Terra? — R. É que é minha alma quem fala. Sim, eu tinha conhecimentos adquiridos, e, com frequência, *Deus permite que Espíritos delicados se*

encarnem entre os homens mais rudes para lhes dar a pressentir as delicadezas que alcançarão e compreenderão mais tarde.

Sem esta explicação tão lógica e tão conforme à solicitude de Deus com suas criaturas, a gente dificilmente se daria conta daquilo que à primeira vista poderia parecer uma anormalidade. Com efeito, o que de mais gracioso e de mais poético que a linguagem do Espírito dessa jovem mulher criada no meio dos mais rudes trabalhos? A contrapartida se vê muito; são os Espíritos inferiores encarnados entre os homens mais adiantados, mas isto com um fim oposto; é em vista de seu próprio adiantamento que Deus os põe em contato com um mundo esclarecido, e às vezes também para servir de provação para esse mesmo mundo. Que outra filosofia pode resolver tais problemas?

MAURÍCIO GONTRAN

Era filho único, falecido aos dezoito anos de uma doença no peito. Inteligência rara, razão precoce, grande amor pelo estudo, caráter doce, amoroso e simpático, ele possuía todas as qualidades que proporcionam as mais legítimas esperanças de um brilhante futuro. Seus estudos terminaram cedo com o maior sucesso, e ele se preparava para a Escola Politécnica. Sua morte foi para seus pais a causa de uma dessas dores que deixam marcas profundas, e tanto mais penosas porque, tendo sempre uma saúde delicada, atribuíram seu fim prematuro ao esforço para o qual o incitaram, e se repreendiam: “Para que, diziam eles, lhe serve agora tudo quanto aprendeu? Teria valido mais se tivesse ficado ignorante, pois ele não precisava disso para viver e sem dúvida estaria ainda entre nós; ele traria consolação para nossos velhos dias.” Se eles conhecessem o Espiritismo, sem dúvida raciocinariam de outra maneira. Mais tarde, aí encontraram a verdadeira consolação. A comunicação seguinte foi dada pelo filho a um de seus amigos, alguns meses após sua morte:

P. Meu caro Maurício, o terno apego que tinha você por seus pais faz com que eu não duvide de seu desejo de elevar sua coragem, caso isto esteja em seu poder. O pesar, direi mesmo o desespero no qual sua morte os mergulhou, altera visivelmente sua saúde e os faz viver uma vida sem gosto. Algumas boas palavras suas poderão, sem dúvida, fazê-los renascer para a esperança.

R. Meu velho amigo, eu aguardava com impaciência a oportunidade que você me oferece para me comunicar. A dor de meus pais me aflige, mas se acalmará quando tiverem a certeza de que eu não estou perdido para eles: é a convencê-los dessa verdade que você precisa dedicar-se e chegará aí com certeza. Era preciso esse acontecimento para levá-los a uma crença que fará a felicidade deles, pois ela os impedirá de murmurar contra os decretos da Providência. Meu pai, você o sabe, era muito cético quanto à vida futura; *Deus permitiu que tivesse tal aflição para retirá-lo de seu erro.*

Nós nos reencontraremos aqui, neste mundo onde não mais se conhecem os pesares da vida e onde os precedi; mas diga-lhes claro que a satisfação de me reverem lhes será recusada como punição por sua falta de confiança na bondade de Deus. Eu me veria mesmo interditado, daqui até lá, de comunicar-me com eles, enquanto estiverem ainda na Terra. O desespero é uma revolta contra o desígnio do Todo-Poderoso, a qual é sempre punida com *a prorrogação da causa que trouxe o desespero*, até que se esteja enfim submisso. O desespero é um verdadeiro suicídio, pois mina as forças do corpo, e aquele que abrevia seus dias com o pensamento de escapar mais cedo às angústias da dor, prepara para si as mais cruéis decepções; é, ao contrário, para manter as forças do corpo que precisa trabalhar, para que se possa suportar mais facilmente o peso das provas.

Meus bons pais, é aos senhores que me dirijo. Desde que deixei meu despojo mortal, não deixei de estar ao seu lado, e aí estou mais frequentemente do que quando vivia na Terra. Consolem-se, portanto, pois não estou morto; eu estou mais vivo do que os senhores; meu corpo somente morreu, mas meu Espírito vive para sempre. Ele é livre, feliz, ao abrigo doravante das moléstias, dos achaques e da dor. Em lugar de se afligirem, regozijem-se por me saberem em um meio isento de preocupações e de sobressaltos, onde o coração é exaltado por uma alegria pura e imaculada.

Oh! Meus amigos, não se compadeçam dos que morrem prematuramente; é uma graça que Deus lhes faculta para poupá-los das tribulações da vida. Minha existência não devia prolongar-se por mais tempo desta vez na Terra; eu adquiri o que aí tinha de adquirir, para me preparar para cumprir mais tarde uma missão mais importante. Se tivesse vivido por longos anos, quem sabe a quais perigos, a quais seduções eu teria sido exposto? Quem sabe se, não estando ainda bastante forte para resistir, se eu houvesse sucumbido, isso não podia ser para mim um atraso de vários séculos? Portanto, por que lastimar o que me é vantajoso? Uma dor inconsolável, neste caso, acusaria uma falta de fé e só poderia ser legitimada pela crença no nada. Oh! Sim, são para lamentar os que têm essa crença desesperadora, pois para eles não há consolação possível; os seres que lhes são caros estão perdidos irrevogavelmente; a tumba levou-lhes a última esperança!

P. Sua morte foi dolorosa?

R. Não, meu amigo, apenas sofri antes de morrer, com a moléstia que me consumiu, *mas esse sofrimento diminuía à medida que o derradeiro momento se aproximava*; depois, um dia, eu dormi sem pensar na morte. Sonhei. Oh! Um sonho delicioso! Sonhava que estava curado, não sofria mais, respirava a plenos pulmões e com volúpia, um ar balsamizado e fortificante; era transportado, através do espaço, por uma força desconhecida; uma luz brilhante resplandecia em torno de mim, mas sem fatigar minha vista. Eu vi meu avô; ele não tinha mais a fisionomia macilenta, mas um ar de frescor e de juventude; ele me estendeu os braços e apertou-me com efusão sobre seu coração. Uma multidão de outras pessoas, com semblante sorridente, o acompanhava; todas me acolhiam com bondade e benevolência; parecia-me reconhecê-las, estava feliz por revê-las, e nós todos juntos trocamos expressões e testemunhos de amizade. Pois bem! O que eu acreditava ser um sonho era a realidade; eu não mais teria de despertar na Terra: eu despertara no mundo dos Espíritos.

P. Sua moléstia não teria sido causada por sua excessiva aplicação ao estudo?

R. Oh! Não, estejam bem persuadidos disto. O tempo que eu devia viver na Terra estava marcado, e nada podia reter-me aí por mais tempo. Meu Espírito, nos momentos de desprendimento, sabia-o bem, e ele estava feliz pensando em sua próxima libertação. Mas o tempo que aí passei não foi sem proveito, e eu me felicito hoje por não havê-lo perdido. Os estudos sérios que fiz fortificaram minha alma e aumentaram meus conhecimentos; foi um aprendizado e tanto, e, se não pude aplicá-lo em minha curta estadia entre os homens, eu o aplicarei mais tarde com mais lucro.

Adeus, caro amigo, vou para junto de meus pais, a fim de prepará-los para receber esta comunicação.

MAURÍCIO.

CAPÍTULO III

ESPÍRITOS EM UMA CONDIÇÃO MEDIANA

JOSÉ BRÊ

Falecido em 1840; evocado em Bordéus em 1862 por sua neta.

O homem honesto segundo Deus ou segundo os homens.

1. Querido avô, gostaria de me dizer como o senhor está entre os Espíritos, e oferecer-me alguns pontos instrutivos para nosso adiantamento? — R. Tudo o que você quiser, minha querida menina. Eu expio minha falta de fé; mas a bondade de Deus é grande: ele tem em conta as circunstâncias. Eu sofro, não como você poderá entender, mas de desgosto por não haver bem empregado meu tempo na Terra.

2. Como não o empregou bem? O senhor sempre viveu como um homem honesto. — R. Sim, do ponto de vista dos homens; mas há um abismo entre *o homem honesto ante os homens e o homem honesto ante Deus*. Você deseja instruir-se, querida menina; eu vou tentar fazê-la sentir a diferença.

Entre vocês, estima-se como honesto o homem quando a pessoa respeita as leis de seu país, respeito elástico para muitos; quando não se prejudica seu próximo, tomando-lhe ostensivamente seu bem; contudo, lhe são tomados seguidamente sem escrúpulo sua honra e sua felicidade, tendo em vista que o código ou a opinião pública não podem chegar até o culpado hipócrita. Quando se fez gravar em sua lápide a ladainha das virtudes que se lisonjeiam, acredita-se haver pago sua dívida para com a humanidade. Que erro! Não basta, para ser honesto ante Deus, não haver infringido as leis dos homens; precisa antes de tudo não haver transgredido as leis divinas.

O homem honesto ante Deus é o que, pleno de devotamento e de amor, consagra sua vida ao bem, ao progresso de seus semelhantes; é o que, animado de um zelo extraído de sua meta, é ativo na vida; ativo para cumprir o sacrifício material que lhe foi imposto, pois deve ensinar a seus irmãos o amor pelo trabalho; ativo nas boas obras, pois não deve esquecer que é apenas um serviçal a quem o patrão pedirá conta um dia do emprego de seu tempo; ativo em relação à meta, pois deve difundir pelo exemplo o amor ao Senhor e ao próximo. O homem honesto ante Deus deve evitar com cuidado as expressões mordazes, veneno escondido sob flores, que destrói as reputações e com frequência abate

o homem moral cobrindo-o de ridículo. O homem honesto ante Deus deve ter sempre o coração fechado ao menor fermento do orgulho, da inveja, da ambição. Ele deve ser paciente e brando para com aqueles que o atacam; deve perdoar, do fundo de seu coração, sem embaraços e sobretudo sem ostentação, a quem quer que o ofenda; deve amar seu criador em todas suas criaturas; e deve finalmente pôr em prática este resumo tão conciso e tão importante dos deveres do homem: amar a Deus sobre todas as coisas e a seu próximo como a si mesmo.

Eis aí, querida menina, mais ou menos, o que deve ser o homem honesto ante Deus. Muito bem! Fiz eu tudo isso? Não; eu falhei em muitas dessas condições, eu o confesso aqui sem ruborizar; eu não tive a atividade que o homem deve ter; o esquecimento do Senhor me arrastou a outros esquecimentos que, nem por não serem passíveis às leis humanas, deixam de ser prevaricações contra as leis de Deus. Eu sofri muito quando percebi isso; eis porque confio hoje, com a consoladora esperança na bondade de Deus, que vê meu arrependimento. Diga-o, cara menina; repita-o aos que têm a consciência pesada; que compensem suas faltas a poder de boas obras, e a misericórdia divina se vinculará a esse crédito; seus olhos paternais contarão as expiações e sua mão possante apagará as faltas.

A SR.^A HELENA MIGUEL

Jovem de vinte e cinco anos, falecida subitamente em alguns minutos, em sua casa, sem sofrimentos, e sem causa conhecida previamente. Ela era rica, um pouco frívola, e, em consequência da leviandade de seu caráter, se ocupava mais das futilidades da vida que das coisas sérias; apesar disso, seu coração era bom: ela era meiga, benévola e caridosa.

Evocada três dias após sua morte por pessoas que a conheceram, ela se exprimiu assim:

“Eu não sei onde estou... que perturbação me envolve!... Você me chamou e eu vim... Eu não compreendo por que não estou em casa... chora-se minha ausência, mas eu estou lá, e não posso fazer-me reconhecer deles todos... Meu corpo não me pertence mais, contudo eu o sinto frio e enregelado... Eu desejo deixá-lo, mas eu estou encerrada lá; a ele eu volto sempre... Eu sou duas pessoas... Oh! Quando compreenderei o que me acontece?... Precisa novamente que eu vá para lá... meu outro eu, em que se transformará, eu ausente?... Adeus.”

O sentimento da dualidade, que não foi ainda destruído por uma separação completa, é aqui evidente. Caráter pouco sério, sua posição de fortuna, ao lhe permitir satisfazer seus caprichos, tinha de favorecer-lhe as tendências à leviandade. Não é, pois, de espantar que seu desprendimento tenha sido pouco rápido e que, três dias após sua morte, ela se sentisse ainda ligada a seu invólucro corpóreo. Mas, não possuía nenhum vício sério, sendo fundo bom, essa

situação não tinha nada de muito penosa e não durou muito tempo. Evocada de novo alguns dias depois, suas ideias já tinham mudado bastante. Eis aqui o que ela disse:

“Obrigada por haverem rogado por mim. Eu reconheço a bondade de Deus que me livrou dos sofrimentos e do receio do momento da separação de meu corpo e de meu Espírito. Minha pobre mãe terá muita dificuldade para se resignar; todavia, será amparada, e aquilo que, a seus olhos, é uma terrível infelicidade, era indispensável, para que as coisas do céu se tornassem para ela no que devem ser: tudo. Eu estarei ao lado dela até o fim de sua provação terrestre, e a ajudarei a suportá-la. Eu não sou infeliz, mas tenho ainda muito que fazer para avançar até a morada da bem-aventurança. Eu rogarei a Deus permitir-me voltar a esta Terra, pois tenho de recobrar o tempo que perdi nesta existência. Que a fé os ampare, meus amigos; tenham confiança na eficácia da prece, quando ela nasce verdadeiramente do coração. Deus é bom.”

P. Demorou a senhora muito tempo até se reconhecer? — R. Eu compreendi a morte no dia em que os senhores rogaram por mim.

P. Esse estado de perturbação era de sofrimento? — R. Não, eu não sofria; acreditava sonhar e aguardava o despertar. Minha vida não foi isenta de dores, mas todo ser encarnado neste mundo deve sofrer; eu me resignei à vontade de Deus, e ele me levou isso em conta. Eu lhes agradeço as preces que me ajudaram a reconhecer-me. Obrigada; eu voltarei sempre com prazer. Adeus.

HELENA.

O MARQUÊS DE SÃO PAULO

Falecido em 1860, evocado a pedido de sua irmã, membro da Sociedade de Paris, a 16 de maio de 1861.

1. *Evocação.* — R. Eis-me aqui.

2. A senhora sua irmã nos pediu para evocá-lo; posto ela seja médium, não está ainda assaz desenvolva para ficar bem segura de si. — R. Eu me esforçarei por responder o melhor possível.

3. Ela deseja saber inicialmente se o senhor é feliz. — R. Eu estou errante, e esse estado transitório não traz nunca nem a felicidade nem o castigo absolutos.

4. Levou o senhor muito tempo até se reconhecer? — R. Permaneci muito tempo na perturbação, e saí dela para bendizer a piedade daqueles que não me esqueceram e rogaram por mim. — P. Pode avaliar a duração dessa perturbação? — R. Não.

5. Quais os parentes que o senhor reconheceu em primeiro lugar? — R. Eu reconheci minha mãe e meu pai, ambos os quais me receberam ao despertar; eles me iniciaram na nova vida.

6. Donde vem que, ao final de sua doença, o senhor parecia conversar com os que amou na Terra? — R. Porque tive, antes de morrer, a revelação do mundo em que iria habitar. Eu era vidente antes de morrer, mas meus olhos foram tampados durante o período de separação definitiva do corpo, porque os liames carnis estavam ainda muito vigorosos.

7. Como sucedeu que suas lembranças da infância pareciam voltar-lhe de preferência? — R. Porque o começo está mais próximo do fim do que o meio da vida. — P. Como o senhor explica isso? — R. Quer dizer que os moribundos se recordam e veem, *como em uma miragem de reconforto*, os anos jovens e puros.

É provavelmente por um motivo providencial semelhante que os velhos, à proporção que se aproximam do fim da vida, têm às vezes uma lembrança tão precisa das mínimas particularidades de seus primeiros anos.

8. Por que, falando de seu corpo, o senhor falava sempre na terceira pessoa? — R. Porque eu era vidente, conforme lhe disse, e sentia claramente as diferenças que existem entre o físico e o moral; tais diferenças, ligadas entre si pelo fluido da vida, se tornam bem recortadas aos olhos dos moribundos clarividentes.

Eis aí uma particularidade singular que apresentou a morte desse senhor. Em seus derradeiros momentos, ele dizia sempre: “Ele tem sede, é preciso dar-lhe de beber; ele tem frio, é preciso aquecê-lo; ele sente dor em tal lugar etc.” E quando se lhe dizia: “Mas é o senhor quem tem sede,” respondia: “Não, é ele.” Aqui se desenham perfeitamente as duas existências; o *eu* pensante está no Espírito e não no corpo; o Espírito, já em parte desprendido, considerava seu corpo como uma outra individualidade, que não era mais *ele* propriamente falando; era então a seu corpo que era preciso dar de beber e não a ele, Espírito. Este fenômeno se nota também junto a certos sonâmbulos.

9. O que o senhor disse de seu estado errante e do tempo de sua perturbação levaria a crer que não é muito feliz; não obstante, suas qualidades tinham de fazer supor o contrário. Existem, de resto, Espíritos errantes que são felizes, como existem infelizes. — R. Eu me encontro em um estado transitório; as virtudes humanas alcançam aqui sua verdadeira importância. Sem dúvida meu estado é mil vezes preferível àquele da encarnação terrestre; mas eu sempre carreguei comigo as aspirações do verdadeiro bem e do verdadeiro belo, e minha alma estará saciada somente quando voar aos pés de seu Criador.

O SR. CARDON, MÉDICO.

O Sr. Cardon passara uma parte de sua vida na marinha mercante, na qualidade de médico de baleeiro onde absorveu hábitos e ideias um pouco materiais; recolhido à aldeia

de J., ali exercia a modesta profissão de médico de província. Desde algum tempo, tinha a certeza de que estava acometido por uma hipertrofia do coração, e, sabendo que essa doença é incurável, o pensamento da morte o mergulhou em uma soturna melancolia, da qual nada alcançava distraí-lo. Dois meses antes mais ou menos, predisse seu fim com dia fixado; quando se viu perto de morrer, reuniu sua família ao seu redor para dizer-lhe um último adeus. Sua mulher, sua mãe, seus três filhos e outros parentes estavam reunidos ao redor de seu leito; no momento em que sua mulher tentava soerguê-lo, ele descaiu, tomou-se de um azul lívido, seus olhos se fecharam, e o acreditaram morto; sua mulher colocou-se diante dele para ocultar tal espetáculo a seus filhos. Após alguns minutos, ele reabriu os olhos; seu semblante, por assim dizer, iluminado, assumiu uma expressão de radiosa beatitude, e ele exclamou: “Oh! Meus filhos, quanto é belo! Quanto é sublime! Oh! A morte! Que coisa benfazeja! Que suavidade! Estava morto e senti minha alma elevar-se bem alto, bem alto; mas Deus me permitiu voltar para lhes dizer: Não temam a morte: é a libertação... Que pena não poder descrever-lhes a magnificência do que vi e as impressões de que me senti compenetrado! Mas vocês não poderiam compreendê-lo... Oh! Meus filhos, conduzam-se sempre de maneira a merecerem essa inefável felicidade, reservada aos homens de bem; vivam segundo a caridade; se vocês possuírem alguma coisa, ofereçam uma parte àqueles que não têm o necessário... Minha querida esposa, eu a deixo numa posição infeliz; há quem nos deva dinheiro, mas, eu lhe suplico, não atormente os que nos devem; se eles estiverem sem dinheiro, espere até que possam pagar, e os que não puderem, faça um sacrifício por eles. Deus a recompensará. Você, meu filho, trabalhe para sustentar sua mãe; seja sempre um homem honesto e se resguarde de nada fazer que possa desonrar nossa família. Pegue esta cruz que vem de minha mãe; não se aparte dela, e que ela o lembre sempre de meus últimos conselhos.... Meus filhos, ajudem-se e amparem-se mutuamente; que a boa harmonia reine entre vocês; não sejam nem vaidosos, nem orgulhosos; perdoem seus inimigos, se desejarem que Deus os perdoe...” Depois, fazendo os filhos se aproximarem, estendeu as mãos para eles e acrescentou: “Meus filhos! Eu os abençoo.” E seus olhos se fecharam desta vez para sempre; mas seu semblante conservou uma expressão tão majestosa que, até o momento em que foi sepultado, uma numerosa multidão veio contemplá-lo com admiração.

Esses interessantes pormenores nos foram transmitidos por um amigo da família, e nós pensamos que esta evocação poderia ser instrutiva para todos, ao mesmo tempo que seria útil ao Espírito.

1. *Evocação.* — R. Estou ao seu lado.

2. Relataram-nos seus derradeiros instantes, os quais nos arrebataram de admiração. Queira, por favor, descrever-nos, mais minuciosamente, o que viu no intervalo do que se poderia chamar de suas duas mortes. — R. O que eu vi, os senhores poderiam compreendê-lo? Eu não sei, pois não poderia encontrar expressões capazes de tornar compreensível o que pude ver durante os poucos instantes quando me foi possível deixar meus despojos mortais.

3. O senhor se rendeu conta de onde esteve? Foi longe da Terra, em um outro planeta ou no espaço? — R. O Espírito não conhece o valor das distâncias tais como as consideram os homens. Levado eu não sei por qual agente maravilhoso, vi o esplendor de

um céu como apenas nossos sonhos poderiam realizá-lo. Essa corrida através do infinito é feita tão rapidamente, que não posso precisar os instantes gastos por meu Espírito.

4. Atualmente o senhor usufruiu a felicidade que vislumbrou? — R. Não; eu gostaria muito de poder usufruí-la, mas Deus não me pode recompensar assim. Eu me revoltei muito constantemente contra os pensamentos benditos que meu coração ditava, e a morte me parecia uma injustiça. Médico incrédulo, absorvera na arte de curar uma aversão contra a segunda natureza que é nossa atividade inteligente, divina; a imortalidade da alma era uma ficção própria para seduzir as naturezas pouco instruídas; não obstante, o vácuo me aterrorizava, pois eu amaldiçoara inúmeras vezes esse agente misterioso que fere sempre e sempre. A filosofia me confundira, sem me fazer compreender toda a grandeza do Eterno, que sabe distribuir dor e alegria para ensinamento da humanidade.

5. Quando de sua morte verdadeira, o senhor se reconheceu logo? — R. Não; reconheci-me durante a mudança que meu Espírito sofreu para percorrer os lugares etéreos; mas após a morte real, não; precisaram alguns dias para o meu despertar.

Deus me outorgara uma graça; vou dizer-lhes a razão:

Minha incredulidade primeira não existia mais; antes de minha morte, eu já havia acreditado, pois, após ter sondado cientificamente o tema importante que me fazia definhar, eu havia, ao término de razões terrestres, achado tão somente a razão divina; ela me havia inspirado, consolado, e minha coragem estava mais forte que a dor. Eu bendizia o que tinha amaldiçoado; o fim me parecia a libertação. O pensamento de Deus é grande como o mundo! Oh! Que suprema consolação na prece que proporciona enternecimentos inefáveis; ela é o elemento mais seguro de nossa natureza material; por ela eu compreendi, eu acreditei firmemente, soberanamente, e foi por isso que Deus, escutando meus agradecimentos, anuiu em me recompensar antes de encerrar minha encarnação.

6. Poderíamos dizer que da primeira vez o senhor estava morto? — R. Sim e não; tendo o Espírito deixado o corpo, naturalmente a carne morria; mas, retomando a posse de minha habitação terrestre, a vida voltou ao corpo que havia sofrido uma transição, um sono.

7. Nesse momento, o senhor sentia os liames que o prendiam a seu corpo? — R. Sem dúvida; o Espírito possui um liame difícil de romper: precisa de um derradeiro sobressalto da carne para reentrar em sua vida natural.

8. Como foi possível que, quando de sua morte aparente e durante alguns minutos, seu Espírito pôde desprender-se instantaneamente e sem perturbação, enquanto a morte real se seguiu de uma perturbação de diversos dias? Parece que, no primeiro caso, persistindo os liames entre a alma e o corpo mais que no segundo, o desprendimento devia ser mais lento, mas foi o contrário que ocorreu. — R. Os senhores promoveram muitas vezes a evocação de um Espírito encarnado, quando receberam respostas reais; eu estava na posição desses Espíritos. Deus me chamou e seus servidores me disseram: “Venha...” Eu obedeci e agradeço a Deus a graça especial que ele houve por bem conceder-me; eu pude perceber o infinito de sua grandeza e dela me rendi conta. Obrigado a vocês, benfeitores, que, antes da morte real, me permitiram ensinar aos meus para que obtenham boas e justas encarnações.

9. Onde Ihe provinham as belas e boas expressões que, quando de sua volta à vida, endereçou sua família? — R. Elas eram o reflexo do que eu tinha visto e ouvido; os bons Espíritos inspiravam minha voz e animavam minha fisionomia.

10. Que impressão o senhor acredita que sua revelação produziu nos assistentes e em seus filhos em particular? — R. Chocante, profunda; a morte não é mentirosa: os filhos, por mais ingratos que possam ser, se inclinam perante a encarnação que se vai. Caso se pudesse perscrutar o coração dos filhos, ao lado de um túmulo entreaberto, só se ouviria bater sentimentos verdadeiros, tocados profundamente pela mão secreta dos Espíritos que respondem a todos os pensamentos: Tremam, se estão em dúvida; a morte é a reparação, a justiça de Deus. Eu lhes asseguro, malgrado os incrédulos, que meus amigos e minha família acreditarão nas palavras que minha voz pronunciou antes de morrer. Eu era o intérprete de um outro mundo.

11. O senhor disse que não usufrui a felicidade que vislumbrou; é que o senhor é infeliz? — R. Não, dado que eu acreditava antes de morrer, e isso em minha alma e consciência. A dor angustia no mundo, mas ensina para o futuro espírita. Notem que Deus soube levar em conta minhas preces e minha crença absoluta nele; eu estou na estrada da perfeição, e chegarei à meta que me foi permitido entrever. Orem, meus amigos, para esse mundo invisível que preside a seus destinos; esse intercâmbio fraterno nasce da caridade; é uma alavanca possante que põe em comunhão os Espíritos de todos os mundos.

12. Gostaria de dirigir algumas palavras à sua esposa e a seus filhos?

R. Rogo a todos os meus para crerem em Deus poderoso, justo, imutável; na prece, que consola e alivia; na caridade, que é o ato mais puro da encarnação humana; que se lembrem de que se pode doar pouco: o óbolo do pobre é o mais meritório diante de Deus, que sabe que um pobre doa muito, doando pouco; precisa que o rico doe com largueza e muitas vezes, para merecer tanto quanto ele.

O futuro é a caridade, a beneficência em todas as ações; é acreditar em que todos os Espíritos são irmãos, não se orgulhando jamais de todas as frívolas vaidades.

Família bem-amada, vocês terão duras provas; mas aprendam a suportá-las corajosamente, pensando que Deus as vê.

Repitam com frequência esta prece:

Deus de amor e de bondade, que propicia tudo e sempre, faculte-nos a força que não recua diante de nenhum sacrifício; nos torne bons, afáveis e caridosos, pequenos pela fortuna, grandes pelo coração. Que nosso Espírito seja espírita na Terra, para melhor compreendê-lo e amá-lo.

Que seu nome, ó meu Deus, emblema de liberdade, seja o alvo consolador de todos os oprimidos, de todos os que têm necessidade de amar, de perdoar e de crer.

CARDON.

ERIC STANISLAS

(Comunicação espontânea; Sociedade de Paris; agosto de 1863.)

Quanto as emoções sentidas vivamente por corações calorosos nos causam felicidade! Ó doces pensamentos que veem abrir uma via de salvação a todo aquele que vive, a todo aquele que respira materialmente e espiritualmente, que seu bálsamo salvador não cesse de se espargir em largas ondas sobre os senhores e sobre nós! Que expressões escolher para traduzir a felicidade que experimentam todos os seus irmãos de além-túmulo na contemplação do puro amor que os une a todos?

Ah! Irmãos, quanto bem por toda a parte, quantos suaves pensamentos elevados e simples como os senhores, como sua doutrina, estão sendo chamados a semear na longa estrada que têm ainda de percorrer; mas também quanto disso tudo lhes será consignado antes mesmo do momento em que os senhores terão direito sobre isso!

Eu assisti a toda esta reunião; eu escutei, eu ouvi, eu compreendi e eu vou poder também, por meu turno, cumprir o meu dever de instruir a classe dos Espíritos imperfeitos.

Ouçam: eu estava longe de ser feliz, mergulhado na imensidade; no infinito, meus sofrimentos eram tanto mais vivos quanto eu não conseguia prestar-me uma conta exata deles. Bendito seja Deus! Ele me permitiu vir a um santuário em que não podem *impunemente* adentrar os maus. Amigos, quanto eu lhes sou reconhecido, quanto sorvi de forças entre os senhores!

Oh! Homens de bem, reúnam-se constantemente; e ensinem, pois não podem suspeitar o quanto trazem de frutos todas as reuniões sérias que os senhores realizam entre si; os Espíritos que têm ainda muitas coisas para aprender, aqueles que permanecem voluntariamente inativos, preguiçosos e esquecidos de seus deveres, podem achar-se, seja por uma circunstância fortuita, seja por outro modo, em virtude dos senhores; feridos por um choque terrível, eles podem, e é o que ocorre muitas vezes, inclinar-se sobre si mesmos, reconhecer-se, entrever o alvo a atingir, e, fortes pelo exemplo que lhes oferecem, procurar os meios que podem fazê-los sair do estado penoso no qual se encontram. Eu me faço, com uma bem grande felicidade, o intérprete das almas sofredoras, pois é aos homens de coração que me endereço, e sei não que não serei rejeitado.

Recebam assim ainda uma vez, ó homens generosos, a expressão de meu reconhecimento particular e o de todos os nossos amigos a quem os senhores fizeram, talvez sem disso suspeitar, tanto bem.

ERIC STANISLAS.

O guia do médium. — Meus filhos, trata-se de um Espírito que foi muito infeliz, porque esteve por muito tempo tresmalhado. Agora compreendeu seus erros, se arrependeu e enfim voltou seus olhos para Deus, que havia desconhecido; sua posição não é de felicidade, mas ele aspira a isso e não sofre mais. Deus permitiu-lhe vir escutar, para depois ir para uma esfera inferior instruir e fazer progredir os Espíritos que, como ele, transgrediram as leis do Eterno; é a reparação que lhe é pedida. Doravante, ele conquistará a felicidade, porque possui determinação.

A SR.^A ANA BELLEVILLE.

Jovem mulher falecida aos trinta e cinco anos, após uma longa e cruel doença. Viva, espiritual, dotada de uma rara inteligência, de uma grande retidão de julgamento e de eminentes qualidades morais, esposa e mãe de família devotada, tinha, além do mais, uma força de caráter pouco comum, e um Espírito fecundo em recursos que não a surpreendia jamais despreparada nas circunstâncias mais críticas da vida. Sem rancor para com aqueles dos quais ela tinha mais que se lamentar, estava sempre pronta a lhes prestar serviço quando oportuno. Intimamente ligado a ela há muitos anos, pudemos seguir todas as fases de sua existência e todas as peripécias de seu fim.

Um acidente causou a terrível moléstia que deveria levá-la e que a reteve por três anos em seu leito, presa dos mais atrozes sofrimentos, que suportou, até o último momento, com uma coragem heroica, no meio dos quais sua alegria natural não a abandonou. Ela acreditava firmemente na alma e na vida futura, mas se preocupava muito pouco com isso; todos os seus pensamentos se dirigiam para a vida presente à qual se apegava muito, sem, contudo, ter medo da morte, e sem procurar os gozos materiais, pois sua vida era bastante simples, e ela renunciava, sem dificuldade, àquilo que não podia proporcionar-se; mas possuía, instintivamente, o gosto do bem e do belo, que sabia dispor até nas menores coisas. Ela desejava viver, menos por ela do que por seus filhos, aos quais percebia que era necessária; era por isso que se agarrava à vida. Conhecia o Espiritismo sem o haver estudado a fundo; interessava-se por ele, no entanto, não chegou a fixar seus pensamentos no futuro; era para ela uma ideia verdadeira, mas que não deixava nenhuma impressão profunda em seu espírito. O que ela fazia de bom era o resultado de uma atividade natural, espontânea, e não inspirada pelo pensamento de uma recompensa ou penas futuras.

Desde muito tempo já, seu estado era desesperador e se esperava, de um momento a outro, vê-la partir; ela mesma não nutria ilusão a respeito. Um dia em que o marido estava ausente, sentiu-se desfalecer e compreendeu que sua hora chegara; sua vista se turvava, a perturbação a invadia, e ela experimentava todas as angústias da separação. Todavia, custava-lhe morrer antes do retorno do marido. Fazendo sobre ela um supremo esforço, disse consigo: “Não, eu não desejo morrer!” Ela sentiu então a vida renascer em si e recobrou o pleno uso de suas faculdades. Quando seu marido voltou, ela disse-lhe: “Eu ia morrer, mas desejei esperar que você estivesse ao meu lado, porque tenho ainda diversas recomendações a lhe fazer.” A luta entre a vida e a morte se prolongou assim durante três meses, que foram uma longa e dolorosa agonia.

Evocação, no dia seguinte ao de sua morte. — Meus bons amigos, obrigada por se ocuparem de mim; de resto, os senhores foram para mim como bons pais. Muito bem, regozijem-se: eu sou feliz. Consolem meu pobre marido e velem sobre meus filhos. Eu fui para o lado deles logo na mesma hora.

P. Parece que a perturbação não foi longa, uma vez que a senhora nos responde com lucidez. — R. Meus amigos, eu sofri tanto, e os senhores sabem que sofri com resignação! Muito bem! Minha provação terminou. Dizer-lhes que estou completamente desprendida, não; mas não sofro mais, o que é para mim um grande alívio! Desta vez, estou bem radicalmente curada, eu lhes asseguro, mas preciso que me ajudem com o socorro da prece, para vir logo trabalhar com os senhores.

P. Qual teria sido a causa de seus longos sofrimentos? — R. Um passado terrível, meu amigo.

P. A senhora pode dizer-nos qual foi esse passado? — R. Oh! Deixem-me por um pouco esquecê-lo; eu o paguei tão caro!

Um mês após sua morte. — P. Agora quando a senhora deve estar mais completamente desprendida e que se reconhece melhor, nós ficaremos muito felizes de ter consigo uma conversa mais explícita. Poderia dizer-nos qual foi a causa de sua longa agonia, pois esteve durante três meses entre a vida e a morte? — R. Obrigada, meus bons amigos, pela lembrança e por suas boas preces! Quanto elas me são salutares e quanto contribuíram para meu desprendimento! Eu preciso ser sustentada ainda; continuem a rogar por mim. Os senhores compreendem a prece, os senhores especialmente. Não são fórmulas banais as que dizem, como tantos outros que não se dão conta do efeito que produz uma boa prece.

Sofri muito, mas meus sofrimentos me são largamente contados, e me é permitido estar, frequentemente, junto de meus queridos filhos, que deixei com tantos pesares!

Prolonguei eu mesma meus sofrimentos; meu ardente desejo de viver para meus filhos fazia com que me obstinasse de alguma sorte na matéria e, contrariamente aos outros, eu me enrijecia e não desejava abandonar esse infeliz corpo com o qual precisava romper e que, no entanto, representava para mim o instrumento de tantas torturas. Eis aí a verdadeira causa de minha longa agonia. Minha moléstia, os sofrimentos que agüentei: expiação do passado, uma dívida a mais que paguei.

Pobre de mim! Meus bons amigos, se os tivesse escutado, que imensa mudança em minha vida presente! Que tranquilidade teria experimentado em meus últimos instantes, e quanto essa separação teria sido mais fácil se, em vez de contrariá-la, eu me houvesse deixado ir com confiança no desígnio de Deus, na torrente que me arrastava! Mas, em vez de voltar os olhos para o futuro que aguardava por mim, eu só enxergava o presente que ia deixar!

Quando eu voltar à Terra, serei espírita, eu lhes asseguro. Que ciência imensa! Eu assisto às suas reuniões bem frequentemente e às instruções que lhes são oferecidas. Se tivesse compreendido quando estava na Terra, meus sofrimentos teriam sido bem suavizados; mas a hora não havia chegado. Hoje, eu compreendo a bondade de Deus e à sua justiça; mas não sou ainda assaz adiantada para não mais me ocupar com as coisas da vida; meus filhos sobretudo me prendem ainda, não mais para afagá-los, mas para velar sobre eles, e cuidar que sigam a estrada que o Espiritismo traça neste momento. Sim, meus bons amigos, ainda tenho graves preocupações; uma, sobretudo, pois o futuro de meus filhos depende disso.

P. A senhora nos pode oferecer algumas explicações sobre o passado que deplora?

R. Pobre de mim! Meus bons amigos, estou inteiramente pronta para lhes fazer minha confissão. Eu ignorei o sofrimento; vi minha mãe sofrer sem dela ter piedade; eu a tratei como doente imaginária. Nunca a tendo visto acamada, supunha que ela não sofria, e ria de seus sofrimentos. Eis como Deus castiga.

Seis meses após sua morte. — P. Agora que um tempo assaz longo decorreu, desde que a senhora deixou seu invólucro terrestre, gostaria de nos descrever sua situação e suas ocupações no mundo dos Espíritos?

R. Durante minha vida terrestre, eu era o que se chama, de maneira geral, uma boa pessoa, mas, antes de tudo, prezava meu bem-estar; compassiva por natureza, talvez não tivesse sido capaz de um sacrifício penoso para aliviar um infortúnio. Hoje tudo mudou; eu sou sempre eu, mas o eu de outrora sofreu modificações. Eu tenho experiência; vejo que não há nem classes nem condições outras senão o mérito pessoal no mundo dos invisíveis, onde um pobre caridoso e bom está acima do rico orgulhoso que o humilhava com sua esmola. Eu velo especialmente sobre a classe dos aflitos pelos tormentos de família, a perda de parentes ou de fortuna; eu tenho por missão consolá-los e encorajá-los, e sou feliz por fazê-lo.

ANA.

Uma importante questão resulta dos fatos acima; é a seguinte:

Uma pessoa pode, por um esforço de sua vontade, retardar o momento da separação da alma e do corpo?

Resposta do Espírito de São Luís. — Esta questão, resolvida de um modo afirmativo e sem restrição, poderia dar origem a falsas conseqüências. Certamente um Espírito encarnado pode, em certas condições, prolongar a existência corpórea para concluir instruções indispensáveis ou que acredita serem assim; isso lhe pode ser permitido, como no caso de que se cuida aqui, e há muitos exemplos disso. Essa prolongação da vida poderia, em todos os casos, apenas ser de curta duração, pois não pode ser permitido ao homem intervir na ordem das leis da natureza, nem provocar um retorno real à vida, quando esta chegou a seu término; aquilo não passa de uma suspensão momentânea. Contudo, da possibilidade do fato, não se deveria concluir que possa ser geral, nem acreditar que depende de cada um prolongar desse jeito sua existência. Como *provação para o Espírito*, ou no interesse de uma missão a encerrar, os órgãos usados podem receber um suplemento de fluido vital que lhes permita agregar alguns instantes à manifestação material do pensamento; os casos semelhantes são exceções e não a regra. Não se deve ver jamais nesse fato uma derrogação de Deus quanto à imutabilidade de suas leis, mas uma conseqüência do livre-arbítrio da alma humana que, no derradeiro instante, toma consciência da missão da qual se encarregou, e deseja, malgrado a morte, completar o que não havia podido terminar. Isso pode ser também às vezes uma sorte de punição infligida ao Espírito que duvida do futuro, porque lhe propicia uma prolongação de vitalidade com a qual ele sofre necessariamente.

SÃO LUÍS.

A gente poderia também surpreender-se com a rapidez do desprendimento desse Espírito, tendo em vista seu apego à vida corpórea; mas faz-se necessário considerar que esse apego não tinha nada de sensual nem de material; tinha mesmo seu lado moral, visto que era motivado pelo interesse dos filhos menores. Além do mais, era um Espírito avançado em inteligência e em moralidade: um grau acima e estaria entre os Espíritos muito felizes. Ele não tinha nos liames perispirituais a resistência que resulta da identificação com a matéria; pode-se dizer que a vida, depauperada por uma longa moléstia, não tinha mais que alguns fios, os fios que ele desejava impedir de se romperem. Não obstante, ele foi punido por sua resistência pela prolongação de seus sofrimentos que se vinculavam à natureza da moléstia, e não à dificuldade do desprendimento; eis porque, após a libertação, a perturbação foi bem curta.

Um fato igualmente importante decorre desta evocação, assim como na maioria das que são feitas em diversas épocas, mais ou menos distantes da morte, que é a mudança que se completa gradualmente nas ideias do Espírito e cujo progresso se pode observar; neste ele se traduz não por melhores sentimentos mas por mais sadia apreciação das coisas. O progresso da alma na vida espiritual é, pois, um fato constatado pela experiência. A vida corpórea é a aplicação prática desse progresso; é a provação de suas decisões, o cadinho onde ele se depura.

Desde o instante em que a alma progride após a morte, sua sorte não pode estar irrevogavelmente fixada, porque a fixação definitiva da sorte é, como o dissemos alhures, a negação do progresso. As duas coisas não podem existir simultaneamente: resta aquela que tem a sanção dos fatos e da razão.

CAPÍTULO IV

ESPÍRITOS SOFREDORES

O CASTIGO

Exposição geral do estado dos culpados em sua entrada no mundo dos Espíritos, ditada à Sociedade Espírita de Paris, em outubro de 1860.

Os Espíritos maus, egoístas e insensíveis, ficam, logo após a morte, submetidos a uma dúvida cruel sobre seu destino presente e futuro; olham ao seu redor, não veem inicialmente nenhum indivíduo sobre quem possam exercer sua má personalidade e o desespero se apodera deles, pois o isolamento e a inação são intoleráveis para os maus Espíritos; eles não erguem seu olhar para os locais habitados pelos Espíritos puros; consideram aquele que os cerca e, tão logo surpreendem o abatimento de Espíritos fracos e punidos, se agarram a eles como a uma presa, armados com as lembranças deles das faltas passadas que colocam em incessante ação através de seus gestos zombeteiros. Em não lhes sendo suficiente essa zombaria, precipitam-se sobre a Terra como abutres esfomeados; procuram entre os homens a alma que abrirá um mais fácil acesso às suas tentações; dela se apoderam, lhe exaltam a cobiça, cuidam de lhe extinguir a fé em Deus, e quando, enfim, senhores de uma consciência, veem sua presa segura, espalham sobre todos os que se aproximam de sua vítima o fatal contágio.

O mau Espírito que exerce sua raiva é quase feliz; ele apenas sofre quando não age e também quando o bem triunfa do mal.

Entretanto, os séculos se escoam; o mau Espírito sente, de repente, as trevas invadi-lo; seu círculo de ação se estreita; sua consciência, calada até então, o faz sentir as pontas aceradas do arrependimento. Inativo, levado pelo turbilhão, ele erra, sentindo, como diz a Escritura, o pelo de sua carne se eriçar de medo; logo um grande vazio cresce dentro dele; o momento é chegado, deve expiar; a reencarnação se apresenta ameaçadora; ele vê, como numa miragem, as provas terríveis que o aguardam; desejaria recuar, mas avança, e, precipitado no abismo escancarado da vida, rola assustado, até que o véu do esquecimento lhe cubra os olhos. Ele vive, ele age mas ele é ainda culpado; sente em si não sei qual lembrança inquietante, quais pressentimentos que o fazem tremer, mas não o fazem recuar na estrada do mal. Ao fim das forças e dos crimes, ele vai morrer. Estendido sobre um catre ou sobre seu leito — que importa! — o homem culpado sente, sob sua aparente imobilidade, remexer-se e viver um mundo de sensações

esquecidas. Sob suas pálpebras fechadas, vê despontar um clarão, e ouve sons estranhos; sua alma, que vai deixar seu corpo, se agita impaciente, enquanto suas mãos crispadas tentam agarrar-se às mortalhas; desejaria falar, desejaria gritar aos que o rodeiam: Retenham-me! Eu vejo o castigo! Ele não pode; a morte se fixa sobre seus lábios sem cor, e os assistentes dizem: Ei-lo aí em paz!

Entretanto, ele ouve tudo; ele flutua em torno do corpo que não queria abandonar; uma força secreta o atrai; ele vê, ele reconhece o que já viu. Desorientado, ele se arremessa no espaço onde desejaria esconder-se. Nenhum refúgio! Nenhum repouso! Outros Espíritos lhe devolvem o mal que fez e, castigado, escarnecido, confuso, por seu turno, ele erra, e errará até que o divino fulgor se introduza em sua insensibilidade e o ilumine, para mostrar-lhe o Deus vingador, o Deus triunfante sobre todo o mal, que tão só poderá apaziguar à força de gemidos e de expiações.

GEORGES.

Jamais um quadro mais eloquente, mais terrível e mais verdadeiro, se pintou da sorte do mau; precisa-se, pois, dos recursos da fantasmagoria das chamas e das torturas físicas?

NOVEL

(O Espírito se dirige ao médium, que o conhecera quando vivo.)

Eu vou contar-lhe o que sofri quando morri. Meu Espírito, retido em meu corpo por liames materiais, teve grande dificuldade para dele se desprender, o que foi uma primeira e rude angústia. A vida que eu deixara aos vinte e quatro anos era ainda tão forte em mim, que não acreditava em sua perda. Eu procurava meu corpo e estava admirado e assustado por me ver perdido no meio dessa multidão de sombras. Enfim, a consciência de meu estado, a revelação das faltas que eu cometera em todas as minhas encarnações, me surpreenderam de repente; uma luz implacável iluminou os mais secretos refulgos de minha alma, que se sentiu *nua*, depois presa de uma vergonha acabrunhante. Eu procurava escapar interessando-me pelos objetos novos, *contudo conhecidos*, que me rodeavam; os Espíritos irradiantes, flutuando no éter, me propiciavam a ideia de uma felicidade à qual não podia aspirar; formas sombrias e desoladas, umas mergulhadas em um tedioso desespero, outras irônicas ou furiosas, giravam em torno de mim e sobre a Terra, à qual permanecia preso. Eu via agitarem-se os humanos, cujo esquecimento invejava; toda uma ordem de sensações desconhecidas, ou *reencontradas*, me invadia de uma vez. Atraído como por uma força irresistível, procurando fugir dessa dor irritante, eu vencias as distâncias, os elementos, os obstáculos materiais, sem que as belezas da natureza, nem os esplendores celestes, pudessem acalmar um instante o destroçar de minha consciência, nem o pavor que me causava a revelação da eternidade. Um mortal pode pressentir as

torturas materiais pelos arrepios da carne, mas suas tênues dores, suavizadas pela esperança, temperadas pelas distrações, extintas pelo esquecimento, não poderão jamais fazê-lo compreender as angústias de uma alma que sofre sem trégua, sem esperança, sem arrependimento. Eu passei um tempo cuja duração não pude avaliar, invejando os eleitos cujo esplendor podia entrever, detestando os maus Espíritos que me perseguiram com suas zombarias, desprezando os humanos cujas torpezas eu via, passando de um profundo acabrunhamento a uma revolta insensata.

Enfim, você me chamou e, pela primeira vez, um sentimento ameno e terno me apaziguou; escutei os ensinamentos que seus guias lhe oferecem; a verdade penetrou-me, eu orei: Deus me ouviu; revelou-se a mim por sua clemência, como se havia revelado por sua justiça.

NOVEL.

AUGUSTO MIGUEL

(Havre, março de 1863.)

Era um moço rico, boêmio, desfrutando largamente e exclusivamente a vida material. Conquanto inteligente, a indiferença pelas coisas sérias era o fundo de seu caráter. Sem maldade, antes bom que mau, era amado por seus companheiros de prazer, e sequestrado na alta sociedade por suas qualidades de homem mundano; sem ter feito o mal, não fizera nunca o bem. Morreu de uma queda de viatura durante um passeio. Evocado alguns dias após sua morte por um médium que o conhecia indiretamente, ele ofereceu sucessivamente as comunicações seguintes:

8 de março de 1863. — Eu estou mal e mal desprendido de meu corpo; por isso me é muito difícil falar-lhe. A terrível queda que fez morrer meu corpo põe meu Espírito em uma grande perturbação. Eu estou apreensivo pelo que vou ser, e essa incerteza é cruel. O medonho sofrimento que meu corpo experimentou nada é em comparação com a perturbação em que me encontro. Reze para que Deus me perdoe. Oh! Que dor! Oh! Graças, meu Deus! Que dor! Adeus.

18 de março. — Eu já vim até o senhor, mas apenas pude falar-lhe com dificuldade. Ainda neste momento, é com sacrifício que consigo comunicar-me consigo. O senhor é o único médium a quem posso pedir preces, para que a bondade de Deus me retire da perturbação em que estou. Por que sofrer ainda quando meu corpo não sofre mais? Por que esta dor horrível, essa terrível angústia existe para sempre? Reze. Oh! Reze para que Deus me conceda o repouso... Oh! Que cruel incerteza! Eu estou ainda atado a meu corpo. Não consigo senão com dificuldade ver onde possa estar; meu corpo está aí, e por que estou aqui sempre? Venha rezar *sobre ele* para que eu seja desprendido desta prostração

cruel. Deus haverá por bem, assim o espero, perdoar-me. Eu vejo os Espíritos que estão ao seu lado e através deles consigo falar-lhe. Reze por mim.

6 de abril. — Sou eu que venho ao senhor, pedir-lhe para rezar por mim. Precisaria vir *ao lugar onde jaz meu corpo* rogar ao Todo-Poderoso para acalmar meus sofrimentos. Eu sofro! Oh! Eu sofro! Venha a este lugar; é preciso e enderece ao Senhor uma prece para que ele me perdoe. Eu vejo que poderei estar mais tranquilo, mas volto sem cessar ao lugar onde se depositou aquele que eu fui.

O médium, não se dando conta da insistência do Espírito que lhe solicitava que fosse rezar sobre sua tumba, tinha negligenciado de fazê-lo. Lá foi, entretanto, mais tarde e ali recebeu a comunicação seguinte:

11 de maio. — Eu o esperava. Esperava o momento em que o senhor viria ao lugar onde meu Espírito parece fundido em seu invólucro, implorar ao Deus de misericórdia para que sua bondade acalme meus sofrimentos. O senhor pode ajudar-me com suas preces; não relaxe, eu lhe suplico. Eu vejo o quanto minha vida foi oposta ao que deveria ter sido; eu vejo as faltas que cometi. Fui um ser inútil no mundo; não fiz nenhum bom emprego de minhas faculdades; minha fortuna serviu apenas para satisfazer minhas paixões, meus gostos de luxo e minha vaidade; eu só pensei nos gozos do corpo e não em minha alma. A misericórdia de Deus descerá sobre mim, pobre Espírito que sofre ainda por minhas faltas terrestres? Reze para que ele me perdoe e que eu fique livre das dores que sinto ainda. Eu lhe agradeço por ter vindo rezar sobre mim.

8 de junho. — Eu devo falar consigo e agradeço a Deus por permitir. Eu vi minhas faltas e espero que Deus me perdoe. Siga sempre em sua vida segundo a crença que o anima, pois ela lhe reserva para mais tarde um repouso que ainda não tenho. Obrigado por suas preces. Até a vista.

A insistência do Espírito para que se fosse rezar sobre seu túmulo é uma particularidade notável, mas que tem sua razão de ser, caso se considere o quanto eram tenazes os liames que o retinham no corpo e quanto a separação se tornava longa e difícil, em consequência da materialidade de sua existência. Compreende-se que, aproximando-se do corpo, a prece podia exercer um tipo de ação magnética mais possante para ajudar no desprendimento. O costume quase geral de se rezar ao lado dos corpos dos falecidos, não proviria da intuição inconsciente que se tem desse efeito? A eficácia da prece, nesse caso, teria um resultado ao mesmo tempo moral e material.

30 de julho. — Eu estou no presente menos infeliz, pois não sinto mais a corrente que me atava ao corpo; estou livre enfim, mas não encerrei absolutamente a expiação; precisa que eu recupere o tempo perdido, se não quiser ver prolongarem-se meus sofrimentos. Deus, eu o espero, verá meu arrependimento sincero e haverá por bem conceder-me seu perdão. Reze novamente por mim, eu lhe suplico.

MÁGOAS DE UM BOÊMIO

(Bordéus, 19 de abril de 1862.)

Homens, meus irmãos, eu vivi para mim somente; hoje expio e sofro por isso! Que Deus lhes faça a graça de evitarem os espinhos nos quais me lacero. Caminhem na estrada larga do Senhor e rezem por mim, pois eu abusei dos bens que Deus *empresta* às suas criaturas!

Aquele que sacrifica aos instintos brutais a inteligência e os bons sentimentos que Deus colocou nele se assemelha ao animal que ele maltrata tantas vezes. O homem deve usar com sobriedade os bens de que é depositário; deve habituar-se a viver somente de olho na eternidade que espera por ele e, conseqüentemente, desprender-se dos prazeres materiais. Sua comida não deve ter outro alvo senão sua vitalidade; seu luxo deve subordinar-se às necessidades estritas de sua posição; seus gostos, seus pendores naturais mesmo devem reger-se pela mais ponderada razão, sem o que ele se materializa ao invés de purificar-se. As paixões humanas são um liame apertado que se finca nas carnes; assim, não no apertem mais. Vivam mas não sejam boêmios. Os senhores não sabem o quanto isso custa quando se regressa à pátria! As paixões terrestres os despojam antes de deixá-los, e os senhores se apresentam ao Senhor nus, inteiramente nus. Ah! Cubram-se de boas obras; elas os ajudarão a vencer o espaço que os separa da eternidade. Manto brilhante, elas esconderão suas torpezas humanas. Envolvam-se de caridade e de amor, vestes divinas que nada pode remover.

Instrução do guia do médium. — Este Espírito está em uma boa estrada dado que ao arrependimento junta conselhos para resguardo contra os perigos da rota que ele seguiu. Reconhecer seus erros é já um mérito e um passo certo para o bem; eis porque sua situação, sem ser feliz, não é mais aquela de um Espírito sofredor. Ele se arrepende; resta-lhe a reparação, que ele cumprirá em uma outra existência de provação. Mas antes de chegar lá, sabe o senhor qual é a situação dos homens de vida toda sensual, que não deram a seu espírito outra atividade senão a de inventar sem interrupção novos prazeres? A influência da matéria os segue para além do túmulo, e a morte não põe um fim a seus apetites, aos quais sua vista, tão limitada quanto na Terra, busca em vão os meios de satisfazer. Não havendo jamais buscado o alimento espiritual, sua alma erra no vácuo, sem alvo, sem esperança, presa à ansiedade do homem que tem diante de si tão somente a perspectiva de um deserto sem limites. A nulidade de suas ocupações intelectuais durante a vida do corpo, provoca naturalmente a nulidade do trabalho do Espírito após a morte; não podendo mais satisfazer o corpo, não lhe resta nada para satisfazer o Espírito; daqui um tédio mortal, cujo término não preveem e ao qual prefeririam o nada; mas o nada não existe; puderam extinguir o corpo, mas não podem extinguir o Espírito; precisa então que vivam nessas torturas morais até que, vencidos pelo cansaço, eles se decidam a lançar um olhar para Deus.

LISBETH

(Bordéus, 13 de fevereiro de 1862.)

Um Espírito sofredor se inscreveu sob o nome de Lisbeth.

1. A senhora gostaria de dar-me alguns detalhes sobre sua posição e a causa de seus sofrimentos? — R. Seja humilde de coração, submisso à vontade de Deus, paciente nas provações, caridoso com o pobre, encorajador para o fraco, caloroso de coração perante todos os sofrimentos, e não sofrerá as torturas que suporto.

2. Se as faltas opostas às qualidades que assinala a arrastaram, a senhora parece lastimá-las. Seu arrependimento pode aliviá-la? — R. Não; o arrependimento é estéril quando é apenas a consequência do sofrimento. O arrependimento produtivo é aquele que tem por base o pesar por haver ofendido a Deus e o ardente desejo de corrigir. Ainda não cheguei a isso infelizmente. Recomende-me às preces de todos aqueles que se consagram aos sofrimentos; eu preciso disso.

É uma grande verdade; o sofrimento arranca às vezes um grito de arrependimento, mas que não é a expressão sincera do pesar por haver praticado o mal, pois, se o Espírito não sofresse mais, ele estaria pronto para recomeçar. Eis porque o arrependimento não traz sempre a libertação imediata do Espírito; ele o predispõe, eis tudo; mas lhe é preciso provar a sinceridade e a solidez de suas resoluções por novas provações, que constituem a reparação do mal que praticou. Caso se medite com cuidado sobre todos os exemplos que citamos, se acharão nas palavras, mesmo dos Espíritos muito inferiores, os importantes temas de instrução, porque nos iniciam nos detalhes mais íntimos da vida espiritual. O homem superficial verá nesses exemplos somente relatos mais ou menos pitorescos, porém, o homem sério e reflexivo aí encontrará uma generosa fonte de estudos.

3. Farei como a senhora desejar. Gostaria de oferecer-me alguns detalhes sobre sua última existência? Pode resultar disso um ensinamento útil para nós, e tornar-lhe assim o arrependimento produtivo.

(O Espírito evidenciou grande indecisão para responder a esta questão e a algumas das seguintes.)

R. Eu nasci em uma condição social elevada. Tinha tudo o que os homens veem como a fonte da felicidade. Rica, fui egoísta; bela, fui volúvel, indiferente e falsa; nobre, fui ambiciosa. Eu esmaguei com meu poder os que não se prosternavam até o chão diante de mim e esmagava ainda os que se achassem sob meus pés, sem pensar que a cólera do Senhor esmaga também, cedo ou tarde, as cabeças mais elevadas.

4. Em que época a senhora viveu? — R. Há cento e cinquenta anos, na Prússia.

5. Após esse tempo, a senhora não fez nenhum progresso como Espírito? — R. Não; a matéria se revoltava sempre. Você não pode compreender a influência que ela exerce ainda, malgrado a separação do corpo e do Espírito. O orgulho, esteja atento, nos enlaça em correntes de bronze cujos anéis se apertam mais e mais em torno do miserável que lhe abandona o coração. O orgulho! Esta hidra de cem cabeças sempre renascentes, que sabe modular seus sibilos envenenados de tal forma que se tomam por música celeste! O orgulho! Este demônio de mil faces que se curva a todas as aberrações de nosso Espírito, que se esconde nos refolhos de nosso coração, penetra em nossas veias, nos envolve, nos absorve e nos obriga a ir atrás dele para as trevas da geena eternal!... Sim, eternal!

O Espírito disse que não fez nenhum progresso, sem dúvida porque sua situação é sempre penosa; mas a maneira pela qual descreve o orgulho e lhe deplora as consequências constitui incontestavelmente um progresso; pois seguramente, durante a vida, nem pouco depois de sua morte, não deveria raciocinar assim. Ele compreende o mal e isso é já alguma coisa; a coragem e a vontade de evitá-lo lhe virão em seguida.

6. Deus é muitíssimo bom para condenar suas criaturas a penas eternas; confie em sua misericórdia. — R. Isto deve ter um fim, diz-se, mas onde? Eu o procuro desde há muito e somente vejo sofrimento. Sempre! Sempre! Sempre!

7. Como a senhora chegou aqui hoje? — R. Um Espírito que me segue constantemente me conduziu. — Desde quando a senhora vê esse Espírito? — R. Não faz muito tempo. — E desde quando a senhora se deu conta das faltas que cometeu? — R. (Após uma longa reflexão.) Sim, tem razão; foi então que eu o vi.

8. Não compreende agora a relação que há entre seu arrependimento e a ajuda invisível que lhe presta seu Espírito protetor? Veja como origem desse apoio o amor de Deus e como fim seu perdão e sua misericórdia infinita. — R. Oh! Como gostaria disso! — Creio poder prometer-lhe isso pelo nome sagrado daquele que jamais foi surdo à voz de seus filhos em desespero. Chame por ele do fundo de seu arrependimento, ele a ouvirá. — R. Eu não posso; tenho medo.

9. Oremos juntos, ele nos ouvirá. (Após a prece.) Está ainda aí? — R. Sim, obrigada! Não se esqueça de mim.

10. Vinde aqui inscrever-se todos os dias. — R. Sim, sim, eu voltarei sempre.

O guia do médium. — Não esqueça jamais os ensinamentos que você recolhe dos sofrimentos de seus protegidos, sobretudo das causas desses sofrimentos; que essas causas lhes sirvam a todos de ensinamento para preservá-los dos mesmos perigos e dos mesmos castigos. Purifiquem seus corações, sejam humildes, amem-se, ajudem-se, e que seu coração reconhecido não esqueça jamais a fonte de todas as graças, fonte inesgotável, donde cada um pode sorver com abundância; fonte de água viva que aplaca a sede e alimenta ao mesmo tempo; fonte de vida e de felicidade eternas. Vão a ela, meus bem-amados; bebam com fé; lancem-lhe suas redes e elas sairão dessas ondas carregadas de bênçãos; avisem seus irmãos advertindo-os dos perigos que podem encontrar. Espalhem as bênçãos do Senhor; elas renascem incessantemente; quanto mais as espalharem ao seu redor, tanto mais se multiplicarão. Vocês as têm em suas mãos, pois dizendo a seus irmãos:

ali estão os perigos, ali estão os escolhos; sigam-nos para evitá-los; *imitem-nos, a nós que damos o exemplo*, vocês espalham as bênçãos do Senhor sobre os que os escutam.

Benditos sejam seus esforços, meus bem-amados. O Senhor ama os corações puros; mereçam seu amor.

SÃO PAULINO.

O Príncipe OURAN

(Bordéus, 1862.)

Um Espírito sofredor se apresenta sob o nome de *Ouran*, antigamente príncipe russo.

P. Gostaria o senhor de oferecer alguns detalhes sobre sua situação? — R. Oh! Bem-aventurados os humildes de coração, o reino dos céus lhes pertence! Rezem por mim. Bem-aventurados são os que, humildes de coração, escolhem para passar por suas provações uma posição modesta! Os senhores não sabem, todos os que a inveja devora, a que estado está reduzido um daqueles a que chamam os felizes da Terra; não sabem as brasas ardentes que eles acumulam sobre sua cabeça; não sabem os sacrifícios que a riqueza impõe quando se deseja aproveitar-se dela para a salvação eterna! Que o Senhor me permita, a mim, orgulhoso déspota, vir expiar, entre aqueles que esmaguei com minha tirania, os crimes que o orgulho me fez cometer! Orgulho! Repitam esse nome sem parar para que jamais se esqueçam de que ele é a fonte de todos os sofrimentos que nos abatem! Sim, eu abusei do poder e das prerrogativas de que desfrutava; eu fui insensível, cruel, para com meus inferiores, que deviam curvar-se a todos os meus caprichos, satisfazer a todas as minhas depravações. Eu desejei para mim a nobreza, as honras, a fortuna, mas eu sucumbi sob o peso que tomei acima de minhas forças.

Os Espíritos que sucumbem são geralmente levados a dizer que tinham uma carga superior às suas forças; é um meio de se desculpar aos próprios olhos e ainda um resto do orgulho: eles não aceitam haver falido por sua culpa. Deus não dá a ninguém nada além do que pode carregar; ele não pede a ninguém mais do que tem para lhe dar; ele não exige que a árvore nascente produza os frutos da que alcançou todo seu crescimento. Deus dá aos Espíritos a liberdade; o que lhes falta é a vontade, e a vontade depende deles somente; com a vontade, não há pendores viciosos que não se possam vencer; mas, quando *a gente se compraz com um pendor, é natural que não se façam esforços para superá-lo*. Preciso é assim atribuir a si as consequências que disso resultam.

P. O senhor possui a consciência de suas culpas; é um primeiro passo para a melhoria. — R. Esta consciência é ainda um sofrimento. Para muitos Espíritos, o sofrimento é um efeito quase material, porque, submetidos ainda à humanidade de sua última existência, não percebem as sensações morais. Meu Espírito está desprendido da matéria,

e o sentimento moral se acresceu de tudo aquilo que as violentas sensações físicas possuíam de horrível.

P. O senhor vislumbra um término para seus sofrimentos? — R. Eu sei que eles não serão eternos; o término eu não vislumbro ainda; preciso antes recomeçar a provação.

P. Espera recomeçar logo? — R. Não sei ainda.

P. Recorda-se de seus antecedentes? Eu lhe pergunto com o fito de instrução. — R. Sim, seus guias aí estão e sabem o que lhe é necessário. Vivi sob Marco Aurélio. Ali, muito poderoso, já sucumbi pelo orgulho, causa de todas as quedas. Após ter errado durante séculos, desejei experimentar uma vida obscura. Pobre estudante, mendiguei meu pão, mas o orgulho lá estava sempre; o Espírito tinha evoluído em ciência, mas não em virtude. Sábio e ambicioso, vendi minha alma aos de melhores ofertas, servindo a todas as vinganças, todos os ódios. Sentia-me culpado, mas a sede de honrarias, de riquezas, abafava os gritos de minha consciência. A expiação foi novamente longa e cruel. Enfim, desejei, em minha última encarnação, recomeçar uma vida de luxo e de poder; pensando dominar os escolhos, não escutei os avisos: orgulho que me levou novamente a confiar em meu próprio julgamento, antes que no dos amigos protetores que não cessam de velar sobre nós; você conhece o resultado desta última tentativa.

Hoje, eu compreendo enfim e espero na misericórdia do Senhor. Eu coloco a seus pés meu orgulho prostrado e lhe peço sobrecarregar as minhas costas com seu mais pesado fardo de humildade; ajudado por sua graça, o peso me parecerá leve. Rezem comigo e para mim; rezem também para que esse demônio de fogo não lhes devore os instintos que os elevam a Deus. Irmãos em sofrimento, que meu exemplo lhes sirva e não se esqueçam jamais de que o orgulho é o inimigo da felicidade, pois dele decorrem todos os males que assolam a humanidade e a perseguem até nas regiões celestes.

O guia do médium. — Você nutriu dúvidas a respeito deste Espírito, porque sua linguagem não lhe pareceu de acordo com seu estado de sofrimento, o qual denuncia a inferioridade dele. Não tenha medo: você recebeu uma instrução séria; por mais sofrimento seja este Espírito, é assaz elevado em inteligência para falar como ele o fez. Apenas lhe faltava a humildade, sem a qual nenhum Espírito pode chegar a Deus. Essa humildade, ele a conquista agora, e nós esperamos que, com a perseverança, sairá triunfante de uma nova provação.

Nosso Pai Celeste é pleno de justiça em sua sabedoria; ele leva em conta os esforços que o homem faz para domar seus maus instintos. Cada vitória obtida sobre nós mesmos é um degrau vencido nessa escada cujo fim se apoia em sua Terra e o outro para aos pés do Juiz Supremo. Subam intrepidamente; eles são amenos de vencer para os que têm a vontade forte. Olhem sempre para o alto, para se encorajar, pois a infelicidade é para quem para e olha para trás! Ele é tomado de vertigens; o vácuo que o cerca o apavora; ele se vê sem força e diz: Para que serve querer avançar novamente? Eu caminhei tão pouco! Não, meus amigos, não voltem a cabeça para trás. O orgulho se impregna no homem. Muito bem! Empreguem esse orgulho para lhes propiciar a força e a coragem para encerrar sua ascensão. Empreguem-no para dominar suas fraquezas e subam ao cimo da montanha eterna.

PASCAL LAVIC

(Havre, 9 de agosto de 1863.)

Este Espírito se comunica espontaneamente ao médium, sem que este o houvesse conhecido em vida, mesmo de nome.

“Eu creio na bondade de Deus que haverá por bem ter misericórdia por meu pobre Espírito. Eu sofri, muito sofri, e meu corpo pereceu no mar. Meu Espírito estava sempre preso a meu corpo, e por muito tempo ele esteve errante sobre as ondas. Deus...

(A comunicação se interrompe; no dia seguinte, o Espírito continua.)

“...houve por bem permitir que as preces dos que deixei na Terra me arrancassem do estado de perturbação e de incerteza em que meu Espírito mergulhou. Eles esperaram por mim muito tempo e conseguiram achar meu corpo; ele repousa atualmente, e meu Espírito, desprendido, com dificuldade vê as faltas cometidas; provação consumada, Deus julga com justiça, e sua bondade se estende sobre os arrependidos.

“Se, por muito tempo, meu Espírito errou com meu corpo, era porque tinha o que expiar. Sigam a estrada certa, se desejam que Deus retire prontamente seu Espírito de seu invólucro. Vivam no amor dele; rezem e a morte, tão horrenda para alguns, lhes será suavizada, já que os senhores sabem a vida que os aguarda. Eu sucumbi no mar e por muito tempo me esperaram. Não poder desprender-me de meu corpo era para mim uma terrível provação; eis porque preciso de suas preces, dos que penetraram na crença que salva, dos que podem pedir ao Deus de Justiça por mim. Eu me arrependo e espero que ele haverá por bem perdoar-me. Foi no dia 6 de agosto que meu corpo foi achado; eu era um pobre marinheiro e morri há muito tempo. Rezem por mim.”

PASCAL LAVIC.

P. Onde o senhor foi achado? — R. Aqui perto.

O *Jornal do Havre* de 11 de agosto de 1863 continha o artigo seguinte, de que o médium não devia ter conhecimento.

“Nós anunciamos que foi encontrado, no dia 6 deste mês, um resto de cadáver encalhado entre *Bléville* e *La Hève*. A cabeça, os braços e o busto tinham desaparecido; não obstante, sua identidade pôde ser constatada pelo calçado ainda preso aos pés. Reconheceu-se assim que se tratava do corpo do pescador Lavic, que pereceu no dia 11 de

dezembro, a bordo do barco *O Alerta*, arrebatado, diante de Trouville, por um vagalhão. Lavic tinha quarenta e nove anos, e era de Calais. Foi a viúva do defunto quem constatou a identidade.”

No dia 12 de outubro, como se conversava sobre esse acontecimento no círculo onde o Espírito se manifestou pela primeira vez, ele comunicou-se de novo, espontaneamente.

“Eu sou realmente Pascal Lavic e preciso de suas preces. Os senhores podem fazer-me o bem, porque a provação que sofri foi terrível. A separação de meu Espírito com meu corpo só se deu quando reconheci minhas culpas; e, depois, ele não se havia desprendido inteiramente: ele o seguia sobre o mar, que o havia engolido. Rezem a Deus para me perdoar; rezem a ele que ele me perdoe; rezem a ele que ele me dá o repouso. Rezem, eu lhes suplico. Que esse terrível fim de uma existência terrestre infeliz se torne para os senhores um ensinamento bem grande! Os senhores devem pensar na vida futura e nunca deixar de pedir a Deus sua misericórdia. Rezem por mim; eu preciso que Deus me receba em piedade.”

PASCAL LAVIC.

FERDINANDO BERTIN

Um médium, habitante do Havre, evocava o Espírito de uma pessoa que lhe era conhecida. O Espírito responde: “Eu desejo comunicar-me, mas não posso vencer o obstáculo que existe entre nós; sou obrigado a deixar esses infelizes que sofrem aproximarem-se do senhor.” Ele recebe então a comunicação seguinte:

“Eu estou em um pavoroso abismo! Ajudem-me! Ó meu Deus, quem me tirará deste precipício?... Quem estenderá mão compassiva para o infeliz que o mar engoliu?... A noite é tão negra que tenho medo... Por toda parte o bramido das vagas, e nenhuma palavra amiga para me consolar e me ajudar neste momento supremo; pois esta noite profunda é a morte com todo seu horror, e eu não quero morrer!... Ó meu Deus! Não é a morte por vir, é a morte passada!... Eu estou para sempre separado daqueles que amo... Vejo meu corpo, e o que experimentei há instantes não passa da lembrança da pavorosa angústia da separação... Tenham piedade de mim os que conhecem meus sofrimentos; rezem por mim, pois eu não quero mais sentir, como o fiz desde aquela noite fatal, todas as lacerações da agonia!... Eis aí, no entanto, minha punição: eu a pressinto... Rezem, eu os conjuro!... Oh! O mar... o frio... vou ser engolido!... Socorro!... Tenham piedade; não me rejeitem!... Nós nos salvaremos melhor os dois sobre estes destroços!... Oh! Eu sufoco!... As vagas vão me engolir, e os meus não terão nem mesmo o triste consolo de me rever... Mas não; vejo que meu corpo não está mais sacudido pelas vagas... As preces de minha

mãe serão ouvidas... Minha pobre mãe! Se pudesse imaginar seu filho tão miserável quanto está na realidade, rezaria com mais devoção; ela acredita, entretanto, que a causa de minha morte santificou o passado; ela chora por mim um mártir, e não um infeliz, um castigado!...Oh! Os senhores que sabem, serão impiedosos? Não, os senhores rezarão.

FERDINANDO BERTIN.

Esse nome, totalmente desconhecido do médium, não lhe sugeria nenhuma lembrança; ele disse a si mesmo que, sem dúvida, era um Espírito de algum infeliz náufrago que vinha manifestar-se espontaneamente a ele, o que já lhe havia acontecido diversas vezes. Soube um pouco mais tarde que era com efeito o nome de uma das vítimas de um grande desastre marítimo que tinha acontecido por essas paragens, no dia 2 de dezembro de 1863. A comunicação fora dada no dia 8 do mesmo mês, seis dias após a catástrofe. O indivíduo havia perecido fazendo tentativas extraordinárias para salvar a tripulação e no momento em que acreditava a própria salvação assegurada.

Esse indivíduo não se prendia ao médium por nenhum laço de parentesco nem mesmo de conhecimento; por que então se manifestou a ele de preferência a qualquer membro de sua família? É que os Espíritos não encontram em todo o mundo as condições fluídicas necessárias para esse efeito; na perturbação em que estava, ele não tinha, de resto, a liberdade da escolha; foi conduzido instintivamente e atrativamente para esse médium, dotado, ao que parece, de uma aptidão especial para as comunicações espontâneas desse gênero; ele pressentia sem dúvida também que nele encontraria uma simpatia particular, como outros encontraram em circunstâncias semelhantes a essa. Sua família, estranha ao Espiritismo, antipática talvez em relação a essa crença, não acolheria sua revelação como o deveria fazer esse médium,

Conquanto a morte remontasse a alguns dias, o Espírito lhe sentia ainda todas as angústias. É evidente que ele não se rendia absolutamente conta de sua situação; acreditava-se ainda vivo, lutando contra as ondas, não obstante, fala de seu corpo como se estivesse separado dele; chama por socorro e diz que não quer morrer e, um instante depois, fala da causa de sua morte, que reconhece ser um castigo; tudo isso denota a confusão de ideias que se segue quase sempre às mortes violentas.

Dois meses mais tarde, a 2 de fevereiro de 1864, comunicou-se de novo espontaneamente, pelo mesmo médium, e lhe ditou o que segue:

“A piedade que o senhor teve por meus sofrimentos tão horríveis me aliviou. Eu compreendo a *esperança*; vislumbro o perdão, mas após o castigo da falta cometida. Eu sofro sempre e, se Deus permite que, durante alguns momentos, eu vislumbre o fim de minha infelicidade, é tão somente às preces de almas caridosas, tocadas por minha situação, que devo essa suavização. Ó esperança, raio do céu, quão benigna é, quando a sinto nascer em minha alma!...Mas, pobre de mim! O abismo se abre; o terror e o sofrimento fazem desaparecer essa lembrança da misericórdia... A noite; sempre a noite!... A água, o ruído das vagas que engoliram meu corpo, são apenas uma fraca imagem do horror que envolve meu pobre Espírito... Eu fico mais calmo quando posso estar ao seu

lado; pois do mesmo jeito que um terrível segredo depositado na alma de um amigo, alivia aquele a quem oprimia, do mesmo jeito sua piedade, motivada pela confiança de minha miséria, acalma o meu mal e tranquiliza o meu Espírito... Suas preces me fazem bem; não mas recuse. Eu não quero cair de novo nesse horrível sonho que se faz realidade quando eu o vejo... Pegue o lápis mais amíúde; faz-me tanto bem comunicar-me através do senhor!”

Depois de alguns dias, tendo sido evocado o mesmo Espírito em uma reunião espírita, em Paris, lhe foram endereçadas as questões seguintes, às quais respondeu por uma única e mesma comunicação, e por um outro médium.

Quem o levou a se manifestar espontaneamente ao primeiro médium pelo qual se comunicou? — Quanto tempo fazia que estava morto, quando se manifestou? — Quando o senhor se comunicou, parecia incerto se estava ainda morto ou vivo, e experimentou todas as angústias de uma morte terrível; o senhor se dá agora melhor conta de sua situação? — Disse, positivamente, que sua morte era uma expiação; gostaria de nos dizer sua causa: isto será uma instrução para nós e um alívio para o senhor. Por essa confissão sincera, o senhor atrairá a misericórdia de Deus, que solicitaremos em nossas preces.

Resposta. — Parece impossível à primeira vista que uma criatura possa sofrer tão cruelmente. Deus! Quanto é penoso de se ver constantemente no meio das vagas em fúria e de sentir incessantes esta amargura, este frio glacial que sobe, que comprime o estômago!

Mas, qual a vantagem de sempre os entreter com tais espetáculos? Não devo eu começar por obedecer às leis do reconhecimento agradecendo-lhes a todos os senhores, que têm por meus tormentos um tal interesse! Os senhores perguntam se me comuniquei muito tempo após minha morte? Não posso responder tranquilamente. Pensem e julguem em que horrível situação estou ainda! No entanto, fui conduzido para o lado do médium, eu creio, por uma vontade estranha à minha; e, coisa impossível de entender, *eu me servia de seu braço com a mesma facilidade com que me sirvo do seu neste momento, persuadido de que me pertence.* Eu sinto mesmo nesta hora que é um prazer bem grande, assim como um alívio especial que — pobre de mim! — vai logo cessar. Mas, ó meu Deus! Terei uma confissão a fazer; teria força para isso?

Após muitos encorajamentos, o Espírito acrescentou: Eu fui bem culpado! O que sobretudo me magoa é que se acredita que sou um mártir; não é nada disso... Numa existência precedente, eu fiz meter num saco várias vítimas e jogar ao mar... Rezem por mim!

Instrução de São Luís sobre esta comunicação:

Esta confissão será para o Espírito uma causa de grande alívio. Sim, ele foi bem culpado! Mas a existência de que regressa foi honrada; era amado e respeitado por seus chefes; isso foi fruto de seu arrependimento e das boas resoluções que havia tomado antes de voltar à Terra, onde desejou ser sensível tanto quanto tinha sido cruel. O devotamento do qual deu prova era uma reparação, mas precisava compensar as faltas passadas por uma última expiação, a da morte cruel que suportou; ele desejou por si mesmo purificar-

se, sofrendo as torturas que havia feito sofrer os outros; observem que uma ideia o perseguia: o pesar de ver que o consideram como um mártir. Creiam que lhe será levado em conta esse sentimento de humildade. Doravante, ele deixou a via da expiação para entrar na da reabilitação; por suas preces os senhores podem ampará-lo e fazê-lo caminhar com um passo mais firme e mais seguro.

FRANCISCO RIQUIER

Francisco Riquier, homem bastante comum, era um velho avarento e solteirão, morto em C., em 1857, deixando uma fortuna assaz considerável à parentela. Ele havia sido outrora o arrendatário de uma senhora que depois o esquecera totalmente, ignorando mesmo se ele pertencia ainda a este mundo. Em 1862, a filha dessa senhora, que sofria crises de catalepsia seguidas de sono magnético espontâneo e que, além disso, era muito boa médium escrevente, viu, em um sonho desses, o Sr. Riquier, que, disse ela, desejava falar à sua mãe. Alguns dias depois, uma vez que se havia manifestado espontaneamente e testemunhado o desejo de falar a essa senhora, tiveram com ele a seguinte conversa:

P. Que deseja o senhor de nós? — R. Meu dinheiro, que me roubaram todo, os miseráveis, para repartirem entre si! Eles venderam minhas fazendas, minhas casas, tudo, para as repartirem entre si. Dilapidaram meus haveres, como se não fossem mais meus. Façam-me que haja justiça, pois a mim, eles não me escutam e eu não desejo ver mais tais infâmias. Eles dizem que eu era usurário, mas eles guardam meu dinheiro! Por que não desejam devolver-me, já que acham que foi mal ganho?

P. Mas o senhor está morto, homem de Deus; não precisa mais de dinheiro. Peça a Deus para ter uma nova existência pobre para expiar a avareza desta. — R. Não, eu não poderia viver pobre. Preciso de meu dinheiro para me fazer viver. Aliás, não preciso fabricar uma outra vida, dado que eu vivo presentemente.

P. (A questão seguinte se fez com o fito de devolvê-lo à realidade.) O senhor sofre? — R. Oh! Sim, eu sofro torturas piores do que a doença mais cruel, pois é minha alma que padece estas torturas. Tenho sempre presente no pensamento a iniquidade de minha vida, que foi uma causa de escândalo para muitos. Eu bem sei que sou um miserável indigno de piedade; mas sofro tanto que preciso que me ajudem a sair deste estado miserável.

P. Nós rezaremos pelo senhor. — R. Obrigado! Rezem para que eu esqueça minhas riquezas terrestres; sem isso não poderei jamais me arrepender. Adeus e obrigado.

FRANCISCO RIQUIER.

Rua da Caridade, n.º 14.

É assaz curioso observar o Espírito dando seu endereço, como se estivesse ainda vivo. A senhora, que o ignorava, apressou-se em ir verificá-lo; e ficou muito surpresa ao ver

que a casa indicada, era bem a última em que ele havia habitado. Assim, após cinco anos, ele não se acreditava morto e se achava ainda na inquietação, terrível para um avaro, de ver seus haveres divididos entre seus herdeiros. A evocação, sem dúvida provocada por um bom Espírito, teve por efeito fazê-lo compreender sua posição e predispor-lo ao arrependimento.

CLARA

(Sociedade de Paris, 1861.)

O Espírito que ditou as comunicações seguintes foi o de uma senhora que o médium havia conhecido quando viva e cuja conduta e caráter justificam totalmente os tormentos que padece. Ela era sobretudo dominada por um sentimento exagerado de egoísmo e de temperamento o qual se reflete na terceira comunicação, por sua pretensão ao desejar que o médium somente se ocupe dela. As comunicações foram obtidas em diversas ocasiões; as três últimas denotam um progresso sensível nas disposições do Espírito, graças aos cuidados do médium que havia começado sua educação moral.

I. Eis-me, eu, a infeliz Clara; que deseja você que eu lhe informe? A resignação e a esperança são somente palavras para quem sabe que, inumeráveis como os pedriscos da areia, seus sofrimentos durarão durante a sucessão dos séculos intermináveis. Eu posso suavizá-los, diz você? Que conselho inútil! Onde encontrar a coragem, a esperança para isso? Trate, cérebro estúpido, de compreender o que é um dia que não acaba jamais. Um dia, um ano, um século? Que sei eu? As horas não se distribuem; as estações não variam; eterno e lento como a água que goteja do rochedo, esse dia execrado, esse dia maldito, pesa sobre mim como um cofre de chumbo... Eu sofro!... Não vejo nada em torno de mim, senão sombras silenciosas e indiferentes... Eu sofro!

Eu sei, contudo, que acima desta miséria reina Deus, o pai, o senhor, aquele para quem tudo se encaminha. Eu desejo pensar nisso; eu desejo implorar-lhe.

Eu me debato e me arrasto como um estropiado que rasteja ao longo do caminho. Não sei que poder me atrai para você; talvez seja você a salvação? Eu o deixo um pouco tranquilizada, um pouco reanimada; como um velho tiritante a quem reanima um raio de sol, minha alma enregelada sorve uma nova vida aproximando-se de você.

II. Minha infelicidade aumenta a cada dia; aumenta à medida que o conhecimento da eternidade se desenvolve em mim. Ó miséria! Como as maldigo, horas condenáveis, horas de egoísmo e de negligência, quando, desconhecendo toda caridade, todo devotamento, só pensava em meu bem-estar! Sejam malditas, humanas conciliações! Vãs preocupações de interesses materiais! Sejam malditas, porque me cegaram e me perderam! Estou corroída pelo desgosto incessante pelo tempo esvaído. Que lhe direi, a

você que me ouve? Vele sem trégua sobre si mesmo; ame os outros mais que a si mesmo; não se retarde nos caminhos do bem-estar; não cultive seu corpo às custas de sua alma; vigie, como dizia o Salvador a seus discípulos. Não me agradeça por estes conselhos: *meu Espírito os concebe, meu coração não os ouviu jamais*. Como um cão açoitado, o medo me faz rastejar, mas eu não conheço ainda o amor que salva. Sua divina aurora tarda muito a se erguer! Reze por minha alma ressequida e tão miserável!

III. Eu venho procurá-lo mesmo aqui, porque você se esquece de mim. Você acredita que preces isoladas, meu nome pronunciado, bastarão para o abrandamento de minha pena? Não, cem vezes não. Eu urro de dor; eu erro sem repouso, sem asilo, sem esperança, sentindo o eterno agulhão do castigo fincar-se em minha alma revoltada. Eu rio quando ouço os gemidos dos homens, quando vejo seu abatimento! Que são suas pálidas misérias! Que são suas lágrimas! Que são seus tormentos que o sono interrompe! Por acaso eu durmo, eu? Eu desejo — está ouvindo? — eu desejo que, deixando suas dissertações filosóficas, você se ocupe de mim; que você faça com que os outros também se ocupem. Não encontro expressões para pintar a angústia deste tempo que se esvai, sem que as horas marquem os períodos. Se a custo vejo um fraco raio de esperança, esta esperança foi você quem me propiciou; não me abandone, portanto.

IV. *O Espírito de São Luís*. — Este quadro é muito verdadeiro, pois não apresenta nenhum exagero. Alguém perguntará talvez o que fez essa mulher para ser tão mísera. Cometeu ela algum crime? Roubou? Assassinou? Não; ela nada fez que provocasse a justiça dos homens. Ela troçava, ao contrário, do que chamam de felicidade terrestre; beleza, fortuna, prazeres, adulações, tudo lhe sorria, nada lhe faltava, e diziam ao vê-la: Que mulher feliz! E invejavam sua sorte. O que fez ela? Foi egoísta; tinha tudo, exceto um bom coração. Se não violou a lei dos homens, violou a lei de Deus, pois ignorou a caridade, a primeira das virtudes. Amou somente a si mesma, agora não é amada por ninguém; nada ofereceu, nada lhe oferecem; está isolada, desamparada, abandonada, perdida no espaço onde ninguém pensa nela, ninguém se ocupa dela; é isso que a suplicia. Como procurou apenas os prazeres mundanos, e hoje esses prazeres não existem mais, o vácuo se fez em torno dela; ela só vê o nada, e o nada lhe parece a eternidade. Ela não sofre as torturas físicas, os diabos não vêm atormentá-la, mas isso não é necessário: ela se atormenta a si mesma, e sofre muito mais, pois esses diabos seriam ao menos seres que pensariam nela. O egoísmo promoveu sua alegria na Terra: mas continua perseguindo-a; é agora o verme que lhe corrói o coração, seu verdadeiro demônio.

SÃO LUÍS.

V. Eu lhes falarei da diferença significativa que existe entre a moral divina e a moral humana. A primeira assiste a mulher adúltera em seu abandono, e diz aos pecadores: “Arrependam-se e o reino dos céus lhes será aberto.” A moral divina enfim aceita todos os arrependimentos e todas as faltas confessadas, enquanto a moral humana repudia estas e admite, sorrindo, os pecados ocultos que, diz ela, são meio perdoados. Numa, a graça do perdão; noutra, a hipocrisia. Escolham, Espíritos ávidos de verdade! Escolham entre os céus abertos ao arrependimento e a permissividade que admite o mal que não perturba seu

egoísmo e suas falsas conciliações, mas que repudia o sofrimento e o pranto das faltas confessadas à luz do dia. Arrependam-se, todos vocês que pecam; renunciem ao mal, mas sobretudo renunciem à hipocrisia que disfarça a indignidade, com a máscara sorridente e traiçoeira das conveniências mútuas.

VI. Eu estou agora calma e resignada à expiação das faltas que cometi. O mal está em mim e não fora de mim; logo, sou eu que devo mudar e não as coisas externas. Nós trazemos conosco nosso céu e nosso inferno, e nossas faltas, gravadas na consciência, se leem fluentemente no dia da ressurreição, e nós somos então nossos próprios juízes, já que o estado de nossa alma nos soergue ou nos derruba. Eu me explico: um Espírito imundo e *entorpecido* por suas faltas não pode conceber nem desejar uma elevação que não poderia suportar. Notem bem: assim como as diferentes espécies de seres vivem cada uma na esfera que lhe é própria, assim também os Espíritos, segundo o grau de seu adiantamento, se movem no meio que é o de suas faculdades; apenas concebem outro quando o progresso, instrumento da lenta transformação das almas, os arranca dos seus pendores rasteiros, e os faz despojarem-se da crisálida do pecado, para que possam esvoaçar, antes de se arremeterem, rápidos como flechas, para Deus, agora o alvo único e desejado. Pobre de mim! Eu me arrasto ainda mas não odeio mais, e começo a compreender a inefável felicidade do amor divino. Reze sempre por mim, que confio e espero.

Na comunicação seguinte, Clara fala de seu marido, com quem ela sofrera muito quando viva, e da posição em que ele se encontra hoje no mundo dos Espíritos. Esse quadro, que ela mesma não conseguiu concluir, foi completado pelo guia espiritual do médium.

VII. Eu venho até você que me deixou tanto tempo no esquecimento; mas eu estou com paciência e não fico mais desesperada. Quer saber qual é a situação do pobre Félix; ele erra nas trevas, presa da profunda indigência da alma. Seu ser, superficial e leviano, imundo pela luxúria, ignorou sempre o amor e a amizade. O sofrimento não o iluminou nem mesmo com seus reflexos sombrios. Eu comparo seu estado presente àquele de uma criança inábil para os atos da vida e privada do auxílio de quem a assiste. Félix erra apavorado por esse mundo estranho onde tudo resplandece sob a luz de Deus, que ele negou...

VIII. *O guia do médium.* — Clara não pôde continuar a análise dos sofrimentos de seu marido, *sem senti-los também*; vou falar por ela.

Félix, que era tão superficial nas ideias quanto nos sentimentos, violento porque era fraco, devasso porque era frio, renasceu no mundo dos Espíritos nu moralmente, como nu estava fisicamente. *Durante a vida terrestre, nada aprendeu; por consequência, tem de começar tudo de novo.* Como um homem que desperta de um longo sonho e que reconhece o quanto era vã a agitação de seus nervos, esse pobre ser, saindo da perturbação, reconhecerá que viveu de quimeras que iludiram sua vida; ele amaldiçoará o materialismo que o fez abraçar o vácuo, quando acreditava cingir uma realidade; amaldiçoará o positivismo que o fez chamar as ideias de uma vida futura de devaneios; as aspirações, de loucuras e a crença em Deus, de fraqueza. O infeliz, despertando, verá que

os nomes de que caçou eram a fórmula da verdade, e que, ao reverso da fábula, a caça da presa foi menos proveitosa que aquela da sombra,

GEORGES.

Estudos sobre as comunicações de Clara.

Estas comunicações são sobretudo instrutivas no que nos mostram uma das faces mais comuns da vida: a do egoísmo. Aqui não se encontram os grandes crimes que espantam mesmo os homens perversos, mas a condição de uma multidão de pessoas que vivem no mundo, honradas e requestadas, porque têm um certo verniz e não caem sob a vindita das leis sociais. Esses também não são, no mundo dos Espíritos, castigos excepcionais, cujo quadro faça tremer, mas uma situação simples, natural, consequência de sua maneira de viver e do estado de sua alma; o isolamento, o desamparo, o abandono, eis a punição de quem viveu exclusivamente para si. Clara era, como se viu, um Espírito muito inteligente, mas um coração rude; na Terra, sua posição social, sua fortuna, seus dotes físicos lhe granjeavam homenagens que incensavam sua vaidade, e isso a satisfazia; ali ela só encontra a indiferença e o vácuo se fez em torno de si: punição mais pungente que a dor, porque mortifica, já que a dor inspira piedade, compaixão; é ainda um meio de granjear os olhares, de fazer ocuparem-se de si, de interessarem-se por sua sorte.

A sexta comunicação encerra uma ideia perfeitamente verdadeira, no que explica a obstinação de certos Espíritos no mal. A gente se espanta ao ver que são insensíveis ao pensamento, ao espetáculo mesmo da felicidade, que desfrutam os bons Espíritos. Eles estão exatamente na posição de homens degradados que se regozijam na lama e nos prazeres grosseiros e sensuais. Ali tais homens estão de alguma sorte em seu meio; eles não conseguem compreender os gozos delicados; preferem seus farrapos sujos às vestimentas limpas e decentes, porque assim ficam mais a seu gosto; em suas festas báquicas, nos prazeres da boa companhia. Eles estão de tal jeito identificados com esse gênero de vida, que isso se tornou para eles uma segunda natureza; eles se acreditam mesmo incapazes de se elevar acima de sua esfera: eis porque ali permanecem, até que uma transformação de seu ser haja aberto sua inteligência, desenvolvendo neles o senso moral, e os haja tornado acessíveis às sensações mais sutis.

Esses Espíritos, quando estão desencarnados, não podem instantaneamente adquirir a delicadeza do sentimento, e, durante um tempo mais ou menos longo, ocuparão os *bas-fonds* do mundo espiritual, como ocuparam os do mundo corpóreo; ali permanecerão enquanto forem rebeldes ao progresso; mas, ao longo do tempo, com a experiência, as tribulações, as desgraças das encarnações sucessivas, chega um momento em que figuram alguma coisa melhor do que o que têm; suas aspirações se elevam; eles começam a perceber o que lhes falta, e é então que fazem esforços para aprender e se elevar. Uma vez nessa estrada, seguem com rapidez, porque conheceram uma satisfação que lhes parece bem superior e perto da qual as outras, sendo apenas grosseiras sensações, acabam por lhes causar repugnância.

P. (*A São Luís.*) *O que se deve entender por trevas onde imergiram certas almas sofredoras? Seriam essas as trevas das quais se fala tão frequentemente na Escritura?* — R. Trata-se, na realidade, das trevas designadas por Jesus e os profetas, referindo-se ao castigo dos maus. Mas não passa mesmo assim de uma figura destinada a abalar os sentimentos materiais de seus contemporâneos, que não deviam compreender a punição de uma forma espiritual. Certos Espíritos imergem nas trevas mas precisa entender que se trata de uma verdadeira noite da alma, comparável à obscuridade de que está tocada a inteligência do idiota. Não é uma loucura da alma mas uma inconsciência de si mesma e do que a rodeia, que se produz tanto na presença quanto na ausência da luz material. Acima de tudo, é a punição dos que duvidaram do destino de seu ser; eles acreditaram no nada e a ilusão desse nada vem supliciá-los, até que a alma, examinando-se a si mesma, venha romper com energia a rede da exasperação moral que a prende; igualmente, um homem agoniado por um sonho penoso luta em dado momento, com todo o vigor de suas faculdades, contra os terrores pelos quais se deixou de início dominar. Essa subjugação momentânea da alma a um nada fictício, com o sentimento de sua existência, é um sofrimento mais cruel do que se possa imaginar, em razão dessa ilusão de repouso de que está tocada; esse repouso forçado, essa nulidade de seu ser, essa incerteza, eis o que a suplicia; é o tédio de que se agonia o castigo mais terrível, pois ela não percebe nada em torno de si, nem coisas, nem seres; são estas para ela as verdadeiras trevas.

SÃO LUÍS.

(*Clara.*) Eis-me aqui. Eu posso responder também à questão sobre as trevas, pois vaguei e sofri por longo tempo nesses limbos onde tudo são prantos e tristezas. Sim, as trevas visíveis das quais fala a Escritura existem, e os infelizes que, tendo terminado suas provações terrestres, deixam a vida, inconscientes ou culpados, imergem nessa fria região, inconscientes de si mesmos e de seus destinos. Eles acreditam na eternidade de sua situação, balbuciam novamente as palavras da vida que os seduziram, assustam-se e amedrontam-se com sua grande solidão; é nessas trevas, nesse lugar vazio e povoado, nesse espaço que, transtornados, gementes, os pálidos Espíritos vagam sem consolos, sem afeições, sem nenhum socorro. A quem clamar?... Sentem ali a eternidade pesar sobre eles; tremem e deploram a perda dos mesquinhos interesses que cadenciaram suas horas; eles deploram a perda da noite que, sucedendo ao dia, transformava tantas vezes suas preocupações em um sonho feliz. As trevas são para os Espíritos: a inconsciência, o vácuo e o horror do desconhecido... Eu não posso continuar...

CLARA.

Também foi dada para essa obscuridade a explicação seguinte:

O perispírito possui, por sua natureza, uma propriedade luminosa que se desenvolve sob o comando da atividade e das qualidades da alma. Pode-se dizer que essas qualidades estão para o fluido perispiritual como a fricção está para o fósforo. O brilho da luz está na razão da pureza do Espírito; as menores imperfeições morais a toldam e a enfraquecem. A luz que irradia de um Espírito é assim tanto mais viva quanto ele seja

evoluído. Sendo o Espírito de algum modo sua *lâmpada*, vê mais ou menos segundo a intensidade da luz que produz; donde resulta que aqueles que não produzem nenhuma ficam na obscuridade.

Essa teoria é perfeitamente justa quanto à irradiação do fluido luminoso pelos Espíritos superiores, o que é confirmado pela observação; mas ali não parece estar a causa verdadeira, ou pelo menos única, do fenômeno em pauta, tendo em vista: 1.º) que todos os Espíritos inferiores não estão nas trevas; 2.º) que o mesmo Espírito pode encontrar-se, alternativamente, na luz e na obscuridade; 3.º) que a luz é um castigo para certos Espíritos imperfeitos. Se a obscuridade onde imergem certos Espíritos fosse inerente à sua personalidade, ela seria *permanente e geral* para todos os maus Espíritos, o que não acontece, dado que os Espíritos de pior perversidade veem perfeitamente, enquanto outros, que não se devem qualificar de perversos, estão temporariamente em profundas trevas. Tudo assim comprova que, além da que lhe é própria, os Espíritos recebem igualmente uma luz exterior que lhes faz falta segundo às circunstâncias; donde é forçoso concluir que essa obscuridade depende de uma causa ou vontade estranha e que ela constitui uma punição especial para casos determinados pela soberana justiça.

P. (*A São Luís*). *Donde vem que a educação moral dos Espíritos desencarnados é mais fácil que aquela dos encarnados?* As relações estabelecidas pelo Espiritismo entre os homens e os Espíritos propiciaram um meio de se observar que estes últimos se emendam mais rapidamente sob a influência de conselhos salutareos do que aqueles que estão encarnados, conforme se vê pelas curas das obsessões.

R. (Sociedade de Paris.) — O encarnado, por sua natureza mesmo, permanece em um estado de luta incessante em razão dos elementos contrários de que se compõe e que devem conduzi-lo a seu fim providencial, reagindo um sobre o outro. A matéria sofre facilmente o domínio de um fluido exterior; se a alma não reage com toda a força moral de que é capaz, ela se deixa dominar por intermédio de seu corpo e segue a impulsão de influências perversas de que se envolve, e isso com uma facilidade tanto maior quanto mais os invisíveis que a oprimem ataquem de preferência os pontos mais vulneráveis, as tendências para a paixão dominante.

Para o Espírito desencarnado, tudo se passa de outro jeito; ele está ainda, isto é verdade, sob uma influência semimaterial, mas esse estado não tem nada comparável ao do encarnado. O respeito humano, tão preponderante para os homens, é nulo para ele; e esse pensamento não poderia constrangê-lo a resistir por um longo tempo às razões que seu próprio interesse lhe mostra como boas. Ele pode lutar, e é o que geralmente faz com mais violência do que o encarnado, porque é mais livre e nenhuma visão mesquinha de interesse material, de posição social, vem entravar seu julgamento. Ele luta por amor ao mal, mas adquire cedo o sentimento de sua impotência face a face com a superioridade moral que o domina; a visão de um futuro melhor lhe ocorre com mais facilidade, porque está na estrada mesmo onde esse futuro deve cumprir-se, e essa perspectiva não se dilui no turbilhão dos prazeres humanos; em uma palavra, não estando mais sob a influência da carne, isso torna sua conversão mais fácil, quando especialmente adquiriu um certo desenvolvimento pelas provações que venceu. Um Espírito inteiramente primitivo teria um

mínimo acesso ao raciocínio, mas é diferente com quem já possui a experiência da vida. Aliás, junto ao encarnado, tanto quanto junto ao desencarnado, é sobre a alma, é pelo sentimento, que se precisa agir. Toda ação material pode suspender momentaneamente os sofrimentos do homem vicioso, ela, porém, não pode destruir o princípio mórbido que está na alma; *todo ato que não busque melhorar a alma não alcança afastá-la do mal.*

SÃO LUÍS.

CAPÍTULO V

SUICIDAS

O SUICIDA DA SAMARITANA

A 7 de abril de 1858, pelas sete horas da noite, um homem de uns cinquenta anos, vestido como um cavalheiro, apresentou-se no estabelecimento da Samaritana, em Paris, e encomendou um banho. Admirando-se o empregado, após um intervalo de duas horas, de que esse indivíduo não o chamava, decidiu entrar em sua cabina para ver se não estava indisposto. Foi então testemunha de um horrífico espetáculo: o infeliz tinha cortado a garganta com uma navalha e todo o seu sangue se havia misturado à água da banheira. Não podendo ser estabelecida a identidade, transportou-se o cadáver para o necrotério.

O Espírito desse homem, evocado na Sociedade de Paris, seis dias após sua morte, forneceu as respostas seguintes:

1. *Evocação.* (Resposta do guia do médium.) Espere... ele está aqui.
2. Onde está o senhor agora? — R. Eu não sei... Diga-me, onde estou.
3. O senhor se encontra em um grupo de pessoas que se ocupam de estudos espíritas e que são benfazejas consigo. — R. Diga-me se eu estou vivo... Eu sufoco no caixão.

Sua alma, embora separada do corpo, está ainda completamente imersa no que se poderia chamar de turbilhão da matéria corpórea; as ideias terrestres estão ainda vivazes; ele não se julga morto.

4. Quem o compeliu a vir a nós? — R. Senti que me ajudavam.
5. Que motivo o levou a suicidar-se? — R. Eu estou morto?... Não... Eu habito meu corpo... Os senhores não sabem o quanto eu sofro.... Eu sufoco... Que u'a mão complacente busque acabar comigo!
6. Por que o senhor não deixou nenhum indício que o pudesse dar a conhecer? — R. Eu estou abandonado; *fugi do sofrimento para encontrar a tortura.*
7. Tem agora os mesmos motivos para permanecer incógnito? — R. Sim; não coloquem um ferro em brasa na ferida que sangra.
8. Gostaria de nos dizer seu nome, sua idade, sua profissão, seu domicílio? — Não... Absolutamente não.

9. Tinha uma família, uma mulher, filhos? — R. Estava abandonado; nenhum ser me amava.

10. O que fez o senhor para não ser amado por ninguém? — R. Quantos estão como eu!... Um homem pode ficar abandonado no meio de sua família, quando nenhum coração o ama.

11. No momento de executar o suicídio, não experimentou nenhuma hesitação? — R. Eu tinha sede da morte... Eu esperava o repouso.

12. Como o pensamento do futuro não o fez renunciar a seu projeto? — R. Não acreditava mais nisso; estava sem esperança; o futuro é a esperança.

13. Que reflexões fez o senhor no momento em que sentiu a vida extinguir-se-lhe? — R. Eu não refleti, eu senti... Mas **minha** vida não está extinta... Minha alma está ligada a meu corpo... *Sinto os vermes que me corroem.*

14. Que sentimentos o senhor experimentou no momento em que a morte se completou? — R. Está completa?

15. O momento em que a vida se extinguia em si foi doloroso? — R. Menos doloroso que depois. Somente o corpo sofreu.

16. (*Ao Espírito de São Luís.*) Que entende o Espírito ao dizer que o momento da morte foi menos doloroso que depois? — R. O Espírito descarregava um fardo que lhe pesava; ele ressentia a volúpia da dor.

17. Esse estado é sempre a consequência do suicídio? — R. Sim; o Espírito do suicida está ligado a seu corpo até o término de sua vida; a morte natural é a alforria da vida; o suicídio a despedaça completamente.

18. Esse estado é o mesmo para toda morte acidental, independente da vontade, que abrevia a duração natural da vida? — R. Não... Que entendem os senhores por suicídio? O Espírito não é culpado senão de suas obras.

Esta dúvida da morte é muito comum junto às pessoas falecidas há pouco e sobretudo junto àquelas que, durante sua vida, não elevaram sua alma acima da matéria. É um fenômeno bizarro à primeira vista, mas que se explica muito naturalmente. Se a um indivíduo, posto em sonambulismo pela primeira vez, se pergunta se dorme, ele responde, quase sempre, *não*, e sua resposta é lógica: é o interrogador quem coloca mal a questão servindo-se de um termo impróprio. A ideia de sono, em nossa língua usual, se liga à suspensão de todas as faculdades sensitivas; ora, o sonâmbulo que pensa, que vê e que sente, que tem a consciência de sua liberdade moral, não crê dormir e, com efeito, ele não dorme, na acepção vulgar da palavra. Eis porque ele responde *não* até que esteja familiarizado com essa maneira de entender o fato. Acontece o mesmo junto ao homem que acaba de morrer; para ele, a morte era o aniquilamento do ser; ora, como o sonâmbulo, ele vê, sente e fala; logo, para si, ele não está morto, e ele o diz até que adquira a intuição de seu novo estado. Essa ilusão é sempre mais ou menos penosa, porque ela não é jamais completa e porque deixa o Espírito em uma certa ansiedade. No exemplo acima, ela é um verdadeiro suplício, pela sensação dos vermes que corroem o corpo e por sua duração, que deve ser a que teria a vida desse homem se ele não a houvesse abreviado. Este estado é frequente junto aos suicidas, mas não se apresenta sempre em condições idênticas; varia sobretudo quanto à duração e à intensidade, segundo as circunstâncias agravantes ou atenuantes da falta. A sensação dos vermes e da decomposição do corpo nem ao menos é particular aos suicidas; ela é frequente junto àqueles que tiveram uma vida mais material do que espiritual. Em princípio, não existe falta impune; mas não existe também uma regra uniforme e absoluta quanto aos meios de punição.

O PAI E O RECRUTADO

No começo da guerra contra a Itália, em 1859, um negociante de Paris, pai de família, desfrutando da estima geral de todos os seus vizinhos, tinha um filho que o sorteio havia chamado para o serviço militar; achando-se, por sua posição, na impossibilidade de dispensá-lo do serviço, teve a ideia de se suicidar, a fim de isentá-lo como filho único de viúva. Ele foi evocado um ano após, na Sociedade de Paris, a pedido de uma pessoa que o havia conhecido e que desejava conhecer sua sorte no mundo dos Espíritos.

(*A São Luís.*) — Gostaria de nos dizer se nós podemos evocar o homem de quem se acaba de falar? — R. Sim, ele ficará mesmo muito feliz, pois ficará um pouco aliviado.

1. *Evocação.* — R. Oh! Obrigado! Eu sofro muito, mas... é justo; no entanto, ele me perdoará.

O Espírito escreve com grande dificuldade; as letras são irregulares e mal formadas; após a palavra mas, para, tenta em vão escrever, e faz apenas alguns rabiscos indecifráveis e pontos. É evidente que é a palavra Deus que ele não pôde escrever.

2. Preencha a lacuna que o senhor deixou. — R. Eu sou indigno disso.

3. O senhor disse que sofre; agiu mal sem dúvida ao se suicidar, mas o motivo que o levou a esse ato não o fez merecedor de alguma indulgência? — R. Minha punição será menos longa, mas a ação não foi menos má por isso.

4. Poderia descrever-nos a punição que sofre? — R. Sofro duplamente, em minha alma e em meu corpo; sofro neste último, conquanto não o possua mais, como o amputado sofre em seu membro ausente.

5. Sua ação teve seu filho como único motivo; o senhor não foi induzido por nenhuma outra causa? — R. O amor paternal me guiou tão só, mas me guiou mal; em razão desse motivo, minha pena será abreviada.

6. O senhor prevê o fim de seus sofrimentos? — R. Não sei quando terminarão; mas tenho a certeza de que esse fim existe, o que é um alívio para mim.

7. Agora mesmo, o senhor não pôde escrever o nome de *Deus*; vimos, contudo, Espíritos muito sofredores escrevê-lo; isso faz parte de sua punição? — R. Eu o poderei após grandes esforços de arrependimento.

8. Muito bem! Faça grandes esforços e busque escrevê-lo; nós estamos convencidos de que, se conseguir, lhe será um alívio.

O Espírito acabou por escrever, em letras irregulares, tremidas e muito grandes: “Deus é bem bom.”

9. Nós sabemos de sua vontade de atender a nosso chamado, e rogaremos a Deus pelo senhor, a fim de chamar sua misericórdia sobre o senhor. — R. Sim, por favor.

10. (*A São Luís.*) Gostaria de nos oferecer sua apreciação pessoal sobre a conduta do Espírito que acabamos de evocar? — R. Este Espírito sofre justamente, pois lhe faltou confiança em Deus, o que é uma falta sempre punível; a punição seria terrível e muito longa se não tivesse em seu favor um motivo louvável, que era o de impedir seu filho de antecipar a morte; Deus, que vê o âmago dos corações e que é justo, apenas o puniu segundo suas obras.

Observações. — À primeira vista, este suicídio parece escusável, porque pode ser considerado como ato de dedicação; ele o é, com efeito, mas não o é completamente. Assim como disse o Espírito de São Luís, esse homem faltou com a confiança em Deus. Por sua ação, talvez tenha impedido que o destino de seu filho se cumprisse; primeiro, não é certo que este morresse na guerra; talvez essa carreira lhe desse a oportunidade de fazer alguma coisa que teria sido útil a seu adiantamento. Sua intenção, sem dúvida, era boa, por isso lhe foi levada em conta; a intenção atenua o mal e dá direito à indulgência, mas não impede que o mal seja o mal; sem isso, em favor do pensamento, a gente poderia escusar todos os malfeitos, e se poderia mesmo matar sob o pretexto de prestar serviço. U'a mãe que mata seu filho na crença de que o envia direto ao céu é menos culpada, porque o fez com boa intenção? Por esse sistema, a gente justificaria todos os crimes que um fanatismo cego cometesse nas guerras religiosas.

Em princípio, o homem não tem o direito de dispor de sua vida, porque ela lhe foi dada em vista *dos deveres que teria de cumprir na Terra*; eis porque não pode abreviá-la voluntariamente, sob nenhum pretexto. Como possui seu livre-arbítrio, ninguém pode impedi-lo, mas ele sofre sempre suas conseqüências. O suicídio mais severamente punido é o que se comete pelo desespero e na intenção de se livrar das misérias da vida; sendo essas misérias, ao mesmo tempo, provações e expiações, subtrair-se delas é recuar diante da obrigação que se havia aceitado, às vezes mesmo ante a missão que se tinha de realizar.

O suicídio não consiste somente no ato voluntário que produz a morte instantânea; ele se encontra também em tudo o que se faz, com conhecimento de causa, para acelerar prematuramente a extinção das forças vitais.

Não se pode comparar ao suicídio a dedicação de quem se expõe a u'a morte iminente para salvar seu semelhante; primeiro, porque não há, neste caso, nenhuma intenção premeditada de se subtrair à vida, e, segundo, porque não há perigo donde a Providência não nos possa retirar, se a hora de deixar a Terra não chegou. A morte, caso aconteça em tais circunstâncias, é um sacrifício meritório, pois é fruto de uma abnegação em proveito de outrem. (*O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. V, n.^{os} 53 e 65 a 67.)

FRANCISCO SIMÃO LOUVET (do Havre)

A comunicação seguinte foi oferecida espontaneamente em uma reunião espírita, no Havre, a 12 de fevereiro de 1863:

“Tenham os senhores piedade de um pobre miserável que sofre há muito tempo de torturas tão cruéis! Oh! O vazio... O espaço... Eu caio, eu caio, socorro!... Meu Deus, eu tive uma vida tão miserável!... Eu era um pobre diabo; sofria muitas vezes de fome em meus velhos dias; eis porque me pus a beber e tinha vergonha e desgosto de tudo... Eu queria morrer e me joguei... Oh! Meu Deus, que momento!... Por que desejar acabar com ela, quando estava tão próximo do fim? Rezem, para que eu não veja nunca mais *esse vazio abaixo de mim!*... Vou arrebear-me nas pedras!... Eu os conjuro, aos senhores que têm conhecimento das misérias dos que não estão mais nesse mundo eu me dirijo aos senhores, conquanto não me conheçam, porque sofro tanto... Por que desejar provas? Eu sofro, não é o bastante? Se tivesse fome, ao invés deste sofrimento mais terrível, mas invisível para os senhores, não hesitariam em me aliviar dando-me um pedaço de pão. Eu lhes peço rezar por mim... Não posso ficar por mais tempo... Perguntem a um destes seres felizes que estão aqui e saberão quem eu era. Rezem por mim.

FRANCISCO SIMÃO LOUVET.

O guia do médium. — Aquele que acaba de se endereçar a você, meu filho, é um pobre infeliz que tinha uma provação de miséria na Terra, mas o desgosto lhe roubou; a coragem lhe falhou, e o infelizmente, em vez de olhar para o alto, como teria de fazer, se abandonou à embriaguez; ele desceu aos últimos limites do desespero e pôs um fim à sua triste provação jogando-se da torre de Francisco I, a 22 de julho de 1857. Tenham piedade de sua pobre alma, que não é avançada, mas que possui, no entanto, suficiente conhecimento da vida futura para sofrer e desejar uma nova provação. Roguem a Deus para conceder-lhe essa graça, e os senhores farão uma boa obra.

Realizando-se pesquisas, encontrou-se no *Jornal do Havre*, de 23 de julho de 1857, o artigo seguinte, cuja substância aqui está:

“Ontem, às quatro horas, os transeuntes do cais foram dolorosamente surpreendidos por um horrível acidente: um homem se jogou da torre e se arrebeou nas pedras. Era um velho puxador de sirga, cuja queda para a bebedeira o levou ao suicídio. Ele se chama Francisco Vítor Simão Louvet. Seu corpo foi transportado para a casa de uma de suas filhas, Rua da Cordoaria; tinha sessenta e sete anos.”

Após quase seis anos desde que esse homem morreu, ele se vê novamente caindo da torre, indo arrebeoar-se nas pedras; ele se assusta com o vazio que tem diante de si; encontra-se nos receios do tombo... E isso há seis anos! Quanto isso vai durar? Ele não sabe, e essa incerteza aumenta suas angústias. Isso não corresponde ao inferno e suas chamas? Quem revelou esses castigos? Foram inventados? Não; são aqueles mesmos que os suportam que vêm descrevê-los, como outros descrevem suas alegrias. Amiúde o fazem espontaneamente, sem que se pense neles, o que exclui toda ideia de que a gente seja joguete da própria imaginação.

MÃE E FILHO

No mês de março de 1865, o Sr. C., negociante em uma cidadezinha perto de Paris, tinha em casa um filho de vinte e um anos gravemente enfermo. O rapaz, sentindo que era chegada a hora de expirar, chamou a mãe e teve ainda força para abraçá-la. Esta lhe falou em meio a lágrimas abundantes: “Vá, meu filho, preceda-me; eu não tardarei a segui-lo.” Ato contínuo, ela saiu tapando o rosto com as mãos.

As pessoas que se encontravam presentes a esta cena de cortar o coração, consideraram as palavras da senhora C. como simples explosão de dor, que o tempo e a razão deviam apaziguar. Entrementes, havendo o enfermo sucumbido, procurou-se ela por toda a casa e se encontrou enforcada no celeiro. O enterro da mãe se fez em conjunto com o do filho.

Evocação do filho diversos dias após o evento. — Tem você conhecimento da morte de sua mãe, que se suicidou sucumbindo ao desespero que lhe causou sua perda?

R. Sim, e sem o desgosto que me causou o episódio de sua fatal resolução, eu estaria perfeitamente feliz. Pobre e excelente mãe! Ela não pôde suportar a provação dessa separação momentânea, e tomou, para se reunir ao filho que amava, a estrada que devia distanciá-lo dela — pobre de mim! — por muito tempo. Ela retardou assim indefinidamente essa reunião *que teria sido tão rápida* se a submissão aos desígnios do Senhor houvesse preenchido sua alma e se ela se houvesse resignado, humilde e arrependida, perante a provação que ia sofrer e a expiação que ia purificá-la!

Rezem! Oh! Rezem por ela!... E sobretudo não a imitem, mães que se enterneceram pela triste descrição de sua morte! Não creiam que ela amava ainda mais que as outras mães a esse filho que era sua alegria e seu orgulho; não, ela não amava ainda mais; é que lhe faltou coragem e resignação. Mães que me escutam, quando virem a agonia tapar os olhos sem brilho de seus filhos, lembrem-se de que, como o Cristo, eles sobem ao cimo do Calvário, de onde podem elevar-se para a glória eterna.

BENJAMIM C.

Evocação da mãe. — Eu quero ver meu filho! Têm os senhores o poder de me devolver?... Os cruéis!... Tomaram-no de mim para conduzi-lo à luz e me deixaram na noite!... Eu o quero, eu o quero... Ele me pertence!... Então nada é o amor maternal?... Quê! Havê-lo levado por nove meses, nutrido com seu leite a carne de sua carne, o sangue de seu sangue; haver guiado seus primeiros passos; tê-lo ensinado a balbuciar o nome sagrado de Deus e o doce nome de mãe; ter feito dele um homem pleno de atividade, de inteligência, de honestidade, de retidão, de amor filial, e perdê-lo quando ele realizava as esperanças que se haviam imaginado, quando um brilhante futuro se abria diante dele!

Não, Deus não é justo; não é o Deus das mães; ele não compreende o desespero e o sofrimento delas... E quando eu me proporciono a morte para não deixar meu filho, roubam-no de mim novamente!... Meu filho! Meu filho! Onde está você?

O evocador. Pobre mãe, nós nos compadecemos com seu sofrer; mas a senhora optou por um método funesto para se reunir a seu filho; o suicídio é um crime aos olhos de Deus, e a senhora teria de pensar que ele pune toda infração às suas leis. Privá-la da visão de seu filho é sua punição.

A mãe. Não; eu acreditava Deus melhor que os homens; eu não acreditava em seu inferno, mas na reunião eterna das almas que se amam como nós nos amamos; eu me enganei... Não é o Deus justo e bom, uma vez que não compreendeu a imensidade de minha dor e de meu amor!... Oh! Quem me devolverá meu filho?! Será que o perdi para sempre? Piedade! Piedade, meu Deus!

O evocador. Vejamos; acalme seu desespero; pense que, se existe um meio para rever seu filho, esse não é blasfemando contra Deus, como a senhora faz. Em vez de torná-lo favorável, a senhora atrai sobre si maior severidade.

A mãe. Eles me disseram que eu não iria revê-lo mais; eu entendi que foi para um paraíso que o levaram. E eu, eu estou então no inferno?... No inferno das mães?... Ele existe, como eu bem vejo.

O evocador. Seu filho não está perdido sem volta, creia-me; a senhora irá revê-lo certamente; mas precisa merecê-lo por sua submissão à vontade de Deus, enquanto por sua revolta a senhora pode retardar esse momento indefinidamente. Escute-me: Deus é infinitamente bom, mas é também infinitamente justo. Ele jamais pune sem causa e, se lhe infligiu grandes dores na Terra, foi porque as fez por merecer. A morte de seu filho era uma provação para sua resignação; infelizmente, a senhora sucumbiu quando viva, e eis que após sua morte a senhora sucumbe de novo; como deseja que Deus recompense seus filhos rebeldes? Mas ele não é inexorável; ele acolhe sempre o arrependimento do culpado. Se a senhora tivesse aceitado sem murmúrio e com humildade a provação que lhe enviava através dessa separação momentânea, e se tivesse esperado pacientemente que aprovesse a ele retirá-la da Terra, à sua entrada no mundo onde está agora, imediatamente teria revisto seu filho, que teria vindo recebê-la e estender-lhe os braços; a senhora teria tido a alegria de vê-lo radioso, após esse tempo de ausência. O que a senhora fez e o que faz novamente neste momento, coloca entre a senhora e ele uma barreira. Não julgue que ele esteja perdido nas profundezas do espaço; não, está mais perto da senhora do que julga; mas um véu impenetrável o rouba à sua vista. Ele a vê, ele a ama sempre, e lastima a funesta situação onde a mergulhou sua falta de confiança em Deus; ele implora, com todas as suas juras, o momento afortunado quando lhe será permitido mostrar-se à senhora; depende tão só da senhora antecipar ou retardar esse momento. Rogue a Deus, e diga comigo:

“Meu Deus, perdoe-me por ter duvidado de sua justiça e de sua bondade; se o Senhor me puniu, reconheço que o mereci. Digne-se aceitar meu arrependimento e minha submissão à sua santa vontade.”

A mãe. Que brilho de esperança o senhor fez luzir em minha alma! Foi uma luz na noite que me envolve. Obrigada, eu vou orar. Adeus.

C.

A morte, ainda que pelo suicídio, não produziu nesse Espírito a ilusão de se julgar ainda vivo; ele tem perfeitamente consciência de seu estado; é que, em outros, a punição consiste nessa ilusão mesma, nos liames que os prendem a seus corpos. Esta mulher desejou deixar a Terra para seguir o filho, no mundo em que ele havia entrado: precisava que ela soubesse que estava nesse mundo para ser punida, não encontrando o filho ali. Sua punição é precisamente a de saber que não vive mais corporeamente, e a do conhecimento que tem de sua situação. É assim que cada falta é punida pelas circunstâncias que a acompanham, e que não há punições uniformes e constantes para as faltas do mesmo gênero.

DUPLO SUICÍDIO POR AMOR E POR DEVER

Um jornal de 13 de junho de 1862 continha a notícia seguinte:

“A senhorita Palmira, modista, morando na casa de seus pais, era dotada de um aspecto encantador, ao qual se juntava o mais amável caráter; por isso, era ela pretendida em casamento. Entre os aspirantes à sua mão, ela havia distinguido o senhor B., que experimentava por ela uma viva paixão. Amado-o muito ela mesma, acreditou, no entanto, dever, por respeito filial, render-se aos desejos de seus pais, esposando o senhor D., cuja posição social parecia a eles mais vantajosa que a de seu rival.

“Os senhores B. e D. eram amigos íntimos. Não tendo, embora, nenhuma relação de interesse juntos, eles não pararam de se ver. O amor entre B. e de Palmira, agora senhora D., não se enfraqueceu nem um pouco e, como eles se esforçassem por reprimi-lo, aumentava em razão mesmo da violência que lhe faziam. Para tentar extingui-lo, B. decidiu casar-se. Esposou uma jovem possuidora de eminentes qualidades e fez todo o possível para amá-la; mas não tardou a se aperceber de que esse meio heroico era impotente para curá-lo. Entretanto, durante quatro anos, nem B. nem a senhora D. faltaram a seus deveres. O que tiveram de sofrer não se saberia expressar, porque D., que amava verdadeiramente seu amigo, o atraía sempre para sua casa e, quando ele desejava fugir, o constringia a ficar.

“Os dois amantes, aproximados um dia por uma circunstância fortuita que eles não procuraram, se deram conta do estado de sua alma e concordaram em pensar que somente a morte seria o remédio para os males que experimentavam. Resolveram morrer juntos e colocar seu projeto em execução no dia seguinte, devendo o senhor D. estar ausente de seu domicílio uma grande parte do dia. Após haverem realizado seus últimos preparativos, escreveram uma longa e tocante carta, explicando a causa da morte que se davam para não faltarem a seus deveres. Terminava por um pedido de perdão e o pedido de serem reunidos em um mesmo túmulo.

“Quando o senhor D. voltou, encontrou-os asfixiados. Ele respeitou seu último desejo, e anuindo que no cemitério não ficassem separados.

Tendo sido proposto esse acontecimento na Sociedade de Paris como objeto de estudo, um Espírito respondeu:

“Os dois amantes que se suicidaram não podem ainda responder-lhes; eu os vejo; estão imersos em perturbação e assustados com o sopro da eternidade. As consequências morais de sua falta os castigará durante *migrações sucessivas*, quando suas almas separadas se buscarão sem parar e sofrerão o duplo suplício do pressentimento e do desejo. Completada a expiação, serão reunidos para sempre no seio do eterno amor. Em oito dias, em sua próxima sessão, os senhores poderão evocá-los; eles virão, mas não se verão: uma noite profunda os ocultará por muito tempo um ao outro.”

1. *Evocação da mulher.* — A senhora vê seu amante, com o qual se suicidou? — R. Eu não vejo nada; não vejo sequer os Espíritos que rondam comigo na morada onde estou. Que noite! Que noite! E que véu espesso sobre minha vista!

2. Que sensação a senhora experimentou quando despertou após sua morte? — R. Estranha! Eu tinha frio e eu queimava; o gelo corria em minhas veias e o fogo pousava sobre minha cabeça! Coisa estranha, mistura inaudita! O gelo e o fogo parecendo extinguir-me! Pensei que fosse sucumbir uma segunda vez.

3. A senhora sentiu uma dor física? — R. Todo o meu sofrimento está *aqui e aqui*. — Que quereis dizer com esse *aqui e aqui*? *Aqui*, em meu cérebro; *aqui*, em meu coração.

É provável que, se pudéssemos ver o Espírito, seria visto levar a mão à cabeça e ao coração.

4. A senhora acredita que estará sempre nessa situação? — R. Oh! Sempre, sempre! Eu ouço às vezes risos infernais e vozes apavorantes que me urram estas palavras: “Sempre assim!”

5. Muito bem! Nós podemos dizer-lhe com toda a segurança que não será sempre assim; arrependendo-se, a senhora obterá seu perdão. — R. Que o senhor disse? Eu não ouço.

6. Eu lhe repito que seus sofrimentos alcançarão um termo, que a senhora poderá antecipar com seu arrependimento e nós a ajudaremos através da prece. — R. Eu só ouvi uma palavra e vagos sons; essa palavra, é *graça*! É sobre a *graça* que o senhor desejou falar? Falou da *graça*: é sem dúvida a alma que passa ao meu lado, pobre criança que chora e que espera.

Uma senhora da Sociedade diz que acaba de endereçar uma prece a Deus, para essa infortunada, e que, sem dúvida, foi isso que a enterneceu; dado que ela havia, com efeito, mentalmente implorado para ela a graça de Deus.

7. A senhora disse que está nas trevas; é verdade que não nos vê? — R. Permite-me ouvir algumas palavras que o senhor pronuncia, mas eu vejo somente um crepe negro sobre o qual se delineia, em certas horas, uma cabeça que chora.

8. Se a senhora não vê seu amante, não sente ao menos a presença dele ao seu lado, já que ele está aqui? — R. Ah! Não me fale dele; eu tenho de esquecê-lo por ora, se desejo que do crepe se desfaça a imagem que aí vejo traçada.

9. Qual é essa imagem? — R. A de um homem que sofre e cuja existência moral eu mortifiquei na Terra, por um longo tempo.

Lendo esse relato, a gente se dispõe logo no princípio a encontrar para esse suicídio circunstâncias atenuantes, a vê-lo mesmo como um ato heroico, dado que foi provocado pelo sentimento do dever. Vê-se que foi julgado de outro modo e que a pena dos culpados é longa e terrível por se refugiarem voluntariamente na morte a fim de fugir da luta; a intenção de não faltar a seu dever é estimável sem dúvida, e isso lhes será levado em conta mais tarde, mas o verdadeiro mérito consistiria em vencer a tentação; entretanto, eles fizeram como o desertor que se esquiva ao momento do perigo.

A pena dos dois culpados consistirá, como se vê, em se procurarem por muito tempo sem se encontrarem, *seja no mundo dos Espíritos, seja em outras encarnações terrestres*; ela se encontra momentaneamente agravada pela ideia de que seu estado presente deve durar para sempre; fazendo esse pensamento parte do castigo, não lhes foi permitido ouvir as palavras de esperança que lhes foram endereçadas. Aos que acharem essa pena mui terrível e mui longa, sobretudo porque só deve cessar após diversas encarnações, nós diremos que sua duração não é absoluta e que dependerá da maneira como suportarão suas provações futuras, no que se pode ajudá-los pela prece; eles serão, como todos os Espíritos culpados, os árbitros de seu próprio destino. Isso, entretanto, não é ainda melhor do que a danação eterna, sem esperança, à qual estão irrevogavelmente condenados, segundo a doutrina da Igreja, que de tal modo os vê como votados para sempre ao inferno que lhes recusou as últimas preces, sem dúvida como sendo inúteis?

LUÍS E A PESPONTEIRA DE BOTINAS

Há sete ou oito meses, um sujeito chamado Luís G., oficial sapateiro, fazia a corte a uma senhorita Vitorina R., pespontadeira de botinas, com a qual deveria casar-se muito proximamente, já que os proclamas estavam em curso de publicação. Estando as coisas nesse ponto, os jovens se consideravam quase como definitivamente unidos, e, por medida de economia, o sapateiro vinha todo dia tomar suas refeições na casa da futura esposa.

Um dia, tendo Luís vindo, como de costume, cear na casa da pespontadeira de botinas, uma discussão sobreveio a troco de uma futilidade; eles se obstinaram de uma parte e de outra, e as coisas chegaram a tal ponto que Luís deixou a mesa e partiu jurando nunca mais voltar.

No dia seguinte, no entanto, o sapateiro veio pedir perdão; a noite é boa conselheira, isto se sabe; mas a operária, prejulgando talvez, a exemplo da cena da

véspera, o que poderia sobrevir quando não houvesse mais tempo para se voltar atrás, recusou-se a se reconciliar e protestos, lágrimas, desespero, nada conseguiu dobrá-la. Diversos dias passaram desde aquele do desentendimento; Luís, esperando que sua bem-amada estivesse mais tratável, desejou tentar um último entendimento: ele chega assim e bate de modo a se fazer reconhecer, mas se recusam de abrir a ele; então novas súplicas da parte do pobre enjeitado, novos protestos através da porta, mas nada consegue sensibilizar a implacável pretendida. “Adeus, pois, perversa!, exclama, enfim, o pobre jovem. Adeus para sempre! Trate de encontrar um marido que a ame como eu!” No mesmo tempo, a jovem ouve uma espécie de gemido abafado, depois como o ruído de um corpo que cai escorregando ao longo de sua porta e tudo retorna ao silêncio; então ela imagina que Luís está instalado sobre a soleira para esperar sua primeira saída; ela, porém, promete a si mesma de não pôr o pé fora enquanto ele estiver ali.

Havia apenas um quarto de hora que isto acontecera, quando um locatário que passava pelo corredor com a lanterna solta uma exclamação e pede socorro. Logo chegam os vizinhos e a senhorita Vitorina, tendo igualmente aberto sua porta, lança um grito de horror vendo estendido no chão seu pretendente pálido e inanimado. Cada um se apressa em lhe prestar socorro, mas se percebe logo que tudo é inútil e que ele deixou de existir. O infeliz jovem mergulhara seu trinchete na região do coração e o ferro permaneceu na ferida.

(Sociedade Espírita de Paris, agosto de 1853.)

1. *Ao Espírito de São Luís.* A jovem, causa involuntária da morte de seu amante, carrega essa responsabilidade? — R. Sim, pois ela não o amava.

2. Para prevenir essa infelicidade, teria de desposá-lo malgrado sua repugnância? — R. Ela buscava uma ocasião para se separar dele; ela fez no princípio de seu relacionamento o que teria feito mais tarde.

3. Assim, sua culpabilidade consiste em haver estimulado nele sentimentos que ela não compartilhava, sentimentos que foram a causa da morte do rapaz? — R. Sim, é isso.

4. Sua responsabilidade, neste caso, deve guardar proporção à sua falta; ela não pode ser tão grande como se a jovem houvesse provocado voluntariamente a morte. — R. Isto salta aos olhos.

5. O suicídio de Luís encontra uma atenuante no desvario em que o afundou a obstinação de Vitorina? — R. Sim, pois seu suicídio, que provém do amor, é menos culpado, aos olhos de Deus, que o suicídio do homem que deseja descartar-se da vida em razão de covardia.

Havendo sido evocado o Espírito de Luís G. uma outra vez, foram-lhe feitas as seguintes perguntas:

1. Que pensa o senhor da ação que cometeu? — R. Vitorina é uma ingrata; eu fiz mal em matar-me por ela, pois ela não o merecia.

2. Ela não o amava? — R. Não; ela acreditou no começo; ela se iludia; a cena que lhe fiz abriu-lhe os olhos; então ela ficou contente com esse pretexto para se desembaraçar de mim.

3. E o senhor a amava sinceramente? — R. Eu tinha paixão por ela; eis tudo, eu creio; se eu a tivesse amado com um amor puro, não teria desejado causar-lhe desgosto.

4. Se ela soubesse que o senhor desejava realmente matar-se, teria persistido em sua recusa? — R. Eu não sei; não creio, pois ela não é má; mas teria sido infeliz; é preferível para ela que isso se tenha passado assim.

5. Chegando à porta, tinha a intenção de se matar em caso de recusa? — R. Não; eu não pensava nisso; não acreditava que ela seria tão obstinada; foi apenas quando vi sua obstinação, que uma vertigem se assenhoreou de mim.

6. O senhor parece lastimar seu suicídio porque Vitorina não o merecia; é somente esse o sentimento que experimenta? — R. Neste momento, sim; eu estou ainda muito perturbado; parece que estou junto à porta; mas sinto outra coisa que não posso definir.

7. Isso o senhor compreenderá mais tarde? — R. Sim; quando estiver elucidado... Foi um mal o que fiz; eu teria de deixá-la tranquila... Fui fraco e assumo a culpa... Veja o senhor, a paixão cega o homem e o faz praticar uma porção de besteiras. Ele as compreende quando não há mais tempo.

8. O senhor disse que assume a culpa; que culpa o senhor carrega? — R. Eu fiz mal em abreviar minha vida; não podia fazê-lo; eu devia tudo suportar de preferência a findar aquilo de vez; e depois estou infeliz; eu sofro; é sempre ela quem me faz sofrer; parece que ainda estou ali, junto à porta: a ingrata! Não me fale mais disso; eu não quero mais pensar nisso; isso me faz muitíssimo mal. Adeus.

Vê-se aí uma nova prova da justiça distributiva que preside à punição dos culpados, segundo o grau da responsabilidade. Na circunstância presente, a primeira falta cabe à jovem que entretivera em Luís um amor que ela não partilhava e com o qual brincava; ela ficará assim com a maior parte da responsabilidade. Quanto ao rapaz, é punido também através do sofrimento que padece; mas sua pena é leve, porque ele apenas cedeu a um movimento irrefletido e a um momento de exaltação, em vez da fria premeditação dos que se suicidam para se subtraírem às provações da vida.

UM ATEU

O Sr. J. B. D. era um homem instruído, mas imbuído até o último grau de ideias materialistas, não crendo nem em Deus nem em sua alma. Foi evocado dois anos após sua morte, na Sociedade de Paris, a pedido de um de seus parentes.

1. *Evocação.* — R. Eu sofro! Eu fui condenado.

2. Nós o chamamos por solicitação de seus parentes, que desejam conhecer sua sorte; gostaria de nos dizer se sua evocação lhe é agradável ou penosa? — R. Penosa.

3. Sua morte foi voluntária? — R. Sim.

O Espírito escreve com extrema dificuldade; a escrita é muito grossa, irregular, convulsa e quase ilegível. No princípio, ele demonstra cólera, quebra o lápis e despedaça o papel.

4. Seja mais calmo; nós rogaremos todos a Deus pelo senhor. — R. Eu fui forçado a crer em Deus.

5. Que motivo o levou a se destruir? — R. Tédio de uma vida *sem esperança*.

Concebe-se o suicídio quando a vida é *sem esperança*; a gente deseja fugir da infelicidade a qualquer custo; com o Espiritismo, o futuro se entremostra e a esperança se legitima: o suicídio não tem mais objetivo; além disso, a gente sabe que, por esse meio, não se foge de um mal a não ser para cair em outro cem vezes pior. Eis porque o Espiritismo já subtraiu tantas vítimas à morte voluntária. São bastante culpados os que se esforçam por dar crédito *através de sofismas científicos, supostamente em nome da razão*, a essa ideia desesperadora, fonte de tantos males e de crimes, de que tudo acaba com a vida! Serão responsáveis não só por seus próprios erros, mas por todos os males de que terão sido a causa.

6. O senhor desejou fugir às vicissitudes da vida; com isso, ganhou alguma coisa? — R. Por que o nada não existe?

7. Gostaria o senhor de fazer a gentileza de nos descrever sua situação o melhor que puder? — R. *Eu sofro por ser obrigado a crer em tudo o que negava*. Minha alma é como um braseiro; ela foi horrivelmente atormentada.

8. Onde lhe vinham as ideias materialistas que o senhor tinha em vida? — R. Numa outra existência eu tinha sido mau, e meu Espírito foi condenado a sofrer os tormentos da dúvida durante minha vida; por isso eu me matei.

Há aqui toda uma ordem de ideias. Pergunta-se amiúde como podem existir materialistas, dado que, tendo já passado pelo mundo espiritual, eles tinham de possuir a intuição dele; ora, é precisamente essa intuição que se recusa a certos Espíritos que conservaram seu orgulho e não se arrependeram de suas faltas. Sua provação consiste em adquirir, durante a vida corpórea e *através de sua própria razão*, a prova da existência de Deus e da vida futura, que eles têm incessantemente sob os olhos; mas, muitas vezes, a presunção de nada admitirem acima de si os fascina ainda, e eles sofrem a pena até que, estando domado seu orgulho, se rendem enfim à evidência.

9. Quando se afogou, o que pensava que seria feito do senhor? Que reflexões fez nesse momento? — R. Nenhuma; era o nada para mim. Eu vi depois que, não tendo sofrido toda a minha condenação, iria novamente sofrer muito.

10. Está agora bem convencido da existência de Deus, da alma e da vida futura? — R. Pobre de mim! Eu me atormentei muitíssimo com isso!

11. Reviu seu irmão? — R. Oh! Não.

12. Por quê? — R. Por que reunir nossos tormentos? A gente se exila na infelicidade e se reúne na felicidade; pobre de mim!

13. O senhor ficaria satisfeito em rever seu irmão, que poderíamos chamar aqui, ao seu lado? — R. Não, não, estou muitíssimo abaixo.

14. Por que não deseja que o chamemos? — R. É que não está feliz, nem mesmo ele.

15. O senhor receia sua vista; isso não lhe poderia fazer bem? — R. Não; mais tarde.

16. Deseja mandar um recado a seus parentes? — R. Que se rogue por mim.

17. Parece que, na sociedade que frequentava, algumas pessoas partilham as opiniões que o senhor tinha quando vivo; teria alguma coisa a lhes dizer a esse respeito? — R. Ah! Os infelizes! Possam eles crer em uma outra vida! É o que lhes posso desejar de mais feliz; se pudessem compreender minha triste situação, isso os faria refletir bastante.

(Evocação do irmão do precedente, que professava as mesmas ideias, mas que não se suicidou. Conquanto infeliz, está mais calmo; sua escrita é nítida e legível.)

18. *Evocação.* — R. Possa o quadro de nossos sofrimentos lhes ser uma lição útil e os persuadir de que uma outra vida existe, quando se expiam suas faltas, sua incredulidade.

19. O senhor se vê reciprocamente com seu irmão, o qual acabamos de chamar? — R. Não, ele foge de mim.

Poder-se-ia perguntar como os Espíritos podem refugiar-se no mundo espiritual, onde não existem obstáculos materiais nem abrigos ocultos à vista. Tudo é relativo nesse mundo e de acordo com a natureza fluídica dos seres que o habitam. Tão só os Espíritos superiores têm percepções indefinidas; nos Espíritos inferiores, elas são limitadas, e, para estes, os obstáculos fluídicos têm o efeito de obstáculos materiais. Os Espíritos se escondem à vista uns dos outros por uma aplicação de sua vontade, a qual age sobre seu invólucro perispiritual e sobre os fluidos ambientes. Mas a Providência, que vela sobre cada um individualmente, como sobre seus filhos, lhes faculta ou lhes recusa essa propriedade, conforme as disposições morais de cada um; segundo as circunstâncias, trata-se de uma punição ou uma recompensa.

20. O senhor é mais calmo do que ele; poderia oferecer-nos uma descrição mais precisa de seus sofrimentos? — R. Na Terra, não sofre o senhor em seu amor-próprio, em seu orgulho, quando se obriga a reconhecer seus erros? Seu Espírito não se revolta com o pensamento de se humilhar perante quem lhe demonstra que está errado? Muito bem! O que acredita o senhor que sofre o Espírito que, durante toda uma existência, se persuadiu de que nada existe depois dele e de que tem razão contra todos? Quando, de repente, se encontra à face da refulgente verdade, fica aniquilado, fica humilhado. A isso vem juntar-se o remorso de haver, por tanto tempo, podido esquecer a existência de um Deus tão bom, tão indulgente. Seu estado é insuportável; ele não encontra nem calma nem repouso; apenas encontrará um pouco de tranquilidade no momento em que a graça santa, quer dizer, o amor de Deus, o sensibilizar, pois o orgulho se apossa de tal modo de nosso pobre Espírito que o envolve todo inteiro, e lhe é preciso ainda bastante tempo para se desfazer dessa vestimenta fatal; só a prece de nossos irmãos é que nos pode ajudar a nos desembaraçarmos dela.

21. Gostaria de falar sobre seus irmãos vivos ou Espíritos? — R. De uns e de outros.

22. Enquanto conversávamos com seu irmão, uma pessoa aqui presente orou por ele; essa prece lhe foi útil? — R. Ela não será perdida. Se ele rejeita a graça agora, ela lhe voltará, quando estiver preparado para recorrer a essa divina *panaceia*.

Nós vemos aqui um outro gênero de castigo, mas que não é absolutamente o mesmo para todos os incrédulos; é, independentemente do sofrimento, a necessidade, para esse Espírito, de reconhecer as verdades que ele havia negado quando vivo. Suas ideias atuais denotam um certo progresso comparativamente ao de outros Espíritos que persistem na negação de Deus. É já alguma coisa e um começo de humildade reconhecer que se enganou. É mais do que provável que, em sua próxima encarnação, a incredulidade cederá lugar ao sentimento *inato* da fé.

Tendo transmitido o resultado dessas duas evocações à pessoa que nos havia solicitado sua realização, recebemos desta a resposta seguinte:

“O senhor não pode imaginar o grande bem produzido pela evocação de meu sogro e de meu tio. Nós os reconhecemos perfeitamente; a escrita do primeiro, sobretudo, guarda uma analogia surpreendente com a que ele tinha quando vivo, tanto mais que, durante os últimos meses que passou conosco, ela era irregular e indecifrável; nela se encontra a mesma forma nos traços, na rubrica e em certas letras. Quanto às palavras, às expressões e ao estilo, é ainda mais surpreendente; para nós a analogia é perfeita, a não ser quanto a estar mais esclarecido sobre Deus, a alma e a eternidade, que ele negava tão formalmente outrora. Nós nos convencemos, portanto, perfeitamente de sua identidade; Deus será glorificado por nossa crença mais firme no Espiritismo, e nossos irmãos, Espíritos e viventes, se tornarão melhores. A identidade de seu irmão não é menos evidente; na diferença imensa do ateu ao crente, reconhecemos seu caráter, seu estilo, seus torneios de frases; uma palavra sobretudo nos surpreendeu: *panaceia*; era sua palavra habitual; ele a dizia e a repetia a todos e a cada instante.

“Comuniquei essas duas evocações a diversas pessoas, que se surpreenderam com sua veracidade; mas os incrédulos, os que partilham as opiniões de meus dois parentes, desejariam respostas ainda mais categóricas: que o Sr. D., por exemplo, precisasse o local onde foi enterrado, aquele onde se afogou, de que maneira dali foi retirado etc. Para satisfazê-los e convencê-los, não poderia o senhor evocá-lo de novo e, nesse caso, haveria por bem endereçar-lhe as questões seguintes: Onde e como executou seu suicídio? — Quanto tempo ficou sob a água? — Em que lugar seu corpo foi encontrado? — Em que lugar foi enterrado? — De que maneira, civil ou religiosa, se procedeu à sua inumação? Etc.

“Queira, eu lhe peço, senhor, fazer responder categoricamente a essas perguntas, que são essenciais para os que duvidam ainda; eu estou persuadido do bem imenso que isso produzirá. Farei de modo que minha carta lhe chegue amanhã, sexta-feira, a fim de que o senhor possa fazer essa evocação na sessão da Sociedade que deve acontecer nesse dia... Etc.”

Nós reproduzimos essa carta por causa do episódio da identidade que ela constata; aqui juntamos a resposta que lhe demos, para instrução das pessoas que não estão familiarizadas com as comunicações de além-túmulo.

“... As perguntas que o senhor nos pediu para endereçar de novo ao Espírito de seu sogro foram, sem dúvida, ditadas por uma louvável intenção, aquela de convencer os incrédulos, pois, para o senhor, não subsiste nenhum sentimento de dúvida e de curiosidade; mas um conhecimento mais perfeito da ciência espírita o faria compreender que são supérfluas. — Primeiro, pedindo-me para fazer responder categoricamente seu parente, o senhor ignora sem dúvida que não se governam os Espíritos à vontade; eles respondem quando desejam, como desejam e, amiúde, como podem; sua liberdade de ação é ainda maior do que a de quando vivos, e eles possuem muitos meios de escapar ao constrangimento moral que se desejasse exercer sobre eles. As melhores provas de identidade são as que dão espontaneamente, de sua própria vontade, ou que nascem das circunstâncias, e é, na maior parte do tempo, em vão que se busca provocá-las. Seu parente provou sua identidade de maneira irrecusável, segundo o senhor; é então mais que provável que se recusaria a responder a perguntas que, com razão, pode considerar como supérfluas, e feitas à vista de satisfazer a curiosidade de pessoas que lhe são indiferentes. Ele poderia responder, como o fizeram muitas vezes outros Espíritos em casos parecidos: “Que adianta perguntar coisas que o senhor sabe?” Eu acrescentarei mesmo que o estado de perturbação e de sofrimento em que se encontra deve tornar-lhe mais penosas as investigações desse gênero; é exatamente como se se desejasse constranger um enfermo, que mal pode pensar e falar, a contar os detalhes de sua vida; isso seria, seguramente, faltar ao respeito que se deve à sua situação.

“Quanto ao resultado que o senhor espera disso, seria nulo, fique ciente disso. As provas de identidade que foram fornecidas têm um valor bem maior, exatamente porque foram espontâneas e porque nada se podia pôr em seu caminho; se os incrédulos não estão satisfeitos com isso, eles não o estariam mais, talvez menos ainda, pelas perguntas prévias, que poderiam suspeitar de conivência. Há pessoas a quem nada pode convencer; elas veriam com seus olhos seu parente em pessoa e se diriam joguetes de uma alucinação.

“Duas palavras ainda, senhor, sobre o pedido que me faz de evocar no mesmo dia em que devia receber sua carta. As evocações não se fazem assim num passe de mágica; os Espíritos não respondem sempre a nosso chamado; precisa para isso que possam ou que desejem; precisa, além disso, um médium que lhes convenha e que tenha a aptidão especial necessária; que esse médium esteja disponível em um dado momento; que o ambiente esteja em sintonia com o Espírito etc.; todas essas são circunstâncias pelas quais não se pode jamais responder e que importa conhecer, quando se deseja fazer a coisa seriamente.”

O SR. FELICIANO

Era um homem rico, instruído, poeta espiritual, de um caráter bom, solícito e muito amável, e de uma perfeita honorabilidade. Péssimos negócios comprometeram sua

fortuna; não lhe permitindo mais sua idade reabilitar-se, cedeu ao desencorajamento e se suicidou, em dezembro de 1864, enforcando-se em seu quarto. Não era nem materialista, nem ateu, mas homem de temperamento um pouco leviano, tomando pouco cuidado com a vida futura. Tendo-o conhecido intimamente, nós o evocamos quatro meses após sua morte, por simpatia por sua pessoa.

Evocação. — R. Eu estou saudoso da Terra; aí tive decepções, mas menores do que aqui. Eu sonhava com maravilhas, e estou abaixo da realidade ideal que me propunha. O mundo dos Espíritos é uma mixórdia e, para torná-lo suportável, haveria a necessidade de uma triagem em regra. Custa-me crer nisto tudo! Que modelos de costumes espíritas se poderiam fazer aqui! Balzac teria muito serviço; escabrosa tarefa. Mas eu não o vi; onde se encontram os grandes Espíritos que tão fortemente flagelaram os vícios da humanidade? Eles teriam, como eu, de passar uma temporada aqui, antes de ir para as regiões mais elevadas. É um pandemônio curioso, que me dá prazer observar, e eu aqui permaneço.

Se bem que o Espírito declare encontrar-se em uma sociedade muito mesclada e, por consequência, de Espíritos inferiores, sua linguagem conseguia surpreender-nos, em razão de seu gênero de morte, ao qual não faz nenhuma alusão, pois, caso contrário, esse era certamente o reflexo de seu caráter. Isso nos deixou algumas dúvidas sobre sua identidade.

P. Gostaria de dizer-nos, por favor, como foi que o senhor morreu? — R. Como foi que morri? Pela morte que escolhi; ela me agradou; meditei por muitíssimo tempo sobre aquela que deveria escolher para me libertar da vida. E, por minha honra, confesso que não ganhei grande coisa com isso, a não ser estar livre de meus cuidados materiais, mas para encontrar outros mais graves, mais penosos, em minha situação de Espírito, cujo fim não prevejo.

P. (*Ao guia do médium.*) — Foi bem o Espírito do Sr. Feliciano quem respondeu? Essa linguagem quase indiferente nos espanta em um suicida. — R. Sim; mas por um sentimento escusável em sua situação, e que o senhor compreenderá, ele não queria revelar seu gênero de morte ao médium; eis porque fez aqueles rodeios; acabou por confessar, levado por sua questão direta, mas se afligiu muito com isso. Ele sofre muito por se ter suicidado, e afasta tanto quanto possa tudo aquilo que lhe lembra esse fim funesto.

P. (*Ao Espírito.*) — Sua morte nos afetou tanto mais quanto nós prevíamos as tristes consequências para o senhor, e em razão sobretudo da estima e do apego que nós lhe dedicávamos. Pessoalmente, nunca esqueci o quanto o senhor foi bom e solícito comigo. Eu ficaria feliz se lhe pudesse testemunhar meu reconhecimento, se posso fazer alguma coisa que lhe seja útil. — R. Entretanto, eu não podia escapar de outro jeito aos embaraços de minha situação material. Agora eu só preciso de preces; rezem sobretudo para que eu me livre dos horríveis companheiros que estão ao meu lado e que me obsidiam com seus risos, seus gritos e suas zombarias infernais. Eles me chamam covarde e têm razão; é covardia deixar a vida. *Eis que são quatro as vezes que sucumbo a essa provação.* Eu me havia, contudo, prometido muito não falhar... Fatalidade!... Ah! Reze; que suplício o meu! Estou tão infeliz! O senhor fará mais por mim, em o fazendo, do que lhe fiz, quando estava na Terra; mas a provação na qual tantas vezes falhei, se desenha diante de mim em traços

indeláveis; *precisa que eu a sofra de novo em um tempo determinado*; terei força? Ah! Tantas vezes recomeçar a vida! Tanto tempo lutar e ser arrastado pelos acontecimentos, para sucumbir contra a vontade, é desesperador, mesmo aqui! É para isso que preciso de força. Ela é colhida na prece, dizem: rezem por mim! Eu desejo rezar também.

Esse caso particular de suicídio, conquanto sucedido em circunstâncias muito vulgares, se apresenta, não obstante, em uma fase especial. Ele nos mostra um Espírito que sucumbiu diversas vezes nessa provação que se renova a cada existência, e *se renovará enquanto não tiver força para vencê-la*. É a confirmação do princípio de que, quando o alvo do adiantamento para o qual encarnamos não é alcançado, nós teremos sofrido sem proveito, pois haveremos de recomeçar até que saíamos vitoriosos da luta.

Ao Espírito do Sr. Feliciano. — Escute, eu lhe rogo, o que vou dizer-lhe e queira meditar nas minhas palavras. O que o senhor chama de fatalidade não é outra coisa senão sua própria fraqueza, porque não há fatalidade, caso contrário, o homem não seria responsável por seus atos. O homem é sempre livre, e aí está seu mais belo privilégio; Deus não desejou criar u'a máquina que agisse e obedecesse cegamente. Se essa liberdade o torna falível, ela o torna também perfectível, e é pela perfeição que ele chega à felicidade suprema. Tão só seu orgulho o leva a acusar o Destino por suas desgraças na Terra, enquanto o mais das vezes ele só pode culpar sua incúria. O senhor teve um exemplo claríssimo disso em sua última existência; tinha tudo o que era preciso para ser feliz de acordo com o mundo: espírito, talento, fortuna, consideração merecida; não tinha nenhum dos vícios ruinosos, mas, ao contrário, qualidades estimáveis; como sua situação se encontrou tão radicalmente comprometida? Unicamente por sua imprevidência. Convenha que, se o senhor houvesse agido com mais prudência, se o senhor houvesse sabido contentar-se com a bela parte que possuía, em vez de procurar aumentá-la sem necessidade, o senhor não teria ficado na ruína. Não existiu, pois, nenhuma fatalidade, dado que o senhor podia evitar o que sucedeu.

Sua provação consistia em um encadeamento de circunstâncias que tinham de lhe propiciar, *não a necessidade, mas a tentação* do suicídio; infelizmente para o senhor, apesar de seu espírito e de sua instrução, o senhor não soube dominar essas circunstâncias, e agora padece a punição de sua fraqueza. Essa provação, como o senhor o pressentiu com razão, terá de se renovar ainda; em sua próxima existência, o senhor será alvo de acontecimentos que provocarão de novo o pensamento do suicídio, e será sempre assim até que o senhor haja triunfado.

Longe de acusar a sorte, que é sua própria obra, admire a bondade de Deus que, em vez de o condenar irremissivelmente por uma primeira falta, lhe proporciona sem cessar, os meios de reparação. O senhor sofrerá assim não eternamente, mas por tanto tempo quanto a reparação não tiver sucedido. Depende do senhor tomar, no estado de Espírito, as resoluções a tal ponto enérgicas para expressar a Deus um arrependimento muito sincero e para solicitar com empenhada instância o apoio dos bons Espíritos, para que chegue à Terra protegido contra todas as tentações. Uma vez alcançada essa vitória, o senhor percorrerá a estrada da felicidade com tanto maior rapidez, porque, em outros aspectos, seu adiantamento já é bem grande. Existe, pois, ainda um passo a dar; nós o

ajudaremos com nossas preces; elas serão impotentes, contudo, se o senhor não nos secundar com seus esforços.

R. Obrigado! Oh! Obrigado por suas boas exortações; eu preciso muito disso, pois sou mais infeliz *do que desejava fazê-lo parecer*. Eu vou pô-las em prática, eu lhe asseguro, e preparar-me para minha próxima encarnação, quando eu procederei de modo a não sucumbir desta vez. Eu me impaciento por sair deste ignóbil lugar para onde fui relegado aqui.

FELICIANO.

ANTÔNIO BELL

Contador em uma casa bancária do Canadá; suicidou-se a 28 de fevereiro de 1865. Um de nossos correspondentes, doutor em medicina e farmacêutico na mesma cidade, nos deu por sua conta as informações seguintes:

“Eu conhecia Bell há mais de vinte anos. Era um homem inofensivo e pai de uma numerosa família. Há algum tempo, imaginou ter comprado veneno em meu estabelecimento, e que dele se serviu envenenando alguém. Ele veio muitas vezes suplicar-me para dizer-lhe quando foi que eu lhe vendera, e se entregava então a depressões terríveis. Perdia o sono, acusava-se, batia no peito. Sua família ficava numa ansiedade contínua das quatro da tarde até as nove da manhã, momento em que entrava na casa bancária, onde mantinha seus livros de u’a maneira muito regular, sem jamais cometer um só erro. Ele costumava dizer que um ser que sentia dentro de si, fazia-o manter sua contabilidade com ordem e regularidade. Quando parecia estar convencido do absurdo de seus pensamentos, exclamava: “Não, não, você deseja me enganar... *Eu me lembro...* Isso é verdade.”

Antônio Bell foi evocado em Paris, a 17 de abril de 1865, a pedido de seu amigo.

1. *Evocação*. — O que querem de mim? Fazer-me passar por um interrogatório? É inútil, eu confessarei tudo.

2. Está longe de nosso pensamento querer atormentá-lo com questões indiscretas; desejamos unicamente saber qual é sua situação no mundo onde o senhor está e se podemos ser-lhe úteis. — R. Ah! Se poderiam; eu lhes seria por isso bem reconhecido! Eu tenho horror de meu crime e sou bem infeliz!

3. Nossas preces, temos a esperança, suavizarão suas penas. O senhor nos parece, de resto, em boas condições; o senhor está arrependido o que é já um começo de reabilitação. Deus, que é infinitamente misericordioso, tem sempre piedade do pecador arrependido. Reze conosco. (Aqui se fez a prece para os suicidas que se encontra em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*.)

Agora, queira dizer-nos de qual crime o senhor se reconhece culpado. Essa confissão, feita com humildade, lhe será levada em conta. — R. Deixem-me primeiro agradecer-lhes a esperança que os senhores acabam de fazer nascer em meu coração. Pobre de mim! Há muito tempo já, eu vivia em uma cidade cujas muralhas eram banhadas pelo Mediterrâneo. Eu amava uma jovem e bela criança que correspondia ao meu amor; mas eu era pobre e fui rejeitado pela família. Ela me informou que ia desposar o filho de um negociante cujo comércio se estendia para além dos dois mares, e eu fui descartado. Louco de dor, eu resolvi tirar-me a vida, após saciar minha vingança, assassinando meu odioso rival. Os meios violentos repugnavam-me, contudo; eu tremia à ideia desse crime, mas o ciúme me transtornou. Na véspera do dia quando minha bem-amada devia ser dele, ele morreu envenenado por providências minhas, porque achei esse meio mais fácil. Assim se explicam as reminiscências do passado. Sim, eu já vivi, e precisa que eu reviva novamente... Ó meu Deus, tenha piedade de minha fraqueza e de minhas lágrimas.

4. Nós deploramos essa desgraça que retardou seu adiantamento, e nós o lamentamos sinceramente; mas, visto como o senhor se arrepende, Deus terá piedade de si. Diga-nos, por favor, se o senhor pôs em execução seu projeto de suicídio. — R. Não; eu confesso, para minha vergonha, que a esperança retornou ao meu coração; eu desejava obter um prêmio com meu crime; mas meus remorsos me traíram; eu expiei pelo derradeiro suplício aquele momento de desvario; enforquei-me.

5. O senhor tinha consciência dessa má ação, em sua última existência? — R. Nos últimos anos de minha vida somente, e eis como. Eu era bom por natureza; após haver sido submetido, como todos os Espíritos homicidas, ao tormento da visão ininterrupta de minha vítima, o que me perseguia como um remorso vivo, eu me livre disso muitos anos depois por minhas preces e meu arrependimento. Eu recomecei uma outra vez a vida, esta última, e a atravessei pacífico e tímido. Eu trazia em mim uma vaga intuição de minha fraqueza original e de minha falta anterior, da qual conservei a lembrança latente. Mas um Espírito obsessivo e vingativo, que não era outro senão o pai de minha vítima, não teve grande dificuldade para se apossar de mim e para fazer reviver, em meu coração, como em um espelho mágico, as lembranças do passado.

Alternadamente influenciado por ele e pelo guia que me protegia, eu era o envenenador ou o pai de família que ganhava o pão de seus filhos com seu trabalho. Fascinado por esse demônio obsessivo, ele me incitou ao suicídio. Eu sou bastante culpado, é verdade, no entanto menos que se eu tivesse resolvido isso por mim mesmo. Os suicidas de minha categoria, e que são muito fracos para resistir aos Espíritos obsessores, são menos culpados e menos castigados que aqueles que se tiram a vida pelo efeito da ação apenas de seu livre-arbítrio. Rezem comigo pelo Espírito que me influenciou tão funestamente, a fim de que ele abdique seus sentimentos de vingança, e rezem também por mim, para que eu adquira a força e a energia necessárias para não mais falhar à provação do suicídio por livre vontade, *à qual eu serei submetido, dizem-me, em minha próxima encarnação.*

6. *Ao guia do médium.* Um Espírito obsessivo pode realmente incitar ao suicídio? — R. Seguramente, pois a obsessão que, por si mesma, é um gênero de provação, pode revestir todas as formas; mas isto não se constitui em uma desculpa. O homem tem sempre seu livre-arbítrio e, por consequência, ele é livre para ceder ou para resistir às

sugestões das quais é alvo; quando ele sucumbe, é sempre por efeito de sua vontade. O Espírito tem razão, de resto, quando diz que aquele que pratica o mal pela instigação de um outro é menos repreensível e menos castigado do que quando o comete por seu próprio impulso; mas ele não fica inocentado, porque, desde o instante que se deixa desviar do reto caminho, é porque o bem não está assaz fortemente arraigado nele.

7. Como sucede que, malgrado a prece e o arrependimento que tinham livrado esse Espírito do tormento que experimentava pela vista de sua vítima, ele foi novamente perseguido pela vingança do Espírito obsessor em sua última encarnação? — R. O arrependimento, o senhor o sabe, é tão só *a preliminar da reabilitação*, mas não é suficiente para livrar o culpado de toda a pena; Deus não se contenta com promessas; precisa provar, por seus atos, a solidez do retorno ao bem; eis porque o Espírito é submetido a novas provações que o fortificam, ao mesmo tempo que o fazem adquirir um mérito a mais, quando sai vitorioso. Ele é o alvo das perseguições dos maus Espíritos, *até que estes o sintam assaz forte para resistir a eles*; então eles o deixam em paz, porque sabem que suas tentativas seriam inúteis.

Estes dois últimos exemplos nos mostram a mesma provação renovando-se a cada encarnação, por tanto tempo quanto se estiver sucumbindo. Antônio Bell nos mostra, por outro lado, o fato não menos instrutivo de um homem perseguido pela lembrança de um crime cometido em uma existência anterior, como um remorso e uma advertência. Nós vemos por aí que todas as existências são solidárias umas às outras; a justiça e a bondade de Deus se manifestam na faculdade que ele proporciona ao homem para se melhorar gradualmente, sem jamais fechar-lhe a porta da remissão de suas faltas; o culpado é castigado por sua falta mesma, e o castigo, em vez de ser uma vingança de Deus, é o meio empregado para fazê-lo progredir.

CAPÍTULO VI

CRIMINOSOS ARREPENDIDOS

VERGER

Assassino do arcebispo de Paris.

A 3 de janeiro de 1857, Monsenhor Sibour, arcebispo de Paris, ao sair da igreja de Saint-Étienne-du-Mont, foi ferido mortalmente por um jovem padre de nome Verger. O culpado foi condenado à morte e executado a 30 de janeiro. Até o último momento, não deu testemunho nem de pesar, nem de arrependimento, nem de sensibilidade.

Evocado no dia mesmo de sua execução, deu as respostas seguintes:

1. *Evocação.* — R. Eu estou ainda retido em meu corpo.
2. Sua alma não está inteiramente desprendida de seu corpo? — R. Não... Tenho medo... Eu não sei... Espere que eu me reconheça... Eu não estou morto, não é?
3. O senhor se arrepende do que fez? — R. Eu agi mal em matar; mas fui incitado por meu caráter, que não podia sofrer humilhações... O senhor me evocará uma outra vez.
4. Por que já quer ir embora? — R. Eu teria muito medo se o visse; eu recearia que ele me fizesse o mesmo.
5. Mas o senhor não tem nada a temer, dado que sua alma está separada de seu corpo; afaste toda inquietação: ela não é razoável. — R. Que deseja o senhor? O senhor é sempre dono de suas impressões?... Não sei onde estou... Eu estou louco.
6. Trate de controlar-se. — R. Eu não posso, já que sou louco... Espere!... Eu vou mandar chamar toda a minha lucidez.
7. Se o senhor rezasse, isso poderia ajudá-lo a concatenar suas ideias? — R. Eu temo... Eu não ousa rezar.
8. Reze; a misericórdia de Deus é imensa! Nós iremos rezar consigo. — R. Sim, a misericórdia de Deus é infinita; eu sempre acreditei nisso.
9. Agora o senhor está entendendo melhor sua situação? — R. É tão extraordinária que não posso ainda entender.
10. O senhor vê sua vítima? — R. Parece que ouço uma voz que se assemelha à dele e que me diz: Eu não tenho mais rancor por você... Mas é um efeito de minha imaginação!... Eu estou louco, eu lhe digo, pois vejo meu próprio corpo de um lado e minha cabeça de outro... No entanto, parece que estou vivo, mas no espaço, entre a terra e o que

chamam de céu... Eu sinto mesmo o frio de um cutelo caindo sobre meu pescoço... Mas é o medo que tenho de morrer... Parece que vejo grande quantidade de Espíritos em torno de mim, olhando-me com compaixão... Eles *conversam* comigo, mas eu não os compreendo.

11. Entre esses Espíritos há algum cuja presença humilhe o senhor por causa de seu crime? — R. Eu lhe direi que só há um de quem tenho medo; é daquele que eu feri.

12. O senhor se recorda de suas existências anteriores? — R. Não; eu estou perturbado... Eu creio sonhar... Uma outra vez; é preciso que eu tome consciência de mim.

13. (Três dias mais tarde.) O senhor se identifica melhor agora? — R. Eu sei agora que não sou mais desse mundo, e não o lastimo. Lastimo o que fiz, mas meu Espírito está mais livre; eu sei também que há uma série de existências que nos proporcionam os conhecimentos úteis para nos tornarmos perfeitos tanto quanto a criatura possa ser.

14. O senhor está sendo punido pelo crime que cometeu? — R. Sim; pesa-me o que fiz e sofro.

15. De que maneira se dá essa punição? — R. Estou sendo punido, pois reconheço minha falta e peço perdão a Deus; estou sendo punido pela consciência de minha falta de fé em Deus e porque eu sei agora que nós não devemos nunca atalhar os dias de nossos irmãos; estou sendo punido pelo remorso por haver retardado meu adiantamento, percorrendo uma estrada enganosa, não tendo escutado o grito de minha consciência, que me dizia que não era nunca matando que eu atingiria meu alvo; mas eu me deixei dominar pelo orgulho e pela inveja; eu me enganei e me arrependo, pois o homem tem de sempre envidar esforços para domar suas más paixões, e eu não o fiz absolutamente.

16. Que sentimento o senhor está experimentando quando o evocamos? — R. Um prazer e um temor, pois eu não sou mau.

17. Em que consistem esse prazer e esse temor? — R. Um prazer por conversar com os homens, e por poder em parte reparar minha falta confessando-a. Um temor que não saberia definir, uma sorte de vergonha por ter sido um assassino.

18. Gostaria de vir a reencarnar-se na Terra? — R. Sim; eu o peço e desejo ver-me constantemente como alvo de morte; tendo medo disso.

Evocado, Monsenhor Sibour disse que perdoava a seu assassino e orava para seu retorno ao bem. Acrescentou que, conquanto presente, não se mostrou a ele para não lhe aumentar o sofrimento; o medo de vê-lo, que era um sinal de remorso, constituía já um castigo.

P. O homem que comete um assassinato sabe, ao escolher sua existência, que se tornará assassino? — R. Não; ele sabe que, escolhendo uma vida de luta, existe a *possibilidade* para ele de matar um de seus semelhantes; mas ignora se o fará, pois esteve quase sempre em luta consigo mesmo.

A situação de Verger, no momento de sua morte, é a de quase todos aqueles que perecem de morte violenta. Não se operando a separação da alma de maneira brusca, eles ficam como que aturdidos e não sabem se estão mortos ou vivos. A vista do arcebispo lhe foi poupada, porque ela não era necessária para excitar-lhe o remorso, enquanto outros, ao contrário, são incessantemente perseguidos pelas atenções de suas vítimas.

À enormidade de seu crime, Verger havia juntado o fato de não estar mesmo arrependido antes de morrer; tinha assim todas as condições exigidas para incorrer na condenação eterna. No entanto, mal deixou a Terra e o arrependimento lhe penetra em sua alma; ele repudia seu passado e pergunta sinceramente como repará-lo. Não é o excesso de sofrimentos que o incita, já que não teve tempo para sofrer; é então tão só o grito de sua consciência, que ele não escutou durante sua vida e que escuta agora. Por que isso não lhe seria levado em conta? Por que, apenas alguns dias depois, aquilo que o teria salvo do inferno, não poderia mais fazê-lo? Por que Deus, que teria sido misericordioso antes da morte, não seria piedoso algumas horas mais tarde?

A gente poderia espantar-se com a rapidez da mudança que se opera às vezes nas ideias de um criminoso empedernido até o último momento, para quem a passagem para a outra vida é suficiente para fazê-lo compreender a iniquidade de sua conduta. Esse efeito está longe de ser geral, caso contrário não haveria nunca mais Espíritos; o arrependimento é amiúde mais tardio; e também a pena se prolonga como consequência.

A obstinação no mal durante a vida é às vezes uma decorrência do orgulho que impede o homem de humilhar-se e de confessar seus erros; além disso, ele está sob a influência da matéria que joga um véu sobre suas percepções espirituais e o fascina. Caído o véu, uma luz súbita o ilumina e ele se encontra como que reanimado. O pronto retorno às melhores disposições é sempre o indício de um certo progresso moral completado, que requer apenas uma circunstância favorável para se revelar, enquanto o que persiste no mal mais ou menos tempo após a morte é incontestavelmente um Espírito mais atrasado, em quem o instinto material abafa o germe do bem e a quem são necessárias ainda novas provações para se melhorar.

LEMAIRE

Condenado à pena de morte, pelo Tribunal do Júri do Aisne, e executado a 31 de dezembro de 1857; evocado a 29 de janeiro de 1858.

1. *Evocação.* — R. Estou aqui.
2. Que sentimento o senhor experimenta à nossa vista? — R. De vergonha.
3. O senhor conservou sua consciência até o último momento? — R. Sim.
4. Imediatamente após sua execução, o senhor teve consciência de sua nova existência? — R. Eu estava mergulhado em uma perturbação imensa da qual ainda não saí. Eu senti uma imensa dor e me pareceu que era meu coração que a sofria. Eu vi rolar não sei o que ao pé do cadafalso; eu vi sangue correr e minha dor se tornou mais pungente. — P. Era uma dor puramente física, análoga à que seria causada por uma grave ferida, pela amputação de um membro, por exemplo? — R. Não; represente o senhor um remorso, uma grande dor moral. — P. Quando começou a sentir essa dor? — R. Logo que fiquei livre.
5. A dor física causada pelo suplício era sentida pelo corpo ou pelo Espírito? — R. A dor moral estava em meu espírito; o corpo sentiu a dor física; *mas o Espírito separado a sentia igualmente.*
6. O senhor viu seu corpo mutilado? — R. Eu vi não sei o que deformado que me parecia não haver deixado; não obstante, eu me sentia ainda inteiro: eu era eu mesmo. —

P. Que impressão essa vista causou no senhor? — R. Eu sentia demasiado minha dor; *eu estava entregue a ela*.

7. É verdade que o corpo vive ainda alguns instantes após a decapitação e que o supliciado tem consciência de suas ideias? — R. O Espírito se retira a pouco e pouco; mais os liames da matéria o enlaçam, menos a separação é rápida.

8. Dizem que se observou no rosto de certos supliciados a expressão da cólera e movimentos como se desejassem falar; é o efeito de uma contração nervosa ou de um ato de vontade? — R. Da vontade, pois o Espírito não se retirou ainda.

9. Qual foi o primeiro sentimento que o senhor experimentou ao entrar em sua nova existência? — R. Um sofrimento intolerável; uma sorte de remorso pungente, cuja causa ignorava.

10. O senhor se reuniu a seus cúmplices, executados ao mesmo tempo que o senhor? — R. Para nossa infelicidade; nossa vista é um suplício ininterrupto; cada um de nós increpa o outro de seu crime.

11. O senhor se encontra com suas vítimas? — R. Eu as vejo... Elas estão felizes... Seu olhar me persegue... Eu sinto que mergulha até o fundo de meu ser... Em vão eu desejo fugir a ele. P. — Que sentimento o senhor experimenta à sua vista? — R. A vergonha e o remorso. *Eu as criei com minhas próprias mãos* e as odeio ainda. — P. Que experimentam elas à sua vista? — R. A piedade.

12. Elas têm ódio e desejo de vingança? — R. Não; seus rogos clamam para mim a expiação. *O senhor não poderia sentir quão horrível suplício é tudo dever a quem se odeia*.

13. O senhor lastima a vida terrestre? — R. Só lastimo meus crimes. Se eu tivesse ainda esse evento em minhas mãos, não sucumbiria mais.

14. O pendor para o mal existia em sua natureza ou o senhor foi incitado pelo meio onde viveu? — R. O pendor para o crime existia em minha natureza, pois era um Espírito inferior. Eu desejei elevar-me rapidamente; mas solicitei mais do que as minhas forças. Eu me acreditei forte e escolhi uma provação rude; mas cedi às tentações do mal.

15. Se houvesse recebido bons princípios de educação, o senhor poderia ter evitado a vida criminosa? — R. Sim; mas escolhi a condição em que nasci. — P. Poderia ter-se tornado um homem de bem? — R. Um homem fraco, incapaz tanto do bem como do mal. Poderia corrigir o mal em minha natureza durante minha existência, mas não poderia elevar-me até fazer o bem.

16. Quando vivo, acreditava em Deus? — R. Não. — P. Há quem diga, porém, que, no momento de morrer, o senhor se arrependeu; é verdade? — R. Acreditei em um Deus vingativo... Tive medo de sua justiça. — P. Neste momento, seu arrependimento é mais sincero? — R. Pobre de mim! Vejo o que fiz. — P. Que pensa de Deus agora? — R. Eu o sinto e não o compreendo.

17. Acha justo o castigo que lhe foi infligido na Terra? — R. Sim.

18. Espera obter o perdão de seus crimes? — R. Eu não sei. — P. Como espera redimi-los? — R. Por novas provações; mas me parece que a eternidade está entre elas e mim.

19. Onde o senhor está agora? — R. Estou em meu sofrimento. — P. Perguntamos-lhe em que lugar está. — R. Ao lado do médium.

20. Já que está aqui, se o pudéssemos ver, sob qual forma nos apareceria? — R. Sob minha forma corpórea: a cabeça separada do tronco. — P. Poderia aparecer-nos? — R. Não; deixem-me.

21. Gostaria de nos dizer como o senhor se evadiu da prisão de Montdidier? — R. Não sei mais... Meu sofrimento é tão grande que tenho tão somente a lembrança de meu crime... Deixem-me.

22. Poderíamos propiciar algum alívio a seus sofrimentos? — R. Roguem para que a expiação chegue.

BENOIST

(Bordéus, março de 1862.)

Um Espírito se apresentou espontaneamente ao médium, sob o nome de *Benoist*, disse ter morrido em 1704 e suportar horríveis sofrimentos.

1. Que era o senhor quando vivo? — R. Um monge sem fé.

2. A falta de crença foi sua única falta? — R. Isso é suficiente para desencadear as outras.

3. Pode o senhor oferecer-nos alguns detalhes sobre sua vida? A sinceridade de sua confissão será levada em conta. — R. Sem fortuna e preguiçoso, eu tomei as ordens, não por vocação, mas para ter uma posição. Inteligente, consegui um lugar; influente, abusei do poder; vicioso, incitei para os desregramentos os que eu tinha por missão salvar; insensível, persegui os que pareciam criticar meus excessos; os pacíficos se encheram de desvelos por mim. A fome torturou muitas vítimas; seus gritos muitas vezes se extinguiram sob violência. Desde esse tempo, eu expio e sofro todas as torturas do inferno; minhas vítimas atijam o fogo que me devora. A lascívia e o desejo insaciados me perseguem; a sede irrita meus lábios ardentes sem jamais aí deixar escorrer uma gota refrescante; todos os elementos se assanham contra mim. Reze por mim.

4. As preces que se fazem para os mortos lhe devem ser dirigidas da mesma forma que aos outros? — R. O senhor deve crer em que elas sejam bem edificantes. *Elas têm para mim o valor daquelas que eu aparentava realizar.* Eu não cumpri minha tarefa; por isso não recebo o salário correspondente.

5. O senhor não se arrependeu jamais? — R. Há muito tempo; mas *isso só ocorreu depois do sofrimento.* Como fui surdo aos gritos das vítimas inocentes, o Mestre é surdo aos meus gritos. Justiça!

6. O senhor reconhece a justiça de Deus; confie-se à sua bondade e apele a ele para que o ajude. — R. Os demônios uivam mais alto do que eu; os gritos se abafam em minha garganta; eles encham minha boca com piche fervente!... Eu o fiz, grande... (o Espírito não consegue escrever a palavra Deus.)

7. O senhor não está ainda assaz separado das ideias terrestres para compreender que as torturas que suporta são todas morais? — R. Eu as suporto, eu as sinto, eu vejo meus carrascos; eles todos têm um rosto conhecido; eles todos têm um nome que retine em meu cérebro.

8. O que foi que conseguiu incitá-lo a todas essas infâmias? — R. Os vícios de que estava imbuído; a brutalidade das paixões.

9. Não implorou jamais a assistência dos bons Espíritos para o ajudarem a sair dessa situação? — R. Eu só vejo os demônios do inferno.

10. O senhor tinha medo deles quando vivo? — R. Não, nada; o vácuo, essa era minha fé; os prazeres a todo custo, esse era meu culto. As divindades do inferno, essas não me abandonaram nunca; eu lhes consagrei minha vida: elas não me deixarão mais!

11. Não vislumbra o senhor um fim para seus sofrimentos? — R. O infinito não tem fim.

12. Deus é infinito em sua misericórdia; tudo pode ter um fim quando ele o quer. — R. Pudesse ele querer!

13. Por que o senhor veio inscrever-se aqui? — R. Eu não sei por quê; mas quis falar, assim como queria gritar para me aliviar.

14. Seus demônios não o impedem de escrever? — R. Não, mas estão diante de mim: eles me ouvem; eis porque, eu não gostaria de parar.

15. É a primeira vez que o senhor escreve desse jeito? — R. Sim. — P. Sabia que os Espíritos podem se aproximar desse jeito dos homens? — R. Não. — P. Então, como conseguiu compreender isso? — R. Eu não sei.

16. Que sensação o fez vir a minha casa? — R. Um entorpecimento em meus terrores.

17. Como percebeu que estava aqui? — R. Como quando se acorda.

18. Como fez para se manifestar a mim? — R. Eu não compreendo; mas você não o pressentiu, você?

19. Não se trata de mim, mas do senhor; cuide de perceber o que faz neste momento enquanto eu escrevo. — R. Você é meu pensamento, eis tudo.

20. O senhor não teve vontade então de me fazer escrever? — R. Não, sou eu quem escreve; você pensa por mim.

21. Cuide de se compenetrar; os bons Espíritos, que o rodeiam, o ajudarão nisso. — R. Não, os anjos não vêm ao inferno. Você não está sozinho? — P. Veja em torno de si. — R. Eu percebo que me ajudam a pensar por você... Sua mão me obedece... Eu não toco em você, e eu o tenho... Não compreendo.

22. Peça a assistência de seus protetores; nós iremos orar juntos. — R. Você quer deixar-me? Fique comigo; eles vão retomar-me. Eu lhe rogo: fique, fique!

23. Eu não posso ficar por mais tempo. Volte todos os dias: nós oraremos juntos e os bons Espíritos o ajudarão. — R. Sim, eu gostaria para minha graça. Suplique por mim; porque eu, eu não posso.

O guia do médium. Coragem, meu filho; pois será concedido a ele aquilo por que você está suplicando, mas a expiação está ainda longe de terminar. As atrocidades por ele cometidas são sem nome e sem número, e ele é tanto mais culpado quanto tinha a

inteligência, a instrução e a luz para se guiar. Portanto, ele falhou com conhecimento de causa; por isso seus sofrimentos são terríveis; mas com o socorro e o exemplo da prece, eles se suavizarão, porque ele verá o termo possível e a esperança o sustentará. Deus o vê sobre a estrada do arrependimento e ele lhe deu a graça de *poder comunicar-se, a fim de que seja encorajado e sustentado*. Pense então amiúde nele; nós o deixamos consigo para se fortificar nas boas resoluções que ele poderá tomar, ajudado por seus conselhos. Ao arrependimento sucederá nele o desejo da reparação; será então que pedirá por si mesmo uma nova existência, sobre a Terra, para praticar o bem em vez do mal que fez; quando Deus estiver satisfeito com ele e o vir bem restabelecido, o fará divisar as divinas luzes que o conduzirão ao porto da salvação, e o receberá em seu seio, como o filho pródigo. Tenha confiança: nós ajudaremos você a completar sua obra.

PAULINO.

Colocamos este Espírito entre os criminosos, se bem que ele não tenha sido condenado pela justiça humana, porque o crime consiste nos atos e não no castigo infligido pelos homens. Dá-se o mesmo em relação ao seguinte.

O ESPÍRITO DE CASTELNAUDARY

Em uma casinha perto de Castelnaudary, ocorriam ruídos estranhos e diversas manifestações que faziam com que fosse vista como assombrada por algum mau gênio. Por causa disso, ela foi exorcizada em 1848, sem resultado. O proprietário, o Sr. D., tendo desejado habitá-la, aí morreu subitamente alguns anos depois; seu filho, que desejou habitá-la em seguida, recebeu um dia, entrando em um cômodo, um vigoroso bofetão aplicado por mão desconhecida; como estava perfeitamente só, não pôs em dúvida que lhe proveio de uma fonte oculta; eis porque resolveu deixá-la definitivamente. Existe, no lugar, uma tradição segundo a qual um grande crime teria sido cometido nessa casa.

O Espírito que havia aplicado o bofetão, tendo sido evocado na Sociedade de Paris, em 1859, manifestou-se por sinais de violência; todos os esforços para acalmá-lo foram impotentes. São Luís, interrogado a respeito dele, respondeu: “É um Espírito da pior espécie, um verdadeiro monstro; nós o fizemos vir, mas não pudemos obrigá-lo a escrever, malgrado tudo o que lhe foi dito; ele possui seu livre-arbítrio; o desgraçado faz dele um triste uso.”

P. Esse Espírito é suscetível de melhora? — R. Por que não? *Não o são todos*, esse como os outros? Precisa, contudo, prevenir-se quanto a encontrar dificuldades; mas, por perverso que ele seja, o bem em troco do mal, acabará por comovê-lo. Que se ore antes de tudo e que se realize a evocação em um mês: os senhores poderão julgar a mudança que nele será operada.

Evocado de novo mais tarde, o Espírito se mostra mais tratável, depois, a pouco e pouco, submisso e arrependido. Das explicações fornecidas por ele e por outros Espíritos, conclui-se que, em 1608, ele habitava aquela casa, onde havia assassinado seu irmão por ciumenta suspeita de rivalidade, golpeando-lhe a garganta enquanto dormia, e, alguns anos depois, aquela que fizera sua mulher, após a morte do irmão. Ele morreu em 1659, com a idade de 80 anos, sem ter sido perseguido por esses assassinatos, aos quais se dava pouca atenção nesses tempos confusos. Após sua morte, não havia cessado de procurar fazer o mal e havia provocado diversos acidentes ocorridos nessa casa. Um médium vidente que assistia à primeira evocação, o viu no momento em que se desejou fazê-lo escrever; ele sacudia fortemente o braço do médium: seu aspecto era aterrador; ele vestia uma camisa coberta de sangue e portava um punhal.

1. *A São Luís*. Descreva-nos, por favor, o gênero de suplício deste Espírito. — R. É atroz para ele; foi condenado a morar na casa onde o crime foi cometido, sem poder dirigir seu pensamento para outra coisa senão para esse crime, sempre diante de seus olhos, e se julga condenado a essa tortura pela eternidade. Ele se vê constantemente no momento em que cometeu seu crime; toda outra recordação lhe foi retirada e toda comunicação com outro Espírito, proibida; ele não pode, na Terra, manter-se senão nessa casa e, no espaço, nas trevas e na solidão.

2. Haveria um meio de desalojá-lo dessa casa e qual seria? — R. Caso se deseje desembaraçar-se das obsessões de semelhantes Espíritos, isso se torna fácil quando se roga por eles: fazê-lo é o que se negligencia sempre. Prefere-se espantá-los por fórmulas de exorcismo, que os divertem muito.

3. Passando às pessoas interessadas a ideia de rogar por ele, orando nós mesmos por ele, conseguiremos desalojá-lo? — R. Sim, mas observe que eu disse para rogar e *não para fazer rogar*.

4. Há dois séculos que ele se encontra nessa situação; avalia ele esse tempo como o faria vivo; quer dizer, o tempo lhe parece tão longo ou menos longo do que quando vivia? — R. Parece-lhe mais longo: *o sono não existe para ele*.

5. Disseram-nos que, para os Espíritos, o tempo não existe e que, para eles, um século constitui um ponto na eternidade; não ocorre então o mesmo para todos? — R. Não; certamente, assim sucede tão somente para os Espíritos chegados a um grau muito elevado de adiantamento; mas, para os Espíritos inferiores, o tempo é às vezes bem longo, sobretudo quando sofrem.

6. Onde veio esse Espírito antes de sua encarnação? — R. Ele teve uma existência entre as populações mais ferozes e mais selvagens e, precedentemente, veio de um planeta inferior à Terra.

7. Esse Espírito está sendo punido bem severamente pelo crime que cometeu; como viveu entre as populações bárbaras, deve ter cometido atos não menos atroz do que o derradeiro; por estes, ele foi punido com o mesmo rigor? — R. Ele recebeu uma punição menor, porque, mais ignorante, compreendia menos sua importância.

8. O estado em que se encontra esse Espírito é o daqueles seres vulgarmente chamados *danados*? — R. Absolutamente; há outros bem mais medonhos ainda. Os

sofrimentos estão longe de ser os mesmos para todos, mesmo para crimes semelhantes, pois variam segundo o culpado seja mais ou menos *acessível* ao arrependimento. Para esse, a casa onde cometeu seu crime é seu inferno; outros o trazem consigo, pelas paixões que os atormentam e que eles não podem satisfazer.

9. Esse Espírito, malgrado sua inferioridade, sente os bons efeitos da prece; nós observamos a mesma coisa em outros Espíritos igualmente perversos e da mais primitiva natureza; como se explica que, Espíritos mais esclarecidos, de uma inteligência mais desenvolvida, demonstrem uma ausência completa de bons sentimentos; que zombem de tudo o que há de mais sagrado; em uma palavra, que nada os comova e que não haja nenhuma trégua em seu cinismo? — R. A prece produz efeito apenas a favor do Espírito que se arrepende; aquele que, incitado pelo orgulho, se revolta contra Deus e persiste em seus desvios, exagerando-os ainda, como fazem os Espíritos desgraçados, sobre estes a prece nada pode, e nada poderá senão no dia quando uma luzinha de arrependimento se manifestar neles. A ineficácia da prece é ainda para eles um castigo! Ela só alivia os que não estão completamente empedernidos.

10. Quando se vê um Espírito inacessível aos bons efeitos da prece, é isto uma razão para se abster de rogar por ele? — R. Não, sem dúvida, pois, cedo ou tarde, poderá triunfar sobre sua insensibilidade e fazer germinar em si os pensamentos salutares.

Ocorre o mesmo com certos doentes sobre os quais os remédios apenas agem após um longo tempo; o efeito não é avaliável no momento; sobre outros, ao contrário, atuam rapidamente. Compenetrando-se desta verdade, de que todos os Espíritos são perfectíveis e de que nenhum está eternamente e fatalmente votado ao mal, se compreenderá que, cedo ou tarde, a prece alcançará seu efeito e que a que parece ineficaz à primeira vista não inocula nele menos os germes salutares que predispõem o Espírito ao bem, se ela não comovê-lo de pronto. Seria assim um erro desencorajar-se só porque não se obtém êxito imediatamente.

11. Se esse Espírito se reencarnasse, em qual categoria de indivíduos se encontraria? — R. Isso dependerá dele e do arrependimento que vier a sentir.

Muitas conversas com esse Espírito trouxeram-lhe uma notável mudança em seu estado moral. Eis algumas de suas respostas.

12. *Ao Espírito.* Por que o senhor não escreveu da primeira vez que o chamamos? — R. Eu não queria. — P. Por que não queria? — R. Ignorância e embrutecimento.

13. O senhor pode, portanto, deixar agora, quando quiser, a casa de Castelnau? — R. Isso me está sendo permitido, porque eu aproveito seus bons conselhos. — P. Com isso o senhor experimenta um alívio? — R. Eu começo a ter esperança.

14. Se nós pudéssemos vê-lo, sob qual aparência o veríamos? — R. Os senhores me veriam de camisa, sem punhal. — P. Por que não tem mais seu punhal; o que fez dele? — R. Eu o amaldiçoo; *Deus me desobriga da vista dele.*

15. Se o Sr. D. Filho (o que recebeu o bofetão) retornasse à casa, o senhor o trataria mal? — R. Não, porque estou arrependido. — P. E se quisesse ele novamente desafiá-lo? —

R. Oh! Não me peçam isso! Eu não conseguiria dominar-me; isso estaria acima de minhas forças... pois sou um miserável.

16. Vislumbra o fim de suas penas? — R. Oh! Não ainda; é muito mais do que mereço saber; foi graças à intercessão dos senhores que elas não durarão para sempre.

17. Queira descrever-nos a situação em que estava antes que o chamássemos da primeira vez. O senhor compreende que nós lhe perguntamos isso para ter um meio de lhe ser útil e não por mera curiosidade. — R. Eu lhes disse: eu não tinha consciência de nada no mundo senão de meu crime e não podia deixar a casa onde o cometi a não ser para penetrar no espaço onde tudo em torno era solidão e obscuridade; eu não poderia oferecer-lhes uma ideia do que acontecia: eu não compreendi nada disso jamais; quando penetrava acima do ar, fazia-se a escuridão, fazia-se o vácuo; eu não sei o que era. Hoje, eu experimento muito mais remorsos e não estou mais obrigado a ficar nessa casa fatal; permitiram-me errar sobre a Terra e procurar esclarecer-me através de minhas observações; mas agora eu compreendo melhor a enormidade de meus delitos; e, se sofro menos de um lado, minhas torturas aumentam do outro por causa do remorso; mas, ao menos, eu tenho esperança.

18. Se o senhor tivesse de retomar uma existência corpórea, qual escolheria? — R. Eu ainda não vi nem refleti o bastante para sabê-lo.

19. Durante seu longo isolamento e, pode-se dizer, seu cativeiro, o senhor teve remorsos? — R. Nem o menor deles; eis porque sofri por tanto tempo; somente quando eu comecei a passar por eles, é que me foram provocadas, à minha revelia, as circunstâncias que resultaram em minha evocação, à qual devo o começo de minha liberdade. Obrigado então ao senhor que teve piedade de mim e me esclareceu.

Nós vimos, com efeito, avaros sofrerem com a vista do ouro, o que para eles se tornava uma verdadeira quimera; orgulhosos, atormentados pela inveja das honras que viam prestar e que não se endereçavam a eles; homens que comandaram na Terra, humilhados pelo poder invisível que os obrigava a obedecer e pela vista de seus subordinados que não se curvavam mais diante deles; ateus a sofrer as angústias da incerteza e a se achar em um isolamento absoluto no meio da imensidão, sem encontrar nenhum ser que pudesse esclarecê-los. No mundo dos Espíritos, há alegrias para todas as virtudes e há penas para todas as faltas; e as que não alcança a lei dos homens são sempre atingidas pela lei de Deus.

Deve-se além disso observar que as mesmas faltas, conquanto cometidas em condições idênticas, são punidas por castigos às vezes muitíssimo diferentes, segundo o grau de adiantamento intelectual do Espírito. Aos Espíritos mais retardados e de uma natureza primitiva, como aquele de que se cuida aqui, são infligidas penas de algum modo mais materiais que morais, enquanto se dá o contrário com aqueles cuja inteligência e cuja sensibilidade são mais desenvolvidas. Para os primeiros, são precisos castigos apropriados à grosseria de sua crosta para fazê-los compreender os dissabores de sua situação e inspirar-lhes o desejo de sair dela; eis porque a simples vergonha, por exemplo, que causaria pouca ou nenhuma impressão neles, será intolerável para os outros.

Nesse código penal divino, a sabedoria, a bondade e a providência de Deus por suas criaturas se revelam até nas menores coisas; tudo é proporcional; tudo está combinado com uma admirável solicitude para facilitar aos culpados os meios de se reabilitarem; e lhes são levadas em conta as boas aspirações da alma, por menores que sejam. Segundo os dogmas das penas eternas, ao contrário, no inferno confundem-se os grandes e os pequenos culpados, os culpados de um dia e os cem vezes reincidentes, os empedernidos e os arrependidos; tudo se calcula para mantê-los no

fundo do abismo; nenhuma tábua de salvação se oferece a eles; uma única falta pode precipitar ali para sempre, sem que seja levado em conta o bem que se fez. De que lado se encontra a verdadeira justiça e a verdadeira bondade?

Essa evocação não ocorreu por efeito do acaso; como deveria ser útil a esse desgraçado, os Espíritos que velam sobre ele, percebendo que ele começava a compreender a enormidade de seus crimes, julgaram que havia chegado o momento de dar-lhe um socorro eficaz; foi quando ocasionaram as circunstâncias propícias. É um fato que nós vimos produzir-se muitas vezes.

Perguntou-se, a respeito, o que seria feito dele, se não tivesse sido evocado, e o que ocorre a todos os Espíritos sofredores que não podem sê-lo ou nos quais não se pensa. A isso se respondeu que os caminhos de Deus para a salvação de suas criaturas são inumeráveis; a evocação é um meio de assisti-los, mas certamente não é o único, e Deus não deixa ninguém no esquecimento. Aliás, as preces coletivas devem ter sobre os Espíritos, se acessíveis ao arrependimento, sua parte de influência.

Deus não poderia subordinar a sorte dos Espíritos sofredores aos conhecimentos e à boa vontade dos homens. Desde que estes puderam estabelecer relações regulares com o mundo invisível, uma das primeiras realizações do Espiritismo foi ensinar aos homens os serviços que, com a ajuda dessas relações, podem proporcionar aos irmãos desencarnados. Deus desejou, por esse meio, provar-lhes a solidariedade que existe entre todos os seres do universo e oferecer uma lei da natureza como fundamento para o princípio da fraternidade. Abrindo esse campo novo ao exercício da caridade, ele lhes mostra o lado verdadeiramente útil e sério das evocações, desviadas até agora de seu alvo providencial pela ignorância e pela superstição. Os Espíritos sofredores, pois, não sentiram, em nenhuma época, falta de socorro e, se as evocações lhes abrem uma nova estrada para a salvação, os encarnados com isso ganham talvez mais ainda, porque elas se consistem, para eles, em novas ocasiões de fazer o bem, enquanto se instruem sobre a verdadeira condição da vida futura.

JACQUES LATOUR

Assassino, condenado pelo Tribunal do Júri de Foix e executado em setembro de 1864.

Numa reunião espírita íntima de sete a oito pessoas, que ocorreu em Bruxelas, a 13 de setembro de 1864, e à qual assistíamos, uma senhora médium foi solicitada a escrever; não sendo feita nenhuma evocação especial, ela traça, com uma agitação extraordinária, em grossíssimas letras e após ter violentamente riscado o papel, estas palavras:

“Eu me arrependo! Eu me arrependo! Latour.”

Surpresos com esta comunicação inesperada, que nada havia provocado, pois ninguém pensava nesse infeliz, cuja morte a maioria mesmo dos assistentes ignorava, dirigem-se ao Espírito algumas palavras de comiseração e de encorajamento; depois, é feita a ele esta questão:

Qual motivo pôde fazê-lo vir a nós, de preferência a outro lugar, dado que não o chamamos?

A médium, que é também médium falante, responde de viva voz:

“Vi que os senhores são almas compassivas e que teriam piedade de mim, enquanto outros me evocam mais por curiosidade do que por verdadeira caridade, ou bem se afastam de mim com horror.”

Então começou uma cena indescritível, que não durou menos de u’a meia hora. Havendo a médium juntado à palavra, os gestos e a expressão da fisionomia, fica evidente que o Espírito se identifica com sua pessoa; às vezes suas entonações de desespero são tão sofridas, ele pinta suas angústias e seus sofrimentos com uma inflexão tão pungente, suas súplicas são tão veementes, que todos os que assistem ficam profundamente emocionados.

Alguns mesmo se assustaram com a superexcitação da médium, mas pensávamos que a comunicação de um Espírito que se arrepende e que implora por piedade não oferecia nenhum perigo. Se ele assumiu os órgãos da médium, foi para melhor representar sua situação e causar maior interesse por sua sorte, mas não, como os Espíritos obsessores e possesores, com o intento de se apoderar dela para dominá-la. Sem dúvida, isso lhe foi permitido em seu próprio interesse, e talvez também para instrução das pessoas presentes.

Ele grita:

“Oh! sim, da piedade! Eu tenho muita necessidade dela, pois os senhores não sabem o que eu sofro!... Não, os senhores não o sabem; não podem compreender... É horrível!... A guilhotina!... O que é isso, perto do que aguento agora! Não é nada; é um instante. Mas este fogo que me devora, é pior, é u’a morte contínua; é um sofrimento que não dá trégua nem repouso... que não tem fim!

“E minhas vítimas que estão aqui, em torno de mim... que mostram suas feridas... que me perseguem com seus olhares!... Elas estão aqui, diante de mim... eu as vejo a todas... sim, a todas... eu as vejo a todas; não posso evitá-las!... E este mar de sangue!... E este ouro manchado de sangue!... Tudo está aqui! Sempre diante de mim?... Sentem os senhores o odor do sangue?... Do sangue, sempre do sangue!... Ei-las, as pobres vítimas; elas me imploram... E eu, sem piedade, eu golpeio... Eu golpeio... Eu golpeio sempre!... O sangue me embriaga!

“Eu acreditava que após minha morte tudo estaria acabado; eis porque eu desafiei o suplício; eu desafiei a Deus, eu o reneguei!... E eis que, quando me acreditava aniquilado para sempre, um despertar terrível se dá...; oh!, sim, terrível!... Eu estou cercado de cadáveres, de rostos ameaçadores... Eu caminho no sangue... Eu acreditava estar morto, e eu vivo!... É medonho!... É horrível! Mais horrível que todos os suplícios da Terra!

“Oh! se todos os homens pudessem saber o que há além da vida! Eles saberiam o quanto custa fazer o mal; não haveria mais assassinos, mais criminosos, mais malfeitores! Eu gostaria que todos os assassinos pudessem ver o que eu vejo e o que aguento... Oh! não, eles não existiriam mais... é por demais medonho sofrer o que eu sofro!

“Sei bem que eu o mereci, ó meu Deus, pois não tive piedade de minhas vítimas; eu repeli suas mãos suplicantes quando elas me pediam para poupá-las. Sim, eu mesmo fui cruel; eu, covardemente, as matei para ter seu ouro!... Eu fui impiedoso; eu o reneguei; eu blasfemei contra seu santo nome... *Eu quis enganar-me; eis porque eu queria persuadir-me de que o senhor não existia...* Ó meu Deus! Eu sou um grande criminoso! Eu o compreendo agora. Mas o senhor não tem piedade de mim?... O senhor é Deus, quer dizer, a bondade, a misericórdia! O senhor é todo-poderoso!

“Piedade, Senhor! Oh! Piedade! Piedade! Por favor, não seja inflexível; livre-me desta vista odiosa, destas imagens horríveis... deste sangue... de minhas vítimas, *cujos olhares me penetram até o coração como golpes de punhal*.

“Os senhores que estão aqui, que me escutam, os senhores são boas almas, almas caridosas; sim, eu os vejo, os senhores terão piedade de mim, não é? Os senhores rogarão por mim... Oh! Eu lhes suplico! Não me rejeitem. Os senhores rogarão a Deus para me retirar esse horrível espetáculo diante de meus olhos; ele os escutará, porque os senhores são bons... Eu lhes suplico, não me rejeitem como eu rejeitei os outros... Roguem por mim.”

Os assistentes, emocionados por suas lamentações, endereçaram-lhe palavras de encorajamento e de consolação. Deus, disseram, não é nunca inflexível; o que ele requer do culpado é um arrependimento sincero e o desejo de reparar o mal que praticou. Como seu coração não está insensível, e como a ele pede perdão por seus crimes, Deus espargirá sobre o senhor sua misericórdia, se perseverar em suas boas resoluções para reparar o mal que praticou. O senhor não pode, sem dúvida, devolver às suas vítimas a vida que lhes subtraiu, mas, se o pedir com fervor, Deus lhe concederá que se encontre com elas em uma nova existência, onde poderá mostrar-lhes tanto devotamento quanto foi cruel outrora; e quando ele julgar a reparação suficiente, o senhor alcançará a graça ao lado dele. A duração de seu castigo está assim em suas mãos; depende de si abreviá-la; nós prometemos ajudá-lo com nossas preces, e pedir para si a assistência dos bons Espíritos. Nós vamos dizer, em sua intenção a prece contida em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* para os Espíritos sofredores e arrependidos. Nós não diremos aquela para os maus Espíritos, porque, dado que se arrependeu, que implora a Deus e que renuncia a praticar o mal, o senhor não é mais, a nossos olhos, que um Espírito desgraçado e não malvado.

Dita a prece, após alguns instantes de calma, o Espírito continua:

“Obrigado, meu Deus!... Oh! Obrigado! O senhor teve piedade de mim; estas imagens horríveis se afastam... Não me abandone... Envie-me seus bons Espíritos para me amparar... Obrigado.”

Após esta cena, a médium fica, durante algum tempo, alquebrada e abatida; seus membros estão bambos. Tem a lembrança, no princípio confusa, do que acaba de se passar; depois, pouco a pouco, ela se lembra de algumas das palavras que pronunciou e que dizia a seu malgrado; ela sentia que não era ela quem falava.

No dia seguinte, numa nova reunião, o Espírito se manifesta de novo, e recomeça, durante alguns minutos somente, a cena da véspera, com a mesma pantomima expressiva mas menos violenta; depois escreve, pela mesma médium, com uma agitação febril, as palavras seguintes:

“Obrigado por suas preces; já uma melhora sensível se produz em mim. Eu roguei a Deus com tanto fervor que ele permitiu que, por um momento, meus sofrimentos sejam aliviados; mas eu as verei de novo, as minhas vítimas... Ei-las aqui! Ei-las aqui!... Veem este sangue?”

(A prece da véspera é repetida. O Espírito continua, dirigindo-se à médium):

“Perdão por me apossar da senhora. Obrigado pelo alívio que traz a meus sofrimentos; perdão por todo o mal que lhe ocasionei; mas eu tinha necessidade de manifestar-me; só a senhora pode...”

“Obrigado! Obrigado! Um pouco de alívio se produz; mas eu não estou no final de minhas provações. Dentro em pouco, de novo minhas vítimas voltarão. Eis a punição; eu fiz por merecê-la, meu Deus, mas seja indulgente.

“Os senhores todos, roguem por mim; tenham piedade de mim.”

LATOUR.

Um membro da Sociedade Espírita de Paris, que havia rogado por esse Espírito infeliz e o havia evocado, obteve as comunicações seguintes, com diferentes intervalos:

I

Eu fui evocado quase imediatamente após minha morte e não pude comunicar-me de pronto, mas muitos Espíritos levianos tomaram meu nome e meu lugar. Aproveitei-me da presença em Bruxelas do Presidente da Sociedade de Paris e, com a permissão de Espíritos superiores, eu me comuniquéi.

Eu virei comunicar-me na Sociedade e farei revelações que serão um começo de reparação de minhas faltas e que poderão servir de ensinamento a todos os criminosos que lerem e refletirem sobre o relato de meus sofrimentos.

As palestras sobre as penas do inferno alcançam pouco efeito sobre o Espírito dos culpados, que não creem em todas essas imagens, assustadoras apenas para as crianças e os homens fracos. Ora, um grande malfeitor não é um Espírito pusilânime e o medo dos policiais atua mais sobre ele do que o relato dos tormentos do inferno. Eis porque todos os que me lerem serão atingidos por minhas palavras, por meus sofrimentos que não são suposições. Não existe um só padre que possa dizer: “Eu vi o que lhes digo, eu assisti às torturas dos danados.” Mas, quando eu vier dizer: “Eis o que se passou após a morte de meu corpo; eis qual foi o meu desencanto, reconhecendo que não estava morto, como eu havia esperado, sendo o que tomei por fim de meus sofrimentos apenas o começo de torturas impossíveis de descrever!”, então, mais de um se sustará à beira do precipício onde iria cair; cada infeliz que eu sustar assim na estrada do crime servirá para resgatar uma de minhas faltas. É assim que o bem nasce do mal e que a bondade de Deus se manifesta por todo lugar, na Terra como no espaço.

Foi-me permitido libertar-me da vista de minhas vítimas, que se tornaram meus carrascos, a fim de me comunicar consigo; mas deixando-o, eu as reverei e este só pensamento me faz sofrer mais do que eu possa dizer. Eu fico feliz quando me evocam, pois então eu deixo meu inferno por alguns instantes. Rogue sempre por mim; rogue ao Senhor para que me livre da vista de minhas vítimas.

Sim, roguemos juntos: a prece faz tanto bem!... Eu estou mais leve; não sinto mais tanto o peso do fardo que me sobrecarrega. Eu vejo um raio de esperança que reluz a meus olhos e, pleno de arrependimento, exclamo: Bendita seja a mão de Deus; que sua vontade seja feita!

II

O MÉDIUM. — Em vez de pedir a Deus para livrá-lo da vista de suas vítimas, eu o convido a orar comigo para pedir a ele força para suportar essa tortura expiatória.

LATOUR. — Eu preferiria estar liberto da vista de minhas vítimas. Se o senhor soubesse o quanto sofro?! O homem mais insensível ficaria emocionado se pudesse ver, impressos em meu rosto como com fogo, os sofrimentos de minha alma. Eu farei o que o senhor me aconselhar. Compreendo que é um meio um pouco mais rápido de expiar minhas faltas. É como uma operação dolorosa que deve devolver a saúde a meu corpo bastante enfermo.

Ah! Se os culpados da Terra pudessem ver-me, quanto ficariam assustados pelas consequências de seus crimes que, ocultos aos olhos dos homens, são vistos pelos Espíritos! Quão fatal é a ignorância a tantas miseráveis criaturas!

Que responsabilidade assumem os que obstam a instrução das classes pobres da sociedade! Eles acreditam que com os guardas e a polícia podem coibir os crimes. Como estão errados!

III

Os sofrimentos que eu aguento são horríveis mas, após suas preces, eu me sinto assistido pelos bons Espíritos, que me dizem para esperar. Compreendo a eficácia do remédio heroico que o senhor me aconselhou e rogo a Deus para me conceder força para suportar esta dura expiação. Ela é igual, eu posso dizê-lo, ao mal que pratiquei. Eu não desejo procurar desculpas para meus delitos; mas ao menos, salvo por alguns instantes de terror que precederam, para cada uma de minhas vítimas, o momento da morte, a dor, uma vez cometido o crime, cessou para elas, e as que haviam terminado suas provações terrestres foram receber a recompensa que lhes estavam destinadas. Mas, após meu ingresso no mundo dos Espíritos, eu não parei, exceto nos momentos bem curtos quando me comuniquei, de sofrer as dores do inferno.

Os padres, malgrado seu quadro assustador das penas que afligem os condenados, têm uma ideia bem fraca dos verdadeiros sofrimentos que a justiça de Deus inflige a seus filhos que violaram sua lei de amor e de caridade. Como fazer crer a pessoas judiciosas que uma alma, quer dizer, alguma coisa que não é material, possa sofrer ao contato do fogo material? Isso é um absurdo; eis porque tantos criminosos zombam dessas pinturas fantásticas do inferno. Mas não se passa o mesmo com a dor moral que aguenta o condenado, após a morte física.

Roguem por mim, para que o desespero não se aposses de mim.

IV

Eu lhe agradeço pelo alvo que o senhor me fez entrever, alvo glorioso o qual eu sei que atingirei, quando estiver purificado. Sofro muito, entretanto, parece-me que meus

sofrimentos diminuem. Eu não posso acreditar que, no mundo dos Espíritos, a dor diminua porque a gente se habitua com ela, pouco a pouco. Não. Eu compreendo que suas boas preces aumentaram minhas forças e, *se minhas dores são as mesmas, sendo maior minha força, eu sofro menos.*

Meu pensamento se transporta para minha última existência, para as faltas que eu poderia ter evitado se soubesse rezar. Eu compreendo hoje a eficácia da prece; eu compreendo a força das mulheres honestas e piedosas, fracas segundo a carne, mas fortes por sua fé; eu compreendo o mistério que os falsos sábios da Terra não compreendem. Prece! esta palavra por si só excita a risada aos espíritos fortes. Eu os estou esperando e, quando o véu que lhes encobre a verdade se rasgar para eles, por sua vez virão prosternar-se aos pés do Eterno, que eles desconheciam, e ficarão felizes em se humilhar para se restabelecerem de seus pecados e de seus crimes! Eles compreenderão o poder da prece.

Orar é amar; amar é orar! Então, eles amarão o Senhor e lhe endereçarão suas preces de amor e de reconhecimento e, regenerados pelo sofrimento, pois deverão sofrer, rogarão como eu para conseguir força para expiar e para sofrer e, quando terão parado de sofrer, eles rezarão para agradecer ao Senhor o perdão que mereceram por sua submissão e resignação. Roguemos, irmão, para me fortalecer ainda mais...

Oh! Obrigado, irmão, por sua caridade, pois eu estou perdoado. Deus me liberta da vista de minhas vítimas. Oh! Meu Deus, seja bendito durante a eternidade pela graça que me concede! Ó meu Deus, eu sinto a enormidade de meus crimes e me prostro perante sua onipotência. Senhor! Eu o amo de todo o meu coração e lhe peço a graça de permitir-me, quando sua vontade me enviar para sofrer na Terra novas provações, ir para lá, missionário da paz e da caridade, ensinar as crianças a pronunciar seu nome com respeito. Eu lhe peço poder ensiná-las a amá-lo, ao senhor, o Pai de todas as criaturas. Oh! Obrigado, meu Deus! Eu sou um Espírito arrependido, e meu arrependimento é sincero. Eu o amo, tanto quanto meu coração tão impuro pode compreender esse sentimento, pura emanção de sua divindade. Irmão, oremos, pois meu coração transborda de reconhecimento. Eu estou livre, quebrei meus grilhões, não sou mais um condenado, sou um Espírito sofredor mas arrependido, e eu gostaria de que meu exemplo pudesse sustar, no limiar do crime, todas essas mãos criminosas que vejo prestes a se levantar. Oh! Parem, irmãos, parem, pois as torturas que vocês preparam para si mesmos serão atroz. Não creiam que o Senhor se deixará sempre, tão rapidamente, dobrar pela prece de seus filhos. São séculos de tortura que os esperam.

O guia do médium. Você diz que não compreende as palavras do Espírito. Veja se consegue entender sua emoção e seu reconhecimento para com o Senhor; ele julga que pode exprimi-lo e testemunhá-lo melhor, buscando deter todos os criminosos que ele vê e que você não pode ver. Ele gostaria que suas palavras chegassem a eles, e o que ele não lhe disse, porque o ignora ainda, é que lhe será permitido iniciar as missões reparadoras. Ele irá para junto de seus cúmplices procurar inspirar-lhes o arrependimento e introduzir em seus corações o germe do remorso. Às vezes veem-se na Terra pessoas com reputação de honestidade virem aos pés de um padre acusar-se de um crime. É o remorso que lhes dita a confissão de sua falta. E se o véu que o separa do mundo invisível se erguesse, você

veria amiúde um Espírito que foi o cúmplice ou o instigador de um crime, vir, como o fará Jacques Latour, procurar reparar sua falta, inspirando remorso ao Espírito encarnado.

Seu guia protetor.

A médium de Bruxelas, que havia obtido a primeira manifestação de Latour, recebeu mais tarde a comunicação seguinte:

“Nada mais tema de mim; eu estou mais tranquilo, entretanto, eu sofro ainda. Deus teve piedade de mim, pois ele viu meu arrependimento. Agora, *eu sofro em virtude desse arrependimento, que me mostra a enormidade de minhas faltas.*

“Se eu tivesse sido bem guiado na vida, não teria praticado todo o mal que pratiquei; mas meus instintos não foram reprimidos, e eu obedeci a eles, não tendo conhecido nenhum freio. Se todos os homens pensassem primeiro em Deus ou, pelo menos, se todos os homens cressem nele, semelhantes delitos não se cometeriam mais.

“Mas a justiça dos homens é mal formulada; por uma falta, às vezes leve, um homem é encerrado em uma prisão que, sempre, é um lugar de perdição e de perversão. Ele sai dali completamente perdido pelos maus conselhos e pelos maus exemplos que absorveu. Caso, no entanto, sua natureza seja assaz boa e assaz forte para resistir ao mau exemplo, saindo da prisão, todas as portas lhe são fechadas, todas as mãos se retraem diante dele, todos os corações honestos o rejeitam. Que lhe resta? O desprezo e a miséria; o abandono; e o desespero, se ele se sente com boas resoluções para retornar ao bem; a miséria o compele a tudo. Ele também então despreza seu semelhante, odeia-o e perde toda a consciência do bem e do mal, dado que se vê repellido, ele, que, não obstante, havia tomado a resolução de se tornar um homem honesto. Para se proporcionar o necessário, ele rouba, ele mata, às vezes; depois a gente o guilhotina!

“Meu Deus, no momento em que minhas alucinações vão dominar-me de novo, eu sinto sua mão que se estende para mim; sinto sua bondade que me agasalha e me protege. Obrigado, meu Deus! Em minha próxima existência, eu empregarei minha inteligência, esse bem que possuo, para socorrer os infelizes que sucumbiram e para preservá-los da queda.

“Obrigado à senhora, a quem não repugna comunicar-se comigo; não tenha medo; a senhora está vendo que não sou mau. Quando pensar em mim, não represente o retrato de quando me viu, mas represente uma pobre alma desolada que lhe agradece sua indulgência.

“Adeus; evoque-me de novo, e rogue a Deus por mim.”

LATOUR.

Estudo sobre o Espírito de Jacques Latour.

Não se pode desconhecer a profundidade e a alta importância de algumas palavras que encerra esta comunicação; ela oferece, além disso, um dos aspectos do mundo dos Espíritos castigados, acima do qual, entretanto, se entrevê a misericórdia de Deus. A alegoria mitológica das Eumênides não é tão ridícula quanto se crê e os demônios, carrascos oficiais do mundo invisível, os

quais as substituem na crença moderna, são menos racionais, com seus cornos e seus forcados, do que essas vítimas servindo elas mesmas para o castigo do culpado.

Admitindo-se a identidade deste Espírito, a gente se admirará talvez com uma mudança tão rápida em seu estado moral; foi por isso que nós fizemos observar, em uma outra ocasião, que existem amiúde mais recursos em um Espírito brutalmente malvado do que naquele que é dominado pelo orgulho ou que esconde seus vícios sob o manto da hipocrisia. Esse rápido retorno a melhores sentimentos indica uma natureza mais selvagem que perversa, à qual faltou uma boa direção. Comparando sua linguagem com a de um outro criminoso mencionado adiante, sob o título de: *Castigo pela luz*, é fácil ver qual dos dois é o mais avançado moralmente, apesar da diferença de sua instrução e de sua posição social; um obedecia a um instinto natural de ferocidade, a uma sorte de superexcitação, enquanto o outro punha, quando da perpetração de seus crimes, a calma e o sangue-frio de um lento e perseverante planejamento, e após sua morte afrontava novamente o castigo por orgulho; ele sofre, mas não deseja convencer-se disso; o outro foi contido imediatamente. Pode-se assim prever qual dos dois sofrerá por mais tempo.

“Eu sofro, diz o Espírito de Latour, em virtude desse arrependimento, que me mostra a enormidade de minhas faltas.” Há aí um pensamento profundo. O Espírito só compreende realmente a gravidade de seus delitos quando se arrepende; o arrependimento traz o pesar, o remorso, sentimento doloroso que é a transição do mal ao bem, da moléstia moral à saúde moral. É para escapar a isso que os Espíritos perversos se enrijecem contra a voz de sua consciência, como os doentes que rejeitam o remédio que deve curá-los; procuram iludir-se, aturdir-se, persistindo no mal. Latour chegou a esse período quando a insensibilidade acaba por ceder; o remorso penetrou em seu coração; o arrependimento se seguiu; ele compreende a extensão do mal que praticou; ele vê sua abjeção e sofre com ela; eis porque disse: “Eu sofro em virtude desse arrependimento”. Em sua precedente existência, ele deve ter sido pior do que nesta, pois, caso se houvesse arrependido como está hoje, sua vida teria sido melhor. As resoluções que toma agora influirão sobre sua vida terrestre futura; a que acabou de deixar, por mais criminosa que tenha sido, determinou para ele uma etapa de progresso. É mais do que provável que, antes de começá-la, ele era, na erraticidade, um desses malvados Espíritos rebeldes, obstinados no mal, como se veem tantos.

Muitas pessoas perguntaram que proveito se pode obter das existências passadas, dado que não se lembram nem do que foram, nem do que fizeram.

Esta questão queda completamente resolvida pelo fato de que, se o mal que cometemos está apagado e se dele não resta nenhum traço em nosso coração, sua lembrança seria inútil, já que não temos com que preocupar-nos. Quanto aos que não corrigimos inteiramente, nós os reconhecemos através de nossas tendências atuais; é sobre estas que nós devemos aplicar toda a nossa atenção. Basta saber o que nós somos, sem que seja necessário saber o que fomos.

Quando se considera a dificuldade, durante a vida, da reabilitação do culpado mais arrependido e a reprovação da qual é objeto, deve-se bendizer a Deus por haver jogado um véu sobre o passado. Se Latour tivesse sido condenado a tempo e mesmo se tivesse sido absolvido, seus antecedentes o teriam feito rejeitar pela sociedade. Quem teria desejado, apesar de seu arrependimento, admiti-lo em sua intimidade? Os sentimentos que ele manifesta hoje como Espírito nos dão a esperança de que, em sua próxima existência terrestre, será um homem honesto, estimado e considerado; mas suponha que se saiba que ele foi Latour: a reprovação o perseguirá de novo. O véu jogado sobre seu passado lhe abre a porta da reabilitação; ele poderá sentar-se, sem temor e sem vergonha, entre as mais honestas pessoas. Quantos não existem que desejariam, a todo custo, apagar da memória dos homens certos anos de sua existência!

Que se encontre uma doutrina que se concilie melhor que esta com a justiça e a bondade de Deus! De resto, esta doutrina não é uma teoria, mas um resultado de observações. Não foram absolutamente os espíritas que a imaginaram; eles viram e observaram as diferentes situações nas

quais se apresentam os Espíritos; eles procuraram explicá-las, e dessa explicação nasceu a doutrina. Se a aceitaram, é porque ela resulta de fatos e porque lhes pareceu mais racional que todas as emitidas até este dia sobre o futuro da alma.

Pode-se recusar a estas comunicações um alto ensinamento moral? O Espírito pode ter sido, deve mesmo ter sido ajudado, em suas reflexões e sobretudo na escolha de suas expressões, por Espíritos mais adiantados; mas, em semelhante caso, estes últimos assistem na forma e não no fundo, e não põem jamais o Espírito inferior em contradição consigo mesmo. Eles devem ter poetizado, em Latour, a forma do arrependimento, mas não lhe teriam nunca feito com que exprimisse um arrependimento contra sua vontade, porque o Espírito tem seu livre-arbítrio; eles viam nele o germe dos bons sentimentos; eis porque o ajudaram a se exprimir, e com isso eles contribuíram para desenvolvê-los, ao mesmo tempo que chamaram sobre ele a comiseração.

Existe algo mais emocionante, mais espiritual, de natureza a impressionar mais vivamente do que o quadro deste grande criminoso arrependido, exalando seu desespero e seus remorsos; que, no meio de suas torturas, perseguido pelo olhar incessante de suas vítimas, eleva seu pensamento até Deus para implorar sua misericórdia? Não está aí um salutar exemplo para os culpados? Compreende-se a natureza de suas angústias; elas são racionais, terríveis, conquanto simples e sem encenação fantasmagórica.

A gente poderia espantar-se talvez com uma tão grande mudança num homem como Latour; mas por que não deveria arrepender-se? Por que não haveria nele uma corda sensível vibrando? O culpado estaria então para sempre votado ao mal? Não há de chegar um momento em que a luz se faça em sua alma? Esse momento havia chegado para Latour. Está precisamente aí o lado espiritual de suas comunicações; é a compreensão que ele tem de sua situação; são suas lamentações, seus projetos de reparação que são eminentemente instrutivos. O que se acharia de extraordinário no fato de que se arrependesse sinceramente antes de morrer, que dissesse antes o que disse depois? Não existem numerosos exemplos disso?

Um retorno ao bem antes de sua morte passaria aos olhos da maioria de seus sequazes por fraqueza; sua voz de além-túmulo é a revelação do futuro que os espera. Ele está absolutamente certo quando diz que seu exemplo é mais adequado para orientar os culpados que a perspectiva das chamas do inferno e mesmo do cadafalso. Por que, pois, não as ofereceria nas prisões? Isso ali faria refletir mais de um, assim como já temos disso diversos exemplos. Mas como crer na eficácia das palavras de um morto, quando se crê no íntimo que, quando se morre, tudo acaba? Um dia, contudo, virá quando se reconhecerá esta verdade: que os mortos podem vir instruir os vivos.

Há várias outras instruções importantes para se extrair destas comunicações; a primeira é a confirmação do princípio de eterna justiça, que o arrependimento não basta para colocar o culpado no renque dos eleitos. O arrependimento é o primeiro passo para a reabilitação, o qual clama pela misericórdia de Deus; é o prelúdio do perdão e a redução dos sofrimentos; mas Deus não absolve sem condição; precisa a expiação e, sobretudo, a reparação; Latour o compreende e para isso se prepara.

Em segundo lugar, se a gente compara este criminoso ao de Castelnaudary, acha-se uma grande diferença no castigo que lhes está sendo infligido. Para o último, o arrependimento foi tardio e, por consequência, a pena mais longa. Essa pena, por outro lado, é quase material, enquanto para Latour o sofrimento é antes espiritual; é que, como nós dissemos mais acima, em um a inteligência era bem menos desenvolvida que no outro; precisava de alguma coisa que pudesse atingir seus sentidos obtusos; mas as penas morais não são menos agudas para quem chegou ao grau indicado para compreendê-las; a gente pode julgá-las pelas queixas que profere Latour; não é a cólera, é a expressão dos remorsos cedo seguida do arrependimento e do desejo de reparar, com o fito de progredir.

CAPÍTULO VII

ESPÍRITOS ENDURECIDOS

LAPOMMERAY

Castigo pela luz.

Em uma das sessões da Sociedade de Paris em que se havia discutido a questão da perturbação que em geral se segue à morte, um Espírito ao qual ninguém havia aludido e não se pensava evocar se manifesta espontaneamente pela comunicação seguinte; conquanto não estivesse assinada, nela se reconheceu sem dificuldade um grande criminoso que a justiça humana acabava de executar.

“É isso o que têm vocês para falar sobre a perturbação? Por que essas vãs palavras? Vocês são sonhadores e utopistas. Vocês desconhecem completamente as coisas com as quais pretendem ocupar-se. Não, senhores, a perturbação não existe, salvo talvez em suas cabeças. Eu estou tão absolutamente morto quanto possível, e vejo claro em mim, em torno de mim, por toda a parte!... A vida é uma lúgubre comédia! Desafortunados os que se fazem sair da cena antes do cair do pano!... A morte é um horror, um castigo, um desejo, segundo a fraqueza ou a força daqueles que a temem, a desafiam ou a imploram. Para todos, ela é uma amarga irrisão!... *A luz me ofusca e penetra, como uma flecha pontiaguda, a sutileza de meu ser...* Fui castigado com as trevas da prisão, e acreditaram castigar-me com as trevas do túmulo ou as imaginadas pelas superstições católicas. Muito bem! São vocês, senhores, que suportam a obscuridade, e eu, o degradado social, eu plano acima de vocês... Eu quero ficar aqui, eu!... Forte pelo pensamento, eu desdenho as advertências que ressoam em torno de mim. Eu vejo claro... Um crime! É só uma palavra! O crime existe por toda a parte. Quando é praticado por massas de homens, é glorificado; em particular, é amaldiçoado. Absurdo!

“Eu não quero ser lamentado... Eu não peço nada... Eu me basto e saberei lutar com denodo contra *esta odiosa luz*.

“Aquele que ontem era um homem.”

Tendo esta comunicação sido analisada na sessão seguinte, reconheceu-se, no cinismo mesmo da linguagem, um real ensinamento, e viu-se na situação desse infeliz uma nova fase do castigo que espera o culpado. Com efeito, enquanto uns são imersos nas

trevas ou em um isolamento absoluto, outros suportam, durante largos anos, as angústias de sua derradeira hora, ou se julgam ainda neste mundo; para este brilha a luz; seu Espírito desfruta a plenitude de suas faculdades; ele sabe perfeitamente que está morto, e não se lamuria por nada; não pede nenhuma assistência, e desafia ainda as leis divinas e humanas. Será, então, que vai escapar à punição? Não, mas é que a justiça de Deus se cumpre de qualquer jeito, e o que faz a alegria de uns, é para outros um tormento; a luz constitui seu suplício, contra o qual ele endurece, mas, malgrado seu orgulho, ele o confessa quando diz: “Eu me basto e saberei lutar com denodo contra esta odiosa luz”; e nesta outra frase: “A luz me ofusca e penetra, como uma flecha pontiaguda, a sutileza de meu ser.” Estas palavras: *sutileza de meu ser*, são características; ele reconhece que seu corpo é fluídico e penetrável pela luz da qual não pode escapar, e essa luz o trespassa como uma flecha pontiaguda.

Este Espírito está posto aqui entre os endurecidos porque passou muito tempo até manifestar um mínimo arrependimento. É um exemplo desta verdade de que o progresso moral nem sempre acompanha o progresso intelectual. Pouco a pouco, no entanto, ele se retratou e mais tarde ofereceu comunicações judiciosamente raciocinadas e instrutivas. Hoje, ele pode ser alinhado entre os Espíritos arrependidos.

Nossos guias espirituais, instados para oferecerem sua apreciação sobre este tema, ditaram as três comunicações adiante, as quais merecem uma apreciação cuidadosa.

I

Os Espíritos na erraticidade ficam, evidentemente do ponto de vista das existências, inativos e em expectativa; contudo, eles têm como expiar a culpa, contanto que seu orgulho, ou seja, a tenacidade formidável e obstinada de seus erros, não os retenha, no momento de sua ascensão progressiva. Os senhores têm disso um exemplo terrível na última comunicação desse criminoso empedernido debatendo-se contra a justiça divina, que o pune após aquela dos homens. Nesse caso, a expiação, ou melhor, o sofrimento fatal que os oprime, ao invés de lhes ser de proveito e de fazê-los sentir a profunda significação de suas penas, os exalta na revolta e os faz pronunciar aqueles queixumes que a Escritura, em sua poética eloquência, chama *ranger de dentes*; imagem por excelência, sinal do sofrimento prostrado mas insubmisso; perdido na dor, mas cuja revolta é ainda assaz poderosa para recusar-se a reconhecer a verdade do castigo e a verdade da recompensa!

Os grandes desregramentos continuam amiúde e, mesmo, quase sempre, no mundo dos Espíritos; também os grandes sentimentos criminosos. Ser ele, malgrado todas as coisas, e se jactar perante o Infinito parece a cegueira do homem que contempla as estrelas e que as toma por arabescos de um teto, tal como acreditavam os gauleses do tempo de Alexandre.

Existe o infinito moral! Miserável, ínfimo, é ele que, sob o pretexto de continuar as lutas e as fanfarrônicas abjetas da Terra, não vê mais longe no outro mundo do que via neste! Para ele, a cegueira, o menosprezo aos outros, a egoísta e mesquinha personalidade e a retenção do progresso! É absoluta verdade, homens, que existe um acordo secreto

entre a imortalidade de um nome puro deixado na Terra, e a imortalidade que garantem realmente os Espíritos em suas provações sucessivas.

LAMENNAIS.

II

Precipitar um homem nas trevas ou nas ondas de luz: o resultado não é o mesmo? Em um e outro caso, ele não vê nada do que o rodeia e se habituará, até mesmo mais rapidamente, à sombra do que à melancólica claridade elétrica na qual ele pode estar imerso. Logo, o Espírito que se comunicou na última sessão, exprime bem a verdade de sua situação quando exclama: “Oh! Eu me libertarei, sim, desta odiosa luz!” Com efeito, essa luz é muito mais terrível, muito mais assustadora, porquanto o trespassa completamente e lhe torna visíveis e aparentes seus mais secretos pensamentos. Está aí um dos aspectos mais rudes de seu castigo espiritual. Ele se encontra, por assim dizer, encerrado na casa de vidro que requeria Sócrates, e está aí, novamente, um ensino, pois o que foi a alegria e o consolo do sábio, se transforma na punição infamante e ininterrupta do mau, do criminoso, do parricida, estarecido com sua própria personalidade.

Compreendem vocês, meus filhos, a dor e o terror que têm de punir a quem, durante uma existência sinistra, se comprazia em combinar, a maquinar os mais graves delitos no fundo de seu ser, onde ele se refugiava como um animal selvagem em sua caverna, e que, hoje, se vê rechaçado desse refúgio íntimo, onde se escondia dos olhares e da investigação de seus contemporâneos? Agora, sua máscara de impassibilidade lhe foi arrancada e cada um de seus pensamentos se reflete sucessivamente em sua frente!

Sim, doravante, nenhum repouso, nenhum esconderijo para esse temível criminoso. Cada mau pensamento, e Deus sabe se sua alma se exprime assim, se revela fora e dentro dele, como sob a ação de um choque elétrico superior. Ele deseja esconder-se da multidão, e a luz odiosa o trespassa o tempo todo. Ele deseja fugir, ele foge em uma corrida ofegante e desesperada através dos espaços incomensuráveis, e por toda a parte a luz! Por a toda parte os olhares que mergulham nele! E se precipita de novo em sua perseguição à sombra, em sua procura da noite, e a sombra e a noite não existem mais para ele. Ele clama pela morte em sua ajuda mas a morte não passa de uma palavra vazia de sentido. O infortunado foge sempre! *Ele caminha para a loucura espiritual*; castigo terrível, dor medonha, onde se debaterá consigo mesmo para se desembaraçar de si mesmo. Tal é a suprema lei para além da Terra: é o culpado que se transforma para si mesmo em seu mais inexorável castigo.

Quanto tempo isso durará? Até a hora em que sua vontade, enfim vencida, se curvará sob a pressão pungente do remorso e em que sua frente soberba se humilhará perante suas vítimas apaziguadas e perante os Espíritos de justiça. E notem a elevada lógica das leis imutáveis; novamente ele cumprirá o que escrevia na altiva comunicação, tão clara, tão lúcida e tão tristemente abarrotada de si mesmo, que ele ofereceu na sexta-feira passada, enviando-a por um ato de sua própria vontade.

ERASTO.

III

A justiça humana não estabelece diferença de individualidade dos seres que condena; medindo o crime pelo crime em si, ela pune indistintamente os que o cometeram, e a mesma pena se aplica ao culpado sem distinção de sexo, e seja qual for sua educação. A justiça divina procede de outra forma; *as punições correspondem ao grau de adiantamento dos seres aos quais são infligidas*; a igualdade do crime não importa em igualdade entre os indivíduos; dois homens culpados, de igual categoria, podem estar separados pela distância das provações que mergulham um na opacidade intelectual dos primitivos círculos de iniciação, enquanto o outro, por tê-los ultrapassado, possui a lucidez que desobriga o Espírito da perturbação. Já não são mais as trevas que castigam mas a intensidade da luz espiritual; ela trespassa a inteligência terrestre, e a faz experimentar a angústia de uma chaga aberta.

Os seres desencarnados que a representação material de seu crime persegue sofrem o choque da eletricidade física: sofrem pelos sentidos; os que estão já desmaterializados pelo Espírito sentem uma dor muito superior que faz desaparecer, em suas ondas amargas, a recordação dos fatos, para deixar subsistir apenas o conhecimento de suas causas.

O homem pode, portanto, malgrado a criminalidade de suas ações, possuir um adiantamento interior, e enquanto as paixões o fazem agir como um bruto, suas faculdades aguçadas o elevam acima da espessa atmosfera das camadas inferiores. A ausência de ponderação, de equilíbrio entre o progresso moral e o progresso intelectual, produz as anomalias muito frequentes nas épocas de materialismo e de transição.

A luz que tortura o Espírito culpado é assim exatamente o raio espiritual que inunda de claridade os refúgios secretos de seu orgulho e lhe desnuda a inutilidade de seu ser fragmentário. Eis aí os primeiros sintomas e as primeiras angústias da agonia espiritual que anunciam a separação ou a dissolução dos elementos intelectuais, materiais, que compõem a primitiva dualidade humana, e que devem desaparecer na absoluta unidade do ser perfeito.

JOÃO REYNAUD.

Essas três comunicações obtidas simultaneamente se completam entre si e apresentam o castigo sob um novo aspecto eminentemente filosófico e racional. É provável que os Espíritos, desejando tratar esta questão através de um exemplo, tenham provocado, com esse objetivo, a comunicação espontânea do Espírito culpado.

Ao lado desse quadro pintado sobre o fato, eis, para estabelecer um paralelo, aquele que um pregador, pregando pela quaresma, em Montreuil-sur-Mer, em 1864, traçava do inferno:

“O fogo do inferno é milhões de vezes mais intenso do que o da Terra, e se um dos corpos que ali queimam sem se consumir viesse a ser arremessado sobre nosso planeta, ele o empestaria de um extremo a outro! O inferno é uma vasta e sombria caverna, erizada

de pregos pontiagudos, de lâminas de espadas muito cortantes, de lâminas de navalhas muito afiadas, onde são precipitadas as almas dos danados.”

(Ver a *Revista Espírita* de julho de 1864.)

ÂNGELA, uma nulidade na Terra.

(Bordéus, 1862.)

Um Espírito se apresenta espontaneamente ao médium, sob o nome de Ângela.

1. A senhora se arrepende de suas faltas? — R. Não. — P. Então, por que veio a mim? — R. Para fazer um teste. — P. A senhora não está feliz? — R. Não. — P. Sofre? — R. Não. — P. O que lhe está faltando? — R. A paz.

Certos Espíritos somente consideram como sofrimentos os que lhes lembram as dores físicas, sempre convindo que seu estado moral é intolerável.

2. Como pode a paz faltar-lhe na vida espiritual? — R. Um pesar do passado. — P. O pesar do passado é um remorso; a senhora se arrepende, então? — R. Não; é por medo do futuro. — P. O que teme? — R. O desconhecido.

3. Gostaria de me dizer o que fez em sua derradeira existência? Isto me ajudará, quem sabe, a esclarecê-la. — R. Nada.

4. Em que condição social a senhora vivia? — R. Na do meio. — P. Foi casada? — R. Casada e mãe. — P. A senhora desempenhou com zelo os deveres dessa dupla condição? — R. Não; meu marido me entediava; meus filhos também.

5. Como se passou sua vida? — R. A me divertir na mocidade; a me entediar na madureza. — P. Quais eram suas ocupações? — R. Nenhuma. — P. Quem cuidava de sua casa? — R. A doméstica.

6. Não será nessa inutilidade que se deve procurar a causa de seus pesares e de seus temores? — R. Talvez você tenha razão. — P. Não é suficiente concordar com isso. Gostaria, para reparar essa existência inútil, de ajudar os Espíritos culpados que sofrem em torno de nós? — R. Como? — P. Ajudando-os a se melhorarem por seus conselhos e suas preces. — R. Eu não sei rezar. — P. Nós o faremos juntos, e a senhora aprenderá; gostaria disso? — R. Não. — P. Por quê? — R. O cansaço.

Instrução do guia do médium

Nós lhe oferecemos instruções, colocando debaixo de sua vista diversos níveis de sofrimento e de condição de Espíritos condenados à expiação, em consequência de suas faltas.

Ângela era uma dessas criaturas sem iniciativa, cuja vida era tão inútil aos outros quanto a si mesma. Gostando apenas do prazer, incapaz de procurar no estudo, no cumprimento dos deveres da família e da sociedade, essas satisfações do coração que por si sós podem propiciar encanto à vida, porque são de todas as idades, tão só conseguiu empregar seus jovens anos em distrações frívolas; depois, quando os deveres importantes chegaram, *o mundo havia aberto um vácuo em torno dela, porque ela havia aberto um vácuo em seu coração*. Sem defeitos sérios mas sem qualidades, ela fez a infelicidade do marido, abandonou o futuro de seus filhos e arruinou-lhes o bem-estar por sua incúria e seu desleixo. Ela deturpou-lhes o julgamento e o coração, primeiro por seu exemplo, e depois abandonando-os aos cuidados de domésticos que ela não se dava sequer ao trabalho de escolher. Sua vida foi inútil ao bem e por isso mesmo culpável, pois *o mal nasce do bem negligenciado*. Compreendam bem, todos, que não lhes é suficiente abster-se das faltas: precisa praticar as virtudes que lhes são opostas. Estudem os mandamentos do Senhor, meditem sobre eles, e compreendam que, se eles lhes antepõem uma barreira que os detém à beira da estrada do mal, eles os forçam, ao mesmo tempo, a voltar atrás para seguir a rota oposta, que conduz ao bem. O mal se opõe ao bem; logo, quem deseja evitá-lo deve adentrar na via oposta, sem o que sua vida é nula; suas obras estão mortas e Deus, nosso pai, não é o Deus dos mortos, mas o Deus dos vivos.

P. Posso perguntar-lhe como foi a existência anterior de Ângela? A derradeira tinha de ser a consequência dela.

R. Ela viveu na preguiça beata e na inutilidade da vida monástica. Preguiçosa e egoísta por gosto, ela desejou tentar a vida de família, mas o Espírito progrediu muitíssimo pouco. Ela sempre rejeitou a voz íntima que lhe mostrava o perigo; o pendor era agradável, e ela preferia abandonar-se a ele a fazer um esforço para se deter no início. Hoje, novamente compreende o perigo que existe em manter-se nessa neutralidade, mas não sente força para tentar o mínimo esforço para sair dela. Rogue por ela, desperte-a; force-lhe os olhos a se abrirem à luz: é um dever: não negligencie nenhum.

O homem foi criado para a atividade: a atividade do espírito é sua essência; a atividade do corpo é uma necessidade. Preencha, portanto, as condições de sua existência, como Espírito destinado à paz eterna. Como corpo destinado ao serviço do Espírito, seu corpo é u'a máquina submetida à sua inteligência; trabalhe, cultive assim a inteligência, a fim de que ela propicie um impulso salutar ao instrumento que deve ajudá-la a completar sua tarefa; não lhe permita nem repouso, nem trégua, e lembre-se de que a paz à qual você aspira só lhe será proporcionada após o trabalho; logo, por tanto tempo você negligenciar o trabalho, por tanto tempo durará para você a ansiedade da espera.

Trabalhem, trabalhem sem cessar; todos cumpram seus deveres, sem exceção; cumpram-nos com zelo, com coragem, com perseverança, e sua fé os sustentará. Aquele que cumpre com consciência a tarefa mais ingrata, a mais vil em sua sociedade, está cem vezes mais elevado, aos olhos do Altíssimo do que aquele que impõe essa tarefa aos outros e negligencia a sua. Tudo são degraus para subir ao céu: não os esmaguem então sob seus

pés e confiem em que estão cercados de amigos que lhes estendem as mãos e arrimam os que depositam sua força no Senhor.

MONOD.

UM ESPÍRITO ENTEDIADO

(Bordéus, 1862.)

Este Espírito se apresenta espontaneamente ao médium e reivindica preces.

1. O que o incita a pedir preces? — R. Estou cansado de errar sem destino. — P. Faz tempo que o senhor está nessa situação? — R. Cento e oitenta anos, mais ou menos. — P. O que fez na Terra? — R. Nada de bom.

2. Qual é sua posição entre os Espíritos? — R. Estou entre os entediados. — P. Isso não forma uma categoria. — R. Tudo forma categoria entre nós. Cada sensação encontra ou seus semelhantes ou seus simpatizantes, que se reúnem.

3. Por que, se não estava condenado ao sofrimento, ficou tanto tempo sem se adiantar? — R. Estava condenado ao tédio, um sofrimento entre nós; tudo o que não é alegria é dor. — P. O senhor foi forçado então a permanecer errante, malgrado seu? — R. Essas são causas muito sutis para sua inteligência material. — P. Tente fazer-me compreendê-las; isso será um começo para o senhor tornar-se útil. — R. Eu não poderia, não havendo termo de comparação. Uma vida extinta na Terra deixa ao Espírito que não tirou proveito dela o que o fogo deixa ao papel que ele consumiu: fagulhas, que lembram, pelas cinzas de novo reunidas, o que foram e a causa de seu nascimento ou, se preferir, da destruição do papel. Essas fagulhas são a lembrança dos liames terrestres que sulcam o Espírito, até que ele haja dispersado as cinzas de seu corpo. Tão só então ele se recompõe, essência etérea, e aspira ao progresso.

4. O que pode ocasionar-lhe o tédio de que se lastima? — R. É o resultado da existência. O tédio é o filho da desocupação; eu não soube empregar os longos anos que passei na Terra; a consequência disso se faz sentir em nosso mundo.

5. Os Espíritos que, como o senhor, erram vítimas do tédio não podem fazer cessar esse estado quando resolvem fazê-lo? — R. Não, não é sempre que podem, porque o tédio paralisa sua vontade. Eles sofrem as consequências de sua existência; eles foram inúteis, não tiveram nenhuma iniciativa, por isso não acham nenhum amparo entre si. Eles estão abandonados a si mesmos, até que a exaustão desse estado neutro lhes dá o desejo de mudá-lo; então, à menor vontade que acorde neles, acham apoio e bons conselhos para ajudar em seus esforços e para perseverarem.

6. O senhor pode dizer-me alguma coisa sobre sua vida terrestre? — R. Pobre de mim! Bem pouca coisa, você tem de compreender. O tédio, a inutilidade, a desocupação provêm da preguiça; a preguiça é mãe da ignorância.

7. Suas existências anteriores não lhe propiciaram progresso? — R. Sim, todas, mas bem fracamente, pois todas foram o reflexo umas das outras. Ocorre sempre progresso, mas é tão pouco sensível que não conseguimos avaliar.

8. Enquanto o senhor espera o começo de uma outra existência, gostaria de estar mais amiúde comigo? — R. Chame por mim para forçar-me a isso; você me prestará um serviço.

9. O senhor pode dizer-me por que sua escrita muda tanto? — R. Porque você questiona demais; isto me cansa e eu tenho necessidade de ajuda.

O guia do médium. É o trabalho da inteligência que o cansa e que nos obriga a prestar-lhe nosso amparo, para que possa responder às suas questões. É um desocupado no mundo dos Espíritos, como foi no mundo terrestre. Nós o trouxemos a você para tentar subtraí-lo da apatia e desse tédio, que é um verdadeiro sofrimento, mais penoso às vezes do que os sofrimentos agudos, pois pode prolongar-se indefinidamente. Você consegue imaginar a tortura da perspectiva de um tédio sem termo? A maioria dos Espíritos dessa categoria é que *escolhem uma existência terrestre apenas como distração*, e para romper a insuportável monotonia de sua existência espiritual; por isso aí chegam muitas vezes sem resoluções programadas para o bem; eis porque têm de recomeçar, até que enfim um progresso concreto se faça sentir neles.

A RAINHA DE UDE

Falecida na França, em 1858.

1. Qual sensação sentiu a senhora em deixando a vida terrestre? — R. Não saberia dizê-lo; sofro ainda de perturbação. — P. É feliz? — R. Eu lastimo a vida... Eu não sei... Eu sinto uma dor profunda; a vida me poderia libertar... Eu gostaria que meu corpo se levantasse do sepulcro.

2. Lastima não ter sido enterrada em seu país, e por estar entre os cristãos? — R. Sim, a terra indiana me pesaria menos sobre meu corpo. — P. Que acha das honras fúnebres prestadas a seus despojos? — R. Eles foram bem pouca coisa; eu era rainha e nem todos dobraram os joelhos diante de mim... Deixe-me... Forçam-me a falar... Eu não desejo que saibam o que sou agora... Eu fui rainha; tenha isso bem em conta.

3. Nós respeitamos sua posição e lhe rogamos que consinta em responder para nossa instrução. A senhora acha que seu filho recobrará um dia os Estados de seu pai? — R. Com certeza, meu sangue reinará; ele é digno disso. — P. A senhora atribui à reintegração de seu filho a mesma importância que quando viva? — R. Meu sangue não pode ser confundido na multidão.

4. Não se pôde assinalar em seu atestado de óbito o lugar de seu nascimento; poderia informá-lo agora? — R. Eu nasci do mais nobre sangue da Índia. Eu creio que nasci em Delhi.

5. A senhora, que viveu nos esplendores do luxo, envolvida por honrarias, que acha disso agora? — R. Elas me eram devidas. — P. A posição que a senhora ocupou na Terra lhe propicia uma posição mais elevada no mundo onde se encontra hoje? — R. Eu sou sempre rainha... Que me enviem escravos para me servirem!... Eu não sei: parece-me não se preocuparem comigo aqui... Não obstante, eu sou sempre eu.

6. A senhora pertencia à religião muçulmana ou a uma religião hindu? — R. Muçulmana; mas eu era muito importante para me ocupar de Deus. — P. Que diferença faz a senhora entre a religião que professava e a religião cristã, tendo em vista a felicidade dos homens? — R. A religião cristã é absurda; ela diz que todos são irmãos. — P. Qual é sua opinião sobre Maomé? — R. Ele não era filho de rei. — P. Acredita que ele teve uma missão divina? — R. Que me importa isso! — P. Qual é sua opinião sobre o Cristo? — R. O filho do carpinteiro não é digno de ocupar meu pensamento.

7. Que acha do uso que subtrai as mulheres muçulmanas aos olhares dos homens? — R. Eu acho que as mulheres são feitas para dominar: eu, eu era mulher. — P. A senhora teria às vezes invejado a liberdade de que desfrutavam as mulheres na Europa? — R. Não; que me importava sua liberdade? São servidas de joelhos?

8. A senhora se lembra de haver tido outras existências na Terra, antes da que acaba de deixar? — R. Eu devo ter sido sempre rainha.

9. Por que a senhora atendeu tão prontamente a nosso chamado? — R. Eu não queria; fui forçada a isso... Acha que eu me dignaria a responder? Quem é você perante mim? — P. Quem a forçou a vir? — R. Eu não sei... Não obstante, não deve existir aqui ninguém mais importante que eu.

10. Sob qual forma a senhora se encontra aqui? — R. Eu sou sempre rainha... Acha você então que deixei de sê-lo?... Você é pouco respeitoso... Tenha em conta que se fala de outro modo às rainhas.

11. Se pudéssemos vê-la, nós a veríamos com seus adereços, suas joias? — R. Certamente! — P. Como sucede que, havendo deixado tudo isso, seu Espírito tenha conservado a aparência sobretudo de seus adereços? — R. Eles não me foram retirados... Eu sou sempre tão bela quanto eu era... Eu não sei que ideia faz você de mim! A verdade é que você não me viu jamais.

12. Que impressão a senhora experimenta por se encontrar em nosso meio? — R. Se eu pudesse, não estaria aqui; você me trata com tão pouco respeito!

São Luís. Deixe-a, a pobre desvairada; tenha piedade de sua cegueira; que ela vos sirva de exemplo; o senhor não sabe o quanto sofre seu orgulho.

Evocando esta grandeza decaída, ora no túmulo, nós não esperávamos respostas de uma grande profundidade, à vista do gênero de educação das mulheres desse país; mas nós pensávamos encontrar nesse Espírito, se não a filosofia, ao menos um sentimento mais verdadeiro da realidade, e ideias mais sadias sobre as vaidades e as grandezas deste mundo. Longe disso: nele as ideias terrestres conservaram toda sua força; o orgulho, que não perdeu nenhuma de suas ilusões, é que

luta contra sua própria fraqueza e que deve efetivamente sofrer bastante por causa de sua impotência.

XUMÈNE

(Bordéus, 1862.)

Sob esse nome, um Espírito se apresentou espontaneamente à médium habituada a esse gênero de comunicações, pois sua missão parece ser a de assistir aos Espíritos inferiores que lhe traz seu guia espiritual, com a dupla finalidade de sua própria instrução e do progresso do outro.

P. Quem é você? Este nome é de um homem ou de uma mulher? — R. Homem, e tão infeliz quanto possível. Eu sofro todos os tormentos do inferno.

P. Se o inferno não existe, como pode sentir-lhe os tormentos? — R. Questão inútil. — P. Se eu me rendo conta disso, outros podem precisar de explicações. — R. Eu não me preocupo com isso.

P. O egoísmo não está no número de causas de seus sofrimentos? — R. Talvez.

P. Se deseja ser aliviado, comece por repudiar seus maus pendores. — R. Não se preocupe com isso; não é de sua conta; comece por rogar por mim como pelos outros; depois veremos. — P. Se não me ajuda com seu arrependimento, a prece será pouco eficaz. — R. Se fala em lugar de rezar, você me progredirá pouco.

P. Deseja então progredir? — R. Talvez; não se sabe. Vejamos se a prece alivia os sofrimentos; é o essencial. — P. Então, junte-se a mim com a vontade firme de obter um alívio. — R. Vá firme.

P. (Depois de uma prece da médium.) Está satisfeito? — R. Não como gostaria. — P. Um remédio aplicado pela primeira vez não pode curar imediatamente uma doença antiga. — R. É possível. — P. Gostaria de voltar? — R. Sim, se me chamar.

O guia da médium. Minha filha, você terá trabalho com esse Espírito empedernido, mas não haveria nenhum mérito em salvar os que não estão perdidos. Coragem! Tenha perseverança que você conseguirá. Não existem Espíritos tão culpados que a gente não possa recuperar pela persuasão e pelo exemplo, pois os mais perversos acabam por se emendar com o tempo; se não se consegue de imediato conduzi-los aos bons sentimentos, o que muitas vezes chega a ser impossível, o trabalho que se realiza não fica perdido. As ideias que se lançam neles os agitam e os fazem refletir a seu malgrado; são sementes que cedo ou tarde darão seus frutos. Não se destrói uma rocha com a primeira pancada de picareta.

O que lhe digo aqui, minha filha, se aplica também aos encarnados, e você deve compreender por que o Espiritismo, mesmo junto aos crentes convictos, não faz

imediatamente homens perfeitos. A crença é um primeiro passo; a fé vem em seguida, e a transformação terá sua vez; mas, para muitos, é preciso que venham revigorar-se no mundo dos Espíritos.

Entre os endurecidos, há apenas Espíritos perversos e maus. O número é grande dos que, sem procurar fazer o mal, ficam para trás por orgulho, indiferença ou apatia. Eles não são menos infelizes, pois sofrem ainda mais por sua inércia porquanto não têm por compensação as distrações do mundo; a perspectiva do infinito torna sua posição intolerável, entretanto, não possuem nem a força, nem a vontade para sair dela. São os que, na encarnação, levam existências ociosas, inúteis para si mesmos e para os outros, e que amiúde terminam por se suicidar, sem razões sérias, sem gosto de viver.

Esses Espíritos são, em geral, mais difíceis de se trazer ao bem do que os que são positivamente maus, porque estes últimos têm energia; uma vez esclarecidos, eles são tão ardentes para o bem quanto foram para o mal. Serão necessárias, sem dúvida, para os outros, muitas existências para que progridam sensivelmente; mas, de pouquinho em pouquinho, vencidos pelo tédio, como outros o são pelo sofrimento, eles procurarão distrair-se em uma ocupação qualquer que, mais tarde, se transformará para eles em uma necessidade.

CAPÍTULO VIII

EXPIAÇÕES TERRENAS

MARCELO, o menino do n.º 4.

Em um hospício da província, havia uma criança de 8 a 10 anos, mais ou menos, em um estado difícil de se descrever; ele era ali designado apenas sob o n.º 4. Inteiramente desfigurado, seja pela deformidade natural, seja como resultado da doença, suas pernas contorcidas tocavam seu pescoço; sua magreza era tal que a pele se dilacerava sob a saliência dos ossos; seu corpo era uma chaga e seus sofrimentos, atrozes. Ele pertencia a uma pobre família israelita, e essa triste situação durava há quatro anos. Sua inteligência era notável para sua idade; sua doçura, sua paciência e sua resignação eram edificantes. O médico sob os cuidados de quem ele se achava, tocado de compaixão por esse pobre ser, de alguma sorte abandonado, pois não parecia que seus pais fossem vê-lo com frequência, se interessou por ele, e se comprazia em conversar com o menino, encantado com sua inteligência precoce. Não somente ele o tratava com bondade, mas, quando suas ocupações lho permitiam, vinha ler para ele e se espantava com a correção de seu julgamento sobre as coisas que pareciam acima de sua idade.

Um dia, a criança lhe disse: “Doutor, tenha a bondade de me dar mais algumas pílulas, como as últimas que o senhor me receitou. — E por que isso, minha criança?, perguntou o médico. Eu lhe dei o suficiente e temo que uma quantidade maior lhe faça mal. — É que, veja bem, replicou a criança, eu sofro tanto que tento inutilmente reprimir-me para não gritar e rogar a Deus para me propiciar a força de não molestar os outros doentes que estão ao meu lado, mas muitas vezes tenho dificuldade em me impedir; essas pílulas me adormecem e, durante esse tempo, pelo menos não perturbo ninguém.”

Essas palavras bastam para mostrar a elevação da alma que encerrava esse corpo. Onde esse menino obtivera semelhantes sentimentos? Não poderia ser no meio onde ele fora educado e, aliás, na idade em que começou a sofrer, não podia ainda compreender nenhum raciocínio; eles eram, portanto, inatos nele; mas então, com tão nobres instintos, por que Deus o condenava a uma vida tão miserável e tão dolorosa, admitindo-se que ele criara essa alma ao mesmo tempo que esse corpo, instrumento de tão cruéis sofrimentos? Sim, é preciso negar a bondade de Deus, ou é preciso admitir uma causa anterior, quer dizer, a preexistência da alma e a pluralidade das existências. Esse menino morreu, e seus últimos pensamentos foram para Deus e para o médico caridoso que tivera piedade dele.

Daí a algum tempo, ele foi evocado na Sociedade de Paris, onde deu a comunicação seguinte (1863).

“O senhor me chamou; eu estou vindo para fazer com que minha voz se ouça além deste recinto, para atingir a todos os corações; que o eco que ela fará vibrar se ouça até na solidão; ela lhes lembrará que a agonia da Terra prepara as alegrias do céu e que o sofrimento é a casca amarga de um fruto deleitoso que propicia coragem e resignação. Ela lhes dirá que, sobre o catre onde jaz a miséria, estão os enviados de Deus, cuja missão é ensinar à humanidade que não existe dor alguma que não se possa suportar com a ajuda do Todo-Poderoso e dos bons Espíritos. Ela lhes dirá ainda para escutar os queixumes que se impregnam de preces e para lhes compreender a harmonia piedosa, tão diferente dos tons culpados do queixume que se impregna de blasfêmias.

“Um de seus bons Espíritos, grande apóstolo do Espiritismo, concedeu-me este lugar, esta noite³⁷; por isso devo dizer-lhe, por minha vez, algumas palavras sobre o progresso de sua doutrina. Ela deve ajudar, em sua missão, os que se encarnam na Terra para aprenderem a sofrer. O Espiritismo será o foco de luz orientador; eles terão o exemplo e a voz; será então que os queixumes serão mudados em gritos de alegria em lágrimas de felicidade.”

P. Parece, segundo o que você acaba de dizer, que os seus sofrimentos não eram a expiação de faltas anteriores.

R. Eles não eram uma expiação direta, mas estejam certos de que toda dor tem sua causa justa. Aquele que o senhor conheceu tão miserável foi belo, forte, rico e adulado; eu tinha os meus lisonjeiros e cortesãos: eu era vaidoso e orgulhoso. Outrora eu fui bem culpado; eu reneguei a Deus e pratiquei o mal a meu próximo; mas eu expiei cruelmente, primeiro, no mundo dos Espíritos, e, em seguida, na Terra. O que eu suportei, somente durante alguns anos, nesta derradeira e curtíssima existência, eu sofri durante uma vida inteirinha até a extrema velhice. Por meu arrependimento, encontrei graça diante do Senhor, que se dignou confiar-me diversas missões, sendo a última a que o senhor conhece. Eu a solicitei a ele para terminar minha purificação.

Adeus, meus amigos, eu voltarei de vez em quando para os senhores. Minha missão é de consolar e não de instruir; mas existem tantos aqui cujas feridas estão ocultas que ficarão contentes com minha vinda.

MARCELO.

Instrução do guia do médium.

Pobre pequenino sofredor, mirrado, ulceroso e disforme! Quantos gemidos fazia ouvir nesse asilo de miséria e de lágrimas! E, malgrado sua tenra idade, como estava resignado e quão bem sua alma já compreendia a finalidade dos sofrimentos! Ele percebia que além-túmulo esperava por ele uma recompensa por tantos queixumes sufocados! Sendo assim, ele rogava pelos que não tinham, tanto quanto ele, a coragem de suportar seus males, e sobretudo pelos que lançavam blasfêmias ao céu em vez de preces!

Se a agonia foi longa, a hora da morte não foi terrível; os membros convulsionados se contorciam, sem dúvida, e mostravam aos presentes um corpo deformado revoltando-

³⁷ Santo Agostinho, pelo médium através de quem se comunica habitualmente na Sociedade.

se contra a morte, a lei da carne que deseja viver apesar de tudo; mas um anjo pairava acima do leito do moribundo e cicatrizava seu coração; depois ele arrebatou em suas asas brancas essa alma tão bela que se desligava do corpo informe, pronunciando estas palavras: Glória lhe seja dada, ó meu Deus! E a alma, alçando-se para o Todo-Poderoso, feliz, gritou: Eis-me aqui, Pai; o senhor me havia atribuído por missão ensinar a sofrer; terei eu suportado dignamente a provação?

E agora o Espírito da pobre criança retomou suas proporções; e ele paira no espaço, indo do fraco ao pequeno, dizendo a todos: Esperança e coragem. Desprendido por completo da matéria e de toda impureza, ele está ao seu lado e lhe fala, não mais com a sua voz sofredora e queixosa, mas em tons másculos; ele vos disse: Aqueles que me viram olharam a criança que não se lastimava; extraíram dela a calma para seus males e seus corações se robusteceram com a doce confiança em Deus; eis a finalidade de minha curta passagem pela Terra.

SANTO AGOSTINHO.

SZYMEL SLIZGOL

Era um pobre israelita de Vilna, falecido em maio de 1865. Durante trinta anos, mendigara, com uma gamela na mão. Por toda parte, na cidade, conhecia-se o seu grito: “Lembrem-se dos pobres, das viúvas e dos órfãos!” Durante esse tempo, Slizgol reunira 90.000 rublos. Mas não guardou um copeque para si. Ele auxiliava os enfermos, dos quais cuidava ele mesmo; ele custeava a educação de crianças pobres; ele distribuía aos necessitados os alimentos que lhe davam. A noite era consagrada à preparação do rapé que o mendigo vendia para prover suas próprias necessidades. O que lhe sobrava dava aos pobres. Szymel era só no mundo. No dia de seu enterro, uma grande parte da população da cidade seguiu o seu séquito e as lojas foram fechadas.

(Sociedade Espírita de Paris, aos 15 de junho de 1865.)

Evocação. — Felicíssimo, e enfim chegado à plena realização de minha ambição, que paguei bem caro, eis-me aqui, entre os senhores desde o começo da reunião. Agradeço-lhes por se ocuparem com o Espírito de um pobre mendigo que, com alegria, irá esforçar-se para responder às suas questões.

P. Uma carta de Vilna nos fez cientes das particularidades mais notáveis de sua existência. Foi pela simpatia que elas nos inspiraram que tivemos o desejo de conversar consigo. Nós lhe agradecemos por ter vindo a nosso chamado e, dado que o senhor consente em responder-nos, ficaremos contentes, para nossa instrução, de conhecer sua situação como Espírito e as causas que motivaram o gênero de sua derradeira existência.

R. Inicialmente, concedam ao meu Espírito, que compreende a sua verdadeira posição, o favor de lhes declarar a opinião dele sobre um pensamento que os senhores tiveram a meu respeito; eu rogo os conselhos dos senhores se tal pensamento for falso.

Os senhores acham extraordinário que a manifestação pública haja crescido a tal ponto de render homenagem ao homem de nada que soube, por sua caridade, atrair para si uma tal simpatia. — Não digo isso pelo senhor, caro mestre, nem por você, caro médium, nem por todos os senhores, espíritas verdadeiros e sinceros, mas eu me refiro às pessoas indiferentes à crença. — Nada há aí de surpreendente. A força de pressão moral que exerce a prática do bem sobre a humanidade é tal que, por mais material que a gente seja, se prostra sempre; e saúda o bem, a despeito da tendência que tem para o mal.

Agora, eu me volto para suas questões, que, de sua parte, não são ditadas pela curiosidade, mas formuladas simplesmente tendo em vista a instrução geral. Eu vou então, já que tenho liberdade para tanto, dizer-lhe, o mais resumidamente possível, quais as causas que motivaram e determinaram minha derradeira existência.

Há alguns séculos, eu vivia sob o título de rei ou, pelo menos, de príncipe soberano. No âmbito de meu poder relativamente acanhado em confronto com seus Estados atuais, eu era o senhor absoluto do destino de meus súditos; eu agia como tirano; digamos a palavra: como carrasco. Com um caráter autoritário, violento, avaro e sensual, por aí os senhores podem ver qual tinha de ser a sorte dos pobres seres que viviam sob minhas leis. Eu abusava de meu poder para oprimir o fraco, para colocar sob o meu tacão toda espécie de ocupações, de atividades, de paixões e de dores, para servirem minhas próprias paixões. Assim, eu tributava com uma taxa o produto da mendicância; ninguém podia mendigar, sem que, antecipadamente, eu tomasse minha larga parte do que a piedade humana deixasse cair na bolsa da miséria. Mais que isso: a fim de não diminuir o número de mendigos entre os meus súditos, eu proibi aos desgraçados de darem a seus amigos, a seus parentes, a seus vizinhos, o mínimo que restasse a esses pobres seres. Em uma palavra, fiz tudo o que há de mais impiedoso em relação ao sofrimento e à miséria.

Perdi, enfim, o que chamam de vida, em tormentos e sofrimentos horríveis; minha morte foi um modelo de terror para todos os que, como eu, mas em menor escala, participavam de minha maneira de ver. Eu fiquei na condição de Espírito errante por três séculos e meio e, quando, ao término desse lapso de tempo, compreendi que o alvo da encarnação era bem outro daquele que meus sentidos grosseiros e obtusos me haviam feito perseguir, obtive, a poder de preces, de renúncias e de pesares, a permissão de assumir o encargo material de suportar os mesmos sofrimentos e mesmo maiores do que havia impingido aos outros. Obtive essa permissão e Deus me outorgou o direito, por meu livre-arbítrio, de ampliar meus sofrimentos morais e físicos. Graças ao auxílio dos bons Espíritos que me assistiam, eu persisti na minha resolução de praticar o bem, e agradeço a eles, pois me impediram de sucumbir sob o encargo que havia assumido.

Eu completei enfim uma existência que resgatou, por sua abnegação e sua caridade, o que a outra havia tido de cruel e de injusta. Eu nasci de pais pobres; órfão desde cedo, aprendi a bastar a mim mesmo na idade em que se é ainda considerado incapaz de raciocinar. Eu vivi sozinho, sem amor, sem afeições e mesmo, no começo da vida, suportei a brutalidade que tinha exercido sobre os outros. Dizem que as quantias recolhidas por mim foram todas consagradas ao alívio de meus semelhantes; isso é exato e, sem ênfase

como sem orgulho, acrescento que muito frequentemente ao preço de privações relativamente penosas e até muito penosas, eu aumentei o benefício que me permitia realizar a caridade pública.

Eu morri tranquilo, confiante no prêmio que tinha obtido com a reparação realizada em minha derradeira existência, e fui recompensado muito além de minhas secretas aspirações. Eu estou hoje feliz, felicíssimo por poder dizer-lhes que todo aquele que se exalta será rebaixado, e todo aquele que se humilha será exaltado.

P. Queira dizer-nos, eu lhe rogo, em que consistiu sua expiação no mundo dos Espíritos, e quanto tempo ela durou desde sua morte até o momento em que sua pena foi suavizada por efeito do arrependimento e das boas resoluções que o senhor tomou. Digam-nos também o que lhe provocou essa mudança de ideias na condição de Espírito.

R. O senhor me traz à memória lembranças dolorosíssimas! Quanto sofri... Mas não me queixo: eu só me recordo!... O senhor deseja saber de qual natureza foi minha expiação; ei-la em todo o seu tremendo horror.

Carrasco, como eu lhes disse, para com toda espécie de bom sentimento, eu permaneci muito tempo, muitíssimo tempo, preso por meu perispírito a meu corpo em decomposição. Eu me senti, até a completa putrefação dele, roído pelos vermes que me faziam sofrer demais! Quando me vi desembaraçado dos liames que me atavam ao instrumento de meu suplício, suportei outro ainda mais cruel. Após o sofrimento físico, veio o sofrimento moral, que durou muito mais tempo ainda que o primeiro. Fui posto na presença de todas as vítimas que havia torturado. Periodicamente, e por uma força maior que a minha, era colocado diante de minhas ações criminosas. Eu via, fisicamente e moralmente, todas as dores que havia feito suportar. Oh! meus amigos, quanto é terrível a vista constante daqueles a quem se praticou o mal! Os senhores têm disso uma fraca amostra em seu meio na confrontação do acusado com sua vítima.

Eis, resumidamente, o que sofri durante dois séculos e meio, até que Deus, tocado por minha dor e por meu arrependimento e por solicitação dos guias que me assistiam, permitisse que eu adentrasse a estrada de expiação que os senhores conhecem.

P. Algum motivo particular o estimulou a escolher sua última existência na religião israelita?

R. Não foi escolhida por mim, mas eu a aceitei de acordo com o conselho de meus guias. A religião israelita juntava uma pequena humilhação a mais à minha vida de expiação; pois, em certos países, a maioria dos encarnados despreza os israelitas, particularmente, os judeus mendicantes.

P. Em sua derradeira existência, em que idade o senhor começou a executar as resoluções que havia tomado? Como esse pensamento lhe chegou? Enquanto o senhor exercia assim a caridade com tanta abnegação, tinha uma intuição qualquer da causa que o incitava a isso?

R. Eu nasci de pais pobres, mas inteligentes e avaros. Jovem ainda, eu fui privado da afeição e dos carinhos de minha mãe. Eu senti com sua perda um desgosto ainda mais vivo porque meu pai, dominado pela paixão do ganho, me abandonava inteiramente. Meus irmãos e minhas irmãs, todos mais velhos que eu, não pareciam se aperceber de meus sofrimentos. Um outro judeu, movido para um pensamento mais egoísta do que caridoso, me recolheu e me fez aprender a trabalhar. Ele recobrava largamente, à vista do produto

de meus trabalhos que amiúde ultrapassavam as minhas forças, o que eu pudesse ter-lhe custado. Mais tarde, eu me libertei desse jugo e trabalhei para mim. Mas, por toda a parte, em atividade como em repouso, era perseguido pela lembrança dos carinhos de minha mãe e à proporção que avançava em idade, sua lembrança se gravava mais profundamente em minha memória, e eu sentia mais ainda a perda de seus cuidados e de seu amor.

Bem cedo, só eu fiquei com meu nome; a morte, em poucos meses, levou toda a minha família. Foi então que começou a se revelar a maneira pela qual eu teria de passar o resto de minha existência. Dois de meus irmãos haviam deixado órfãos. Emocionado pela lembrança do que eu havia sofrido, desejei preservar essas pobres criaturinhas de uma juventude semelhante à minha e, não podendo meu trabalho bastar para nos fazer subsistir a todos, comecei a estender a mão, não por mim, mas pelos outros. Deus não podia deixar-me a consolação de desfrutar meus esforços; os pobrezinhos me deixaram para sempre. Eu sabia o que lhes havia faltado: era sua mãe. Resolvi então rogar por caridade pelas viúvas infelizes que, não podendo bastar a elas e a seus filhos, se impunham privações que as levavam à tumba, deixando pobres órfãos que viviam assim abandonados e votados aos tormentos que eu mesmo havia suportado.

Eu tinha trinta anos quando, pleno de força e de saúde, me viram mendigar pela viúva e pelo órfão. O começo me foi penoso e eu tive de suportar mais que uma humilhação. Mas, quando se viu que eu distribuía realmente tudo o que recebia em nome de meus pobres; quando se viu que eu juntava a isso ainda o excedente de meu salário, adquiri uma espécie de consideração que me deslumbrou.

Eu vivi sessenta e tantos anos e jamais falhei ao encargo que me havia imposto. Jamais, tampouco, uma advertência da consciência me veio fazer imaginar que algum motivo anterior à minha existência pudesse ser uma causa de minha maneira de agir. Somente, um dia antes de começar a estender a mão, eu ouvi estas palavras: “Não faça aos outros o que não gostaria que lhe fizessem.” Eu fiquei emocionado com a moralidade geral contida nessas poucas palavras, às quais, muitíssimas vezes, eu me surpreendia a acrescentar estas: “Mas faça a eles, ao contrário, o que gostaria que lhe fosse feito.” Ajudando-me a lembrança de minha mãe e de meus sofrimentos, eu prossegui trilhando um caminho que minha consciência me dizia ser bom.

Vou terminar esta longa comunicação, dizendo-lhes: “Obrigado!” Ainda não sou perfeito, mas sabendo que o mal conduz somente ao mal, eu farei o bem de novo, conforme o fiz antes, para colher felicidade.

JULIANA MARIA, a mendiga

Na comuna de Villate, perto de Nozai (Loire Inferior), havia uma pobre mulher, chamada Juliana Maria, velha, doente, e que vivia da caridade pública. Um dia, ela caiu em uma lagoa, donde foi retirada por um habitante da região, o Sr. A., que lhe oferecia habitualmente ajuda. Transportada para seu domicílio, ela morreu pouco tempo depois,

em virtude do acidente. A opinião geral foi de que ela havia desejado suicidar-se. No dia mesmo de seu falecimento, aquele que a tinha acudido, que é espírita e médium, sentiu por toda a sua pessoa como o roçar de alguém que estivesse ao seu lado, sem, contudo, saber explicar a causa disso; quando tomou conhecimento da morte de Juliana Maria, lhe ocorreu o pensamento de que talvez o Espírito dela viera visitá-lo.

Consoante o conselho de um de seus amigos, membro da Sociedade Espírita de Paris, a quem rendera conta do que se passara, ele fez a evocação dessa mulher, com o fim de lhe ser útil; mas, previamente, solicitou conselho a seus guias protetores, de quem recebeu a resposta seguinte:

“Você pode evocá-la e isto dará prazer a ela, conquanto o serviço que você se propõe prestar-lhe seja-lhe inútil; ela está feliz e devotadíssima a todos os que dela se compadeceram. Você é um dos seus bons amigos; ela não o deixa nunca e conversa amiúde consigo, sem seu conhecimento. Cedo ou tarde, os serviços prestados são recompensados, se não pelo beneficiado, por aqueles que se interessam por ele, tanto antes de sua morte como depois; quando o Espírito não teve tempo de se identificar, são outros Espíritos simpáticos que testemunham, em seu nome, todo o seu reconhecimento. Eis o que explica o que você sentiu no dia de seu falecimento. Agora, é ela quem o ajuda no bem que você deseja realizar. Lembre-se do que Jesus disse: ‘Aquele que for humilhado será exaltado.’ Você terá a medida dos serviços que ela pode prestar-lhe, se lhe pedir assistência tão só para ser útil ao seu próximo.”

Evocação. — Boa Juliana Maria, a senhora está feliz; era tudo o que eu desejava saber; mas isso não me impedirá de pensar muitas vezes na senhora e de jamais esquecê-la em minhas preces.

R. Tenha confiança em Deus; inspire em seus doentes uma fé sincera, e você terá êxito quase sempre. Não se preocupe jamais com a recompensa que disso advirá: ela estará além de sua expectativa. Deus sabe sempre recompensar como merece aquele que se devota ao amparo de seus semelhantes e *põe em suas ações um desinteresse completo*; sem isso, tudo não passa de ilusão e quimera; precisa que haja fé acima de tudo; caso contrário, nada. Lembre-se dessa máxima, e você ficará espantado com os resultados que obterá. Os dois doentes que você curou são a prova disso; nas circunstâncias em que se achavam, apenas com simples remédios, você teria fracassado.

Quando você solicitar a Deus que permita aos bons Espíritos derramar sobre você seu fluido benfazejo, se essa solicitação não o faz sentir um estremecimento involuntário, é que sua prece não está assaz fervorosa para ser ouvida; não está nas condições que eu lhe estou descrevendo. Foi o que você sentiu quando disse do fundo do coração: “Deus todo-poderoso, Deus misericordioso, Deus de bondade sem limite, atenda a minha prece e permita aos bons Espíritos assistirem-me na cura de...; tenha piedade dele, meu Deus, e restitua-lhe a saúde; sem o senhor, eu nada posso. Que sua vontade seja feita.”

Você fez bem em não desdenhar os humildes; a voz de quem sofreu e suportou com resignação as misérias do mundo é sempre ouvida; e, como você o está vendo, um serviço prestado sempre recebe sua recompensa.

Agora, uma palavra sobre mim, e isso lhe confirmará o que foi dito acima.

O Espiritismo lhe explica minha linguagem como Espírito: eu não tenho necessidade de entrar nos detalhes a este respeito. Creio também inútil informá-lo a respeito de minha existência precedente. A situação em que você me conheceu na Terra deve fazer com que compreenda e aprecie minhas outras existências, as quais nem sempre decorreram sem recriminações. Votada a uma vida de miséria, enferma e não podendo trabalhar, eu mendiguei toda a minha vida. Nada entesourei; em meus dias de velhice, as minhas economias se limitavam a uma centena de francos, que eu reservava para quando as minhas pernas não aguentassem mais comigo. Deus julgou minha provação e minha expiação suficientes, e lhes deu cabo livrando-me sem sofrimentos da vida terrestre; assim, eu não me suicidei, como se acreditou de início. Morri de repente à borda da lagoa, quando dirigia uma última prece a Deus; a inclinação do terreno é a causa da presença de meu corpo na água.

Não sofri; estou feliz por haver podido cumprir minha missão sem entraves e com resignação. Eu me tornei útil, na medida de minhas forças e de meus recursos, e evitei de praticar o mal a meu próximo. Hoje eu recebo a recompensa disso e rendo graças a Deus, nosso divino Senhor, que adoça a amargura das provações fazendo-nos esquecer, durante a vida, nossas antigas existências, e coloca em nosso caminho umas almas caridosas, para nos ajudarem a suportar o fardo de nossas faltas passadas.

Persevere também você que, como eu, será recompensado por isso. Eu lhe agradeço por suas boas preces e pelo serviço que me prestou; eu não o esquecerei jamais. Um dia nós voltaremos a ver-nos e muitas coisas lhe serão explicadas; no momento, isso seria inútil. Saiba somente que lhe sou devotadíssima, e que estarei sempre ao seu lado, quando tiver necessidade de mim para aliviar aquele que sofre.

A pobre velha,
JULIANA MARIA.

O Espírito de Juliana Maria, tendo sido evocado na Sociedade de Paris, a 10 de junho de 1864, ditou a comunicação abaixo.

“Obrigada por me haver recebido em seu meio, caro presidente; o senhor percebeu que minhas existências anteriores foram mais elevadas quanto à posição social; se voltei para sofrer a provação da pobreza, era para me punir de um infundado orgulho que me havia feito menosprezar o que era pobre e miserável. Então, eu sofri uma justa pena de talião, a qual me transformou na mais horrível mendiga do país; e, como para me provar a bondade de Deus, eu não era menosprezada por todos: esse era todo meu medo; por isso suportei minha provação sem murmurar, presentindo uma vida melhor donde não teria mais de voltar a esta terra de exílio e calamidade.

“Que felicidade o dia em que a nossa alma, jovem ainda, pode voltar para a vida espiritual para rever os seres amados! Pois eu também amei e fui feliz por haver reencontrado os que me precederam. Obrigada a esse Sr. A. que me abriu a porta da gratidão; sem sua mediunidade, eu não teria como agradecer-lhe, como provar-lhe que minha alma não esquece as eficazes influências de seu bom coração e como recomendar-lhe propagar a sua divina crença. Ele está sendo chamado para reconduzir umas almas perdidas; que se persuada bem de meu apoio. Sim, posso retribuir-lhe ao cêntuplo o que

me fez, instruindo-o na via pela qual o senhor segue. Agradeçam ao Senhor por haver permitido que os Espíritos possam dar-lhes instruções para encorajar o pobre em suas penas e refrear o rico em seu orgulho. Saibam compreender a vergonha que existe em menosprezar um desgraçado; que eu lhes sirva de exemplo, a fim de evitar que venham, como eu, expiar suas faltas nessas dolorosas posições sociais que os colocam tão baixo, e fazem de vocês o restolho da sociedade.”

JULIANA MARIA.

Tendo esta comunicação sido transmitida ao Sr. A., ele obteve por sua vez a que se segue, e que é sua confirmação:

P. Boa Juliana Maria, dado que a senhora consente em me ajudar com seus bons conselhos, a fim de me fazer progredir na via de nossa divina doutrina, queira comunicar-se comigo; farei todos os meus esforços para tirar proveito de seus ensinamentos.

R. Lembre-se da recomendação que vou fazer-lhe e se afaste dela jamais. Seja sempre caridoso na medida de seus recursos; você já compreende bem a caridade tal qual tem de ser praticada em todas as situações da vida terrestre. Eu não preciso então vir ministrar-lhe um ensinamento a esse respeito; você mesmo será o melhor juiz, seguindo, porém, a voz de sua consciência, que nunca o enganará, quando a ouvir sinceramente.

Não se engane a respeito das missões que você tem para cumprir; pequenos e grandes têm a sua; a minha foi penosa, mas eu merecia uma semelhante punição por minhas existências precedentes, como vim confessar ao bom presidente da sociedade-mãe de Paris, à qual se coligarão todos um dia. Esse dia não está tão longe quanto você pensa; o Espiritismo marcha a passos de gigante, malgrado tudo o que se faz para entravá-lo. Marchem então todos sem medo, fervorosos adeptos da doutrina que os seus esforços serão coroados de sucesso. Que lhes importa o que se dirá de vocês! Ponham-se acima de uma crítica irrisória que recairá sobre os adversários do Espiritismo.

Os orgulhosos! Eles se creem fortes e pensam que facilmente vão abatê-los; os senhores, meus bons amigos, fiquem tranquilos, e não temam medir-se com eles; eles são mais fáceis de vencer do que vocês julgam; muitos dentre eles têm medo e temem que a verdade venha, enfim, ofuscar-lhes os olhos; esperem, pois, a seu tempo, eles virão ajudar no coroamento do edifício.

JULIANA MARIA.

Este fato é pleno de ensinamentos para quem meditar nas palavras deste Espírito, em suas três comunicações; todos os princípios importantes do Espiritismo aí se encontram reunidos. Desde a primeira, o Espírito demonstra sua superioridade por sua linguagem; semelhante a uma fada benfazeja, essa mulher, resplandecente hoje e como que metamorfoseada, vem proteger aquele que não a menosprezou sob os andrajos da miséria. É uma aplicação das máximas do Evangelho: “Os grandes serão rebaixados, e os pequenos serão exaltados; bem-aventurados os humildes; bem-aventurados os aflitos, pois eles serão consolados; não menosprezem os pequenos, pois quem é pequeno neste mundo talvez seja maior do que vocês estejam pensando.”

MAX, o mendigo.

Em uma aldeia da Baviera, faleceu, pelos anos de 1850, um velho quase centenário, conhecido sob o nome de Pai Max. Ninguém conhecia direito a sua origem, pois ele não tinha nenhuma família. Havia quase meio século, esgotado por enfermidades que o punham impossibilitado de ganhar a vida pelo trabalho, não tinha outros recursos senão a caridade pública que ele disfarçava vendendo, nas fazendas e nos castelos, uns almanaques e miudezas. Deram-lhe o apelido de Conde Max, e as crianças não o chamavam jamais a não ser por Senhor Conde, de que ele sorria sem se ofender. Por que esse título? Ninguém saberia dizê-lo; mas acabou tornando-se um hábito. Talvez fosse por causa de sua fisionomia e de suas maneiras, cuja distinção contrastava com os andrajos. Muitos anos após sua morte, ele apareceu em sonho à filha do proprietário de um dos castelos onde recebia a hospitalidade na cocheira, pois ele não tinha domicílio próprio. Ele disse a ela: “Obrigado ao senhor por se ter lembrado do pobre Max em suas preces, pois elas foram ouvidas pelo Senhor. O senhor deseja saber quem sou, alma caridosa que está interessada pelo infeliz mendigo; eu vou satisfazê-lo; isso será para todos um importante ensinamento.”

Ele fez então o relato seguinte, mais ou menos nestes termos:

“Por volta de um século e meio atrás, eu era um rico e poderoso senhor deste país, mas vaidoso, orgulhoso e enfatuado de minha nobreza; minha imensa fortuna não serviu jamais senão aos meus prazeres, e ela mal dava para isso pois eu era um jogador, um debochado, e passava minha vida nas orgias. Meus vassalos, que eu acreditava concebidos para meu uso, como os animais das fazendas, eram oprimidos e maltratados, para proverem meus desregramentos. Eu ficava surdo às suas queixas como a de todos os desgraçados, que, segundo meu ponto de vista, deveriam sentir-se muito honrados por servir a meus caprichos. Morri com uma idade pouco avançada, esgotado pelos excessos, mas sem que tivesse experimentado nenhuma infelicidade verdadeira; ao contrário, tudo parecia sorrir para mim, de sorte que eu era, aos olhos de todos, um dos felizes do mundo: minha condição me valeu suntuosos funerais, os boêmios lastimaram a perda em mim do faustoso senhor, mas nenhuma lágrima foi derramada sobre a minha tumba, nem uma prece do coração foi endereçada a Deus em minha intenção, e minha memória foi maldita por todos aqueles cuja miséria eu havia aumentado. Ah! Quão terrível é a maldição dos desgraçados que a gente fez! Ela não parou de retinir em minhas orelhas durante longos anos, tantos que me pareceram uma eternidade! E, à morte de cada uma das minhas vítimas, era um novo rosto ameaçador ou irônico que se levantava diante de mim e me perseguia sem descanso, sem que eu pudesse encontrar um canto escuro para subtrair-me à sua vista! Nenhum olhar amigo! Meus antigos companheiros de deboche, infelizes como eu, fugiam de mim e pareciam dizer-me com desdém: “Você não pode mais pagar nossos prazeres.” Oh! Quão caro então eu teria pago por um instante de repouso, um copo d’água para estancar a sede ardente que me devorava! Mas eu não possuía mais nada, e *todo o*

ouro que eu havia semeado a mancheias na Terra não havia produzido uma só bênção, nem uma só, percebe, minha filha?!

“Enfim, oprimido pela fadiga, esgotado como um viajante exausto que não vê o fim de sua jornada, eu gritei: ‘Meu Deus, tenha piedade de mim! Quando terminará esta horrível situação?’ Então uma voz, a primeira que eu ouvia desde que havia deixado a Terra, disse-me: ‘Quando você quiser. — Que é necessário fazer, grande Deus! respondi eu; diga: eu me submeterei a tudo. — Precisa que você se arrependa; *que se humilhe diante dos que você humilhou*; que lhes peça para intercederem por você, pois *a prece do ofendido que perdoa é sempre agradável ao Senhor.*’ Eu me humilhei, roguei a meus vassallos, a meus serviçais, que estavam ali diante de mim, e cujos rostos, mais e mais benevolentes, acabaram por desaparecer. Aquilo foi para mim como uma nova vida; a esperança substituiu o desespero e eu agradei a Deus com todas as forças de minha alma. A voz me disse em seguida: ‘Príncipe!’; e eu respondi: ‘Não existe aqui outro príncipe que não o Deus todo-poderoso que humilha os soberbos. Perdoe-me, Senhor, pois pequei; faça de mim o servo de meus servos, se for essa sua vontade.’

“Alguns anos mais tarde, eu nasci outra vez, mas agora em uma família de pobres aldeões. Meus pais morreram quando eu era ainda criança, e fiquei sozinho no mundo e sem apoio. Eu ganhei minha vida como pude, ora como operário, ora como empregado de fazenda, mas sempre honestamente, pois eu acreditava em Deus desta vez. Com a idade de quarenta anos, uma doença me deixou parálítico de todos os meus membros, e me foi preciso mendigar, durante mais de cinquenta anos, pelas mesmas terras das quais havia sido o senhor absoluto; receber um pedaço de pão nas fazendas que haviam sido minhas, onde, por amargo escárnio, me apelidaram de Senhor Conde, felicíssimo amiúde, por encontrar um abrigo na cocheira do castelo que havia sido meu. Em meu sono, eu me sentia alegre por percorrer esse mesmo castelo onde eu havia reinado como um déspota; quantas vezes, em meus sonhos, eu me vi de novo ali no meio de minha antiga fortuna! Essas visões me deixavam, ao despertar, um indefinível sentimento de amargura e de pesares; mas jamais um queixume escapou de minha boca; e quando aprouve a Deus chamar-me para ele, eu o bendisse por me haver dado a coragem de sofrer sem murmurar, essa longa e penosa provação cuja recompensa recebo hoje; e você, minha filha, eu a bendigo por haver rogado por mim.”

Nós recomendamos este caso aos que afirmam que os homens não teriam mais freio, se não tivessem diante de si o espantoso de umas penas eternas, e nós perguntamos se a perspectiva de um castigo como o do Pai Max é menos afeita a deter no caminho do mal do que a de torturas sem fim em que não se acredita mais.

HISTÓRIA DE UM CRIADO

Em uma família de alta classe, havia um criado muito jovem, cujo rosto inteligente e fino nos tocou por seu ar de distinção; nada, em suas maneiras, demonstrava indelicadeza; sua solicitude para o serviço de seus senhores não tinha nada dessa obsequiosidade servil própria das pessoas dessa condição. No ano seguinte, havendo retornado a essa família, nós não mais vimos o empregado ali e perguntamos se havia sido despedido. “Não, foi-nos respondido: foi passar alguns dias em sua terra, onde morreu. Nós o lamentamos muito, pois era uma excelente pessoa, que possuía sentimentos *verdadeiramente acima de sua posição*. Ele nos era muito apegado e nos deu provas do maior devotamento.”

Mais tarde, veio-nos a ideia de evocar esse rapaz, e eis o que ele nos disse:

“Na minha penúltima encarnação, eu era, como se diz na Terra, de uma muito boa família, mas arruinada pelas dissipações de meu pai. Fiquei órfão muito jovem e sem recursos. Um amigo de meu pai me recolheu; ele me criou como seu filho e me fez dar uma bela educação, o que me deixou excessivamente vaidoso. Esse amigo é hoje o Sr. de G., ao serviço de quem o senhor me viu. Eu desejei, na minha derradeira existência, expiar o meu orgulho nascendo em uma condição servil, e achei a ocasião de provar meu devotamento a meu benfeitor. Eu lhe salvei até mesmo a vida, sem que disso ele jamais suspeitasse. Era, ao mesmo tempo, uma provação da qual eu saí com vantagem, já que tive bastante força para não me deixar corromper pelo contato de um meio quase sempre vicioso; malgrado os maus exemplos, eu permaneci puro, e agradeço a Deus, pois eu sou recompensado pela felicidade que desfruto.”

P. Em quais circunstâncias o senhor salvou a vida do Sr. de G.? — R. Num passeio a cavalo onde só eu o seguia, percebi uma grande árvore que caía a seu lado e que ele não via; eu o chamo com um grito terrível e ele se volta vivamente; é quando a árvore cai a seus pés; sem o movimento que eu provoquei, ele teria sido esmagado.

O Sr. de G., a quem o fato foi reportado, lembrou-se perfeitamente dele.

P. Por que o senhor morreu tão jovem? — R. Deus havia julgado minha provação suficiente.

P. Como pôde aproveitar essa provação, dado que não tinha a lembrança da causa que a havia motivado? — Em minha humilde posição, restava-me um instinto de orgulho, que eu fui assaz feliz em poder dominar, o que fez com que a provação me fosse proveitosa; sem isso, eu deveria novamente recomeçar. Meu Espírito se recordava de si mesmo em seus momentos de liberdade e me ficava disso ao despertar uma vontade intuitiva de resistir às minhas tendências que eu percebia serem más. Tive mais mérito em lutar assim do que se me lembrasse claramente do passado. A lembrança da minha antiga condição teria exaltado meu orgulho, perturbando-me, enquanto assim só precisei combater as tentações de minha nova condição.

P. O senhor recebeu uma brilhante educação; para que isto lhe serviu em sua derradeira existência, já que não se lembra dos conhecimentos que havia adquirido? — R. Tais conhecimentos teriam sido inúteis, um contrassenso mesmo em minha nova condição; eles permaneceram latentes e hoje eu os reencontro. Entretanto, não me foram inúteis, pois desenvolveram a minha inteligência; eu tinha instintivamente o gosto pelas coisas

elevadas, o que me inspirava a repulsa aos exemplos vis e ignóbeis que tinha sob os olhos; sem essa educação, *eu teria sido apenas um serviçal*.

P. Os exemplos de empregados devotados aos seus patrões até à abnegação têm por causa as relações anteriores? — R. Não duvide disso; esse é pelo menos o caso mais comum. Esses empregados às vezes se constituem em membros mesmo da família, ou, como eu, favorecidos que pagam uma dívida de reconhecimento, e cujo devotamento ajuda a progredir. O senhor não conhece todos os efeitos, quanto à simpatia ou à antipatia, que essas relações anteriores produzem no mundo. Não, a morte não interrompe essas relações, que se perpetuam muitas vezes século após século.

P. Por que esses exemplos de devotamento de empregados são tão raros hoje? — R. Precisa que se acuse quanto a isso o espírito de egoísmo e de orgulho de seu século, expandido pela incredulidade e pelas ideias materialistas. A fé verdadeira é substituída pela cupidez e pelo desejo do lucro, do mesmo modo que os devotamentos. O Espiritismo, reconduzindo os homens ao sentimento da verdade, fará renascer as virtudes esquecidas.

Nada melhor que este exemplo para ressaltar o benefício do esquecimento das existências anteriores. Se o Sr. de G. se lembrasse de quem havia sido o seu jovem empregado, poderia ficar muito constrangido e não o teria mesmo mantido nessa condição; ele acabaria assim por entrar uma provação que foi proveitosa para ambos.

ANTÔNIO B.

Enterrado vivo. — A pena de talião.

O Sr. Antônio B., escritor de mérito, estimado por seus concidadãos, tendo cumprido com distinção e integridade algumas funções públicas na Lombardia, se viu prostrado, por volta de 1850, em consequência de um ataque de apoplexia, em um estado de morte aparente que se confundiu, infelizmente, como isso ocorre às vezes, com a morte real. A confusão era tanto mais compreensível quanto se julgou perceber pelo corpo sinais de decomposição. Quinze dias após o sepultamento, uma circunstância fortuita obrigou a família a requerer sua exumação; tratava-se de um medalhão esquecido por descuido dentro do esquife; mas o estupor dos assistentes foi enorme quando, por ocasião da abertura, se reconheceu que o corpo havia mudado de posição, que se encontrava virado e — coisa horrível! — que uma das mãos tinha sido em parte devorada pelo defunto. Ficou patente então que o desgraçado Antônio B. havia sido enterrado vivo, tendo sucumbido sob a angústia do desespero e da fome.

O Sr. Antônio B., havendo sido evocado na Sociedade de Paris, em agosto de 1861, por solicitação de um de seus parentes, ofereceu as explicações seguintes:

1. *Evocação*. — Que deseja o senhor de mim?
2. Um de seus parentes nos pediu para evocá-lo; nós o fazemos com prazer e ficaremos felizes se o senhor se dispuser a responder. — R. Sim, eu me disponho a responder-lhe.
3. O senhor se lembra das circunstâncias de sua morte? — R. Ah! Por certo que sim! Eu me lembro delas; mas por que despertar essa lembrança do castigo?
4. É certo que o senhor foi enterrado vivo por confusão? — R. Isso deveria ser assim, porque a morte aparente teve todas as características da morte real; eu estava quase exangue³⁸. Não se deve imputar a ninguém um fato previsto antes de meu nascimento.
5. Se estas questões são de natureza a lhe causar problema, é preciso parar com elas? — R. Não, continue.
6. Nós gostaríamos de saber que é feliz, pois o senhor deixou a reputação de um homem honrado. — R. Eu lhe agradeço muito; eu sei que o senhor roga por mim. Vou tratar de responder mas, se fracassar, um de seus guias me substituirá.
7. Pode descrever as sensações que experimentou naquele terrível momento? — R. Oh! Que provação dolorosa! Sentir-se fechado entre quatro tábuas, de maneira a não poder mexer-se nem sair do lugar! Não poder chamar; a voz não ressoando mais por falta de ar. Oh! Que tortura a de um desgraçado que se esforça em vão para aspirar em uma atmosfera insuficiente e desprovida do elemento respirável! Pobre de mim! Eu era como um condenado à boca de um forno, menos o calor. Oh! Eu não desejo a ninguém tais torturas. Não, eu não desejo a ninguém um fim como o meu! Pobre de mim! Cruel punição de uma cruel e feroz existência! Não me pergunte em que eu pensava, mas eu me engolfava no passado e entrevia vagamente o futuro.
8. O senhor diz: cruel punição de uma feroz existência; mas sua reputação, até este dia intacta, não faria supor nada parecido. Pode explicar-nos isso? — R. Que é a duração da existência na eternidade! Com certeza, eu cuidei de agir bem em minha última encarnação; mas um tal fim havia sido aceito por mim antes de regressar à humanidade. Ah! Por que me interrogar sobre esse passado doloroso que só eu conhecia, assim como os Espíritos, ministros do Todo-Poderoso? Saiba então, já que é preciso dizer-lhe, que em uma existência anterior, eu havia emparedado u'a mulher — a minha! — viva ainda, em uma cava! Eis a pena de talião que eu tinha de me aplicar. Dente por dente, olho por olho.
9. Nós lhe agradecemos por anuir em responder às nossas perguntas, e rogamos a Deus perdoar-lhe o passado em atenção ao mérito de sua derradeira existência. — R. Eu voltarei mais tarde; de resto, o Espírito de Erasto aceitará rematar.

Instrução do guia do médium.

O que os senhores devem extrair deste ensinamento é que todas as suas existências se ligam, e que nenhuma é independente das outras; os cuidados, as dificuldades, como as

³⁸ Privado de sangue. Descoloração da pele pela privação de sangue.

grandes dores que atingem os homens, são sempre as consequências de uma vida anterior criminosa, ou mal empregada. Contudo — eu tenho de dizê-lo aos senhores —, os desfechos semelhantes ao de Antônio B. são raros, e se esse homem, cuja última existência foi isenta de censuras, terminou desse modo, é que havia solicitado, ele mesmo, uma tal morte, com o fito de abreviar o tempo de sua erraticidade e alcançar mais rapidamente as esferas superiores. Com efeito, após um período de perturbação e de sofrimento moral para expiar novamente o seu crime horrendo, ele lhe será perdoado e ele se alçará para um mundo melhor, onde reencontrará sua vítima, que o espera e que já o perdoou há bastante tempo. Saibam então tirar proveito desse exemplo cruel, para suportar com paciência, ó meus caros espíritas, os sofrimentos corpóreos, os sofrimentos morais e todas as miseriazinhas da vida.

P. Que proveito pode extrair a humanidade de tais punições? — R. Os castigos não são feitos para que progrida a humanidade, mas para castigar o indivíduo culpado. Com efeito, a humanidade não tem nenhum interesse em ver sofrer um dos seus. Aqui a punição foi proporcional à falta. Por que os loucos? Por que os cretinos? Por que as pessoas paralíticas? Por que os que morrem no fogo? Por que os que vivem anos nas torturas de uma longa agonia, não podendo nem viver nem morrer? Ah! Acreditem em mim, respeitem a vontade soberana e não procurem sondar a razão dos decretos providenciais. Fiquem bem certos disto! Deus é justo e faz bem o que ele faz.

ÉRASTO.

Não existe neste fato um importante e terrível ensinamento? Assim a justiça de Deus alcança sempre o culpado e, nem por ser às vezes tardia, segue menos o seu curso. Não é eminentemente moral saber que, se os grandes culpados terminam a sua existência pacificamente e, muitas vezes, na abundância dos bens terrenos, a hora de expiação soará cedo ou tarde? Penas dessa natureza se compreendem, não apenas porque estão de alguma forma à nossa vista, mas porque são lógicas; a gente acredita nelas porque a razão as admite.

Uma existência honrada não isenta, portanto, das provações da vida, porque foram escolhidas ou aceitas como complemento de expiação; são os trocados de uma dívida que se quita, antes de receber o prêmio pelo progresso realizado.

Se se considerar quanto, nos séculos passados, eram frequentes, mesmo nas classes mais elevadas e mais esclarecidas, os atos de barbárie que nos revoltam tanto hoje, quantas mortes eram cometidas nessas épocas, quando se brincava com a vida do semelhante, quando o poderoso esmagava o fraco inescrupulosamente, a gente compreenderá quantos, entre os homens de nossos dias, devem existir que estão limpando seu passado; a gente não mais se espantará mais da quantidade tão considerável das pessoas que morrem vítimas de acidentes isolados ou de catástrofes gerais. O despotismo, o fanatismo, a ignorância e os preconceitos da Idade Média e dos séculos que lhe seguiram, legaram às gerações futuras uma dívida imensa, que não foi ainda liquidada. Muitas desgraças somente nos parecem imerecidas porque vemos apenas o momento atual.

O SR. LETIL

O Sr. Letil, industrial perto de Paris, faleceu em abril de 1864, de uma forma horrível. Tendo pegado fogo uma caldeira de verniz em ebulição e tendo caído sobre ele, foi, em um piscar de olhos, coberto pela matéria abrasada e compreendeu de imediato que estava perdido. Sozinho, nesse momento, na oficina, apenas com um jovem aprendiz, teve a coragem de ir até seu domicílio, distante mais de duzentos metros. Quando puderam proporcionar-lhe os primeiros socorros, as carnes estavam queimadas e caíam aos pedaços; os ossos de uma parte do corpo e da face estavam à mostra. Ele viveu assim doze horas, nos mais horríveis sofrimentos, conservando, apesar disso, toda a sua presença de espírito até o último momento, colocando em ordem os seus negócios com perfeita lucidez. Durante essa cruel agonia, não fez ouvir nenhuma queixa, nenhum murmúrio, e morreu orando a Deus. Era um homem honorabilíssimo, de um caráter doce e benevolente, amado e estimado por todos os que o conheceram. Ele havia abraçado as ideias espíritas com entusiasmo mas não com muita reflexão, e, por essa razão, tendo ele mesmo algo de médium, foi o joguete de numerosas mistificações que, no entanto, não abalaram a sua fé. Sua confiança naquilo que lhe diziam os Espíritos era exagerada, em certas circunstâncias, ao nível da ingenuidade.

Evocado na Sociedade de Paris, a 29 de abril de 1864, poucos dias após sua morte, e sob a impressão da terrível cena da qual havia sido vítima, ele ofereceu a comunicação seguinte:

“Uma tristeza profunda me atormenta! Muito horrorizado ainda com minha morte trágica, eu me julgo sob o ferro de um carrasco. Quanto tenho sofrido! Oh! Quanto tenho sofrido! Eu me tremo todo. Parece-me que ainda sinto o odor fétido que as minhas carnes queimadas projetavam em torno de mim. Doze horas de agonia foi quanto você padeceu, Espírito culpado! Ele sofreu sem murmurar, por isso Deus lhe vai propiciar o seu perdão.

“Ó minha bem-amada! Não chore mais sobre mim, pois minhas dores vão abrandar. Eu não sofro mais realmente mas a recordação equivale à realidade. Meu conhecimento do Espiritismo me ajuda bastante; eu percebo agora que, sem esta doce crença, eu teria ficado no delírio aonde fui lançado por essa morte horrenda.

“Mas eu possuía um consolador que não me deixou desde meu último suspiro; eu falava ainda quando o vi ao meu lado: ele parecia ser um reflexo de minhas dores, que me causava vertigem e me mostrava fantasmas... Não: era meu anjo protetor que, silencioso e mudo, me consolava dentro do coração. Depois que eu dei adeus à Terra, ele me disse. ‘Venha, meu filho, e reveja o dia.’ Respirei mais livremente, julgando sair de um sonho pavoroso; eu falei de minha bem-amada esposa, do corajoso menino que se havia devotado a mim. ‘Todos eles estão na Terra, disse-me; você, ó meu filho, está entre nós.’ Eu procurei minha casa; o anjo me permitiu entrar, fazendo questão de me acompanhar. Eu vi todo o mundo em prantos; tudo estava triste e enlutado nessa agradável vivenda de outrora. Eu não pude sustentar por muito tempo a vista desse doloroso espetáculo;

bastante emocionado, disse a meu guia: ‘Ó meu bom anjo, saiamos daqui!’ — ‘Sim saiamos, disse o anjo, e busquemos repousar.’

“Depois disso, eu sofro menos; se não visse minha esposa inconsolável e meus amigos tão tristes, eu estaria quase feliz.

“Meu bom guia, meu querido anjo, anuiu em dizer-me por que tive morte tão dolorosa e, para seu ensinamento, meus filhos, vou fazer-lhes uma confissão.

“Há dois séculos, eu fiz deitar sobre uma fogueira uma jovem, inocente como se é nessa idade; tinha de 12 a 14 anos aproximadamente. De que era acusada? Pobre de mim! De ser cúmplice em uma trama contra a política sacerdotal. Eu era italiano e juiz inquisidor; os carrascos não ousavam tocar no corpo da menina: eu mesmo fui o juiz e o carrasco. Ó justiça, justiça de Deus, quão grande você é! Eu me submeti a ela; eu havia prometido tanto não vacilar no dia do combate que tive força para manter a palavra; eu não murmurei e o senhor me perdoou, ó meu Deus! Quando então a recordação de minha pobre e inocente vítima se apagará de minha memória? Eis o que me faz sofrer. Por isso é preciso que ela me perdoe.

“Ó filhos da nova doutrina, os senhores dizem às vezes: Nós não nos lembramos do que fizemos precedentemente; eis porque não podemos evitar os males aos quais nos expomos com o esquecimento do passado. Ó meus irmãos! Bendigam a Deus: se ele lhes deixasse a recordação, não haveria para os senhores nenhum momento de repouso na Terra. Incessantemente perseguidos pelo remorso e pela vergonha, poderiam ter um só instante de paz?

“O esquecimento é um benefício; a recordação aqui é uma tortura. Dentro de alguns dias, para recompensar a paciência com a qual eu suportei minhas dores, Deus vai propiciar-me o esquecimento de minha falta. Eis a promessa que acaba de me ser feita por meu bom anjo.”

O caráter do senhor Letil, em sua derradeira existência, prova quanto o seu Espírito melhorou. Sua conduta foi o resultado de seu arrependimento e das resoluções que havia tomado; mas isso não bastava; era preciso que encerrasse suas resoluções por uma importante expiação; era preciso que suportasse na condição humana o que havia feito os outros suportar; a resignação, nessa terrível circunstância, era sua maior provação, e, para sua felicidade, ele não fracassou. O conhecimento do Espiritismo sem dúvida muito contribuiu para sustentar a sua coragem pela fé sincera que lhe havia propiciado no futuro; ele sabia que as dores da vida são provações e expiações, e se submeteu a elas sem murmurar, dizendo: Deus é justo; eu sem dúvida fiz por merecê-lo.

UM SÁBIO AMBICIOSO

A senhora B., de Bordéus, não experimentou as pungentes angústias da miséria, porém, ela foi, durante toda a vida, u’a mártir das dores físicas, pelas inumeráveis moléstias pelas quais foi atingida, durante setenta anos, desde a idade de cinco meses, e que, quase

todo ano, a colocavam à porta do túmulo. Três vezes ela foi envenenada pelas experiências que uma ciência vacilante aplicou sobre ela, e sua compleição, arruinada pelos remédios tanto quanto pelas doenças, fez dela, até o fim de seus dias, refém de intoleráveis sofrimentos que nada podia acalmar. Sua filha, espírita cristã e médium, solicitava a Deus, em suas preces, para suavizar as suas cruéis provações, mas seu guia espiritual lhe disse para rogar simplesmente para ela o poder de suportar com paciência e resignação, e lhe ditou as instruções seguintes:

“Tudo tem razão de ser na existência humana; não existe um só sofrimento *que a pessoa houver causado que não encontre eco nos sofrimentos que suporta*; um só de seus excessos que não encontre um contrapeso em uma de suas privações; uma só lágrima que caia de seus olhos sem haver para lavar uma falta, um crime às vezes. Sofram, portanto, com paciência e resignação suas dores físicas ou morais, quanto lhes pareçam cruéis, e pensem no lavrador cuja fadiga alquebra seus membros, mas que continua seu trabalho sem parar, pois ele tem sempre diante de si as espigas douradas que se constituirão nos frutos de sua perseverança. Tal é a sorte do desgraçado que sofre na Terra; a aspiração pela felicidade, que deve ser o fruto de sua paciência, otornará forte contra as dores efêmeras da humanidade.

“Assim sucede com sua mãe; cada dor que ela aceita como uma expiação é uma nódoa que desaparece em seu passado e, quanto mais cedo todas as nódoas desaparecerem, mais cedo ela será feliz. *A falta de resignação é que torna o sofrimento estéril*, pois então as provações terão de recomeçar. O que é mais útil para ela, então, é a coragem e a submissão; eis o que é preciso rogar a Deus e aos bons Espíritos que lhe concedam.

“Sua mãe foi outrora um bom médico, conhecido em uma classe onde não custa muito para conseguir bem-estar, e onde foi cumulado de dádivas e de honrarias. Ambicioso de glórias e riquezas, querendo alcançar o apogeu da ciência, não tendo em vista aliviar seus irmãos, porque ele não era um filantropo, mas tendo em vista ampliar sua reputação e, por consequência, sua clientela, não lhe custou muito para conseguir sucesso em seus estudos. A mãe era martirizada em seu leito de sofrimento, porque ele previa um estudo através das convulsões que provocava; a criança era submetida às experiências que lhe poderiam propiciar a chave de certos fenômenos; o velho via apressar seu fim; o homem vigoroso se sentia enfraquecido pelas experiências que deveriam constatar a ação desta ou daquela beberagem, e todas essas experiências eram pesquisadas sobre o infeliz que de nada desconfiava. A satisfação da cupidez e do orgulho, a sede do ouro e do renome, tais foram as motivações de sua conduta. Foram necessários alguns séculos e provações terríveis para domar esse Espírito orgulhoso e ambicioso; depois o arrependimento começou sua obra de regeneração, e a reparação termina agora, pois as provações desta derradeira existência são amenas perto daquelas que ele suportou anteriormente. Coragem então; se a pena foi longa e cruel, a recompensa concedida à paciência, à resignação e à humildade será enorme.

“Coragem, todos os que sofrem; pensem na brevidade do tempo que dura sua existência material; pensem nas alegrias da eternidade; chamem para si a esperança, esta amiga devotada a todo coração sofredor; chamem para si a fé, irmã da esperança; a fé que

lhes mostra o céu, onde a esperança os faz adentrar antes do tempo. Chamem também para si esses amigos que o Senhor lhes propicia, que os cercam, os amparam e os amam, e cuja constante solicitude os conduz àquele a quem ofenderam transgredindo suas leis.”

Após sua morte, a senhora B., ofereceu, seja à filha, seja à Sociedade Espírita de Paris, algumas comunicações onde se refletem as mais eminentes qualidades, e onde ela confirma o que havia sido dito a respeito de seus antecedentes.

CARLOS DE SAINT-G., idiota.

(Sociedade Espírita de Paris, 1860.)

Carlos de Saint-G. era um jovem idiota, com a idade de treze anos, vivo ainda, e cujas faculdades intelectuais eram de uma tal nulidade que não reconhecia seus pais e mal conseguia alimentar-se. Havia parado completamente o desenvolvimento de todo o seu sistema orgânico.

1. *A São Luís.* Gostaria de dizer-nos se nós podemos evocar o Espírito dessa criança? — R. O senhor pode evocá-lo como se evocasse o Espírito de um morto.

2. Sua resposta nos faz supor que a evocação possa ser feita a qualquer momento. — R. Sim; sua alma se prende a seu corpo por liames materiais, não por liames espirituais; ela pode desprender-se sempre.

3. *Evocação de Carlos de Saint-G.* Eu sou um pobre Espírito atado à Terra como um pássaro por um pé.

4. Em seu estado atual, como Espírito, tem consciência de sua nulidade neste mundo? — Certamente; eu bem sinto meu cativo.

5. Quando seu corpo dorme e quando seu Espírito se desprende, tem as ideias tão lúcidas como se estivesse em um estado normal? — R. Quando meu pobre corpo repousa, eu fico um pouco mais livre para me alçar ao céu a que aspiro.

6. Experimenta, como Espírito, um sentimento penoso causado por seu estado corporal? — R. Sim, já que se trata de uma punição.

7. Lembra-se de sua existência precedente? — R. Oh! Sim; ela é a causa de meu exílio da presente.

8. Qual era essa existência? — R. Um jovem libertino sob o governo de Henrique III.

9. Disse que sua condição atual é uma punição; quer dizer que não a escolheu? — R. Não.

10. Como sua existência atual pode servir a seu adiantamento no estado de nulidade em que se encontra? — R. Ela não é nula para mim diante de Deus, que ma impôs.

11. Prevê a duração de sua existência atual? — R. Não; mais alguns anos e voltarei à minha pátria.

12. Desde sua precedente existência até sua encarnação atual, o que fez como Espírito? — R. É porque eu era um Espírito leviano que Deus me aprisionou.

13. Em seu estado de vigília, tem consciência do que se passa em torno de si, e isto malgrado a imperfeição de seus órgãos? — R. Eu vejo, eu ouço, mas o meu corpo não compreende nem vê nada.

14. Nós podemos fazer algo que lhe seja útil? — R. Nada.

15. *A São Luís*. As preces para um Espírito reencarnado podem ter a mesma eficácia do que para um Espírito errante? — R. As preces são sempre boas e agradáveis a Deus; na situação deste pobre Espírito, não podem servir-lhe para nada; elas lhe servirão mais tarde, pois Deus as levará em conta.

Esta evocação confirma o que sempre se disse sobre os idiotas. Sua nulidade moral não importa na nulidade de seu Espírito, que, abstração feita dos órgãos, desfruta de todas as suas faculdades. A imperfeição dos órgãos não é mais que um **obstáculo** à livre manifestação dos pensamentos: ela não os anula absolutamente. É o caso de um homem vigoroso cujos membros se encontrassem amarrados com força.

Instrução de um Espírito sobre os idiotas e os cretinos, oferecida à Sociedade de Paris.

Os cretinos são seres punidos na Terra pelo mau uso que fizeram de poderosos recursos; sua alma está aprisionada em um corpo cujos órgãos impotentes não conseguem expressar seus pensamentos; esse mutismo, moral e físico, é uma das mais cruéis punições terrestres; amiúde, ela é escolhida pelos Espíritos arrependidos que desejam resgatar suas faltas. Essa provação não é estéril, pois o Espírito não estaciona em sua prisão de carne; esses olhos estúpidos veem, esse cérebro deprimido concebe, mas nada se consegue traduzir, nem pela palavra nem pelo olhar e, exceto pelo movimento, estão moralmente no estado dos letárgicos e dos catalépticos, que veem e ouvem o que se passa em torno de si sem poder exprimi-lo. Quando se tem, em sonho, esses terríveis pesadelos nos quais se deseja fugir de um perigo, e a gente grita por socorro, enquanto a língua fica grudada ao céu da boca e os pés ao solo, a gente está sentindo por um instante o que o cretino sente sempre: *paralisia do corpo associada à vida do Espírito*.

Quase todas as enfermidades têm assim sua razão de ser; nada se faz sem causa; o que chamam de injustiça da sorte é a aplicação da mais alta justiça. A loucura é também uma punição do abuso de altas faculdades; o louco tem duas personalidades: a que desassisa e a que tem a consciência de seus atos, sem poder dirigi-los. Quanto aos cretinos, a vida contemplativa e isolada de sua alma, que não tem as distrações do corpo, pode estar tão agitada quanto as existências mais complicadas pelos acontecimentos; alguns se revoltam contra seu suplício voluntário; lamentam tê-lo escolhido e experimentam um desejo furioso de voltar para uma outra vida, desejo que os faz esquecer a resignação à vida presente, e o remorso pela vida passada, cuja consciência possuem, pois os cretinos e

os loucos sabem mais que os outros e, sob sua deficiência física, se esconde um poder moral de que não se tem nenhuma ideia. Os atos de furor e de imbecilidade aos quais seu corpo se dá são julgados pelo ser interior, que sofre e que se envergonha por causa deles. Assim, ridicularizá-los, injuriá-los, maltratá-los mesmo, como se faz às vezes, é aumentar seus sofrimentos, pois é fazê-los sentir mais duramente sua fraqueza e sua abjeção; se eles pudessem, acusariam de covardia os que agem desse modo porque sabem que sua vítima não pode defender-se.

O cretinismo não é uma lei de Deus e a ciência pode fazer com que desapareça, pois é o resultado material da ignorância, da miséria e da sujeira. Os novos meios de higiene que a ciência, tornada mais prática, colocou à disposição de todos, tendem a destruí-lo. Sendo o progresso condição expressa da humanidade, as provações impostas se modificarão e seguirão a marcha dos séculos; elas se tornarão todas morais e, quando a Terra, jovem ainda, houver completado todas as fases de sua existência, se transformará em morada de felicidade como outros planetas mais adiantados.

Pierre JOUTY, *pai do médium*.

Houve um tempo em que se colocava em dúvida a alma dos cretinos, e se perguntava se pertenciam verdadeiramente à espécie humana. A maneira pela qual o Espiritismo os faz considerar não é de alta moralidade e de importante ensinamento? Não existe aí matéria para reflexões sérias ao se pensar que esses corpos deficientes encerram almas que talvez tenham brilhado no mundo, que são tão lúcidas e tão idealistas quanto as nossas, sob o espesso invólucro que lhes abafa as manifestações, e que pode suceder um dia o mesmo conosco, se nós abusarmos das faculdades que nos concedeu a Providência?

Como, não sendo assim, o cretinismo se deveria explicar? Como fazê-lo concordar com a justiça e a bondade de Deus, sem admitir a pluralidade das existências? Se a alma não viveu ainda, é que foi criada ao mesmo tempo que o corpo; nesta hipótese, como justificar a criação de almas tão deserdadas quanto as dos cretinos por um Deus justo e bom? Pois aqui não se trata de um desses acidentes, como a loucura, por exemplo, que se pode ou prevenir ou curar; esses seres nascem e morrem no mesmo estado; não possuindo nenhuma noção do bem e do mal, qual é sua sorte na eternidade? Serão felizes em pé de igualdade com os homens inteligentes e trabalhadores? Mas por que esse favor, já que nada fizeram de bem? Ficarão no que se chama de limbos, quer dizer, num estado misto que não é nem a felicidade nem a infelicidade? Mas por que essa inferioridade eterna? Foi culpa deles, se Deus os criou cretinos? Nós desafiamos todos os que rejeitam a doutrina da reencarnação a sair deste impasse. Com a reencarnação, ao contrário, o que parecia uma injustiça se torna uma admirável justiça; o que é inexplicável se explica de maneira a mais racional.

De resto, nós sabemos somente que os que repelem esta doutrina jamais a combateram com outros argumentos senão o de sua repugnância pessoal em voltar à Terra. A isto lhes respondemos: Para cá os enviar de novo, Deus não pede sua permissão, tanto quanto o juiz não consulta a preferência do condenado para enviá-lo à prisão. Cada um tem a possibilidade de a ela não voltar, melhorando-se o bastante para merecer passar a uma esfera mais elevada. Mas, nessas esferas felizes, o egoísmo e o orgulho não são aceitos; logo, é para se despojar das enfermidades morais que se precisa trabalhar, caso se queira avançar um grau.

Sabemos que, em certos países, os cretinos, longe de serem um objeto de menosprezo, são envolvidos de cuidados benevolentes. Esse sentimento não se inclinaria a uma intuição do

verdadeiro estado desses infortunados, tanto mais dignos de atenções quanto seu Espírito, que compreende sua situação, deva sofrer por se considerar o restolho da sociedade?

Ali se considera mesmo como um favor e uma bênção possuir um desses seres numa família. Trata-se de superstição? É possível, porque, para os ignorantes, a superstição se mistura às ideias mais santas das quais não se apercebem; em todos os casos, para os pais, é uma ocasião de praticar uma caridade tanto mais meritória quanto são em geral pobres, e é para eles uma carga sem compensação material. Há mais mérito em envolver de cuidados afetuosos uma criança deficiente, do que aquela cujas qualidades oferecem uma compensação. Ora, sendo a caridade de coração uma das virtudes mais agradáveis a Deus, atrai sempre sua bênção aos que a praticam. Esse sentimento inato naquelas pessoas equivale a esta prece: “Obrigado, meu Deus, por nos haver oferecido como provação um ser fraco a amparar, um aflito a consolar.”

ADELAIDE MARGARIDA GOSSE.

Era uma humilde e pobre criada da Normandia, perto de Harfleur. Com onze anos, ela se empregou junto a ricos criadores de gado de sua terra natal. Poucos anos depois, uma inundação do Sena carrega e afoga todos os animais! Outras desgraças sobrevêm: seus patrões caem na miséria! Adelaide encadeia sua sorte à deles, abafa a voz do egoísmo, e, ouvindo apenas o seu coração generoso, ela faz com que eles aceitem quinhentos francos poupados por ela, e continua sem salário a servi-los; depois, quando da morte deles, se une à filha deles, viúva e sem recursos. Assim, trabalha no campo e leva para casa todo o seu dinheiro. Casa-se e, juntando a jornada de seu marido à sua, eis agora os dois a sustentarem a pobre mulher, que ela chama sempre de “minha patroa!” Este sublime sacrifício durou quase meio século.

A Sociedade de Emulação de Ruão não deixou no esquecimento esta senhora, digna de tanto respeito e de admiração; ela lhe concedeu u’á medalha de honra e uma recompensa em dinheiro; as lojas maçônicas do Havre se associaram a esse testemunho de estima e lhe ofereceram uma pequena soma para ajudar em sua manutenção. Enfim, a administração local se ocupou de sua sorte com delicadeza, em consideração à sua suscetibilidade.

Um ataque de paralisia levou, num instante e sem sofrimento, este ser benfazejo. As últimas homenagens lhe foram prestadas de maneira simples mas decente; o secretário da prefeitura seguiu à frente do féretro.

(Sociedade de Paris, 27 de dezembro de 1861.)

Evocação. — Nós rogamos a Deus todo-poderoso permitir ao Espírito de Margarida Gosse comunicar-se conosco. — R. Sim, Deus consentiu em me fazer esta graça.

P. Nós estamos felizes por lhe testemunhar nossa admiração pela conduta que a senhora teve durante sua existência terrena, e esperamos que sua abnegação tenha recebido sua recompensa. — R. Sim, Deus foi, para sua serva, pleno de amor e de misericórdia. O que eu fiz e que o senhor elogiou, era algo muito natural.

P. Para nossa instrução, poderia dizer-nos qual foi a causa da humilde condição que a senhora ocupou na Terra? — R. Eu havia ocupado, em duas existências sucessivas, uma posição assaz elevada; o bem era fácil para mim; eu o praticava sem sacrifício, porque era rica; mas achei que avançava lentamente: eis porque solicitei para voltar em uma condição bem inferior, onde teria de lutar por mim mesma contra as privações; para isso eu me preparei durante muito tempo. Deus amparou minha coragem, e eu pude chegar ao objetivo a que me havia proposto, graças aos socorros espirituais que Deus me propiciou.

P. A senhora voltou a ver seus antigos patrões? Diga-nos, por favor, qual é sua posição em face deles, e se a senhora se considera sempre como sua subordinada. — R. Sim, eu os reví; eles estavam aqui neste mundo, à minha chegada. Eu direi ao senhor, com toda a humildade, que eles me consideram num estágio bem superior ao deles.

P. A senhora tinha algum motivo particular para se ligar a eles de preferência a outros? — R. Nenhum motivo obrigatório; eu alcançaria meu objetivo em qualquer outra parte; eu os escolhi para quitar uma dívida de reconhecimento. Outrora, eles haviam sido bons para comigo e me haviam prestado serviço.

P. Qual é o futuro que a senhora pressente para si? — R. Espero estar reencarnada num mundo onde a dor é desconhecida. Talvez o senhor me ache bem presunçosa, mas eu lhe respondo com toda a espontaneidade de meu caráter. De resto, eu me entrego à vontade de Deus.

P. Nós lhe agradecemos por ter vindo ao nosso chamado, e não duvidamos que Deus a cumule com suas bênçãos. — R. Obrigada. Possa Deus bendizê-lo e a todos, ao morrerem, lhes faça experimentar as alegrias tão puras que me foram concedidas!

CLARA RIVIER

Clara Rivier era uma menina de dez anos, pertencente a uma família de camponeses, numa cidade do sul da França; ela estava completamente debilitada há quatro anos. Durante sua vida, ela jamais fez ouvir um só queixume, nem deu um só sinal de impaciência; conquanto desprovida de instrução, ela consolava a família aflita, conversando, sobre a vida futura e sobre a felicidade que ali iria desfrutar. Morreu em setembro de 1862, após quatro dias de torturas e convulsões, durante os quais não cessou de orar a Deus. “Eu não tenho medo da morte, dizia ela, dado que uma vida de felicidade me está reservada para depois.” Ela dizia a seu pai que chorava: “Console-se; voltarei para visitá-lo; a minha hora está próxima, eu estou sentindo; mas, quando ela chegar, eu vou saber e vou preveni-lo antes.” Com efeito, quando o momento fatal chegou, chamou a

todos os seus, dizendo: “Não tenho mais que cinco minutos para viver; deem-me suas mãos.” E ela expirou como havia anunciado.

Depois disso, um Espírito batedor tem vindo visitar a casa do casal Rivier, onde rebuliça tudo; bate na mesa, como se tivesse um porrete; agita os lençóis e as cortinas e remexe as louças. Este Espírito apareceu sob a forma de Clara à sua irmãzinha, que não tem mais que cinco anos. De acordo com essa criança, a sua irmã lhe falou muitas vezes, e suas aparições a fazem dar muitos gritos de alegria e dizer: “Vejam como Clara está bonita!”

1. *Evocação de Clara Rivier.* — R. Eu estou a seu lado disposta a responder.

2. Donde lhe vinham, apesar de tão jovem e sem instrução, as ideias elevadas que exprimia sobre a vida futura, antes de sua morte? — R. Do pouco tempo que iria passar neste globo e da precedente encarnação. Era médium quando deixei a Terra e era médium ao reencarnar. Era uma predestinação; eu sentia, eu via o que falava.

3. Como pode acontecer que uma criança de sua idade não soltasse nenhum gemido, durante quatro anos de sofrimentos? — R. Porque o sofrimento físico era subjugado por um poder maior, o de meu anjo guardião, que eu via continuamente ao meu lado; ele sabia dar leveza a tudo o de que me ressentisse; ele tornava minha vontade mais forte que a dor.

4. Como você foi prevenida do instante de sua morte? — R. Meu anjo guardião me disse; ele jamais me enganou.

5. Você disse a seu pai: “Console-se; voltarei para visitá-lo.” Como pôde acontecer que, animada de tão bons sentimentos por seus pais, você viesse a atormentá-los após sua morte, fazendo balbúrdia na casa deles? — R. Eu tenho, sem dúvida, certa provação, ou melhor, certa missão para concluir. Se venho rever meus pais, o senhor acha que seja para nada? Esses ruídos, essa perturbação, essas lutas provocadas por minha presença são uma advertência. Eu estou sendo ajudada por outros Espíritos, cuja turbulência tem um objetivo, como tenho o meu aparecendo à minha irmã. Graças a nós, muitas convicções vão nascer. Meus pais tinham uma provação para sofrer; ela cessará logo, mas só após haver propiciado convicção a uma batelada de pessoas.

6. Assim, não foi você pessoalmente que causou o tumulto? — R. Eu estou sendo ajudada por outros Espíritos que cuidam da provação reservada a meus queridos pais.

7. Como pode acontecer que sua irmã a reconheceu, se não é você quem produz as manifestações? — R. Minha irmã só viu a mim. Ela possui agora uma segunda vista, e esta não é a última vez que minha presença virá para consolá-la e encorajá-la.

8. Por que, tão jovem, você foi afligida por tantas enfermidades? — R. Eu tinha faltas anteriores para expiar; eu empreguei mal a saúde e a brilhante posição que desfrutava em minha precedente encarnação; então Deus me disse: “Você desfrutou enormemente, desmesuradamente; você sofrerá na mesma proporção; era orgulhosa, será humilde; era ativa por tua beleza, será humilhada; em lugar da vaidade, você se esforçará para adquirir a caridade e a bondade.” Eu fiz segundo a vontade de Deus e meu anjo guardião me ajudou.

9. Gostaria de dizer alguma coisa a seus pais? — R. Por solicitação de um médium, meus pais praticaram muita caridade; eles fizeram bem em não orar apenas com os lábios: precisa fazê-lo com a mão e com o coração. Dar aos que sofrem é orar, é ser espírita.

Deus proporcionou a todas as almas o livre-arbítrio, quer dizer, a faculdade de progredir; a todas proporcionou a mesma aspiração, e é por isso que *a roupa de lã se aproxima da roupa de brocado de ouro mais do que se pensa geralmente*. Por isso, reduzam as distâncias pela caridade; levem o pobre para casa, encorajem-no, elevem-no, não o humilhem. Se se soubesse praticar por toda parte essa importante lei da consciência, não haveria mais, em certas épocas, as tremendas misérias que desonram os povos civilizados, e que Deus envia para castigá-los e para abrir-lhes os olhos.

Queridos pais, orem a Deus, amem-se, pratiquem a lei do Cristo: não fazer aos outros o que não se gostaria que se fizesse consigo: implorem a Deus que os faça padecer, mostrando-lhes que sua vontade é tão santa e grande quanto ele. Cuidem, tendo em vista o futuro, de se armar de coragem e de perseverança, pois estão sendo chamados ainda pelo sofrimento: precisa saber merecer uma boa condição em um mundo melhor, onde a compreensão da justiça divina se transforma na punição dos maus Espíritos.

Eu estarei sempre ao seu lado, queridos pais. Adeus, ou antes, até logo. Ajam com resignação, caridade e amor aos semelhantes que serão felizes um dia.

CLARA.

É um belo pensamento este: “A roupa de lã se aproxima mais do que se pensa da roupa de brocado de ouro.” E uma alusão aos Espíritos que, de uma existência a outra, passam de uma condição brilhante a uma condição humilde ou miserável, pois muitas vezes expiam em um ambiente inferior o abuso que praticaram com os dons que Deus lhes havia concedido. Eis uma justiça que todo o mundo compreende.

Um outro pensamento, não menos profundo, é o que atribui as calamidades dos povos à infração à lei de Deus, pois Deus castiga os povos como castiga os indivíduos. É certo que, se eles praticassem a lei da caridade, não haveria nem guerras, nem tremendas misérias. É à prática dessa lei que conduz o Espiritismo; seria então por isso que ele encontra inimigos tão encarniçados? As palavras desta menina aos pais são as de um demônio?

FRANCISCA VERNHES

Cega de nascença, filha de um meeiro nas cercanias de Toulouse, falecida em 1855, com a idade de quarenta e cinco anos. Ela se ocupava constantemente em ensinar o catecismo às crianças, para prepará-las para sua primeira comunhão. Havendo sido mudado o catecismo, ela não apresentou nenhuma dificuldade em aprendê-lo de novo, pois sabia ambos de cor. Em uma noite de inverno, voltando de um passeio a muitos lugares tendo por acompanhante sua tia, precisava atravessar uma floresta por caminhos tortuosos e cheios de lama e as duas mulheres tinham de caminhar com precaução sobre a

margem das valas. A tia desejava conduzi-la pela mão, ela, contudo, respondeu-lhe: Não se preocupe comigo, eu não corro nenhum perigo de cair: eu vejo sobre meu ombro uma luz que me guia; siga-me; sou eu que vou conduzi-la. Elas chegaram assim em casa sem acidente, a cega conduzindo a que possuía o uso dos olhos.

Evocação em Paris; maio de 1865.

P. Teria a bondade de nos oferecer a explicação dessa luz que a guiava, naquela noite escura, e que só era visível pela senhora? - R. Como! Pessoas que, como o senhor, estão em contínua relação com os Espíritos têm necessidade de uma explicação para tal fato?! Era meu anjo guardião quem me guiava.

P. Era bem essa nossa opinião, mas desejávamos obter-lhe confirmação. Tinha a senhora, naquele momento, a consciência de que era seu anjo guardião quem lhe prestava ajuda? — R. Não, preciso convir; contudo, acreditava em uma proteção celeste. Eu havia, por muito tempo, rogado a nosso Deus, bom e clemente, para ter piedade de mim!... E é tão cruel ser cega!.. Sim, é muito cruel; mas reconheço também que é de justiça. Aqueles que pecam pelos olhos devem ser punidos pelos olhos, e bem assim com todas as faculdades de que os homens são dotados e de que abusam. Não procurem, portanto, para os numerosos infortúnios que afligem a humanidade, outra causa senão a que lhe é natural: a expiação; expiação que é meritória tão somente quando suportada com submissão, e que pode ser suavizada, se, pela prece, se atraírem as influências espirituais que protegem os culpados da *penitenciária humana*, e espargem esperança e consolação nos corações aflitos e sofredores.

P. A senhora se devotava à instrução religiosa das crianças pobres; teve alguma dificuldade para adquirir os conhecimentos necessários ao ensino do catecismo que sabia de cor, malgrado sua cegueira, embora tivesse sido mudado? — R. Os cegos têm, em geral, os outros sentidos redobrados, se posso exprimir-me assim. A observação não é uma das faculdades menores de sua natureza. Sua memória é como um arquivo onde são colocados em ordem, e para não desaparecerem jamais, os ensinamentos cujas tendências e aptidões eles apresentem; não havendo nada de fora capaz de perturbar tal faculdade, resulta daí que ela pode ser desenvolvida de um modo notável através da educação. Esse não era o caso em que me encontrava, pois eu não havia recebido nenhuma educação. Eu agradeço mais ainda a Deus, por haver permitido que ela fosse suficiente para me permitir completar minha missão junto às criancinhas. Era, ao mesmo tempo, uma reparação pelo mau exemplo que eu lhes havia propiciado em minha precedente existência. Todo assunto é sério para os espíritos; eles precisam para tanto apenas olhar em torno de si, e isso lhes será mais útil do que se deixarem engodar pelas sutilezas filosóficas de certos Espíritos que se riem deles, inchando seu orgulho com frases de enorme efeito, mas vazias de sentido.

P. Por sua linguagem, nós a consideramos avançada intelectualmente, tal como sua conduta na Terra foi uma prova de seu adiantamento moral. — R. Eu tenho tanto para aprender ainda; mas há muitos na Terra que passam por ignorantes porque sua inteligência está encoberta pela expiação; mas, na morte, os véus caem e os pobres ignorantes muitas vezes são mais instruídos do que aqueles cujo desdém eles provocavam. Acreditem, o orgulho é a pedra de toque pela qual se conhecem os homens. Todos aqueles cujo coração

é acessível à adulação, ou que têm excesso de confiança em sua ciência, estão no mau caminho; em geral, eles não são sinceros; desconfiem deles. Sejam humildes como o Cristo e carreguem como ele sua cruz com amor, para terem acesso ao reino dos céus.

FRANCISCA VERNHES.

ANA BITTER

Ser ferido pela perda de um filho adorado é um desgosto violento; mas ver um filho único, oferecendo as mais belas esperanças, sobre o qual se concentrou as suas *únicas* afeições, definhar sob seus olhos, consumir-se sem sofrimentos, por uma causa desconhecida, uma dessas esquisitices da natureza que embaraçam a sagacidade da ciência; haver esgotado inutilmente todos os recursos do engenho humano e adquirido a certeza de que não há nenhuma esperança; suportar essa angústia de cada dia durante longos anos, sem prever o término, é um suplício cruel que a fortuna aumenta, longe de suavizar, porque se tem a esperança de vê-la desfrutar um ser querido.

Tal era a situação do pai de Ana Bitter; por isso um sombrio desespero se havia apossado de sua alma, e seu caráter se exasperava mais e mais à vista desse espetáculo pungente, cujo desfecho só poderia ser fatal, posto indeterminado. Um amigo da família, iniciado no Espiritismo, julgou dever interrogar seu Espírito protetor a este respeito, e dele recebeu a resposta seguinte:

“Eu gostaria de lhe oferecer a explicação do estranho fenômeno que você tem diante dos olhos, porque sei que, ao me solicitar isso, você não está impelido por uma indiscreta curiosidade, mas pelo interesse que tem por essa pobre criança, e porque daqui sairá para você, que acredita na justiça de Deus, um ensinamento proveitoso. Os que o Senhor quer ferir, devem curvar a cabeça e não amaldiçoá-lo e revoltar-se, pois ele nunca fere sem causa. A pobre menina, cujo decreto de morte o Todo-Poderoso havia suspenso, deve brevemente voltar para nós, pois Deus teve piedade dela, e seu pai, esse desgraçado entre os homens, deve ser ferido na única afeição de sua vida, por ter zombado do sentimento e da confiança dos que o cercam. Por um momento, o seu arrependimento tocou o Altíssimo, e a morte suspendeu sua espada sobre essa cabeça tão querida; mas a revolta voltou e o castigo segue sempre a revolta. Felizes os que nesta Terra são castigados! Roguem, meus amigos, por essa pobre criança, cuja juventude tornará os últimos momentos difíceis; a seiva é tão abundante nesse pobre ser, malgrado seu estado de enfraquecimento, porque a alma se libertará com dificuldade. Oh! Rezem; mais tarde ela os ajudará e ela mesma os consolará, pois seu Espírito é mais elevado que os das pessoas que a cercam.

“Foi por uma permissão especial do Senhor que eu pude responder ao que o senhor me perguntou, porque precisa que esse Espírito seja ajudado para que o desprendimento seja mais fácil para ele.”

O pai faleceu após haver sofrido com o vazio da solidão pela perda de sua filha. Eis as primeiras comunicações que um e outra deram após sua morte.

A filha. Obrigada, meu amigo, por estar interessado na pobre criança, e por ter seguido os conselhos de seu bom guia. Sim, graças às suas preces, pude deixar mais facilmente meu invólucro terrestre, pois meu pai — pobre de mim! — não rezava mais: ele maldizia. Eu não o reprovo, entretanto, foi em consequência de sua grande ternura por mim. Eu rogo a Deus para lhe conceder a graça de ser esclarecido antes de morrer; eu o estímulo, eu o encorajo; minha missão é suavizar seus últimos instantes. Às vezes, um raio de luz divina parece penetrar nele; mas não passa de um clarão passageiro, e ele logo recai em suas primeiras ideias. Há nele apenas um germe de fé abafado pelos interesses do mundo, e que tão só novas provações, mais terríveis, deverão desenvolver; é o que estou temendo, pelo menos. Quanto a mim, eu tinha apenas um resto de expiação para suportar; eis porque ela não me foi muito dolorosa nem muito difícil. Durante minha estranha moléstia, eu não sofria; eu era antes um instrumento de provação para meu pai, pois ele sofria mais por me ver nesse estado do que eu mesma; eu me resignei mas ele não. Hoje, estou recompensada: Deus me concedeu a graça de encurtar minha estada na Terra, e lhe agradeço por isso. Estou feliz no meio dos bons Espíritos que me cercam; todos nos dedicamos a nossas ocupações com alegria, pois a inatividade seria um duro suplício.

(*O pai, um mês mais ou menos após sua morte.*) P. Nosso objetivo, ao chamá-lo, é o de nos inteirar quanto à sua situação no mundo dos Espíritos, para ser-lhe úteis, se estiver ao nosso alcance. — R. O mundo dos Espíritos! Eu não o vejo nunca. Apenas vejo os homens que conheci, e nenhum deles pensa em mim nem me deplora; ao contrário, parecem estar contentes por se livrarem de mim.

P. O senhor conhece bem sua situação? — R. Perfeitamente. Durante algum tempo, eu acreditei pertencer ainda a seu mundo, mas agora eu sei muito bem que não pertenço mais.

P. Como sucede então que o senhor não vê outros Espíritos em torno de si? — R. Eu o ignoro; pois tudo está claro em torno de mim.

P. O senhor ainda não tornou a ver sua filha? — R. Não; ela está morta; eu a procuro, eu a chamo inutilmente. Que vazio horrível sua morte me abriu na Terra! Ao morrer, eu me dizia que, sem dúvida, a reencontraria; mas nada; sempre a solidão em torno de mim; ninguém me endereça uma palavra de consolação e de esperança. Adeus; eu vou procurar minha filha.

O guia do médium. Este homem não era nem ateu nem materialista; mas era daqueles que creem vagamente, sem se preocupar com Deus nem com o futuro, absorvidos que estão pelos interesses terrenos. Profundamente egoísta, sem dúvida, ele teria sacrificado tudo para salvar a filha, mas teria também sacrificado inescrupulosamente todos os interesses de outrem em seu proveito pessoal. Afora a filha, não se apegava a ninguém. Deus o puniu por isso, como o senhor sabe; ele lhe subtraiu sua única consolação na Terra e, como não se arrependeu, ela lhe foi igualmente subtraída no mundo dos Espíritos. Ele não se interessava por ninguém na Terra; ninguém se interessa por ele aqui;

está só, abandonado: eis sua punição. Sua filha, no entanto, está ao lado dele; ele, porém, não a vê; se a visse, não estaria sendo punido. Que faz ele? Endereça-se a Deus? Arrepende-se? Não; ele resmungava sempre; ele blasfema mesmo; faz, em suma, como fazia na Terra. Ajude-o, pela prece e pelos conselhos, a sair de sua cegueira.

JOSÉ MESTRE, cego.

José Mestre pertencia à classe média; ele desfrutava de moderada riqueza que o punha ao abrigo da necessidade. Seus pais lhe propiciaram uma boa educação e o encaminharam para a indústria mas, aos vinte anos, ele ficou cego. Faleceu em 1845, perto dos cinquenta anos. Uma segunda doença o atingiu; mais ou menos dez anos antes de morrer, ficou completamente surdo, de modo que suas relações com os vivos somente podiam ocorrer pelo tato. Não mais ver era já bastante penoso, mas não mais ouvir era um rude suplício para quem, tendo desfrutado de todas as suas faculdades, tinha de mais ainda se ressentir dos efeitos dessa dupla privação. Que teria feito ele para merecer tão triste destino? Não era por sua derradeira existência, pois sua conduta havia sempre sido exemplar; ele era bom filho, de caráter terno e benevolente, e quando se viu, além de tudo, privado da audição, aceitou essa nova prova resignado e ninguém jamais o ouviu murmurar um só queixume. Suas conversas denotavam uma perfeita lucidez de espírito e uma inteligência pouco comum.

Uma pessoa que o havia conhecido, presumindo que se obteriam úteis instruções de uma conversa com seu Espírito, recebeu a comunicação seguinte, em resposta às questões que lhe foram endereçadas.

(Paris, 1863.)

Meus amigos, eu lhes agradeço por se lembrarem de mim, conquanto talvez não tivessem pensado nisso, se os senhores não esperassem tirar algum proveito de minha comunicação; mas eu sei que um motivo mais sério os anima; eis porque me rendo com prazer ao seu chamado, dado que obsequiosamente me permitem manifestar-me, feliz por servir à sua instrução. Possa meu exemplo juntar-se às provas tão numerosas que os Espíritos lhes fornecem da justiça de Deus.

Os senhores me conheceram cego e surdo, e se perguntaram o que fiz para merecer um tal destino; eu lhes vou dizer. Saibam desde logo que é a segunda vez que fui privado da vista. Em minha existência precedente, ocorrida no começo do século passado, fiquei cego aos trinta anos por causa dos excessos de todos os tipos, que me arruinaram a saúde e me enfraqueceram os órgãos; era já uma punição por haver abusado dos dons que havia recebido da Providência, pois eu tinha sido consideravelmente dotado; mas, em vez

de reconhecer que eu era a primeira causa de minha moléstia, eu acusava essa mesma Providência, na qual, de resto, acreditava bem pouco. Eu blasfemei contra Deus, eu o neguei, eu o acusei, dizendo que, se existia, tinha de ser injusto e mau, porquanto fazia sofrer desse modo suas criaturas. Eu teria de me achar feliz, ao contrário, por não ser, como tantos outros miseráveis cegos, obrigado a mendigar meu pão. Mas, não; eu só pensava em mim e na privação dos gozos que me havia sido imposta. Sob o império dessas ideias e de minha falta de fé, eu fiquei rabugento, exigente, insuportável, em suma, para os que me cercavam. A vida não tinha doravante objetivo para mim; não pensava no futuro que via como uma quimera. Após haver inutilmente esgotado todos os recursos da ciência, vendo minha cura impossível, resolvi dar-lhe cabo mais cedo e me suicidei.

Ao despertar — pobre de mim! —, eu estava mergulhado nas mesmas trevas que durante a vida. Não obstante, não tardei a reconhecer que não pertencia mais ao mundo corpóreo, mas que eu era um Espírito cego. A vida de além-túmulo era uma realidade! Em vão, eu tentei safar-me mergulhando no nada: eu me chocava com o vácuo. Se essa vida tinha que ser eterna, como havia ouvido dizer, eu estaria assim durante a eternidade nessa situação? Esse pensamento era medonho. Eu não sofria, mas descrever-lhes os tormentos e as angústias de meu espírito é impossível. Quanto tempo isso durou? Eu o ignoro; mas esse tempo quanto me pareceu longo!

Cansado, exaurido, eu pude finalmente realizar uma reviravolta em mim mesmo; compreendi que um poder superior pesava sobre mim; eu disse para mim que, se esse poder podia abater-me, ele podia também aliviar-me, e eu implorei por sua piedade. À medida que eu rogava e que o meu fervor crescia, algo me dizia que essa dura situação teria fim. A luz se fez, finalmente; meu arrebatamento chegou ao máximo quando vislumbrei as celestes claridades e distingi os Espíritos que me cercavam, sorrindo com benevolência, e os que pairavam, radiosos, no espaço. Bem que eu quis seguir-lhes as pegadas, mas uma força invisível me reteve. Então, um deles me disse: “Deus, que você menosprezou, levou em conta seu retorno a ele, e nos permitiu dar-lhe a luz, mas você cedeu tão só pela violência e pelo cansaço. Se você quiser, doravante, participar da felicidade que se desfruta aqui, precisa provar a sinceridade de seu arrependimento e de seus bons sentimentos, recomeçando a sua provação terrestre, *nas condições em que você será exposto a recair nas mesmas faltas*, pois essa nova provação será mais rude ainda que a primeira.” Eu aceitei de pronto, prometendo a mim mesmo não mais falhar.

Eu voltei à Terra na existência que os senhores conhecem. Eu não tive dificuldade em ser bom, pois não era mau por natureza; eu me havia revoltado contra Deus e Deus me puniu. Voltei *com a fé inata*; eis porque não resmunguei mais contra ele e aceitei a minha dupla enfermidade com resignação e como uma expiação que teria de provir da soberana justiça. A solidão em que me encontrei nos últimos anos nada tinha de desesperadora, porque eu tinha fé no futuro e na misericórdia de Deus; ela me foi muito proveitosa, pois, durante essa longa noite, onde tudo era silêncio, minha alma, mais livre, se projetava para o Eterno e vislumbrou o infinito pelo pensamento. Quando chegou o fim de meu exílio, o mundo dos Espíritos teve para mim apenas esplendores e inefáveis alegrias.

A comparação com o passado me obriga a considerar minha situação muito feliz relativamente, e eu rendo graças a Deus por isso; mas, quando eu olho para a frente, vejo o quanto estou ainda longe da felicidade perfeita. Eu expiei; *preciso reparar agora. Minha*

derradeira existência foi proveitosa tão somente para mim; espero cedo recomeçar uma nova, na qual eu possa ser útil aos outros; será a reparação de minha inutilidade precedente; tão só então avançarei na estrada abençoada aberta a todos os Espíritos de boa vontade.

Eis a minha história, meus amigos; se o meu exemplo puder esclarecer alguns de meus irmãos encarnados e evitar-lhes o lamaçal onde caí, eu terei começado a quitar minha dívida.

José.

FIM

ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE — DOCTRINA

CAPÍTULO I — **O futuro e o nada**

CAPÍTULO II — **Receio da morte**

Causas do receio da morte

Porque os espíritas não temem a morte

CAPÍTULO III — **O céu**

CAPÍTULO IV — **O inferno**

Intuição das penas futuras

O inferno cristão imita o inferno pagão

Os limbos

Quadro do inferno pagão

Quadro do inferno cristão

CAPÍTULO V — **O purgatório**

CAPÍTULO VI — **Doutrina das penas eternas**

Origem da doutrina das penas eternas

Argumentos em apoio às penas eternas

Impossibilidade material das penas eternas

A doutrina das penas eternas teve sua época

Ezequiel contra as penas eternas e o pecado original

CAPÍTULO VII — **As penas futuras segundo o Espiritismo**

A carne é fraca

Fontes da doutrina espírita sobre as penas futuras

Código penal da vida futura

CAPÍTULO VIII — **Os anjos**

Os anjos segundo a Igreja

Refutação

Os anjos segundo o Espiritismo

CAPÍTULO IX — **Os demônios**

Origem da crença nos demônios

Os demônios segundo a Igreja

Os demônios segundo o Espiritismo

CAPÍTULO X — **Manifestações dos demônios nas manifestações modernas**

CAPÍTULO XI — **Da proibição de evocar os mortos**

SEGUNDA PARTE — EXEMPLOS

CAPÍTULO I — **A passagem**

CAPÍTULO II — **Espíritos felizes**

O Sr. Sanson
O Sr. Jobard
Samuel Filipe
O Sr. Van Durst
Sixdeniers
O Dr. Demeure
A Sr.^a viúva Foulon, nascida Wollis
Um médico russo
Bernardin
A Condessa Paula
João Reynaud
Antônio Costeau
A Sr.^{ta} Ema Livry
O Dr. Vignal
Vítor Lebufle
A Sr.^a Anaïs Gourdon
Maurício Gontran

CAPÍTULO III — **Espíritos numa condição mediana**

José Brê. O homem honesto segundo Deus ou segundo os homens
A Sr.^a Helena Miguel
O Marquês de São Paulo
O Sr. Cardon, médico
Eric Stanislas
A Sr.^a Ana Belleville

CAPÍTULO IV — **Espíritos sofredores**

O castigo
Novel
Augusto Miguel
Mágoas de um boêmio
Lisbeth
O Príncipe Ouran
Pascal Lavic
Ferdinando Bertin
Francisco Riquier
Clara

CAPÍTULO V — **Suicidas**

O suicida da Samaritana
O pai e o recrutado
Francisco Simão Louvet (do Havre)
Mãe e filho
Duplo suicídio por amor e por dever

Luís e a pespontadeira de botinas
Um ateu
O Sr. Feliciano
Antônio Bell

CAPÍTULO VI — Criminosos arrependidos

Verger
Lemaire
Benoist
O Espírito de Castelnaudary
Jacques Latour

CAPÍTULO VII — Espíritos endurecidos

Lapommeray. Castigo pela luz
Ângela, uma nulidade na Terra
Um Espírito entediado
A Rainha de Ude
Xumène

CAPÍTULO VIII — Expições terrestres

Marcelo, o menino do n.º 4
Szymel Slizgol
Juliana Maria, a mendiga
Max, o mendigo
História de um criado
Antônio B., enterrado vivo. A pena de talião
O Sr. Letil
Um sábio ambicioso
Carlos de Saint-G., idiota
Adelaide Margarida Gosse
Clara Rivier
Francisca Vernhes
Ana Bitter
José Mestre, cego